

**ENI NEVES DA SILVA RODRIGUES**

***IMPRESSÕES EM PRETO E BRANCO:***  
**história da leitura em Mato Grosso na segunda metade do**  
**século XIX**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da  
Linguagem da Universidade Estadual de  
Campinas, como requisito para obtenção do  
título de Doutora em Teoria e História  
Literária.

Orientadora: **Profa. Dra. Márcia Abreu.**

**UNICAMP**

**2008**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

R618i

Rodrigues, Eni Neves da Silva.

Impressões em preto e branco : história da leitura em Mato Grosso na segunda metade do século XIX / Eni Neves da Silva Rodrigues. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Márcia Azevedo de Abreu.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Leitura - História - Séc. XIX. 2. Literatura brasileira - História e crítica. I. Abreu, Márcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Impressions in black and white: reading history in Mato Grosso of the second part of the XIX century.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Reading - history - 19th century ; Brazilian literature - History and criticism.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu (orientadora), Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo, Profa. Dra. Maria Lídia Lichtscheid Maretti, Profa. Dra. Franceli Aparecida da Silva Mello e Profa. Dra. Yasmin Jamil Nadaf. Suplentes: Prof. Dr. Otávio Canavarros, Profa. Dra. Orna Messer e Profa. Dra. Lilian Lopes Martins da Silva.

Data da defesa: 07/04/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

**BANCA EXAMINADORA:**

Márcia Azevedo de Abreu

Otávio Canavarros

Maria Lúcia Lichtscheidl Maretti

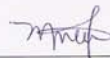
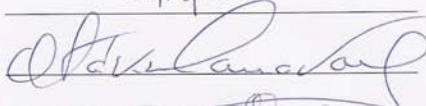

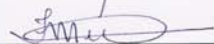
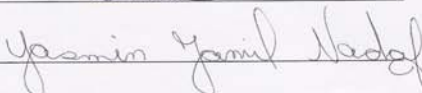
Franceli Aparecida da Silva Mello

Yasmin Jamil Nadaf

Orna Messer Levin

Marisa Philbert Lajolo

Lilian Lopes Martin Silva

IEL/UNICAMP

2008

**José Antônio, Juliana, José Antônio Júnior, Paloma, Denise, Bárbara,**  
**Lucas e quem mais chegar...**  
*coral do meu coração.*

**Helena** *(in memorian),*  
*a mais afinada melodia.*

## **BASTIDORES: *allegro, ma non troppo***

Devo confessar que o doutorado foi a maior experiência que tive ao longo de minha vida acadêmica, incluindo minha graduação, especialização, docência, mestrado. Começou pelo sufoco das provas de seleção e seguiu pela angústia da espera da lista dos aprovados. Suplício acompanhado bem de perto por minhas alunas do quarto ano de Letras, turma de 2002, do *Campus* Universitário de Rondonópolis. Foram algumas delas que, no dia da divulgação do resultado, cientes de minha aflição, saíram sorrateiramente da sala de aula em que nos encontrávamos trabalhando, entraram no *site* da Unicamp, imprimiram e me entregaram o resultado. Fiquei realmente muito feliz e emocionada por ter sido aprovada. Portanto, foi assim com muita alegria, rodeada pelo carinho de minhas alunas, que comecei meu doutorado.

Minha maratona rumo à Unicamp estava iniciada. Como os filhos estudavam em São Paulo, resolvi me acomodar junto deles e viajar com o “massa crítica” nos dias em que precisava estar na Unicamp. Juliana e José Antônio Júnior foram meus primeiros anjos da guarda em São Paulo. Os papéis de mãe e filhos se inverteram, passei repentinamente de protetora a protegida. Graças a eles, muitas coisas me foram facilitadas.

Ao cursar as disciplinas obrigatórias para o cumprimento dos créditos do programa de pós-graduação, tive o prazer de assistir às aulas de alguns professores como Antônio Arnoni, Vilma Áreas e Marisa Lajolo. Mesmo não sendo oferecidas disciplinas diretamente relacionadas ao tema de minha pesquisa, elas me proporcionaram oportunidade de contato com pessoas de interesse comum, a literatura.

Terminados os créditos, era hora de me dedicar totalmente à pesquisa de campo. Era hora de voltar, agora para valer, às pesquisas rápidas e superficiais sobre a história da leitura/cultura, iniciadas na época da confecção do projeto. Os primeiros anos foram, em vários sentidos, os mais difíceis de serem percorridos. Primeiro, pela distância geográfica entre Rondonópolis e Campinas, os quase 1 700 quilômetros que me

separavam de parte de minha família. Segundo, pelo bolso. Sem bolsa Capes, só podia voar nas asas da Andorinha. A cada ida para casa tinha de enfrentar mais de 24 horas fechada dentro de um ônibus lotado e em péssimas condições, o que acabou me deixando algumas cicatrizes. Felizmente a bolsa Capes veio e, junto com ela, a oferta de passagens a preços acessíveis a uma pós-graduanda, pela companhia aérea Gol.

Das primeiras idas ao Arquivo Público de Mato Grosso também não guardo boas recordações. Ainda sem bolsa (ela só viria um ano e meio depois de iniciado o doutorado), tive de encarar o medo sentido à noite, nas estadias em hotéis baratos próximos à rodoviária (para economizar no transporte), depois de pesquisas exaustivas realizadas durante o dia todo, com cópias feitas à mão, em cadernos. Todos os contratempos foram totalmente superados. Tempos melhores vieram. No lugar das asas da Andorinha, passei a ter a rapidez das asas metálicas da Gol. No lugar dos hotéis baratos em Cuiabá, os bons em Copacabana, Rio de Janeiro, com direito a conhecer lugares antes apenas vistos nos livros. Ao invés das anotações manuscritas nos caderninhos espirais, o primeiro notebook, de segunda mão, comprado a preços módicos. Em substituição às cópias muitas vezes imploradas e pouco conseguidas, veio a aquisição da câmera digital 5.1, que podia fotografar praticamente tudo, até o *Histórias brasileiras*, de Taunay, de 1874.

Das primeiras pesquisas realizadas em Cuiabá, em 2002, às mais recentes feitas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 2006, por ocasião do Congresso da Abralic, houve um salto enorme, felizmente para melhor. Pude contar, nesses quatro anos, com a magnífica ajuda da internet. Por intermédio dela, mesmo estando no interior do Mato Grosso, consultei importantes sites de diversas bibliotecas localizadas mundo afora e, ainda, o mais importante, adquirir livros das melhores livrarias e editoras brasileiras especializadas em literatura que me eram entregues após alguns dias de espera, no máximo uma semana. Com a rápida evolução da tecnologia e com a digitalização do acervo de grandes bibliotecas internacionais, acredito que brevemente as grandes distâncias desaparecerão e a pesquisa, antes restrita a pequenos grupos dos grandes centros, estará disponível a um número bem maior de pessoas independentemente do local onde elas se encontrem, bastando para tanto que possam ter acesso a um computador e à rede internet.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me ajudaram a tornar possível a concretização dessa pesquisa sobre a história da leitura em Mato Grosso, terra hospitaleira que me acolheu com oportunidade de trabalho no magistério quando cheguei de São Paulo - capital, há mais de vinte anos. A melhor maneira que encontrei para agradecer tal acolhida foi elegendo como tema de minha tese de doutorado um estudo sobre um dos aspectos culturais desta vasta região do Centro-Oeste brasileiro, na segunda metade do século XIX. Obrigada, Mato Grosso!

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pelo apoio institucional que me foi dado durante todo período de afastamento de minhas atividades acadêmicas. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de estudos que me foi concedida por mais da metade dos quatro anos em que estive afastada.

Além desses agradecimentos de âmbito institucional, preciso fazer muitos outros de nível pessoal. Assim, devo agradecer:

À Profª. Marisa Lajolo, por ter respondido prontamente uma cartinha que lhe escrevi, há mais de dez anos, em papel amarelo, contendo um envelope selado e subscrito a mim mesma (para garantir a resposta), pedindo-lhe orientação de bibliografia sobre Monteiro Lobato. Suas palavras foram tão encorajadoras que resultaram em minha dissertação de mestrado, “Ciranda de mulheres em Lobato contista”, feita na UNESP, *Campus* de São José do Rio Preto, defendida no início de 2001. Obrigada, Profª. Marisa. Sei que não sou a única pessoa a usufruir desse coração franco, acessível. Muitos outros alunos, e também não-alunos, das mais diversas regiões do Brasil são conhecedores de sua generosidade.

Aos “jovens” integrantes dos projetos “Memória de Leitura” e “Caminhos do Romance” que, apesar da diferença de idade, me trataram com muito carinho. No “Memória”, tive a satisfação de conhecer um pouco mais de perto: Emerson Tin, Tâmara Abreu, Thaís de Mattos Albieri e Lucila Bassan Zorzato (tão gentil em me oferecer pouso por uma noite). No “Caminhos”: José Humberto Carneiro Pinheiro Filho, Leandro Thomaz de Almeida, Alexandra Santos Pinheiro, Cristina Betioli Ribeiro, Hebe Cristina da Silva, Juliana Maia de Queiroz, Marta Cavalcante de Barros, Sílvia Aparecida José e Silva, Ozângela de Arruda Silva, Rubiana de Souza Barreiros. À Simone Cristina Mendonça de Souza pelo privilégio da convivência com pessoa tão inteligente, prática, dedicada, amiga e com quem aprendi coisas que vão além de questões acadêmicas. Você é uma vencedora. Sou sua fã, Si. À Valéria Augusti, companheira principalmente nos Congressos, com quem compartilhei quartos, preocupações acadêmicas, sentidas lágrimas, gostosas gargalhadas, sabores das comidinhas do “Santa Satisfação”, escapadelas pelas ruas estreitas do centro histórico do Rio, onde vimos a peça Dom Quixote - em francês, assistimos ao festival de desenho animado, compramos livros, CDs, quinquilharias... Meninas, valeu!

Às professoras doutoras Lílían Lopes Martins da Silva e Marisa Lajolo, pela leitura atenta que fizeram de meu texto, leitura que resultou em pertinentes críticas e ricas sugestões que me foram feitas por ocasião do Exame de Qualificação.

A Sra. Teresa Cristina O. N. de Carvalho, diretora de coleções especiais e obras raras da Biblioteca Central César Lattes, da Unicamp, pela presteza no atendimento que viabilizou o serviço de digitalização, realizado por Aparecido D. F. da Paciência, do microfilme de um dos mais importantes jornais mato-grossenses do século XIX – *A Província de Mato Grosso*.

A Sra. Maria Itália Causin, bibliotecária do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP), pela digitalização do conto “O vigário das Dores”, extraído do livro *Histórias brasileiras*, de autoria de Visconde de Taunay, publicado em 1874.

Ao Sr. João Paulo de Arruda Neto, funcionário do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), pela orientação, por telefone, ainda em 2003, na compra dos filmes feita em São Paulo e pela gentileza na elaboração



da cópia dos microfilmes dos jornais existentes no século XIX, em Mato Grosso. Sem eles, meu trabalho teria sido muito mais difícil.

À Profa. Dra. Elizabeth Madureira Siqueira, pela indicação das primeiras leituras, quando esse estudo ainda era um esboço de projeto. O bom senso nos diz que não é aconselhável iniciar um estudo sobre o Mato Grosso sem que antes se peça a “bênção” a essa grande historiadora.

Aos amigos Otávio Canavarros e Franceli Aparecida da Silva Mello, grandes pesquisadores da história da leitura em Mato Grosso, por terem lido e, posteriormente, discutido pacientemente comigo, numa calorosa tarde cuiabana, questões pontuais pertinentes a este trabalho.

À Profa. Dra. Yasmin Jamil Nadaf, pela leitura atenta e competente da primeira versão deste estudo.

Ao Prof. Laércio Pulzzato, pela gentileza na busca resignada, em nossa biblioteca do *Campus* Universitário de Rondonópolis, de bibliografia relacionada ao século XIX, a Mato Grosso e a Visconde de Taunay.

À querida amiga Marieta Prata de Lima Dias, que mesmo à distância, agora dando aulas na UFMT - *Campus* de Sinop, continua me incentivando a seguir em frente, além de me ajudar com a revisão final do texto.

E, por fim, o mais sincero agradecimento à Profa. Márcia Abreu, por ter me orientado durante todos estes anos. Orientação que extrapolou em muito as leituras de meu texto. Em seu convívio, tive acesso a boas e inesquecíveis experiências - a visita ao Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, foi a mais marcante. Ainda me lembro da forte emoção que senti quando vi, pela primeira vez, aquela belíssima arquitetura do século XIX, as estantes altas repletas de livros antigos, a suntuosidade do mobiliário escuro, a beleza do efeito da luz solar filtrada pelos vitrais coloridos, o confortante silêncio, o agradável frescor. Diante dessa visão, meu coração disparado parecia bater na garganta e no lugar dele senti uma espécie de vazio, logo preenchido pela percepção racional de que aquela era uma biblioteca onde eu deveria realizar pesquisa para minha tese.

Obrigada pela convivência pacífica e harmoniosa e até mesmo pelos merecidos “puxões de orelha”, que me ajudaram a não perder o rumo durante o percurso.

Um deles, o de novembro de 2003, ficou registrado na correspondência via e-mail que mantivemos durante esse tempo todo.

Ansiosa, logo no primeiro ano do curso, eu já queria definir, *a priori*, estratégias e metodologias adequadas para a realização da pesquisa. Após refletir muito sobre o assunto, apresentei a Profa. Márcia um esboço de minhas idéias. Depois de me ouvir, com muita educação ela me disse que não era nada daquilo, que o caminho era bem outro. Fiquei bastante desapontada e saí rapidinho da sala dela. Tendo percebido meu desapontamento, no outro dia, ela me recompensou com esse e-mail que guardo, juntamente com os demais, com muito carinho:

Oi Eni

Fiquei preocupada com nossa conversa de ontem. Foi tudo tão rápido que fiquei com medo de ter desanimado você. Entendo sua preocupação em encontrar um fio condutor para seu trabalho, mas isso não pode ser feito agora, antes de termos um bom levantamento das fontes primárias. A gente não deve torcer os dados para fazê-los caber numa teoria ou numa hipótese previamente arranjadas. O momento é de trabalho com os jornais do Mato Grosso. Tenho certeza que, quando o levantamento estiver completo, você vai concordar que esse foi o melhor caminho...

Tem uma música argentina que diz alguma coisa como “caminante no hay camino, se hace el camino al andar”

Por enquanto, você pode pensar que sua pesquisa tem por tema a história da leitura em Mato Grosso no século XIX. É ainda amplo, mas já é um começo.

Beijocas

Márcia

Finalmente, depois de agradecer a tantas pessoas, não posso dizer que este foi um trabalho solo, ele é fruto da somatória de todas essas contribuições. A soma de todas essas vivências me transformou numa pessoa diferente daquela que eu era há quatro ou cinco anos. Mesmo assim, ainda não me sinto totalmente pronta, completa, pois felizmente a aquisição do conhecimento não tem fim. Espero, ao longo dos próximos anos, continuar meus estudos e ajudar meus alunos a crescerem intelectualmente. Agindo, no primeiro caso, como um músico compenetrado na leitura

de sua partitura e, no segundo, como uma boa regente diante de seus músicos, mas sempre, em ambas as situações, sem perder a coragem de desafinar.

*O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior.*

**João Guimarães Rosa**

## RESUMO

O Mato Grosso, a partir de 1870, iniciou um ciclo de grandes transformações nas áreas política, econômica, social e cultural motivadas, principalmente, pela abertura da navegação pelo rio Paraguai, colocando a província em conexão direta com as repúblicas platinas e com o litoral brasileiro. O presente estudo teve como intuito o rastreamento desta transformação cultural, especialmente no que se refere ao universo da leitura, ocorrida nos arredores dos anos 70 do século XIX. Tendo os jornais mato-grossenses daquela época como ponto de partida, foi constatada a presença de notícias sobre a existência de uma rede de associações culturais ligadas ao teatro e à literatura/leitura, de informações sobre a comercialização de livros em livrarias e sobre a atuação de casas-editoras nacionais e estrangeiras do Rio de Janeiro presentes em Mato Grosso. Foram encontrados também vários textos sobre teoria e crítica literárias, com especial atenção para duas obras de Visconde de Taunay: *Inocência* e *Histórias brasileiras*. A análise do material levantado resultou na escrita de parte relevante da história da leitura em Mato Grosso na segunda metade do século XIX.

## ABSTRACT

The Mato Grosso, since 1870, has started a cycle of big changes in politics, economics, social and cultural areas, especially due to the opening of navigation through the Paraguay River, with direct connection with the Plate Republics and the coast of Brazil. The aim of this study is to find the register of these cultural modifications, especially about the reading universe, which has happened around 1870. It has been checked, based on “mato –grossenses” newspapers from that period of time, news about the existence of cultural associations connected to the theater and to literature/reading, as well as information about commercialization of books, at bookstores, and the action of Brazilian and foreigner publisher houses from Rio de Janeiro in Mato Grosso. Several texts about literary theory and criticism, especially Taunay’s two books, *Inocência* and *Histórias brasileiras*, have been found. The analysis of this material resulted in the presentation of part of reading history in Mato Grosso, of the second part of the XIX century.

***Impressões em preto e branco: história da leitura em Mato Grosso na  
segunda metade do século XIX***

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
 <b>CAPÍTULO 1 - LEITURA E REDE DE INSTITUIÇÕES CULTURAIS</b>	
1.1 Rede de associações culturais em Mato Grosso dos oitocentos	34
1.2 Teatro: o último <i>chic</i> do mimoso <i>bouquet</i> da sociedade cuiabana	38
1.3 Incremento nos livros e nas letras: Gabinete de Leitura, Associação Literária Cuiabana e Clube Literário	54
1.4 Livrarias, livros, livreiros-editores em terras mato-grossenses	67
1.4.1 Casas-editoras nacionais e estrangeiras do Rio de Janeiro presentes em Mato Grosso	84
 <b>CAPÍTULO 2 - LEITURA EM MATO GROSSO: O DISCURSO CRÍTICO</b>	
2.1 Primeiras manifestações da crítica literária	100
2.2 Foco do discurso crítico voltado para o não-local	102
2.2.1 Formação da literatura nacional	102
2.2.2 Vestígios da literatura portuguesa	106
2.2.3 Crítica literária e cientificismo	108
2.2.4 Outras conexões	112
2.3 Foco do discurso crítico voltado para o local	115
2.3.1 Mostrando Mato Grosso: sertão da nação brasileira	115

2.3.2	“O bem esmagado e o mal triunfante”: a crítica mato-grossense sobre <i>Inocência</i> , de Sílvio Dinarte, o Visconde de Taunay	121
-------	--	-----

### **CAPÍTULO 3 - LIVRO MAIS SAUDADO PELA CRÍTICA MATO-GROSSENSE DOS OITOCENTOS: *HISTÓRIAS BRASILEIRAS*, DE SILVIO DINARTE (PSEUDÔNIMO DE VISCONDE DE TAUNAY)**

3.1	Comprometimento com e a paixão de Visconde de Taunay pela província de Mato Grosso	133
3.2	Considerações gerais sobre <i>Histórias brasileiras</i>	137
3.2.1	Recepção crítica de <i>Histórias brasileiras</i> :	141
3.3	Trajetos de dois fardozinhos de livros em lombo de burro pelo Centro-Oeste	152
3.3.1	Leitor padre Monte e suas múltiplas leituras	157

<b>CONCLUSÃO</b>	175
------------------	-----

<b>BIBLIOGRAFIA</b>	184
---------------------	-----

<b>ANEXOS</b>	196
---------------	-----

1.	Quadro 1: Títulos e Informações Gerais sobre os jornais	197
2.	Transcrição do texto de crítica literária sobre <i>Inocência</i> , de Visconde de Taunay, extraído de <i>O Liberal</i> – Cuiabá, 08/01/1874	199
3.	Transcrição de textos de crítica literária sobre <i>Histórias brasileiras</i> , de Sílvio Dinarte, extraído de <i>O Liberal</i> – Cuiabá, 04/03/1875	205
3.1	Idem <i>O Liberal</i> – Cuiabá, 25/03/1875	209
3.2	Idem <i>O Liberal</i> – Cuiabá, 18/07/1875	213
3.3	Idem <i>O Liberal</i> – Cuiabá, 08/08/1875	217
3.4	Idem <i>O Liberal</i> – Cuiabá, 05/09/1875	220
3.5	Idem <i>O Porvir</i> – Cuiabá, 04/04/1878	224
3.6	Idem <i>O Porvir</i> – Cuiabá, 12/04/1878	227

3.7	Idem <i>O Porvir</i> – Cuiabá, 21/04/1878	229
3.8	Idem <i>O Porvir</i> – Cuiabá, 29/04/1878	231
4.	Conto “O vigário das Dores”, de Visconde de Taunay – Fac-símile da 1ª. edição	234



## INTRODUÇÃO

*O jornal é o termômetro da civilização de um povo. Onde quer que  
encontreis um jornal, podeis dizer: -este povo  
pensa, este povo caminha e  
se engrandece.*

(Jornal *A Tribuna* – Cuiabá, 18/08/1888)<sup>1</sup>

*E um número ainda maior de leitores reagirá contra a arbitrariedade de se  
selecionar alguns poucos documentos estranhos como vias de acesso  
ao pensamento do século XVIII, em vez de se proceder de  
maneira sistemática, através do cânone  
dos textos clássicos.*

(Robert Darnton, *O grande massacre de gatos*)

*O hoje é apenas um furo no futuro  
por onde o passado começa a jorrar.*

(Marcelo Nova/Raul Seixas – “Banquete de Lixo”)

Nestas últimas décadas, os estudos literários realizados no âmbito acadêmico tiveram seu campo de atuação bastante ampliado, com seus contornos questionados e muitas de suas delimitações condenadas. As formas que estas investigações vinham tomando provocavam questionamentos originais os quais as formulações tradicionais não podiam mais responder. Exemplo dessa ampliação pode ser encontrado nas pesquisas que elegeram como tema a história do livro, da leitura e da cultura letrada em geral<sup>2</sup>. Atualmente, há intensa e variada produção de pesquisadores nacionais e estrangeiros, provenientes de diferentes áreas do saber, que buscam analisar com atenção e minúcia as

---

<sup>1</sup> Os textos antigos utilizados neste estudo tiveram sua ortografia modernizada.

<sup>2</sup> A concepção de cultura letrada adotada para este estudo tem como referência um dos conceitos proposto por José Luiz dos Santos, ou seja, aquele em que a cultura esteja se referindo mais especificamente ao conhecimento, às idéias, às crenças, assim como às formas como eles se manifestam numa dada sociedade. Ou ainda, a cultura cuja ênfase especial é dada ao conhecimento e as dimensões associadas às letras em geral. Segundo o mesmo autor, para se caracterizar e entender a cultura de um determinado povo, lugar, país é preciso verificar os padrões de comportamento, as crenças, as instituições e outros valores transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade. Conferir: SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

relações estabelecidas pelos homens com os livros, com a leitura e com a cultura letrada, nas mais diversas condições sócio-culturais, ao longo dos tempos.

A partir da leitura deste material, pude perceber que os livros que tratam dessa questão no Brasil não costumam trazer informações relativas à região centro-oeste, mais especificamente sobre o Mato Grosso, e pouco sobre as demais regiões brasileiras. Quase sempre, a produção regional de uma única unidade da Federação (ou do império, conforme a época) é que costuma servir de base para generalizações para o país. Este procedimento centralizador impede que se consiga traçar um quadro da realidade brasileira como um todo, pois ele não contempla a multiplicidade e a singularidade das muitas regiões de nosso vasto território. Assim, os estudos regionais, de todos os cantos do Brasil, são importantes para que se possam estabelecer relações e comparações entre eles e, desta forma, se ter uma idéia mais próxima da real situação do Brasil, seja em qual for a área de conhecimento.

Diante dessa reflexão, surgiram minhas primeiras indagações a respeito da história da leitura mato-grossense. Qual seria o motivo das escassas informações sobre esse assunto no Mato Grosso? Seria a inexistência de jornais, tipografias, editores, livrarias nestas terras distantes da corte? Haveria pesquisas comprovando essa (in)existência? Haveria carência de acontecimentos ou de estudos sobre eles? Afinal, como se encontrava a leitura e a rede de instituições culturais mato-grossenses na segunda metade do século XIX?

Buscar respostas a essas perguntas – ainda que parciais – é o propósito deste estudo. Este trabalho partilha o anseio de conhecimento histórico pela mesma região brasileira com outros estudos. A produção mais recente oferece poucos livros sobre este tema específico. Os mais importantes são apenas dois, um da historiadora Elizabeth Madureira Siqueira e, o outro da pesquisadora Yasmin Jamil Nadaf. O primeiro, cujo título é *Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870 – 1889)*<sup>3</sup>, foi publicado pela EdUFMT, com o aval do COMPED – Comitê dos Produtores da Informação Educacional - e do Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais -, por meio do Programa de Publicações de Apoio à Formação Inicial e Continuada de Professores. (Importante registrar estes apoios, pois eles sinalizam as barreiras enfrentadas

---

<sup>3</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870 – 1889)*. Cuiabá: INEP/COMPED/EdUFMT, 2000.

pelos escritores no mercado editorial para a publicação deste tipo de produção considerada pouco vendável.) Como o próprio título sugere, o livro trata de questões pertinentes à história da educação, investigando a origem e as transformações da instrução pública em Mato Grosso, na segunda metade do século XIX. Valendo-se de detalhada pesquisa documental, Elizabeth Madureira Siqueira discorre sobre assuntos como os manuais ou livros didáticos, os métodos de ensino, os castigos físicos praticados contra os alunos, as inúmeras informações das relações de trabalho, os salários, aspectos culturais próprios das elites ou dos homens livres e pobres, entre outros. Dois capítulos, em especial, foram-me muito úteis, “O universo cultural das elites” e “O universo da leitura”, porque serviram de referencial para que eu pudesse tratar da questão da disseminação das associações culturais mato-grossenses<sup>4</sup>.

O segundo é uma tese de doutorado, posteriormente transformada no livro *Rodapé das miscelâneas*<sup>5</sup>. O objetivo principal da autora foi o de traçar um perfil completo da história do folhetim no Mato Grosso, desde suas origens, por volta da segunda metade do século XIX, até seu desaparecimento, aproximadamente cem anos depois de ter surgido. Para o desenvolvimento de tal empreitada, a autora rastreou minuciosamente as ocorrências de folhetins em 35 periódicos publicados pela imprensa mato-grossense deste período. Para melhor compreender, comparar e avaliar os folhetins mato-grossenses, Yasmin Jamil Nadaf não só recorreu à bibliografia especializada sobre o assunto como também efetuou a leitura de várias narrativas publicadas em jornais franceses, pertencentes à Biblioteca Nacional, como também de folhetins cariocas, divulgados em dois dos mais importantes jornais do Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio* e *A Gazeta de Notícias*.

O resultado a que a pesquisadora chegou foi o de que a imprensa mato-grossense não havia seguido os mesmos rumos da francesa e nem tão pouco os da carioca, já que, salvo exceções, a província não publicava o romance nos folhetins. Estes remetem a uma coluna chamada “Variedades”, espaço onde os autores locais discutiam política, escreviam sobre história regional, pequenas autobiografias, poemas, cartas, prosa ficcional curta, enfim uma miscelânea de gêneros e assuntos. A completa e minuciosa exploração

---

<sup>4</sup> Há que se destacar ainda, da mesma autora, outra obra fundamental para a contextualização histórica desta pesquisa. Trata-se de um livro especificamente voltado para a história de Mato Grosso, cuja referência é SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

<sup>5</sup> NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das Miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

dos folhetins pela autora, nos jornais mato-grossenses, ocasionou praticamente o esgotamento do tema e, por este motivo, em meu estudo, a publicação de folhetins é apenas superficialmente abordada.

Estas obras foram antecedidas por uma outra, publicada em 1975, bastante inspiradora para meus estudos: *Do indivíduo ao grupo*: para uma história do livro em Cuiabá, de Carlos Rosa e Neuza Rosa<sup>6</sup>. O livro apresenta características bem peculiares, a começar por sua materialidade. Contendo muitas ilustrações, ele não é encadernado como os tradicionais e suas folhas soltas são acondicionadas numa espécie de envelope amarelo, tamanho papel sulfite. Há praticamente um assunto por folha, até certo ponto autônomo, mas que consegue estabelecer relação com o conjunto. Com o intuito de facilitar a vida do leitor, as notas explicativas relativas a cada unidade/folha foram colocadas no verso, fazendo que houvesse um casamento perfeito entre forma e conteúdo. A justificativa dos autores para essa maneira diferente de organização do livro revela um problema antigo dos escritores, a difícil questão editorial. Diante da dificuldade de apresentar seu trabalho, causada pela falta de infra-estrutura editorial, em Cuiabá, eles resolveram optar por uma forma alternativa de publicação, tanto no quesito forma quanto no local de impressão, já que este livro foi composto e impresso não por uma editora, mas nas oficinas da “Empresa Gráfica Correio da Imprensa”. Segundo os autores, a eliminação da encadernação diminuiu o custo do produto final, sem causar prejuízo da qualidade gráfica, e, ainda, viabilizou a diminuição do preço, possibilitando um mais amplo acesso à obra.

O principal propósito dos escritores com este livro foi oferecer subsídios para a discussão de um conceito tido, segundo eles, “como moeda de grande circulação entre alguns pensadores da terra”, ou seja, a idéia da existência de uma “cuiabania, região cultural cujo centro seria a ‘cultura cuiabana’”. Acusando as mesmas carências existentes até os dias de hoje, escassez de “estudos verticais sobre a própria cultura cuiabana, até agora mais intuída que analisada” e a “quase total inexistência de bibliografia” sobre o referido tema, os autores optaram por apresentar considerações gerais sobre a biblioteca de José Barbosa de Sá, como atividade cultural representativa da década de 70 do século XVIII e a história do surgimento de duas outras, uma por iniciativa oficial, o “Gabinete de

---

<sup>6</sup> ROSA, Carlos e ROSA, Neuza. *Do indivíduo ao grupo*: para uma história do livro em Cuiabá. Cuiabá: Empresa Gráfica Correio da Imprensa, 1975.

Leitura”, e, outra, por iniciativa de particulares, “Associação Literária Cuiabana”, nas décadas de 70 e 80 do século XIX, respectivamente.

No campo da história da literatura de Mato Grosso, os dois trabalhos mais significativos são *História da literatura mato-grossense*, de Rubens de Mendonça<sup>7</sup> e *História da cultura mato-grossense*, de Lenine Póvoas<sup>8</sup>. O livro de Rubens de Mendonça tem lugar garantido na história da literatura regional pelo caráter inaugural. Foi dele a primeira tentativa de compilação de fatos históricos do Estado. Ele conseguiu relacionar um número considerável de autores dos séculos XVIII e XIX, embora, às vezes, de forma precária, visto que nem sempre identifica as fontes de suas informações. Todavia, pelo pioneirismo, continua sendo livro obrigatório para todos os estudiosos do assunto. Mesmo não acrescentando dados novos no quesito da história da literatura à obra de Rubens de Mendonça, o *História da cultura mato-grossense*, de Póvoas, diferencia-se pela ampliação do tema, que contempla outros aspectos da cultura além dos literários. Partindo da premissa de que “a capital de Mato Grosso sempre gozou da fama de ser uma cidade culta”, mesmo “vivendo isolada pelas distâncias do resto do Brasil e do mundo”, o autor se propõe, por meio da produção da referida obra, a fazer um levantamento das principais associações e atividades culturais cuiabanas para dar uma explicação ao fato de Cuiabá ser considerada “por todos que a conhecem” uma cidade culta<sup>9</sup>.

Com o intuito de contextualizar historicamente os principais acontecimentos culturais ocorridos no Mato Grosso, como a proliferação de associações, o movimento do mercado livreiro, o surgimento de textos de crítica literária nos jornais, na segunda metade do século XIX, lancei mão da leitura de obras de três historiadores e um cronista. Este último, Joaquim Ferreira Moutinho<sup>10</sup>, foi escolhido por ter vivido na província de Mato Grosso, durante aquela época, por dezoito anos. Ele foi um comerciante português que, antes de regressar a sua terra natal, resolveu registrar, com o olhar de estrangeiro, sua experiência vivida naquela província, descrevendo detalhadamente a história da região e acrescentando, no final do texto, um roteiro de viagem de Cuiabá a São Paulo.

---

<sup>7</sup> MENDONÇA, Rubens. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1970.

<sup>8</sup> PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá: Resenha Tributária, 1982.

<sup>9</sup> Ainda na área de historiografia literária é necessário citar, em nota de rodapé por não ser cronologicamente pertinente a este estudo, a mais completa obra sobre autores mato-grossenses do século XX: MAGALHÃES, Hilda Gomes. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

<sup>10</sup> MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a província de Mato Grosso seguida de um roteiro de viagem da sua capital a S. Paulo*. São Paulo: Tipografia de Henrique Schroeder, 1869.

Dois outros textos oferecem uma visão contemporânea dos fatos mais marcantes ocorridos no Mato Grosso da segunda metade do XIX. Segundo Maria Adenir Peraro, *Bastardos do império*<sup>11</sup> é o resultado “da insistência no propósito de indagar aspectos da vida privada, em desvendar conflitos, tensões, práticas e estratégias cerzidas no tecido social mais amplo<sup>12</sup>.” Com estas indagações, a autora, especialista em fontes paroquiais, conseguiu reconstituir acontecimentos importantes sobre a província do Mato Grosso como as implicações que a Guerra do Paraguai teve sobre a situação econômica da província bem como sua posterior recuperação motivada pelo final do conflito e conseqüente abertura da navegação do rio Paraguai; a maneira como a defesa e o povoamento da capitania foram viabilizados por meio da montagem de um aparato administrativo e militar; os efeitos que o recrutamento e a itinerância de soldados provocaram, inclusive com a redefinição de papéis entre homens e mulheres; o exame do distanciamento cultural entre a corte e a província de Mato Grosso; as observações relacionadas ao componente demográfico da província valendo-se de dados contidos nos recenseamentos de 1872 e 1890, entre outros de menor interesse para este estudo.

Luiza Rios Ricci Volpato, com *Cativos do sertão*,<sup>13</sup> tenta, com sucesso, fazer a reconstituição do mundo em que os escravos viveram, sofrendo os efeitos penosos da Guerra do Paraguai, numa cidade com baixa densidade demográfica pertencente a uma região de fronteira. Neste amplo painel, que resulta da referida obra, pode-se verificar, além do *modus vivendi* dos escravos cuiabanos, a vida dos homens livres pobres, bem como a dos senhores, com desejos, pretensões próprias de uma classe dominante que, mesmo longe dos centros e dos principais mercados, vivia integrada às relações capitalistas que se aprofundavam no restante do país. Ambas as autoras, trabalhando com a análise do cotidiano, trazem à tona questões pontuais para o entendimento do que era e como era a província de Mato Grosso, na segunda metade do século XIX.

Por fim, uma tese de doutorado, *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre o Mato Grosso*, escrita por Lylia da Silva Guedes

---

<sup>11</sup> PERARO, Maria Adenir. *Bastardos do império: família e sociedade em Mato Grosso do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2001.

<sup>12</sup> Idem, p. 23.

<sup>13</sup> VOLPATO, Luíza Rios Ricci. *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850 – 1888*. São Paulo: Marco Zero; Cuiabá, MT: EdUFMT, 1993.

Galetti<sup>14</sup>. O trabalho propõe uma discussão sobre um conjunto de representações a respeito de Mato Grosso e suas populações, em cuja elaboração as noções de fronteira e sertão foram contempladas nos mais variados sentidos para caracterizar social, geográfica e culturalmente a região mato-grossense e definir seu lugar específico em uma determinada representação do mundo e do Brasil. A pesquisadora se valeu de textos dos viajantes estrangeiros e de intelectuais e dirigentes brasileiros, escritos entre meados do século XIX e inícios do XX. As conclusões deste trabalho foram bastante interessantes à medida que Galetti demonstra que estrangeiros, brasileiros e mato-grossenses elaboram suas representações com base, praticamente, nas mesmas noções de civilização e nação, assim como as de sertão e fronteira, valendo-se de pressupostos ocidentalistas, em especial os relacionados às idéias de atraso, ao baixo grau de civilização e à inferioridade racial. Assim, pela ótica dos estrangeiros, o Mato Grosso era visto como uma região próxima da barbárie, abundante em recursos naturais, com baixa densidade demográfica, dominado por indígenas, quando não por uma população mestiça, indolente que só alcançaria o desenvolvimento com o auxílio de imigrantes e capitais europeus. Os brasileiros elaboravam imagens ambíguas a respeito de Mato Grosso. Costumavam enxergá-lo pela visão dos europeus, dando destaque para seu lado negativo, devido às distâncias geográficas, históricas e culturais que o separavam do mundo e do Brasil civilizado; por outro lado também o viam positivamente pelo fato de ser sertão e fronteira da pátria, noções fundamentais para a própria idéia de nacionalidade naquele período. Os mato-grossenses, por sua vez, dividiam com os brasileiros esta mesma visão ambígua sobre a terra natal, pois manifestavam um desconforto cultural diante de uma identidade estigmatizada pela barbárie. Em outras palavras, se por um lado sofriam do estigma de bárbaros, incivilizados, por outro havia intelectuais locais, cuja formação havia ocorrido em outros centros, que demonstravam a existência de uma outra realidade<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre o Mato Grosso*. Tese de doutorado orientada por Profa. Dra. Nanci Leonzo e defendida junto ao Departamento de História/FFLCH/USP, em abril de 2000.

<sup>15</sup> Encerrando a revisão bibliográfica, não posso deixar de mencionar a grande contribuição que as revistas acadêmicas, os grupos de pesquisa e os congressos (ABRALIC e COLE, por exemplo) têm dado aos estudos nessa área de conhecimento. Meu interesse pela história da leitura em Mato Grosso nasceu durante minha participação, em 2001 – 2, no grupo de pesquisa vinculado à UFMT, chamado Hisleimat, por onde passaram pesquisadores como Ana Vera Raposo de Medeiros, Franceli Aparecida da Silva Mello, Maria Rosa Petroni, Otávio Canavarros, entre outros. Foi feito, sob a coordenação do Prof. Otávio Canavarros, em 2004, um “Relatório final de pesquisa do grupo Hisleimat – Aspecto da história da leitura no século XX, em Mato Grosso”, contendo mais de cem páginas, onde se pode encontrar, além de uma boa referência bibliográfica, o

Para compor um quadro sobre a leitura e a rede de instituições culturais de Mato Grosso oitocentista, realizei minuciosa consulta em jornais daquela época em busca de vestígios, indícios, que pudessem tornar possível a realização de minha tarefa. O trabalho com a fonte escolhida mostrou-se, de início, difícil, pois o que eu pretendia realizar não era um estudo sobre os principais aspectos dos jornais em si mesmos, nem tão pouco sobre a imprensa em geral. O jornal era realmente meu *corpus*, pois segundo Marieta Prata de Lima Dias<sup>16</sup>, “em metodologia da pesquisa, *corpus* diz respeito ao material com funções simbólicas, arbitrárias e propositalmente selecionado pelo analista”<sup>17</sup>. Lendo o capítulo 2, “A construção do *corpus*”, da obra *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*<sup>18</sup>, encontrei a solução para o problema, pois os autores fazem menção à existência de um tipo de *corpus* denominado tópico – *corpus* tópico - aquele que indica a possibilidade do estudo de um dos aspectos de determinado *corpus*.

Assim, no trabalho com os periódicos priorizei as matérias relacionadas à literatura, leitura, livros (anúncios e críticas), livrarias e associações culturais. Essa passou a ser minha principal fonte de pesquisa, fonte primária visto que são registros que ainda precisam de um intermediário para que tenham forma. O material escolhido não foi considerado por mim como fonte de dados empíricos sobre a realidade de Mato Grosso, como também não foi submetido a uma crítica interessada em verificar a veracidade das informações nele contidas. Também procurei não me deixar levar pelo caráter aparentemente neutro, objetivo que, na maioria das vezes, a linguagem jornalística tenta passar. Tratei de considerá-lo como referência, como suporte e fonte útil para a reconstituição de múltiplos aspectos da história cultural de Mato Grosso. Procedimento que vem sendo acatado por diversos pesquisadores, das mais distintas áreas do conhecimento e em várias regiões brasileiras<sup>19</sup>.

---

registro de todas as atividades desenvolvidas pelo grupo.

<sup>16</sup> DIAS, Marieta Prata de Lima. *Metodologia da pesquisa em educação especial*. Sinop, MT: Unemateditora, 2005.

<sup>17</sup> Idem, p. 21.

<sup>18</sup> BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>19</sup> O precursor deste procedimento foi Gilberto Freire com a conferência “O Escravos nos Anúncios de Jornal do Tempo do Império”, publicada na revista *Lanterna Verde*, v. 2, 1931. Depois, surgiram os livros: *O Rio antigo nos anúncios de jornais – 1808 – 1850*, de Delso Renault (1978); *A primeira gazeta da Bahia: Idade d’Ouro no Brasil*, de Maria Beatriz Nizza da Silva (1978); *Cativos do serão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850 – 1888*, de Luíza Rios Ricci Volpato (1993); *Folhetim: uma história*, de Marlyse Meyer (1996); *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*, de Yasmin Jamil Nadaf (2002); *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre*



Regina Zilberman, por exemplo, vê com bons olhos o recurso à utilização de fontes primárias para os estudos na área de teoria e história literária. Em *As pedras e o arco*<sup>20</sup>, ela endossa esta idéia por acreditar que esta atitude representa um novo posicionamento do pesquisador perante o canônico e o marginal, pois “quando se trata de recuperar elos perdidos do nosso passado cultural”<sup>21</sup>, este tipo de pesquisa coloca em evidência elementos até então considerados secundários, ou que ainda não haviam suscitado interesse, ou que simplesmente foram reprimidos ou ocultados e acabaram ficando excluídos das tendências dominantes. As fontes primárias podem trazer indícios sobre a recepção de leitores, o processo criativo dos escritores, a industrialização e comercialização de livros bem como sobre os meios de canonização dos autores e das obras, esclarece a autora. No caso deste estudo, a fecundidade do jornal como fonte permitiu, por exemplo, que fossem contestados dados oficiais a respeito da data de criação e do nome da primeira livraria em Mato Grosso<sup>22</sup>, entre diversas outras informações desconhecidas por estudos anteriores.

A escolha dos jornais como fonte primária de minha pesquisa também foi feita pelo fato de a imprensa ser um ambiente propício para a discussão pública de boa parte das idéias em circulação na segunda metade do século XIX. Mato Grosso possuía, desde a época em que ainda era uma província, grande número de periódicos. Segundo levantamento de acervos e pesquisas bibliográficas realizadas pelos autores do *Catálogo de Microfilmes Existentes no NDIHR*<sup>23</sup>, foram identificados aproximadamente 349 títulos de periódicos, que circularam em Mato Grosso nos séculos XIX e XX. Destes, foram localizados e microfilmados 125 títulos, formando um acervo com 17 077 números de edições relativas ao período de 1847/1969, tendo a maior parte deles circulado no período anterior a 1930. De todo este universo, para este estudo, foram selecionados trinta e cinco

---

entre 1850 e 1900, de Antônio Hohlfeldt (2003); *Literatura em revista (e jornal)*: periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, de Artur Emílio Alarcon Vaz (org.), 2005, entre outros.

<sup>20</sup> ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco*: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

<sup>21</sup> Idem, p. 23.

<sup>22</sup> Assunto que será tratado neste trabalho no item 1.4 Livrarias, livros, livreiros-editores em terras mato-grossenses.

<sup>23</sup> CALHAO, Antônio Ernani Pedroso. MORGADO, Eliane Maria Oliveira e MORAES, Sibebe. *Imprensa periódica mato-grossense*. 1847 – 1969. Cuiabá: Editora Universitária da UFMT, 1994, p.3.

jornais publicados na província de Mato Grosso, nas cidades portuárias de Cuiabá, Cáceres e Corumbá, durante a segunda metade do século XIX.<sup>24</sup>

Infelizmente não foram conservados os dois primeiros jornais mato-grossenses impressos na região, *Miscelânea Cuiabanense*<sup>25</sup>, jornal redigido em Cuiabá e impresso em Goiás, no período compreendido entre 1º. de fevereiro de 1833 e 1º. de janeiro de 1834 e *Themis Matogrossense*<sup>26</sup>, publicado em 14 de agosto de 1839<sup>27</sup>. Assim, essa pesquisa teve como ponto de partida a leitura de *Gazeta de Cuiabá*, de 1847, e, como seu ponto final, *O Filhote*, de 1899. Isto significa dizer que os 35 jornais correspondem a tudo o que foi preservado em matéria de jornal do século XIX em duas instituições públicas de Mato Grosso: NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFMT - e do APMT – Arquivo Público de Mato Grosso. Deste total de 35 consultados, em 17 – praticamente metade - foram encontrados assuntos relacionados ao universo da leitura e assuntos afins. Entre os anexos deste estudo (anexo 1), encontra-se uma tabela contendo a relação de todos os jornais pesquisados com destaque para os dezessete que apresentaram assuntos relacionados a atividades culturais de Mato Grosso.

Os periódicos lidos traziam em suas páginas matérias sobre os mais diversos assuntos. O formato e diagramação costumavam seguir o padrão dos primeiros periódicos brasileiros impressos no Rio de Janeiro: possuíam apenas quatro páginas e, via de regra,

---

<sup>24</sup> Esses periódicos foram microfilmados pela Fundação Casa de Rui Barbosa, pela Coordenadoria de Restauração e Microrreprodução da Biblioteca Nacional e pelo Laboratório do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFMT/NDIHR, por ocasião da realização do projeto “Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros”. Esses microfilmes encontram-se disponíveis aos interessados nos acervos do NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFMT e do APMT – Arquivo Público de Mato Grosso, segundo consta no prefácio de *Imprensa periódica mato-grossense – 1847 – 1969*. Conferir: CALHAO, Antônio Ernani Pedroso. MORGADO, Eliane Maria Oliveira e MORAES, Sibeles. *Imprensa periódica mato-grossense. 1847 – 1969*. Cuiabá: Editora Universitária da UFMT: 1994.

<sup>25</sup> SILVA, Paulo Pitaluga da Costa e. *Miscelânea cuyabanense: o primeiro jornal de Mato Grosso*. Cuiabá: Buriti, 2000.

<sup>26</sup> NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das Miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p. 11.

<sup>27</sup> Dados conflitantes com as informações oferecidas por Wilson Martins. Segundo ele, o surgimento da imprensa em Mato Grosso aconteceu no ano de 1840. Conferir: MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Anhembi, 1957, p. 352. A propósito, esta parece ser uma questão ainda não resolvida entre os estudiosos que se dedicam sobre o assunto da aparição da imprensa em Mato Grosso. Além dessas informações, há uma outra de Elisabeth Madureira Siqueira. Embora essa historiadora não ofereça data específica da chegada da imprensa, ela afirma que “durante a primeira metade do século XIX, os mato-grossenses escreviam num periódico goiano, editado na antiga capital de Goiás, Pirenópolis, através do jornal “*A Matutina Meiapontense*”, onde existiam duas colunas exclusivas de Mato Grosso: A Província de Mato Grosso e Miscelânea Cuiabanense”. Conferir: SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002, p. 132.

circulavam semanalmente<sup>28</sup>. Como era de esperar, a maior concentração de jornais encontrava-se na capital e não no interior. Dos 35 pesquisados, 26 circulavam em Cuiabá e 9 no interior: 8 em Corumbá e 1 em Cáceres. Em toda a província do Mato Grosso da segunda metade do século XIX, havia no mínimo 18 tipografias. Elas eram responsáveis pela confecção de 25 jornais, os demais não mencionam o local de impressão. Algumas tipografias chegavam a publicar até 4 jornais diferentes, como no caso da tipografia de *O Povo*. Das 18 tipografias mencionadas, uma delas era particular, a de Souza Neves & Cia, 2 eram oficiais, Tipografia Provincial e do Estado e, as demais, por ter sua principal atividade voltada para o jornal, acabavam recebendo o nome do periódico que publicavam e deveriam também ser particulares.

Determinados jornais dirigiam seu foco de interesse para temas específicos como política, recreação, comércio, ciência, lavoura, instrução e esporte. As matérias referentes à leitura e a assuntos afins costumavam aparecer em vários jornais, independente de trazerem ou não em seus subtítulos a designação de forma explícita. Os gêneros literários dividiam harmonicamente os espaços, havendo tanto poesia como prosa. A primeira encontrava-se presente com certa regularidade por meio de poemas, geralmente encomiásticos e/ou românticos. A prosa - ficcional e não-ficcional – comparecia em crônicas, contos, novelas, romances em folhetins e textos com comentários críticos sobre obras literárias. Havia também espaço reservado para anúncios em geral e, em particular, para livros, unitariamente ou em conjunto.

O período de vida da maioria dos jornais era muito breve, resumindo-se, às vezes, a poucos números. *A Província de Mato Grosso* pode ser considerada uma exceção, visto que permaneceu em circulação durante décadas, tendo inclusive conseguido sobreviver à mudança de regime político. Segundo Lenine Póvoas<sup>29</sup>, depois da Proclamação da República esse jornal passou a chamar-se *O Mato Grosso* e, sob a direção de Emílio do Espírito Santo Calhau, circulou até 1935.

Em estudo bastante elucidativo, apresentado no 13. Cole, Otávio Canavarros e Graciela R. da Silva<sup>30</sup>, ao tratarem da aquisição de material impresso nos séculos XIX e

<sup>28</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 252.

<sup>29</sup> PÓVOAS, Lenine C. *História geral de Mato Grosso: dos primórdios à queda do império*. Cuiabá: L. C. Póvoas, 1995, vol. 1, p. 322.

<sup>30</sup> CANAVARROS, Otávio e SILVA, Graciela. *Aquisição de material impresso nos séculos XIX e XX*. 13. COLE – Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, SP 2001.

XX em Mato Grosso, fazem considerações esclarecedoras sobre a existência deste grande número de jornais, ao encontrarem resposta para a seguinte pergunta: “Como é possível a uma pequena cidade interiorana, distante um mês de navegação a vapor da corte, a partir da guerra do Paraguai, possuir tão numerosos jornais?”<sup>31</sup> Canavarros e Silva apontam três razões principais. Resumidamente, segundo eles, “a primeira delas é que vivia-se ainda a era do impresso, pois a era do rádio, muito diferenciada, enquanto mídia, tardaria uma dúzia de anos para acontecer em Cuiabá (...)”; a segunda seria de natureza geográfica, visto que “os jornais do litoral que mais rápido chegavam a Mato Grosso vinham de Porto Alegre, em barcos a vapor e demoravam quinze dias subindo o Rio da Prata e afluentes”<sup>32</sup>. E, por fim, os autores atribuem a terceira razão à demanda, ou seja, a existência de leitores-compradores. Segundo eles,

ao contrário dos livros caros e volumosos e sem rede de distribuição especializada (eram raras as livrarias e poucas as papelarias), os jornais eram práticos (podia-se lê-los em qualquer lugar, a qualquer hora), de leitura fácil, diversificada, ilustrada e, por muitos motivos, motivadora. Para o letrado de poucos recursos e sedento de informações, o jornal diário ou semanal satisfazia plenamente. Além do mais, eles eram verdadeiros almanaques (muito populares no Brasil), traziam variado leque de informações curiosas: horóscopos, necrológios, efemérides, hagiografia, culinária, literatura e crônica da cidade e do país (política, cultural, policial, etc.). E, por último, ainda serviam para embrulhos após a leitura. Estamos no tempo dos compradores de jornais velhos e garrafas vazias de litro e quartilho. No tempo das quitandas e açougues<sup>33</sup>.

Embora respaldada por grandes e importantes estudos lembrados anteriormente, devo confessar que minha escolha pela utilização de jornais como fonte para a reconstituição da história da leitura de Mato Grosso fez que este tema sofresse algumas restrições, como a ausência de dados sobre a cultura das pessoas mais pobres – que não costuma ser assunto de jornal. No entanto, por intermédio desta mesma fonte, também consegui obter muitos detalhes sobre acontecimentos que afetam uma pequena parcela da

---

<sup>31</sup> Idem, p. 3.

<sup>32</sup> Idem, p. 4.

<sup>33</sup> Idem., p. 5.

população, além de ter conseguido informações inéditas como a relativa à existência do Clube Literário dos Escravos, cujo objetivo era oferecer instrução aos escravos preparando-os para o recebimento da liberdade. Isto possibilitou a construção de quadros representativos das principais atividades culturais de Mato Grosso e não de toda a história da leitura mato-grossense, como era meu projeto original. Assim, o foco do presente trabalho encontra-se nas informações sobre livro e leitura encontradas nos jornais, com ênfase na circulação de livros e, em especial, na leitura feita por críticos mato-grossenses que comentaram a prosa de ficção.

É preciso, também, esclarecer a abrangência do termo Mato Grosso. Embora a maior parte das notícias se encontre nos periódicos de Cuiabá, não pude restringir o título da pesquisa a “estudos cuiabanos”, pois encontrei seis jornais corumbaenses, com dados importantes que não puderam ser desprezados. Assim, apesar de contemplar apenas uma única cidade do interior, fiz opção pelo termo mato-grossense, por causa de sua abrangência.

A efervescência da imprensa mato-grossense em Cuiabá da segunda metade do século XIX era tamanha que também chamou a atenção do viajante estrangeiro Karl von den Steinen<sup>34</sup>. Em seu livro intitulado *O Brasil Central*, o autor relata com detalhes os acontecimentos vividos por ele e sua equipe durante a expedição ao rio Xingu. Faz, inclusive, um balanço da imprensa cuiabana relativo ao período em que permaneceu na capital da província de Mato Grosso. Nas palavras dele:

Lancemos um olhar para os jornais existentes ali no verão de 1884: “Província de Mato Grosso” fundado em 1880, órgão do partido liberal, com subvenção do governo, bem como “Situação”, 1867, órgão do partido conservador. Ambos eram os orientadores da opinião pública. O “Organ der sozialen Interessen” era redigido por um observador alemão, fundado em 1884, com a divisa “Ridendo castigat mores”. Como fiel escudeiro do “Situação” vinha o “O Eco de Cuiabá” (1884), tendo desaparecido, todavia, após dois anos e meio de circulação. Discretamente aparecia no fundo do cenário a “Brisa”, para defender “os interesses gerais da Província”, que estava no seu primeiro ano de circulação. A vida do jornal imparcial “Atleta” iniciou-se, naquela época, sob muitas

---

<sup>34</sup>STEINEN, Karl von den. *O Brasil central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu*. Trad. de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 72.

desculpas de que lhe falta, ao dono, a necessária capacidade de jornalista. Todos esses jornais apareciam uma vez por semana, aos sábados. Não traziam suas páginas mais do que política partidária, acontecimentos locais, notícias diversas, injúrias pessoais e poesia<sup>35</sup>.

Esses dados oferecidos por Steinen - existência de seis jornais que contemplavam todas as facções políticas e circulavam simultaneamente - confirmam a informação generalizada de que era realmente grande o número de jornais cuiabanos naquela época. As datas relativas à fundação e duração de alguns jornais, no entanto, encontram-se em desacordo com as de pesquisadores contemporâneos<sup>36</sup>. Destaque especial merece o registro da existência de um jornal escrito em língua estrangeira e publicado no Mato Grosso: *Organ der sozialen Interessen*.

Continuando suas considerações, o etnólogo e naturalista alemão menciona ainda alguns pontos negativos, na visão dele, peculiares aos redatores de alguns jornais, tais como o costume de alguns deles de restringir as notícias apenas a acontecimentos locais; o destaque exagerado às briguinhas existentes entre eles; a manutenção de relações extremamente cordiais com os assinantes, aludindo a um jornalista que deseja a determinados noivos um “futuro risonho e florido” e a reserva de pouco espaço aos anúncios. Ele chama a atenção para um reclame bastante curioso, divulgado por um barbeiro, comentando em tom irônico: “quem ainda duvida, porém, que as idéias modernas não penetraram até este **confim do mundo**<sup>37</sup>, deverá ler o seguinte anúncio do barbeiro Teobaldino Severino que ‘oferece aos seus clientes um novo *atelier* para o exercício da profissão de barbeiro’”. E conclui, apontando a superficialidade que caracterizava, para ele, alguns dos jornais: “É altamente característica, sob todos os pontos de vista, a pequena história “da morte da figueira”. Em cálida noite de março, uma das figueiras agrestes, que existem no largo da igreja, foi abatida por mãos criminosas<sup>38</sup>.”

---

<sup>35</sup> Idem, *ibid*.

<sup>36</sup> Em CALHAO, MORGADO e MORAES, op. cit., p. 62 e 64 as datas de fundação dos jornais são: 1879, para *A Província de Mato Grosso* (há microfilmes com exemplares editados nesse ano que comprovam o equívoco de Steinen, para ele a fundação é de 1880); 1869, para *A Situação* (conforme Steinen esse jornal já existia desde 1867. Não há, no entanto, nenhum exemplar preservado que confirme essa informação).

<sup>37</sup> Confim de mundo (grifo meu) no entendimento etnocêntrico do viajante alemão. Visão responsável, muitas vezes, por introduzir opiniões equivocadas sobre a cultura cuiabana em seus próprios moradores.

<sup>38</sup> STEINEN, op. cit., p. 73.

Não se pode concordar plenamente com as ponderações acerca dos jornais feitas pelo viajante estrangeiro Steinen, principalmente com aquelas que se referem a certos aspectos próprios da vida cotidiana e cultural dos habitantes de Cuiabá. É preciso lembrar, em primeiro lugar, de que apenas três meses de permanência em solo mato-grossense não lhe garantiram conhecimentos suficientes para que ele emitisse um juízo de valor inteiramente abalizado. Em segundo, Steinen trazia consigo determinados parâmetros definidores de cultura válidos para seu país de origem e não para um país jovem que ainda vivia as conseqüências de um processo de colonização. Os estrangeiros não concebiam as atividades locais como componentes específicos de uma determinada cultura. O alemão menosprezava a possibilidade de idéias modernas chegarem a este “confim de mundo”, de haver cordialidade e simpatia entre redatores e leitores. Dessa forma, o que os viajantes viam de diferente dos costumes europeus era logo associado à negligência e inferioridade intelectual e cultural.

De qualquer maneira, com qualidades questionáveis ou não, o importante é que os jornais existiram em grande quantidade, e que felizmente muitos foram preservados e 17 deles se mostraram extremamente úteis para o desenvolvimento de minha pesquisa que teve, assim, seu recorte temporal fixado entre os anos de 1850 e 1898, portanto, a praticamente toda a segunda metade do século XIX.

A escolha pela predominância da utilização de fonte primária, distante do cânone dos textos clássicos, para apreender essa cultura regional encontrou respaldo em idéias utilizadas pelo historiador Robert Darnton ao tentar entender variadas questões da sociedade francesa do século XVIII, apresentadas por ele no livro *O grande massacre de gatos*. Parodiando Darton, pode-se dizer que diante do resultado que se costuma obter com um tipo de fonte diferente, vale a pena correr o risco de ter alguns leitores reagindo contra o que poderiam chamar de “arbitrariedade de se selecionar alguns poucos documentos estranhos”<sup>39</sup>, como modo de ter acesso ao pensamento do mato-grossense que viveu há mais de cem anos nessa região.

As informações colhidas durante a pesquisa, principalmente em jornais mato-grossenses da segunda metade do século XIX, apontam para a existência de uma rede de instituições ligadas à cultura. A animação cultural do período pode ser exemplificada

---

<sup>39</sup> DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. xviii.

pelas diversas atividades relacionadas ao teatro que os jornais não se cansavam de publicar. Havia divulgação de encenação de espetáculos, convocação de diretoria a seus associados, comentários sobre a *performance* dos atores, registro da presença de autoridades etc. Além destas, os jornais também davam destaque para as agremiações ligadas à leitura, como é o caso do Clube Literário, da Associação Literária Cuiabana e do Gabinete de Leitura. A rede ainda se estende para outros segmentos relacionados à leitura, como os nomes e os respectivos endereços das primeiras livrarias existentes no interior e na capital mato-grossense, bem como a identificação dos livreiros-editores que negociavam com as casas editoras nacionais e estrangeiras que possuíam vínculos com Mato Grosso. Estes assuntos serão desenvolvidos no **primeiro capítulo** deste estudo.

O **segundo capítulo** terá como objeto de estudo as primeiras manifestações do discurso crítico emitidas por jornalistas a respeito dos livros recebidos por eles gratuitamente dos donos das livrarias. Textos que, em última instância, podem ser considerados como embrião da crítica literária mato-grossense. Presença, também, de textos que discutiam questões relativas à própria literatura, à poética - para se usar um termo da época - que ainda se esforçava para ser considerada nacional.

O **terceiro e último capítulo** se ocupará do livro mais comentado pela crítica mato-grossense oitocentista, *Histórias brasileiras*, de Sílvio Dinarte, pseudônimo do consagrado escritor Visconde de Taunay. Nele serão levados em conta assuntos como a estreita relação de Taunay com a província de Mato Grosso, bem como as notas críticas sobre o referido livro que ocuparam por vários dias as páginas de alguns periódicos. Será dado, ainda, destaque especial ao conto “O vigário das Dores”, com seu personagem padre Monte, pelo fato de ele ser portador de grande quantidade de idéias relativas ao universo da leitura em geral e da região Centro-Oeste em particular.

Espero, com este estudo contribuir para uma ampliação nas reflexões sobre a história da cultura letrada mato-grossense e seus desdobramentos.



## **Capítulo 1**

### **LEITURA E REDE DE INSTITUIÇÕES CULTURAIS**

## 1.1 Rede de associações culturais em Mato Grosso dos oitocentos

Segundo a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira<sup>40</sup>, por volta de 1870, havia em Mato Grosso um grupo, formado pelas elites, composto por dirigentes político-administrativos, ou seja, “pelos presidentes da província, por seus assessores, pelos deputados, por magistrados, pelo segmento ligado à burocracia provincial e municipal, pelos profissionais liberais e pelos grandes proprietários e comerciantes”<sup>41</sup>, que idealizou um projeto para modernização de Mato Grosso. Esse projeto tinha como principal objetivo implantar uma série de transformações no cenário regional. As alterações deveriam ocorrer tanto na cidade, quanto na população. A cidade seria provida de abastecimento de água, luz, sistema de comunicações, higienização etc, enquanto que a população deveria ser preparada para receber a modernidade, tendo de se alfabetizar, se educar, adquirir novos hábitos para poder usufruir dos prazeres que os novos tempos poderiam lhe proporcionar. A inspiração para as mudanças foi, sem dúvida, a corte, instalada no Rio de Janeiro, que por meio de seus presidentes de províncias, vindos desse cenário, espalhavam os novos modelos para todo o território imperial.

Outro acontecimento que contribuiu para a potencialização do projeto de modernização do Mato Grosso foi o término da Guerra do Paraguai e a conseqüente abertura da navegação pelo rio do mesmo nome com conexão direta com as repúblicas platinas e com o litoral brasileiro. Estes episódios acabaram contribuindo para a intensificação da circulação de novas idéias, gerando, sobretudo no campo do saber, a criação de uma rede de instituições culturais que podem ser vistas como importante elemento auxiliar no desenvolvimento das artes.

---

<sup>40</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870 – 1889)*. Cuiabá: INEP/COMPED/EdUFMT, 2000.

<sup>41</sup> Idem, p. 89.

O estabelecimento de instituições relacionadas a atividades culturais não era, evidentemente, uma intenção restrita ao território da província de Mato Grosso. Na verdade, esta parecia ser uma tendência de vários países, visto que a imprensa mato-grossense divulgava constantemente a fundação e inauguração de academias de Letras, inclusive francesas. A permanente presença deste tipo de notícia pode ter servido de inspiração para que um intelectual francês produzisse um texto satírico sobre a fundação de uma hipotética academia feminina de Letras, que foi traduzido e, posteriormente, reproduzido pelo correspondente de *A Província de Mato Grosso*, em 06 de março de 1881. Segundo este correspondente, o Conde de Castellane, imagina-se figura fictícia, elaborou um estatuto, composto de trinta e cinco artigos, estabelecendo suas regras de funcionamento. Os três primeiros artigos, transcritos a seguir, dão o tom do documento:

Art. 1. – As 40 imortais almoçarão todas as manhãs às 10 horas tomando costeletas de carneiro, vinho de Bordéus, chá da China, etc. Devem cuidar muito da barriga, por que a barriga é a sede da alma do sexo fraco.

Art. 2. – Nenhuma sócia da Academia poderá fazer as barbas mais de uma vez por semana.

Art. 3. – Toda acadêmica poderá ir ao Instituto acompanhada pelo marido, primo ou protetor, contanto que o deixe na ante-sala como é do estilo deixar à porta dos museus as bengalas e chapéus de chuva<sup>42</sup>.

As normas são carregadas de muita ironia masculina em relação à pretensão das mulheres de possuírem uma entidade intelectual que as representasse. O texto pode ser visto como uma provocação destinada a suscitar o riso dos leitores e a ira das leitoras, motivando-as, desta maneira, a demonstrarem alguma reação contra a situação instituída.

Se instituições podiam servir de galhofa para uns, para outros elas eram vistas como respeitáveis e representativas da seriedade e competência de seus associados. Dentre as muitas associações culturais cuiabanas destacam-se as seguintes, acompanhadas de suas datas de fundação<sup>43</sup>: **Sociedade União dos Militares** - 1853, a mais antiga delas,

<sup>42</sup> *A Província de Mato Grosso*, Cuiabá, 06/03/1881.

<sup>43</sup> Como os jornais não trazem notícias sobre todas as associações daquela época, optou-se, para contextualização das que aparecem nos periódicos, por se coligir informações dos seguintes livros: SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e sombras*: modernidade e educação pública em Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT, 2000, p. 91-8 e SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso*: da

**Sociedade Teatral**, organizada pelo presidente da Província – 1867, **Gabinete de Leitura** – 1874, **Sociedade Dramática Amor à Arte** – 1877, **Progresso Cuiabano** – 1879, **Clube Literário** – 1882, **Terpsícore Cuiabana** – 1883, **Sociedade Recreio Cuiabano** – 1883, **Clube Instrução e Recreio** – 1883, **Associação Literária Cuiabana** – 1883, **Sociedade Dramática** (ou Teatral) **União Militar** – 1886, **Escola Dramática** – 1893, **Clube Minerva** – 1897, **Sociedade Internacional de Estudos Científicos** – 1899. Além destas, existiram no interior da província, na cidade de Poconé, o **Teatro Recreio Poconense**<sup>44</sup> e, em Corumbá, mais quatro, **Sociedade Dramática União Lagarrifa**, **União Dramática**, **Sociedade Recreio Dramático** e **Clube Literário dos Escravos**<sup>45</sup>.

Este último, Clube Literário dos Escravos, certamente teve vida breve, uma vez que foi criado seis anos antes da libertação dos escravos, com o objetivo de prepará-los para o tão aguardado Dia da Abolição. Segundo informação de *O Iniciador*<sup>46</sup>, essa associação era constituída de “escravos que, tendo por “santelmo”<sup>47</sup> a lei de 28 de setembro de 1871, procuraram libertar-se das trevas da ignorância, preparando-se assim para receberem sem alucinação o choque impetuoso da liberdade”. Em carta dirigida ao redator do jornal, o escravo Manoel Henrique da Silva solicita-lhe o apoio para aquela associação, concretizado no envio gratuito do jornal *O Iniciador*, por acreditar que a instrução seria um preventivo para os males sociais que poderiam resultar da emancipação (*O Iniciador* – Corumbá, 02/04/1882). Deve-se destacar o grau de amadurecimento ideológico e organização política do interior da província, uma vez que não se encontrou nenhuma outra nota sobre este tipo de associação, nem na capital, nem em outras cidades do interior. (As outras três entidades corumbaenses terão seus comentários feitos, posteriormente, junto às outras entidades relacionadas ao teatro.)

O emaranhado de instituições a que se fez menção acima possui em comum o caráter cultural. Todas podem ser consideradas representativas da rede de instituições que

---

ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002, p. 134.

<sup>44</sup> Não foi possível encontrar a data de fundação do Teatro Recreio Poconense. O que se tem é uma única nota extraída de *A Tribuna* – Cuiabá, 14/04/1887.

<sup>45</sup> Do mesmo modo, também não foi possível localizar as datas de fundação das quatro sociedades corumbaenses; as datas das notas de aparição delas nos jornais serão reveladas por ocasião do desenvolvimento do assunto.

<sup>46</sup> *O Iniciador* – jornal comercial, noticioso e literário. Circulou em Corumbá de 1879 a 1886.

<sup>47</sup> É bem provável que esta seja uma alusão feita a santelmo, uma chama azulada que, sobretudo por ocasião das tempestades, surge no topo dos mastros dos navios, produzida pela eletricidade. Há, ainda, a crença de que essa chama azulada, quando surge no alto de um campanário, é sinal da aparição da Virgem Maria. No texto, há a possibilidade de que os escravos considerassem a lei como sendo uma bênção da Virgem Maria.

se pretende mostrar, porém suas atividades encontravam-se divididas em diferentes áreas. Portanto, para efeito de organização das idéias e melhor entendimento destas entidades, optou-se por agrupá-las por atividade<sup>48</sup>.

Em primeiro lugar serão vistas as sociedades dramáticas, cujas atividades encontram-se direcionadas aos trabalhos cênicos. Elas não só divertiam como também instruíam e educavam seus associados e o público em geral. As que tiveram aparição mais constante nos jornais foram: Sociedade Dramática Amor à Arte, Sociedade Dramática (ou Teatral) União Militar, Escola Dramática e Sociedade Dramática União Lagarrifa. Com menor destaque, foram encontradas outras duas, Sociedade Teatral e Progresso Cuiabano.

Em segundo, as agremiações cujos sócios tinham predileção pelo trabalho com as letras, por meio da produção de textos que poderiam vir a ser impressos em revista literária, além da possibilidade de participação em debates com outros intelectuais – Clube Literário; associações que tinham como principal objetivo a formação e o acesso a acervos de livros, as bibliotecas – Gabinete de Leitura e Associação Literária Cuiabana, cujo nome inicial foi Clube Instrução e Recreio.

Algumas associações, comentadas a seguir, foram negligenciadas neste estudo por tratarem de assuntos distantes do tema desta pesquisa. A Sociedade União dos Militares tinha seu interesse voltado para o conagraçamento das famílias dos militares por meio da realização de reuniões seguidas de bailes. Conforme Siqueira<sup>49</sup>, a Terpsícore Cuiabana e a Sociedade Recreio Cuiabano foram fundadas tendo por base interesse partidário. A primeira, por iniciativa do Partido Liberal, tinha à frente o então presidente da província, Barão de Batovi; e, a segunda, por iniciativa do Partido Conservador. Elas costumavam oferecer ao público discursos, palestras, música e bailes. Do Clube Minerva foi encontrada apenas a data de fundação. A Sociedade Internacional dos Estudos Científicos, como o próprio nome sugere, tinha seu interesse voltado para os estudos na área das ciências. Deste modo, cinco das entidades citadas inicialmente não serão contempladas com estudos mais detalhados, ou porque os jornais não trouxeram notícias relevantes sobre elas, ou porque elas não têm seu interesse coincidente com o tema desta pesquisa. Assim, a prioridade será sempre dada à leitura/literatura, porém a arte teatral

<sup>48</sup> Esse critério resultou na desconsideração da cronologia.

<sup>49</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso*. Cuiabá: EdUFMT, 2000, p. 95 – 6.

também será contemplada com um pequeno estudo, pois a grande quantidade de material sobre este assunto encontrado nos jornais ilustra de maneira modelar a animação cultural que ocorria em Mato Grosso do período estudado.

## 1.2 Teatro: o “último *chic*” do “mimoso *bouquet* da sociedade cuiabana”<sup>50</sup>

A exemplo do que ocorria em algumas outras cidades brasileiras<sup>51</sup>, a arte dramática era praticada no território mato-grossense desde o século XVIII. Segundo Francisco A. Ferreira Mendes<sup>52</sup>, “desde 1727, quando o Arraial foi elevado a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, o mato-grossense já cultivava o hábito de se deleitar com representações públicas e costumava festejar a chegada de governadores, ouvidores e Juizes de Fora de Cuiabá com manifestações de caráter público”.

A segunda metade do século XIX assistiu não só à continuação dessa tradição como seu fortalecimento e sua posterior decadência. Nos livros, uma das informações mais importantes encontradas sobre o teatro deste período foi a de Joaquim Ferreira Moutinho<sup>53</sup>. Este autor conta que o Sr. Dr. De Lamare, presidente da província de Mato Grosso entre fevereiro de 1858 e setembro de 1859, querendo inaugurar um teatro em Cuiabá, convidou “a maior parte dos ricos do lugar” para uma reunião festiva no palácio. Depois de tê-los agrupados, apresentou seu projeto, o de formar uma empresa teatral composta por 30 acionistas, que, inclusive, receberiam juros de 6 % da assembléia provincial. Constrangidos ou não, os convidados aceitaram a sugestão do presidente e

---

<sup>50</sup> Expressões em uso nos principais jornais da época.

<sup>51</sup> Conforme relatos de cronistas e viajantes que documentaram os primórdios da vida brasileira, nos tempos coloniais houve representação de espetáculos em várias cidades ou arraiais, ainda que com instalações precárias e atores e atrizes amadores. Conferir: FARIA, João Roberto. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2001, p. 19.

<sup>52</sup> MENDES, Francisco A. Ferreira. *Lendas e tradições cuiabanas*. Cuiabá: SEC/DCAE, 1958, p. 10. Apud MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso – século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001, p. 31.

<sup>53</sup> MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a Província de Mato Grosso seguida de um roteiro da viagem da sua capital a S. Paulo*. S. Paulo: Tipografia de Henrique Schroeder, 1869, p. 72.

compuseram, prontamente, uma lista. Para presidente da companhia foi eleito o Sr. Barão de Aguapey, cidadão extremamente popular, segundo Moutinho, que garantiria o bom desempenho da empresa e do investimento. Em relação ao prédio, a intenção do presidente da província era reformar um edifício velho, existente na praça, atrás da matriz, que se encontrava “carcomido pelos tempos contando com apenas as paredes exteriores e uma porta”. O Dr. De Lamare conseguiu concretizar seu desejo. Depois de reformado, o teatro foi inaugurado com a encenação do drama *Dous Renegados*<sup>54</sup>.

Nos jornais, encontra-se um grande número de informações sobre o teatro. Eles eram utilizados como eficiente meio de divulgação da encenação de espetáculos. Costumavam trazer o título, local e horário da apresentação das peças; convocações da diretoria aos seus associados; crônicas dos jornalistas tecendo comentários sobre a *performance* dos atores; registro da presença das celebridades; rasgados elogios aos organizadores etc. Todas essas informações encontradas referem-se a sete agremiações. Três existentes na capital, **Sociedade Dramática Amor à Arte, Sociedade Dramática (ou Teatral) União Militar** e a **Escola Dramática**, também chamada Recreio Particular Escola Dramática, e quatro no interior, **Teatro Recreio Poconense** - Poconé e **Sociedade Dramática União Lagarrifa, União Dramática e Sociedade Recreio Dramático** - Corumbá.

A Sociedade Dramática Amor à Arte<sup>55</sup> teve seu primeiro espetáculo realizado em 11 de agosto de 1877, com a apresentação das comédias *Torre em concurso* e *Novo Otelo*, ambas de Joaquim Manuel de Macedo e *Por causa de uma camélia* [sem autoria] (*A Situação* – Cuiabá, ?/08/1877)<sup>56</sup>.

<sup>54</sup> O investimento dos acionistas, todavia, não foi compensador. Com a invasão paraguaia, o teatro passou a servir de quartel e, posteriormente, teve seu madeiramento roubado, restando, novamente, apenas as paredes exteriores, “com as suas clarabóias servindo de ninho às corujas”. Conferir: MOUTINHO, op. cit., p. 73.

<sup>55</sup> Segundo relato feito por Karl Von Den Steinen, chefe da expedição alemã ao rio Xingu, os espetáculos dessa Associação eram apresentados em um barracão travestido de teatro, situado logo atrás da matriz. Balcões e camarotes haviam sido improvisados neste espaço que regularmente recebia a elite cuiabana para suas apresentações. Para garantir seu conforto, os espectadores levavam seus próprios escravos, que ficavam sentados no chão, ao pé de seus senhores, prontos para atender a qualquer ordem, como ir buscar um copo d’água. Conferir: STEINEN, Karl Von Den. *O Brasil central*, trad., São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1942, p. 79 e ss. Apud VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá: 1850 – 1888*. São Paulo: Marco Zero; Cuiabá, MT: EdUFMT, 1993, p. 98.

<sup>56</sup> Essas duas peças de Macedo tiveram suas estréias em 1861, no Rio de Janeiro, e não obedeciam ao modelo realista que se encontrava em pleno florescimento naquela época. Conferir: FARIA, op. cit., p. 140. Todavia, o site da ABL – Academia Brasileira de Letras, na bibliografia de Joaquim Manuel de Macedo, traz para ambas a data de 1863. O livro de Tânia R. Costa Serra também indica o ano de 1863 como sendo o do lançamento de *O Novo Otelo*. Conferir: SERRA, Tânia R. Costa. *Joaquim Manuel de Macedo, ou os dois*

Pelo noticiário, fica-se sabendo que essa associação passou por altos e baixos durante sua existência. Em 1886, por exemplo, ela devia estar atravessando, segundo o redator de *A Tribuna*, um dos momentos mais críticos, caracterizado pela apatia da platéia que não oferecia aos atores a sustentação de que tanto precisavam para enfrentar “as inúmeras e insuperáveis dificuldades como o exíguo número de associados e a diminuta receita para o seu custeio”; o jornalista ainda acusa a sociedade cuiabana de prestigiar bailes, nos quais a moral e os bons costumes eram desrespeitados, em detrimento de ingênuas apresentações teatrais (*A Tribuna* – Cuiabá, 04/11/1886).

Apenas dois anos, ainda incompletos, após a notícia de decadência, a agremiação parecia viver uma de suas melhores fases, pois de acordo com os registros de primeira página de *A Província de Mato Grosso*, o espetáculo de 8 de julho de 1888 contou com a presença do presidente da província juntamente com sua família e com a “poderosa concorrência das mais peregrinas belezas que formam o encanto da nossa sociedade e, sobretudo, com o mimoso *bouquet* da sociedade cuiabana”. O poeta mato-grossense Tomaz de Almeida Serra escreveu, especialmente para a ocasião, um hino que foi dedicado ao Presidente da Província, Sr. Francisco R. de Mello Rego. A nota segue detalhando as homenagens e os discursos proferidos. No entanto, para a apresentação da peça teatral, que deveria ser o principal objetivo da notícia, o jornalista reserva apenas algumas linhas para elogiar as atrizes amadoras e comunicar sua saída antes do final da peça. Enfim, o espetáculo parece ter obtido grande sucesso, visto que a recepção por parte do público foi calorosa. Para o cronista, o teatro era algo que contribuía para o progresso da capital, pois segundo suas palavras o grande público presente “não foi indiferente ao reclame da sociedade ‘Amor à Arte’ e que o coração dos cuiabanos vão pouco a pouco subjugando-se à simpática e justa causa do progresso” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 08/07/1888).

Outra agremiação cuiabana, Sociedade Dramática (ou Teatral) União Militar, além de cumprir seu papel de entretenimento também fazia valer seu lado pragmático, à medida que era utilizada para homenagear importantes figuras do governo, ou ainda como complemento em festas religiosas regionais; em outras palavras, a União

---

*Macedos*: A luneta mágica do II reinado. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994. De qualquer maneira, em Mato Grosso, o primeiro registro encontrado sobre a encenação de “O Novo Otelo” data de 1864, portanto antes da inauguração dessa sociedade dramática, e o de a “Torre em concurso”, de 1877, conforme anúncios em *A Imprensa de Cuiabá* – Cuiabá, 17/11/1864 e *A Situação* – Cuiabá, ?/08/1877, respectivamente.



Militar valia-se do teatro não só para entreter, como também para civilizar e instruir seus associados e a sociedade mato-grossense em geral.

Uma das maiores apresentações de fundo encomiástico realizada pela União Militar foi o espetáculo exibido em homenagem ao aniversário da Princesa Isabel. Ratificando seu caráter patriótico, antes do início da peça *Amor e Arte* e a comédia de Martins Pena, *Os irmãos das almas*, houve a apresentação do hino nacional, seguida do discurso do orador oficial da sociedade enaltecendo o governo da Princesa Isabel. Após outros discursos, deu-se início à apresentação de um drama seguido por uma comédia, tendo o festejo finalizado a uma e meia da madrugada (*A Província de Mato Grosso – Cuiabá*, 29/07 e 05/08/1888).

A União Militar também chegou a contribuir para o enriquecimento de uma das festas folclórico-religiosas mais tradicionais do povo cuiabano, a Festa do Divino Espírito Santo. A de maio de 1888 teve seu encerramento marcado, no período da tarde, por uma missa e procissão e, à noite, por um espetáculo gratuito representado pelo corpo cênico da sociedade União Militar, no teatro S. João, por conta do festeiro capitão Antônio da Silva Albuquerque. Destacando o caráter religioso, a notícia diz que “foi grande a concorrência de fiéis a todos os atos religiosos que foram celebrados na catedral com a maior pompa e solenidade” (*A Província de Mato Grosso – Cuiabá*, 27/05/1888).

Os jornais trazem, ainda, mais duas pequenas notas sobre a União Militar. Pela primeira, fica-se sabendo a localização da sede da União Militar e o nome da peça que seria apresentada aos associados: “Esta sociedade dará brevemente em seu teatrinho, na praça do bispo D. José, um espetáculo em que subirá a cena o drama em 4 atos, denominado – *O gênio da galé*” (*A Tribuna – Cuiabá*, 15/12/1887). A segunda, muito comum entre todas as associações desse gênero, era uma espécie de anúncio-convite direcionado aos associados, indicando horário e nome das peças a serem representadas (*A Província de Mato Grosso – Cuiabá*, 09/09/1888).

A terceira associação, Escola Dramática, fundada em Cuiabá, no finalzinho do século XIX, esteve presente com regularidade por mais de dois anos consecutivos, a partir de 1896, nas páginas do *O Republicano*. Assim como nas demais associações, a Escola Dramática também publicava nos jornais seus anúncios-convites dirigidos aos

associados (*O Republicano* – Cuiabá, 29/10/1896). Um deles traz a informação de que os espetáculos do referido grupo aconteciam mensalmente: “(...) faço ciente aos Srs. sócios, que o espetáculo mensal da mesma, terá lugar no dia 1. de maio próximo entrante, levando-se à cena a comédia-drama em 3 atos, denominada *O clínico*; em seguida a comédia em 1 ato *A tribulação de um estudante*” (*O Republicano*- Cuiabá, 29/04/1897). Há, ainda, uma outra nota, convocando uma assembléia geral para eleição de uma nova diretoria e diversos assuntos, assinada pelo secretário Nuno de Mendonça Sobrinho (*O Republicano* – Cuiabá, 10/02/1898).

Demonstrando a força e, ao mesmo tempo, o caráter oficial político ocupado pela Escola Dramática, há uma propaganda, de página inteira, sobre a apresentação de um grande espetáculo em comemoração à recém proclamada República. O programa traz muitos informes sobre o espetáculo, inclusive o de que o ingresso seria gratuito tanto para o camarote quanto para a platéia para as pessoas que recebessem um determinado cartão (*O Republicano* – Cuiabá, 12/11/1896). Dias após a apresentação, o mesmo jornal divulgou extenso relato sobre a exibição do espetáculo que, segundo ele, foi marcado pelos discursos das autoridades, pela beleza da decoração do palco que mostrava uma jovem simulando a estátua da República, ladeada por outras duas que representavam o Direito e a Justiça, pela afinada entoação da banda de música do Arsenal de Guerra, pela “profusão de luzes e os jatos de água que jorravam de dois repuxos” etc. Ainda de acordo com o relato, depois de muitos discursos, iniciou-se a exibição do drama *A honra do taverneiro*, seguida pela cena cômica *Tudo no mundo é posição* e, finalizando, a comédia *Uma experiência*. Enfim, as atividades se prolongaram até a uma hora da madrugada e “nada faltou ao espetáculo para que seja ele registrado no livro de ouro da modesta sociedade Escola Dramática como mais uma vitória” (*O Republicano* – Cuiabá, 19/11/1896).

Apesar da continuidade da publicação de notas, ainda que mais curtas, de agradecimento pelo recebimento de convites e pelas “irrepreensíveis” apresentações (*O Republicano* – Cuiabá, 11/02/1897 e 10/02/1898), a Escola Dramática também deve ter tido seus momentos de dificuldades, pois, de acordo com matéria assinada pelo jornalista Raul Plínio, depois de um período de contratempos, o grupo estava conseguindo reconquistar o lugar que já havia ocupado em outra ocasião (*O Republicano* – Cuiabá 17/02/1898). Meses depois, parece que a agremiação estava conseguindo se restabelecer, visto que há notícia de

que “O amador Joaquim Bartolino, como sempre, arrancou aplausos da platéia sendo bisada a cena cômica *O mundo vai torto*” (*O Republicano* - Cuiabá, 29/05/1898).

Este tipo de associação, que tinha o teatro como sua principal fonte de atividade, acabou praticamente desaparecendo com a chegada do século XX, restando apenas o teatro salesiano do Colégio S. Gonçalo, com a Companhia S. Luiz Gonzaga. Os anúncios revelam que os espetáculos desta Companhia continuavam sendo apresentados mais ou menos nos mesmos moldes das associações anteriores, exceto pela introdução da ópera (*O Republicano* – Cuiabá, 02/05/1897).

Os padres salesianos, cientes da força de atração que o teatro exercia na sociedade cuiabana, resolveram incluí-lo entre as atividades religiosas ocorridas por ocasião dos festejos comemorativos da paróquia de S. Gonçalo. A festa contou com extensa programação, como a “apresentação do espetáculo no teatrinho do Colégio S. Gonçalo, oferecido gratuitamente pela Companhia de S. Luiz Gonzaga aos alunos e alunas de todos os colégios públicos e particulares desta capital e aos menores dos Arsenais de Guerra e da Marinha”, isto à tarde e, à noite, o “primeiro espetáculo de gala”, também no “teatrinho do Colégio S. Gonçalo” (*O Republicano*, Cuiabá, 01/08/1897). Enfim, no início do século XX, o teatro em Cuiabá encontrava-se praticamente limitado à associação do Colégio S. Gonçalo.

Além de presença expressiva na capital, o teatro também, segundo notícias dos jornais, podia ser encontrado no interior da província, em cidades como Poconé e Corumbá. O jornal *A Tribuna* de Cuiabá, em sua coluna Campo Livre, publica nota assinada por um cidadão de Poconé denominado “Um progressista”, tecendo comentários edificantes pela “quinta récita”, no Teatro Recreio Poconense, de peças que “simbolizavam um dia meritório da história brasileira – *A liberdade e a Constituição política do Império* – findo o drama deu começo ao jocoso entremez<sup>57</sup> *Domingos João*” (*A Tribuna* – Cuiabá, 14/04/1887).

Por sua vez, Corumbá, situada às margens do Rio Paraguai, contava com pelo menos três grupos teatrais, sendo o primeiro deles pertencente ao Ladário, pequeno povoado próximo à referida cidade. Nos anos 70 do século XIX, há notícia de *A Opinião*

---

<sup>57</sup> Ver interessante estudo realizado por Orna Messer Levin em “O entremez nos palcos e nos folhetos”. Conferir: ABREU, Márcia e SHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2005, p. 413-20.

enaltecendo a Sociedade Dramática União Lagarrifa pela iniciativa de encenar as peças *Nódoas de sangue* e o *Diabo atrás da porta*, em benefício da viúva e filhos de Luiz Antônio Rosa. A nota diz ainda ser louvável a existência de uma Sociedade Dramática em Ladário<sup>58</sup>, cujos recursos eram parcos e em Corumbá “cuja população é maior, não há outro gênero de distração, a não ser os espetáculos acrobáticos e ginásticos que nos dão as companhias viajoras” (*A Opinião* – Corumbá, 26/09/1878). As outras duas companhias datam dos anos 90. Os jornais *Oásis*<sup>59</sup> e *Echo do Povo*<sup>60</sup> noticiaram a fundação do clube União Dramática (*Echo do Povo* – Corumbá, 15/04/1894) e, em 1893, já havia a notícia de divulgação de uma peça beneficente de uma outra entidade, cujo nome era (Sociedade) Recreio Dramático (*Echo do Povo* – Corumbá, 19/03/1893). Em nota, o *Echo do Povo* elogiou a apresentação do espetáculo e o desempenho dos atores. Frisou ainda que depois da conclusão do espetáculo, houve uma “*soirée*” bem animada que se encerrou por volta das três horas da madrugada (*Echo do Povo* - Corumbá, 31/03/1894). Ao que tudo indica, o espaço físico onde ocorriam algumas apresentações deveria ser o Teatro S. Antônio, que em 1883 anunciava a apresentação de um grande espetáculo para sábado, às 8 horas em ponto, das peças *O sogro ciumento* - comédia em 1 ato, a *República dos caloteiros* – comédia em 2 atos, *Os dois surdos* – comédia em 1 ato e a cena cômica *O advogado dos caixeiros*. Os bilhetes eram vendidos a 2\$000 – platéia, 1\$000 gerais e \$500 crianças, na Bela Selvagem, estabelecimento comercial que também vendia livros, de propriedade de M. Galvão, ou na porta do teatro, que se colocava à disposição para o recebimento de cadeiras na tarde do mesmo dia da apresentação (*O Iniciador* – Corumbá, 20/09/1883). Outras agremiações referentes ao teatro podem ter existido em Corumbá, mas estas eram, sem dúvida, as principais, uma vez que costumavam ser alvo da imprensa.

Algumas das “companhias viajoras” costumavam publicar anúncios, às vezes grandes, de página inteira, tendo como título a palavra “THEATRO”. Todavia, pelo teor da programação, observa-se que os espetáculos possuíam um conteúdo bem diferente do que se costumava representar tradicionalmente nos palcos. Eles tinham uma dinâmica mais próxima de representações circenses, já que anunciavam números de “prestidigitação, escamoteio, ligeireza, magia, magnetismo, eletricidade”, além de outros mais excitantes,

<sup>58</sup> Ladário, distrito (de Corumbá) pela Lei 134 de 16/03/1861 e município, criado pela Lei 679 de 01/12/1953 e hoje pertencente ao Mato Grosso do Sul.

<sup>59</sup> *Oásis* – periódico imparcial. Circulou em Corumbá entre 1888/1894 – 1896.

<sup>60</sup> *Echo do Povo* – periódico comercial e noticioso. Circulou em Corumbá entre 1893/1895 – 1897.

como “A corda bamba”, “O globo volante”, “Saltos de elasticidade, etc”. Caso ilustrativo é o das apresentações da “Empresa Carlos Bellissoni” (*A Província de Mato Grosso – Cuiabá*, 31/07/1887) e da “Companhia de Pedro Zavala Kiss”, cognominado doutor do diabo, que depois de ter percorrido as principais cidades da América do Sul, se apresentava “à filantrópica e galante sociedade corumbaense”, no Hotel Bota-Fogo, na Rua de Lamare, (*O Iniciador – Corumbá*, 28/08/1881) e, quase dois meses depois, também se exibia para a sociedade cuiabana (*A Província de Mato Grosso – Cuiabá*, 16/10/1881). Conforme pesquisa do especialista em teatro João Roberto Faria<sup>61</sup>, esse tipo de espetáculo era um gênero novo que vinha conquistando a preferência do público do Rio de Janeiro, a partir de 1859, em detrimento de um outro tipo de teatro já consolidado e marcado pela preocupação literária e edificante. A mágica (na França, *féerie*) também era parte importante desse tipo de encenação que, inclusive, costumava incluir em seu conteúdo personagens como fadas, gênios, diabos, gnomos e outros seres sobrenaturais. De um modo geral, essas peças funcionavam como simples pretexto para a encenação de “truques e surpresas”, visto que num espetáculo com tanto apelo visual, o texto e os artistas acabavam ficando em segundo plano. O destaque maior, no palco, ficava por conta da arte do maquinista e do cenógrafo, cujos nomes ganhavam maior evidência nos anúncios de jornais.

Outra “companhia viajora” a se apresentar em Cuiabá, no Teatro Guarany, foi a “Companhia de Operetas”<sup>62</sup> de que era empresária a atriz Ismênia dos Santos”. O redator de *O Republicano* comunica a seus leitores que a companhia possui bons artistas e apesar de um repertório mais ou menos variado, “o espetáculo tem sido bastante concorrido e lhe têm valido os mais ruidosos triunfos, as mais entusiásticas ovações da nossa platéia” e que o tempo de permanência da companhia entre os cuiabanos seria de aproximadamente um mês, o que garantiria a todos uma boa temporada (*O Republicano – Cuiabá*, 26/04/1896).

---

<sup>61</sup>FARIA, João Roberto. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2001, p. 147.

<sup>62</sup> Esse gênero teatral que Ismênia dos Santos exibiu nos palcos cuiabanos, chegou ao Brasil, paralelamente aos espetáculos de magia, no início dos anos 60, vindo da França. Ele era composto por “canções, cenas cômicas, duetos cômicos e pequenos *vaudevilles*, baseados na alegria, na música ligeira, na malícia e na beleza das mulheres”. Algum tempo depois, esse gênero acabou sendo apropriado por autores brasileiros, como Artur Azevedo que chegou a fazer grande sucesso com algumas paródias das operetas francesas. Conferir: Idem, *ibid*.

Esta atriz, Ismênia dos Santos, que esteve em Cuiabá no finalzinho do século XIX, era dona de uma afamada companhia de teatro no Rio de Janeiro. Sua incursão por várias regiões no interior do Brasil era feita em função da presença de companhias estrangeiras na capital, durante um determinado período do ano. Como o público fluminense não era grande o suficiente para atender às companhias nacionais e estrangeiras, restavam às nacionais, se quisessem subsistir, saírem em excursão pelo Brasil afora. A companhia de Ismênia dos Santos ocupou lugar de destaque na dramaturgia do século XIX por tentar lutar contra, ao que se entendia ser, na época, a depravação do teatro, montando sua companhia dramática onde se representavam o drama e a comédia. Todavia ela não conseguiu atingir totalmente seu intento e acabou recorrendo, como muitas outras, “à montagem de mágicas aparatosas, tendo a proibidade de afastar-se do palco, onde os fulgores de tantas coroas de artistas não podiam fanar-se do contato do *maillot*, da exibição de pernas e da copla imoral”<sup>63</sup>.

Também freqüentou os palcos cuiabanos, na mesma época, a Companhia de Zarzuelas<sup>64</sup> do Sr. Velasco. Na ocasião foram representadas no Teatro Cuiabano “as operetas *Los descamisados*, *Nina Pancha*, e a gargalhada cômico *El gorro frigio*, sendo dedicada a função ao Exmo. Sr. Coronel Generoso Ponce”, senador e chefe do partido republicano (*O Clarim* – Cuiabá, 11/10/1894). A Zarzuela parecia agradar o público cuiabano que, anos antes, em 1885, já havia assistido à opereta *Mascote*. Segundo o jornalista, além de aplaudir muito os atores o auditório ainda atirava-lhes buquês como demonstração de seu contentamento (*A Liça* – Cuiabá, 27/09/1885).

Além das operetas e dos espetáculos de mágicas, estava também em plena ascensão no Rio de Janeiro um terceiro gênero do teatro cômico e musicado, a revista de ano<sup>65</sup>. Nos jornais pesquisados, não foi encontrada nenhuma notícia sobre sua aparição em terras mato-grossenses. A ausência pode estar relacionada às características próprias desse tipo de espetáculo, visto que os fatos que a revista de ano traziam para serem rememorados no palco, diziam respeito a acontecimentos da corte, ou seja, a uma região específica. O mesmo não acontecia com as operetas, com as mágicas e principalmente com as peças do

<sup>63</sup> *Revista Teatral*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 16 de jun. 1894, p. 2. Apud: FARIA, op. cit., p. 165.

<sup>64</sup> Zarzuela: obra dramática e musical de origem espanhola, espécie de ópera cômica, na qual alternadamente se declama e se canta.

<sup>65</sup> A revista de ano, como o próprio nome sugere, passa em revista os principais acontecimentos do ano anterior: um fato político, um crime, uma invenção, uma criação de jornal, a falência de um banco, uma obra literária, um espetáculo teatral, uma epidemia etc. Conferir: FARIA, op. cit., p. 161.

chamado teatro “sério” que, costumeiramente, tratam de temas que abordam as venturas e desventuras da condição humana, portanto assuntos universais do interesse de todo e qualquer ser humano de qualquer parte do mundo.

Notícias sobre a apresentação de peças teatrais na corte do império e em importantes cidades européias também costumavam aparecer em notas nos periódicos. Os leitores de jornais de Corumbá acompanhavam de perto o “último *chic*” do Rio de Janeiro e Paris em matéria de teatro. Sabiam, por exemplo, que enquanto os parisienses assistiam ao *O pai pródigo*, do afamado escritor Dumas Filho (*O Iniciador* – Corumbá, 10/02/1881), o público fluminense vira, alguns anos antes, uma adaptação para o teatro do “muito aplaudido e popular romance - *A moreninha*”, do ilustrado Sr. Dr. J. M. de Macedo”, “interpretada por artistas da ordem de Furtado Coelho e Lucinda”<sup>66</sup> (*A Opinião* – Corumbá, 06/01/1878). Estavam cientes, também, de que *O marido da doida* “produção dramática do distinto poeta Sr. Carlos Ferreira<sup>67</sup> era posta em cena em um dos teatros da corte, sobre o qual tem se pronunciado a imprensa inteira de modo tão lisonjeiro como ainda o não vimos em referência a outro qualquer drama” (*A Opinião* – Corumbá, 06/01/1878). Todas essas notícias relativas ao teatro dadas com tanta ênfase pelos jornalistas podem ter exercido influência na fundação e preservação de associações teatrais em Corumbá, que não queriam demonstrar atraso em relação a Cuiabá; ao contrário, almejavam mostrar-se à altura da capital da província para juntas ingressarem no mundo moderno e civilizado como o da corte.

Os grupos de teatro em geral, tanto os da capital como os do interior, possuíam algumas características peculiares que vão sendo delineadas à medida que os anúncios e notas foram lidos, ou seja, por meio dos anúncios pode-se delimitar um perfil das agremiações com suas curiosidades, seus hábitos e costumes. Algumas, por exemplo,

---

<sup>66</sup> **Furtado Coelho** (1831 – 1900) foi adepto confesso do realismo teatral, além de autor, dramaturgo e ensaiador. Começou sua carreira de ator no Rio Grande do Sul, em agosto de 1857 e, em dezembro de 1858, já estava no Rio de Janeiro, contratado como primeiro galã do “Ginásio”. Foi principal rival de João Caetano. Embora sendo defensor do chamado teatro sério, como empresário não pôde manter-se fiel a ele para sempre, recorrendo ao teatro de entretenimento sempre que a situação financeira tornava-se ruim. **Lucinda Simões** foi atriz e esposa de Furtado Coelho, a quem auxiliou, nas décadas de 70 e 80 do século XIX, na montagem das principais peças de Alexandre Dumas Filho, Émile Augier, Victorien Sardou, Octave Feuillet e várias outras, preservando um espaço, no Rio de Janeiro, para o teatro feito com preocupações literárias. Conferir: FÁRIA, op. cit., p. 88 e 165.

<sup>67</sup> **Carlos Ferreira** foi parceiro de Felizardo Júnior, entre 1867 e 1873, em várias peças. Defensor do realismo teatral, expôs essas idéias no prefácio de *O marido da doida*, 1877. Foi, ainda, o tradutor de *Teresa Raquin*, peça de E. Zola – chefe da escola naturalista. Conferir: FÁRIA, op. cit., p. 144.

costumavam restringir as apresentações apenas a seus associados, visto que era pedido “aos senhores sócios de camarote que não consentissem o ingresso de seus filhos ou tutelados no recinto da platéia, a fim de ficar ela somente ocupada pelos respectivos sócios” (*A Liça*<sup>68</sup> – Cuiabá, 20/06/1885); outras permitiam a presença de apenas um agregado, advertindo aos “Srs sócios chefes de família que não lhes é permitido levarem mais de um criado ou criada para seus camarotes” (*A Situação* – Cuiabá, 04/09/18770); a maior parte delas “previne aos senhores sócios que só receberão cadeiras”, devidamente marcadas, até determinado horário (*A Província de Mato Grosso* - Cuiabá, 13/05/1888); outras, ainda, avisam que a disputa pelos melhores lugares seria resolvida por meio de sorteio: “quarta-feira, 3 do vindouro, às 3 horas da tarde, haverá sorteio dos camarotes para o espetáculo do dia 7. Para que não haja reclamações pede-se o comparecimento dos Srs. sócios” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 31/08/1879); e, para maior conforto da platéia, uma delas, por ocasião de sua inauguração, anuncia a vantagem de não ser mais necessário levar água para beber durante o espetáculo - “previne-se as Exmas. famílias que é desnecessário tomarem o incômodo de levarem vasilhas com água, visto haverem em cada corredor dos camarotes uma grande talha e copos para esse fim” (*A Situação* – Cuiabá, dia ilegível/08/1877).

Pelos hábitos levantados, pode-se deduzir que os espetáculos costumavam ser longos, geralmente com início entre sete e oito horas da noite e término depois da meia noite e, muitas vezes, só acontecendo com a chegada da madrugada; que a ausência de cadeiras era suprida pelos associados que, após marcarem nelas seus nomes, as mandavam aos camarotes, no período vespertino, sendo que a retirada delas só poderia ocorrer no dia posterior, evitando, assim, tumultos na hora da saída; que os ingressos eram vendidos nas principais lojas do comércio como, farmácias e livrarias; que, geralmente, havia uma comissão de sócios para receber os ingressos na portaria e uma para acompanhar os associados e suas famílias até seus camarotes e que alguns teatros já começavam a demonstrar preocupação com o bem estar não só de sua platéia como também da sociedade, oferecendo àquela talha com água potável e a esta, espetáculos beneficentes.

Assim, além de ser considerada fonte de diversão e entretenimento para a sociedade mato-grossense, os grupos teatrais também possuíam um lado assistencialista, filantrópico, já que apresentavam, não raras vezes, espetáculos cujo objetivo nada mais era

---

<sup>68</sup> *A Liça* – jornal político e noticioso. Circulou em Cuiabá em 1885.



que o de prestar auxílio a pessoas e instituições necessitadas. Há anúncios, no mínimo curiosos, de espetáculos apresentados em benefício da “simpática e insigne artista a Exma Sra. D. Dolores Dalmad” (*A Liça* - Cuiabá, 27/09/1885); da Santa Casa de Misericórdia (*A Imprensa de Cuyabá*<sup>69</sup> – Cuiabá, 07/01/1864); da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte (*A Imprensa de Cuyabá* – Cuiabá, 17/11/1864); das obras do teatro S. João (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 13/05/1888); dos doentes do Estabelecimento Pio de S. João dos Lázaros, para o qual ninguém poderia se recusar a prestar ajuda “para tão justo e virtuoso fim” (*A Situação* – Cuiabá, 24/05/1875); das (eternas) “vítimas da seca do Norte” (*A Situação* – Cuiabá, 24/07/1877); dos “nossos irmãos de além-mar – os inundados de Portugal” (*A Situação* – Cuiabá, 29/06/1877), dentre muitos outros.

O espetáculo em benefício aos “inundados” de Portugal foi assunto por vários meses em pelo menos três jornais, *O Porvir*<sup>70</sup>, *O Liberal* e o *A Situação*. Este último apenas divulgou a apresentação do drama *O judeu* seguido da comédia *Por causa de um algarismo* (*A Situação* – Cuiabá, 06/07/1877). Nos outros dois, levantou-se uma polêmica em torno do verdadeiro valor angariado pelo espetáculo aos necessitados e várias acusações foram trocadas entre *O Porvir* e *O Liberal*. Enfim, após minuciosa prestação de conta com a discriminação dos gastos, a matéria se encerra com “eis aqui a verdade, que não se comenta. Entregamo-la à apreciação pública” (*O Porvir* – Cuiabá, 30/09/1877).

Quanto aos espetáculos em si, pode-se dizer, pela leitura de alguns programas publicados na íntegra nos jornais, que possuíam praticamente o mesmo esquema de exibição. Em regra, na primeira parte, apresentava-se o Hino Nacional, os discursos das autoridades locais, as recitações de poemas, muitas vezes encomiásticos; na segunda, havia a encenação de um drama; na terceira, de uma comédia e encerrando uma “cena cômica” - o que parecia ser a predileção da platéia -, ou seja, outra comédia. A predominância e preferência do público pelo gênero cômico nas apresentações teatrais não era exclusividade da província de Mato Grosso. Segundo pesquisa realizada por Orna Messer Levin e publicada com o título “O entremez nos palcos e nos folhetos”<sup>71</sup>, isto era uma tendência de época. A pesquisadora nos diz que:

<sup>69</sup> *A Imprensa de Cuiabá* – periódico mercantil e literário. Circulou em Cuiabá no período de 1859/1865.

<sup>70</sup> *O Porvir* – periódico noticioso, recreativo e literário. Circulou em Cuiabá entre 1877/1878.

<sup>71</sup> LEVIN, Orna Messer. “O entremez nos palcos e nos folhetos”. Conferir: ABREU, Márcia e SHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: FAPESP, 2005, p. 413.

Antes de Martins Pena estrear seu *O juiz de paz na roça*, como parte do programa apresentado por João Caetano no Teatro São Pedro, no Rio de Janeiro, a 4 de outubro de 1838, os números leves encenados durante os espetáculos consistiam de entremezes portugueses. Os pequenos atos cômicos destinavam-se a divertir a audiência, subdividindo as partes do programa e finalizando a sessão com bailados e música. Dentro deste esquema de entretenimento, os espetáculos teatrais na corte introduziram uma enorme quantidade de pecinhas portuguesas breves, que disseminaram e popularizaram o gosto pela burla e pela caricatura.”<sup>72</sup>

Não se pode afirmar categoricamente que estas “pecinhas” portuguesas eram encenadas no Mato Grosso, pois não se tem nenhuma delas anunciadas nos jornais. Todavia, o esquema a que a pesquisadora faz menção é muito semelhante aos programas impressos nos jornais locais, principalmente no quesito da fragmentação do espetáculo que chegava a apresentar até doze pequenas peças numa mesma noite, conforme programa transcrito a seguir:

#### Teatro

Dia 5 de abril [de 1863]

1ª. Parte: *A ceia do mágico – O anel viajante – O avô do diabo – As cartas obedientes – O dinheiro feiticeiro – O chapéu mágico*

2ª. Parte: Concerto Musical

3ª. Parte: *A cozinha misteriosa – O dado monstro – O Segredo das Senhoras – O Lenço viajante – A espada diabólica – A fita interminável.*

Principiará às 7 horas. Os bilhetes de camarotes e platéia acham-se à venda no largo do Ipiranga, casa n. 27. <sup>73</sup>

Comumente, a autoria das peças não costumava ser mencionada, a importância maior era dada para o gênero a que ela pertence. No entanto, quando se tratava de autores locais, seus nomes às vezes eram mencionados - “deu fim a todos esses atos a jocosa cena cômica intitulada ‘Um provinciano em apuros’ que foi estreada por seu próprio

---

<sup>72</sup> LEVIN, op. cit., p. 414.

<sup>73</sup> *A Imprensa de Cuiabá* – Cuiabá, 31/03/1863.

autor, o Sr. Eulálio Guimarães. Felicitamos ao Sr. Guimarães pela grande sensação que causou aos espectadores” (*O Porvir* – Cuiabá, 11/09/1877).

Autores já famosos nacionalmente, como Joaquim Manuel de Macedo e Martins Pena, por exemplo, também eram exibidos nos palcos cuiabanos, conforme se pode ver no seguinte anúncio:

Teatro  
Freguesia de Pedro 2.  
Sábado, 28 de julho de 1877.  
Esplêndido e variado espetáculo em benefício das  
vítimas da seca do Norte  
Honrado com a presença de S. Exma. O Sr. General  
Presidente da Província  
Representar-se-á a muito aplaudida ópera em três atos do insigne  
escritor Dr. Joaquim Manoel de Macedo  
*O fantasma branco*  
Segue-se a cena cômica intitulada:  
*O Sr. Domingos fora do sério*  
Terminará o divertimento a interessante e muito engraçada comédia:  
*O juiz de paz na roça*  
O largo do Teatro estará brilhantemente iluminado e embandeirado.  
O pano de boca é pintado de novo e alegórico ao fim a que é dado o espetáculo,  
Entrada geral.....1\$000  
Principiará às 8 horas.<sup>74</sup>

Dois anos depois, Macedo continuava sendo encenado no mesmo local, porém com outra peça: “Na Freguesia de Pedro II, 2. distrito desta Capital, organizou-se uma sociedade particular com a denominação de ‘Progresso Cuiabano’(...) Consta-nos que esta sociedade levará a cena a comédia do exímio literato Dr. Joaquim Manoel de Macedo, *Luxo e vaidade*” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 05/10/1879). A propósito, essa peça, a primeira em que Macedo aproxima-se do modelo realista francês, já havia sido encenada com grande sucesso no teatro Ginásio, no Rio de Janeiro, porém quase vinte anos

<sup>74</sup> *A Situação* – Cuiabá, 24/07/1877.

antes, em 1860<sup>75</sup>. *Juiz de paz da roça* era mais antiga ainda, tendo sido escrita por Martins Pena em 1838. O grande espaço temporal existente entre essas apresentações no Rio de Janeiro e em Cuiabá não era uma constante. Havia, em contrapartida, algumas peças que eram encenadas praticamente ao mesmo tempo em ambos os lugares – caso de *O fantasma branco* e *O novo Otelo*, lançadas por Macedo em 1863 e representadas em Cuiabá em 1864 (*A Imprensa de Cuyabá* – Cuiabá, 17/11/1864).

---

<sup>75</sup> FARIA, op. cit., p. 133.

As mulheres, embora não fossem autoras de peças, também costumavam participar tanto da recitação quanto da encenação nos espetáculos, conforme se vê em “e finalmente pela engraçada jovem Curcina Pitaluga que além do desembaraço de que foi premiada pela natureza, mostrou-se possuída recitando, com ênfase, a sua muito enérgica poesia” (*O Porvir* – Cuiabá, 11/09/1877). Da mesma forma vê-se a atuação feminina em “*O orgulho abatido*, que foi muito bem desempenhado pelos cômicos, especialmente pela Exma. Sra. D. Elvira que fez o papel de Emília” (*O Porvir*, 11/09/1877). Muitos nomes de atrizes e atores amadores são citados nos jornais. Por meio deles pode-se fazer duas observações. A primeira é sobre a participação representativa de mulheres em atividades ligadas ao teatro. Numa época em que elas viviam praticamente reclusas em seus lares, é de se estranhar a aparição dessa quantidade de nomes femininos. A segunda diz respeito ao destaque dado pelos jornalistas ao nome do “distinto amador o Sr. José Corrêa Ribeiro” (*A Província de Mato Grosso*, Cuiabá, 13/05/1888), que inclusive teve sua participação no espetáculo comemorativo ao 21. aniversário da retomada de Corumbá pelas forças brasileiras, intitulado *O matuto* desempenhado pelo Sr. José Corrêa Ribeiro (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 03/06/1888). Entretanto, não se pode confiar totalmente nesses elogios, já que eles, jornalistas, mesmo com os atores sendo amadores, não economizavam amabilidades e galanteios ao corpo cênico dizendo sempre que o desempenho deles encontrava-se acima de qualquer elogio. Para confirmar a regra, encontrou-se apenas uma única observação depreciativa em relação ao teatro e a dois de seus espectadores. Trata-se da informação do jornal *A Situação* – Cuiabá, 02/04/1882 – na qual o jornalista afirma ter assistido as duas representações cômicas que “não estavam lá para que se diga. Vi o Exmo. Sr. Alencastro fazendo o papel de morcego em quase todos os camarotes - vá lá – porque o S. Ex. tem muito bom gosto; mas que o Sr. Agricola, só porque goste da peça sacuda a cabeça em toda a parte, é o que não me parece muito católico”.

De um modo geral, pode-se dizer que na programação das apresentações teatrais publicadas nos anúncios, a comédia estava presente em praticamente todos os espetáculos. Até mesmo naqueles em que algum drama era representado, aparecia uma “cena cômica” como encerramento. Portanto, a maior parte do repertório apresentado nos palcos mato-grossenses era cômica, além de ser escrita e encenada principalmente por amadores pertencentes às diversas associações dramáticas que, muitas vezes, se

apresentavam em comemorações oficiais ou para simples divertimento. Isto não significa dizer que grandes autores de renome nacional, como Joaquim Manuel de Macedo e Martins Pena, também não aparecessem em Mato Grosso. Embora com menor frequência, notou-se ainda a presença de dois dos três principais gêneros do teatro cômico musicado, a opereta e a mágica por meio de importantes companhias, como as da atriz Ismênia dos Santos e Pedro Zavala Kiss, entre outras. Mesmo sendo considerados, pelos críticos mais eruditos, gêneros comerciais, pouco nobres e afastados da literatura, a comédia e suas variantes tinham a preferência maciça do público.

Enfim, é preciso concluir dizendo que, pelas informações colhidas nos jornais, os espetáculos teatrais eram encenados com entusiasmada participação da sociedade cuiabana tanto no palco como na platéia. Como as pessoas menos abastadas não costumavam freqüentar regularmente os teatros, deduz-se que alguns atores eram pessoas pertencentes ao quadro político administrativo, que ocupavam cargos públicos. Esse foi um movimento contrário ao que ocorreu na Europa do século XIX. Lá, conforme relata Hobsbawm<sup>76</sup>, os artistas é que costumavam se inspirar e se envolver nos assuntos públicos.

A participação ativa do público demonstrava o gosto que os mato-grossenses possuíam por um divertimento considerado “tão útil e civilizador, quanto inocente e aprazível”. Todavia, não se pode esquecer que tamanho prestígio também pode estar relacionado às poucas possibilidades de diversão existentes “em uma cidade como esta, que por sua imensa distância da corte e de outros grandes centros populosos do Brasil, se acha por bem dizer privada de muitos prazeres e diversões úteis e agradáveis, que amenizem a vida” (*O Liberal* – Cuiabá, 18/08/1878). A privação de diversões e a distância da corte reclamada pelo jornalista pareciam ser atenuadas, como se viu ao longo desse capítulo, por meio da encenação de algumas peças comuns na corte e na província, algumas quase ao mesmo tempo, outras, muitos anos depois de lançadas. De qualquer modo, isso, evidentemente, não conseguia diminuir a distância geográfica, mas, certamente, abrandava o distanciamento cultural existente entre o Rio de Janeiro da corte e dos primeiros anos da República, lugar privilegiado de formação de opinião pública, e Cuiabá, cidade que ambicionava a expansão de seu universo cultural.

---

<sup>76</sup> HOBBSBAM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 13. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001, p. 278.

### **1.3 Incremento nos livros e nas letras: Gabinete de Leitura, Associação Literária Cuiabana e Clube Literário**

As entidades que focavam os livros (com o acesso e a formação de acervos bibliográficos) e as letras (com a produção de textos), como o Gabinete de Leitura e a Associação Literária Cuiabana, e o Clube Literário, eram um dos assuntos preferidos pelos periódicos, que registravam desde seus acontecimentos mais importantes até os mais corriqueiros.

Uma entidade diretamente relacionada ao mundo da leitura e dos livros que recebeu destaque da mídia mato-grossense foi o Gabinete de Leitura. Estabelecido por iniciativa do governo provincial, sofria, em consequência disso, interferências diretas das autoridades constituídas, o que lhe conferia um caráter oficial. A historiadora Elizabeth Madureira Siqueira<sup>77</sup> possui uma das mais recentes e completas pesquisas realizadas sobre a referida instituição. Por intermédio dela, fica-se sabendo que a província de Mato Grosso, até 1872, data da fundação do Gabinete, não possuía nenhum estabelecimento dessa natureza. Segundo a autora, a idéia da criação de um espaço exclusivamente voltado para a leitura foi de Francisco José Cardoso Júnior, presidente da província, como parte de um conjunto de grandes transformações que deveriam ocorrer na modernização de Cuiabá e da instrução pública, especialmente. Para a concretização desse objetivo, Cardoso Júnior tentou sensibilizar várias personalidades da capital pedindo-lhes, por intermédio de uma carta, apoio e donativos para a instalação da primeira biblioteca pública mato-grossense:

Para a realização de semelhante idéia peço a valorosa coadjuvação de V. Sa. A oferta desde já de livros para o Gabinete será o começo de um grande melhoramento moral. Ao Corpo Legislativo me designei pedindo-lhes os necessários auxílios. Entretanto, bom será que os filhos da província, que os

---

<sup>77</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870 – 1889)*. Cuiabá: INEP/COMPED/EdUFMT, 2000, p. 221 e seguintes.

habitantes dela sejam os primeiros a dar o exemplo. Não é uma coisa nova que se inicia – é uma necessidade geralmente reconhecida e que em quase todos os pontos do Império acha-se vantajosamente provida. O Mato Grosso não deve ficar aquém de suas irmãs no caminho do progresso.<sup>78</sup>

A colaboração dos “filhos da província” era necessária, pois a situação dos cofres públicos não era das melhores, visto que sete anos após a instalação do Gabinete os jornais já anunciavam o desligamento de um de seus funcionários, por medidas econômicas:

“Supressão de emprego”: Por veto de 11 do corrente, e por medida econômica, foi suprimido pelo ex<sup>o</sup>. sr. dr. presidente da província o lugar de encarregado do gabinete de leitura dessa capital que era exercido pelo sr. Virgílio Joaquim Ribeiro.<sup>79</sup>

A dispensa do bibliotecário do Gabinete, Virgílio Joaquim Ribeiro, pode ter sido a causa da prestação de contas do acervo ocorrido em março do mesmo ano, conforme consta no ofício da Inspetoria Geral das Aulas à Presidência da Província, informando sobre o desaparecimento de livros do Gabinete de Leitura, com data de 24 de março de 1879<sup>80</sup>. No ofício, Manuel Gaudie Ley, encarregado do Gabinete, informou ao Inspetor Geral dos Estudos, Pedro de Alcântara Sardemberg, ter recebido o catálogo contendo a lista dos 779 livros encadernados e 546 em brochuras, de diferentes idiomas, bem como a relação com os 18 títulos dos livros desaparecidos, trabalho realizado, segunda consta, pelo ex-bibliotecário Virgílio Joaquim Ribeiro.

Antes disto, os jornais já anunciavam algumas pendengas sobre disputa política envolvendo a instalação do Gabinete de Leitura. *A Situação* e *O Liberal*<sup>81</sup> possuíam posições políticas diferentes e tentavam defender os partidos e os presidentes de província que representavam. Assim, para *O Liberal*, os louvores da instalação do Gabinete cabiam a

---

<sup>78</sup> SIQUEIRA, op. cit., p. 222-3.

<sup>79</sup> *A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 19/01/1879.

<sup>80</sup> SIQUEIRA, op. cit., p. 225.

<sup>81</sup> *O Liberal* – jornal oficial, político e noticioso. Circulou em Cuiabá em 1871-1873/1879-1881/1882.



Miranda Reis, que em 1874 era presidente da província, enquanto que *A Situação* atribuía o feito ao presidente anterior, Francisco José Cardoso Júnior:

O Gabinete de Leitura foi instalado em virtude do Regulamento de 1873 e não pelo de 1872, já por este revogado. Se a redação de *A Situação* quer escurecer este importante serviço do atual administrador, seja franca. Admira-nos que ela se esquecesse do bem trabalhado discurso do Sr. Miranda Reis, ao abrir o Gabinete, ao passo que publica notícia da Corte que nem ao mesmo interessa à curiosidade pública. Esta gente prima pela lealdade.<sup>82</sup>

Todavia, o primeiro regulamento alusivo à criação do Gabinete data de 17 de setembro de 1872 e, em seu artigo 148º., apregoa o seguinte:

Poderá o governo estabelecer no lugar que entender mais apropriado, na capital, um Gabinete de Leitura, formado de livros que forem adquiridos mediante donativos particulares, e mediante compra de outros, compra que será oportunamente resolvida pelo Corpo Legislativo. O Gabinete estará a cargo e sob a responsabilidade da Inspetoria Geral das Aulas que fará observar o regulamento que o governo em tempo baixará<sup>83</sup>.

Na verdade, acredita-se que o Gabinete de Leitura deve ter sido fruto da somatória do esforço de muitas pessoas que, juntamente com algumas instituições, lançaram a idéia, em 1872, que acabou se concretizando com a inauguração ocorrida apenas aproximadamente dois anos depois, em 18 de abril de 1874, na gestão de Miranda Reis<sup>84</sup>.

Outra polêmica registrada, dessa vez com os jornalistas usando os pseudônimos de Fumo (*A Situação*) e Bibliófilo (*O Liberal*), priorizou as ofensas pessoais e políticas em detrimento do assunto da criação de uma biblioteca pública na capital. Fumo acusa Bibliófilo, em artigo anterior, de ofender e insultar a sociedade cuiabana, ao que Bibliófilo responde dizendo que se houve ofensa, esta foi dirigida aos “convivas desta

---

<sup>82</sup> *O Liberal* – Cuiabá, 16/05/1874.

<sup>83</sup> SIQUEIRA, op. cit., p. 222.

<sup>84</sup> Idem, p. 224.

situação burlesca que atualmente banqueteiavam-se à custa das extorsões que fazem ao povo”. Esse jornalista parece se referir ao fato de que grande parte dos donativos de livros para compor o acervo do Gabinete partia do povo - “desta população é que saíram as ofertas de livros para a instalação da biblioteca.”<sup>85</sup> Da discussão, depreende-se que a “preocupação cultural” do governo era vista como um engodo pela oposição, pois, como foi pelo jornalista, quem pagaria a conta era o contribuinte. Portanto, um dos principais problemas existentes para a instalação do Gabinete de Leitura foi realmente o da falta de verbas, isto é, o da ausência de investimentos substanciais à cultura por parte do poder público, deixando a responsabilidade ao povo que, mesmo sem condições financeiras ideais, para ver a concretização de referida empreitada, acabou tendo que ser o contribuinte majoritário.

A comissão inicial designada pelo presidente da província para a arrecadação dos donativos em livros e móveis para o Gabinete sofreu, poucos meses antes da inauguração, algumas alterações, resultando em um outro comitê. Em nota, o redator de *O Liberal* critica o ritmo lento das atividades até então desenvolvidas pela comissão anterior e cobra, da atual, maior empenho na tarefa de viabilizar o funcionamento do Gabinete. Aproveita para dizer ao governo imperial que a ocasião mostra-se propícia para que ele dê provas de que deseja realmente uma instrução pública de qualidade, de que suas palavras não são novos meios de simplesmente iludir a opinião pública. E conclui de forma incisiva:

Um gabinete com livros sem importância, restos de livrarias particulares onde as diferentes classes não encontram a instrução que necessitam é sem préstimo algum para a grande obra da instrução pública. Fazemos justiça aos bons e sinceros desejos do atual administrador e esperamos que auxiliará eficazmente a comissão.<sup>86</sup>

A crítica à reunião de pessoas pertencentes a classes sociais mais abastadas, no intuito de formar comissões em prol de fundação das primeiras bibliotecas mato-grossenses, pode ser confirmada pela leitura de um artigo intitulado “E a nossa biblioteca?”, publicado em *A Opinião*<sup>87</sup>, do interior da província, que cobrava de “alguns

<sup>85</sup> *O Liberal* – Cuiabá, 23/01/1874.

<sup>86</sup> *O Liberal* – Cuiabá, 25/12/1873.

<sup>87</sup> *A Opinião* – periódico literário e noticioso. Circulou em Corumbá de 1878/1880.

cavalheiros” o resultado de uma reunião realizada há “seguramente” um ano, sobre a fundação de um Gabinete de Leitura em Corumbá. De forma irônica, o jornalista conta que a reunião, para a qual não foi convidado, foi realizada na casa da câmara municipal, contou com ata, eleição, inscrição de nomes etc. O encontro, nas palavras do jornalista, foi realizado à noite, com “aparência de sessão maçônica”. O ar de gravidade e o silêncio dos convidados davam à reunião um aspecto fúnebre ou de “academia dos silenciosos”. Poucas palavras foram ditas pelo presidente da reunião “à luz tibia de diversas velas de estearina, ao mesmo tempo em que uma coruja pousada no telhado da casa, soltava uma gargalhada estridente, como que prognosticando o mau fim da coisa, ou como quem não a toma ao sério”. Depois dessa descrição sarcástica, o jornalista manifestou seu desapontamento pela não concretização do projeto e pede que o assunto seja novamente trazido à tona, visto que a comissão mostrava-se encabeçada por “pessoas de algum prestígio e influência” e a vinda de livros e bibliotecas era muito importante para a conscientização do povo enquanto força política: “venham os livros, venham as bibliotecas, que só assim teremos o povo” (*A Opinião* – Corumbá, 21/03/1878).

Descontando-se o ciúme do jornalista pelo fato de não ter sido convidado para a reunião, as palavras dele mostram que apenas um grupo restrito de “pessoas de algum prestígio e influência” teve acesso ao encontro. Nessa primeira discussão, não houve, portanto, participação de pessoas pertencentes à classe popular, que seria lembrada posteriormente, tal qual em Cuiabá, apenas para colaborar com donativos.

A fundação do Clube Literário - 1882 - foi amplamente noticiada pelos jornais *A Situação*<sup>88</sup> e *A Província de Mato Grosso*, ambos de 19/03/1882. O primeiro traz extensa matéria de primeira página sobre a “festa da instalação” da aludida agremiação, que contou com música e uma “bem enfeitada girândola de fogos”. A notícia comenta, ainda, o constrangimento causado pela ausência do Sr. Presidente da Província que havia, anteriormente, prometido comparecer ao evento e, alegando-se “ocupado com muitas famílias que o tinham ido visitar”, não cumprira a promessa. A ausência causou descontentamento de todos e boa parte do tempo destinado à inauguração do clube foi gasto numa contenda entre alguns de seus membros, que debatiam sobre a possibilidade de se enviar ou não uma mensagem ao presidente provincial demonstrando o pesar causado pelo

---

<sup>88</sup> *A Situação* – jornal oficial, político e literário. Circulou em Cuiabá nos seguintes períodos: 1869-1871/1878-1881/1882-1884/1887.

não comparecimento da referida autoridade. Depois de muita discussão sobre o assunto, optou-se pelo silêncio. Após a superação do incidente, os trabalhos tiveram continuidade. Procedeu-se à admissão de alguns sócios e à discussão sobre a publicação de produtos literários do Clube.

O segundo, *A Província de Mato Grosso*, apresentou o mesmo assunto, porém de forma mais objetiva, informando que a festividade teve a participação de muitos cidadãos da sociedade cuiabana e contou com a presença de uma banda de música no local decorado apropriadamente para o evento. Além do presidente da sociedade, Reverendo José Félix Bandeira, e de seu orador, Antônio Vieira Néri, outros sócios leram seus discursos relativos ao ato. O encerramento da notícia incumbe-se de anunciar o objetivo do Clube de “estabelecer palestras literárias bimensalmente, sendo a sua marcha pontos propostos ou indicados previamente pelos sócios que quiserem dissertar; publicar quinzenalmente uma Revista, que compreenderá todos os seus trabalhos e artigos literários” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 19/03/1882).

Numa época em que havia dificuldade de publicação e divulgação de textos devido, principalmente, à inexistência de editoras, os sócios do Clube Literário pareciam sedentos por verem os seus publicados, pois o lançamento do primeiro número da Revista da entidade ocorreu um mês após a fundação e foi assunto, novamente, nos mesmos jornais. *A Província de Mato Grosso* via a publicação da Revista como um importante subsídio para a formação de “uma plêiade de jovens talentosos e amantes das letras” que deveriam seguir “avante, pois, os jovens sócios do Clube Literário, e seus esforços serão assinalados pelo feliz êxito do seu nobre desiderato” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 26/04/1882); *A Situação* anunciava a concretização de parte dos objetivos propostos pelo clube, ou seja, o da apresentação da palestra do orador Antônio Néri com a tese “Aristóteles será a encarnação do sensualismo pregado por Epicuro?”, sendo que a discussão posterior que deveria ocorrer entre os sócios já contava com a inscrição de três deles, Pe. Félix Bandeira, Pe. Bento da Luz e Tomé Ribeiro (*A Situação* – Cuiabá, 02/04/1882).

Esse Clube Literário, mesmo tendo surgido muito tempo depois, apresentava-se bastante semelhante às Academias existentes no Brasil do período colonial.

Na Academia Brasílica dos Esquecidos<sup>89</sup>, como em outras contemporâneas a ela, pode-se encontrar muito do que os jornais trouxeram a respeito do Clube Literário. Entre tantas outras, há semelhança quanto ao objetivo da Academia dos Esquecidos (que era o de “dar a conhecer os talentos que nesta província florescem, e por falta de exercício literário estavam desconhecidos”)<sup>90</sup>; quanto ao sistema de proposição de temas a serem desenvolvidos e apresentados em palestras (como “Quem mostrou amar mais fielmente, Clície ao sol, ou Endimião à lua?” ou “Uma dama que sendo formosa não falava por não demonstrar a falta que tinha de dentes”)<sup>91</sup>; quanto à classe social e profissão dos membros que as constituíam (padres, militares e magistrados) e quanto à coincidência da preocupação com a erudição e desejo de espalhar o saber. Como se percebe, há um interesse geral nos debates promovidos pelo Clube, assim como há preocupação em descobrir talentos, em desvelar sentimentos humanos comuns e em discutir poeticamente os fenômenos naturais.

Além do comprometimento dos sócios, o Clube Literário também contava com total apoio da imprensa para a divulgação de suas atividades, chegando ela a ceder várias de suas páginas para a publicação integral de seu estatuto. Infelizmente, nos seis capítulos e quarenta e três artigos que compõem a normatização do Clube, não se faz nenhum tipo de referência à leitura. As regras encontram-se mais voltadas para a definição e competência de cada cargo, para a responsabilidade financeira dos sócios etc (*A Província de Mato Grosso – Cuiabá*, 16/04/1882).

Restrito a uma diminuta classe social, apesar de publicar a primeira edição da Revista com 250 exemplares, o Clube Literário, por sua maneira de ser, acabava por reforçar a estrutura vigente de dominação cultural. No entanto, uma pequena quebra nestes padrões pôde ser entrevista no registro da existência, em Corumbá, de um Clube Literário dos Escravos<sup>92</sup>, infelizmente com poucos dados a serem explorados.

Enquanto o Clube Literário tinha como principais propósitos o oferecimento, aos seus associados, de um lugar apropriado para a discussão dos mais

---

<sup>89</sup> A Academia Brasílica dos Esquecidos foi fundada na Bahia, em 1724, pelo vice-rei do Brasil Vasco Fernandes César de Meneses. Conferir: CASTELO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: Manifestações literárias da era colonial (1500-1808/1836)*. São Paulo: Cultrix, 1962, p. 95.

<sup>90</sup> Idem, *ibid.*

<sup>91</sup> Idem, p. 96.

<sup>92</sup> Assunto tratado no item 1.1 Rede de associações culturais em Mato Grosso dos oitocentos, neste mesmo capítulo.

variados debates intelectuais e a garantia, aos talentos locais, da oportunidade rara de publicação de seus textos em uma revista bimensal, havia uma outra entidade, Associação Literária Cuiabana, cujo objetivo principal era a fundação de uma biblioteca particular para seus associados, que seriam os responsáveis pelo pagamento de jôia e mensalidade para a aquisição dos livros. Tal instituição é estudada com propriedade por Carlos e Neuza Rosa, em 1975, num livro pioneiro cujo principal assunto é a história do livro em Cuiabá<sup>93</sup>. É deles a informação de que a Associação Literária Cuiabana surgiu, inicialmente, como Clube Instrução e Recreio, em 20 de junho de 1883, assim como a listagem contendo o nome de trinta e quatro dos primeiros sócios, comentários sobre os estatutos impressos na afamada Tipografia Universal de Laemmert & Cia, em 1885.

A Associação Literária Cuiabana, em comparação com as demais, teve vida longa. Durou 41 anos (1883 – 1924) e gozou de prestígio, visto que se encontram nos periódicos mato-grossenses várias notas sobre ela. *A Tribuna*<sup>94</sup>, por exemplo, por mais de dois anos trouxe dados regulares de suas atividades. Informações que variavam desde uma simples nota, contendo os nomes dos componentes de uma nova diretoria, até importantes notificações de compra e doação de livros feitas por associados, por anônimos ou por livreiros. Da somatória destas doações anunciadas parceladamente pelo jornal, foi possível construir a seguinte lista, contendo o nome do doador, o título da obra e a data de publicação no jornal:

Doador: Exmo. Sr. Dr. Joaquim Galdino Pimentel

- Tese de concurso à cadeira de ciências físicas e matemáticas –
- Lições de mecânica celeste
- Lições de física matemática
- Programa para os exames de preparatórios
- O jardim infantil – relatório apresentado ao governo pelo Dr. Souza Bandeira Filho (*A Tribuna* – Cuiabá, 24/12/1885)

Doador: Sr. Alferes José Martins de Figueiredo

- *Mulheres de Bronze* – Xavier de Montepin
- Guia postal do Império do Brasil – doado pelo Sr. Administrador dos Correios
- Almanaque da guerra – por um anônimo (*A Tribuna* – Cuiabá, 31/12/1885)

<sup>93</sup> ROSA, Carlos e ROSA Neuza. *Do indivíduo ao grupo: para uma história do livro em Cuiabá*. Cuiabá: Empresa Gráfica Correio da Imprensa, 1975, p. 43.

<sup>94</sup> *A Tribuna* – jornal dedicado aos interesses morais e materiais da província. Circulou em Cuiabá de 1885/1890.

Doador: Capitão José Magno da Silva Pereira

- *La société et les Gouvernements de L'Europe* por M. Capefigue (*A Tribuna* – Cuiabá, 07/12/1885)

Doador: Sr. Dr. Antônio Gonçalves de Carvalho

- *Versos* por Mericano – um folheto
- O paraíso e a Pery pelo mesmo – 1 folheto
- *Hippean – Instrutiva publique em Prussie*
- *Histoire de Manon Lescaut* – Prevost
- *Pictoe et Lecoite*
- Manual d'agricultura
- *La femme et l'éducation* – Barrau (*A Tribuna* - Cuiabá, 15/04/1886)

Doador: Srs. A. T. Aquino Correa & Comp.

- *Dicionário de Educação e ensino de Campagne* – 20 fascículos (*A Tribuna* – Cuiabá, 15/04/1886)

Doador: Sr. João Manoel Gonçalves dos Santos

- A Bíblia Sagrada por Antônio Pereira de Figueiredo (*A Tribuna* – Cuiabá, 15/04/1886)

Por compra:

- *Obras póstumas* de G. Dias – 6 volumes
- *Moicanos de Paris* de A. Dumas 12 volumes encadernados em 6 (*A Tribuna* – Cuiabá, 13/08/1886)

Doador: Srs. Laemmert & Comp.

- *D. Branca* por Garret
- *Rio do quarto* por Macedo
- *Escavações poéticas* por Castilho
- *Thereza Dunoyer* por Eugênio Sue
- *Três bofetadas* sem autor (*A Tribuna* – Cuiabá, 13/08/1886)

Doador: Sr. Jorge de Veneza Campos

- *O bobo* por A. Herculano (*A Tribuna* – Cuiabá, 13/08/1886)

Doador: Capitão José Magno da Silva Pereira

- *Jerusalém libertada* drama por Artur de Azevedo
- Relatório apresentado ao presidente de Pernambuco – 1 folheto
- Notícias sobre a agricultura no Brasil pelo Dr. N.J. Moreira – 1 folheto
- Relatório sobre as colônias de Santa Catarina

- Relatório sobre as colônias da Bahia
- Relatório da Comissão de exposição de Viena d'Áustria
- Relatório sobre a pintura e estatuária por França Júnior
- Catálogo dos produtos naturais e industriais da Província do Rio de Janeiro
- Parecer e projeto de Lei sobre o Elemento Servil (*A Tribuna* – Cuiabá, 13/08/1886)

Doador: Capitão João Francisco da Rocha

- *Os três mosqueteiros* por A. Dumas
- *Escolhidos e réprobos* por Emílio Souvestre
- *Eulália ou a filha do general* por J. M. da Silva Vieira
- *João Diabo* por P. Firal
- *A Herança misteriosa* por P. du Terrail
- *Ressurreição de rocambole* por P. du Terrail
- *Novo método* por Pereira
- *Manual do agricultor*
- *Coleção de santas orações* (*A Tribuna* – Cuiabá, 27/08/1887)

Doador: Joaquim Francisco de Matos

- *Instrução de cerimônias*
- *Resumo da história da igreja* (*A Tribuna* – Cuiabá, 27/10/1887)

Doador: Secretaria do governo da província de Mato Grosso

- Coleção das leis do império do Brasil (1882 ) 2 v. br.
- Dito das decisões do governo (1882) 1 vol. br.
- Relatório apresentado pelo ministério do Império, 1 vol. br.
- Relatório apresentado pelo ministério da Guerra (1886) 1 vol. br.
- Relatório apresentado pelo ministério da Agricultura (1886)<sup>95</sup> 1 vol. br. (*A Tribuna* Cuiabá, 30/09/1886)

Por meio dessa lista pode-se ter uma idéia, ainda que muito geral, de quem eram os principais doadores de livros para a Associação Literária Cuiabana, que tipo de livro encontrava-se à disposição de seus associados e a provável leitura feita por eles. O rol dos doadores era composto por cidadãos da alta sociedade cuiabana, que às vezes faziam questão de permanecer anônimos, não se sabe se por modéstia ou por vergonha da simplicidade da doação; por escritores, caso do poeta Antônio Gonçalves de Carvalho, ofertando seu próprio livro com o pseudônimo de Mericano; por militares de altas e médias

<sup>95</sup> Esta é apenas parte da extensa relação dos relatórios provinciais transcrita pelo jornal. Número suficiente para se poder afirmar que o acervo da Associação Literária Cuiabana também era composto por documentos do governo, tais como relatórios e leis provinciais.



patentes, como capitães e alferes; por donos de livraria, como o proprietário da Casa A. T. Aquino Correa que, além de doar, também deveria vender livros à associação; por livreiros-editores bem sucedidos e radicados no Rio de Janeiro, como Laemmert, que também doava e vendia livros, visto que o único registro de compra da biblioteca é de sua livraria, embora tenha doado cinco títulos e vendido apenas dois, as *Obras póstumas* de G. Dias e *Moicanos de Paris*<sup>96</sup>.

Além dos livros, chegavam doações de jornais para o acervo da biblioteca da Associação de todos os cantos do Brasil - do Rio de Janeiro, *O Jornal do Comércio*, *A Estação*, *Diário Oficial*, *A Pátria*, *o Progressista*; de Goiás, *Correio Oficial*; de Minas, *O Liberal mineiro*; do Maranhão, *A Pacotilha*; do Ceará, *Constituição*; do Paraná, *Livre Paraná*; do Rio Grande do Sul, *Federação*; de Santa Catarina, *Jornal do Comércio (A Tribuna* – Cuiabá, 15/07/1886).

Apenas a relação das doações não fornece informações suficientes para se formar uma idéia do gosto e dos hábitos de leitura dos aproximadamente trezentos leitores que durante um mês costumavam frequentar a Associação<sup>97</sup>, mas ela informa, por exemplo, que os leitores tinham à disposição no acervo da biblioteca, além dos documentos e relatórios oficiais e dos jornais de todos os cantos do Brasil, vários romances de autores nacionais e estrangeiros - apenas franceses - alguns escritos em língua francesa, assim como livros sobre religião, poesia, uns técnicos, outros didáticos - de Mecânica, Física, Matemática etc.

Mereceu destaque de dois representativos jornais da época, a doação em dinheiro da quantia de 50\$000 mil réis feita pelo Sr. Manuel da Silva Monteiro, “distinto comerciante da cidade de Pelotas”, quando em visita àquela instituição (*A Província de Mato Grosso* e *A Tribuna*, ambos de Cuiabá, 29/07/1888 e 26/07/1888, respectivamente). Para se ter uma idéia do que representava a referida quantia, basta compará-la a outros bens, culturais ou não, vendidos em três dos principais estabelecimentos comerciais de Cuiabá, na década de 80 daquele século. Na loja Ao Bom Gosto, casa com cinco portas,

---

<sup>96</sup> É de se estranhar a ausência do nome do livreiro-editor Garnier na relação dos doadores, pois, assim como seu maior concorrente Laemmert, também enviava livros gratuitamente aos jornalistas mato-grossenses.

<sup>97</sup> No jornal *A Tribuna*, há duas notas sobre a frequência de usuários da Associação. Uma informando que “durante o mês findo foi a biblioteca da associação visitada por 329 pessoas” e a outra que “a biblioteca desta associação foi frequentada durante o mês de julho último por 300 pessoas”. *A Tribuna* – Cuiabá, 26/7/1888 e 16/08/1888, respectivamente.

situada no Largo da Sé, de propriedade de Cícero de Sá, um relógio de níquel, descoberto, moderno, com cadeias custava 26\$000 réis, um chapéu de veludo de cores para criança, 4\$500 réis e um par de botinas pretas de duraque para senhoras de 4\$000 a 8\$000 réis, isto apenas em vendas a dinheiro (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 28/03/1886). Na casa importadora do Srs. Firmo & Ponce, podia-se comprar uma caixa de charutos paraguaios por 1\$500 réis e uma botelha [garrafa] de *ginger alle* por \$500 réis (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 07/10/1888). Os bens culturais, como livros, por exemplo, eram encontrados na Casa A. T. Aquino Correa pelos mais variados preços. Os romances de Alexandre Dumas “ornado em estampas”, como *A dama das camélias*, eram vendidos por 4\$000 réis, enquanto os quatro volumes de *O conde de Monte Cristo* saíam por 12\$000 réis. Os de José de Alencar, como *Iracema*, por exemplo, por 3\$000 réis um volume em brochura ou 5\$000, se fosse encadernado (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 02/07/1882). Portanto, o destaque dado pelos jornais para a doação do Sr. Manoel da Silva Monteiro deve ter sido causado pelo inusitado da doação feita em dinheiro e não pela quantia, pois os 50\$000 réis, como se viu, poderiam ser facilmente gastos, pelo distinto visitante de Pelotas, na compra de apenas quatro coleções de *O conde de Monte Cristo* e, de quebra, ele ainda poderia comprar uma caixa de charutos paraguaios e a “botelha” de *ginger alle*, “a agradabilíssima bebida da estação”, útil para suavizar o forte calor que o gaúcho deveria estar sentindo em Cuiabá.

Especulações à parte, o acervo da Associação, nos últimos anos do século XIX e ainda nos primeiros do XX, prestou contribuições relevantes para a formação de novos leitores, conforme se pode ler em depoimento de um deles, o então jovem José de Mesquita, revelando que sua iniciação literária foi feita precocemente, aos 12 anos, nesta instituição:

Lembra-me, como se fosse ontem. Íamos, à noite, pelas sete horas, trocar os livros já lidos por outros. Na meia sombra daquele canto de rua, com um acentuado aspecto colonial, em que um lampião de querosene punha sua claridade baça, destacava-se, imenso para a minha imaginação juvenil, o salão da Biblioteca. Aquelas sortidas noturnas, no recolhido ambiente da Cuiabá de antanho, tinham para mim o mistério velado de uma aventura. Às vezes, encontrávamos ainda fechado o salão e era preciso esperar a chegada do porteiro, o velho João

Augustinho Martins, por antonomásia o *Candimba*. O que li, ou melhor, devorei com esse apetite insaciável da adolescência, durante os dois anos ou três em que fomos assinantes da Associação Literária! Todo Macedo, Alencar, Dumas, Montepia, Ponson, Escrich, para falar somente nos de maior vulto, passaram-me pelas vistas e pela imaginação enfebrecida... e através das páginas do “Moço Loiro” ou das “Minas de Prata”, do “Moicanos de Paris” ou do “Cura da Aldeia” eu ia, menino e moço, desvendando os arcanos da vida e criando na minha mente os ideais românticos que lhe formam o substrato e nunca mais me abandonariam no resto da existência...<sup>98</sup>

Assim, a Associação Literária Cuiabana foi uma entidade que desempenhou papel importante para o desenvolvimento da cultura da capital de Mato Grosso, conseguindo permanecer ativa por mais de quarenta anos, como já dito anteriormente, graças, inclusive, à generosidade dos donativos feitos pelos cidadãos cuiabanos. O encerramento de suas atividades também foi marcado por uma doação, só que, desta vez, pela doação dela mesma, de seu acervo, em 1924, para o Centro Mato-Grossense de Letras<sup>99</sup> que mais tarde passaria a ser a Academia Mato-Grossense de Letras, existente até os dias de hoje<sup>100</sup>.

Num período de grande dificuldade de acesso à publicação e divulgação de textos literários ocasionada pela ausência de editoras e/ou pela dificuldade financeira dos autores, os amantes das letras viam o *Clube Literário* como uma possibilidade ímpar de materialização do desejo de difusão de suas idéias assim como os amantes dos livros, igualmente sedentos por acesso a uma biblioteca, onde pudessem lê-los, tinham na *Associação Literária Cuiabana* e no *Gabinete de Leitura* possibilidades da realização desse sonho. Portanto, estas três agremiações, respeitando-se suas limitações, próprias da época e

---

<sup>98</sup> MESQUITA, José de. *A Academia Mato-Grossense de Letras – Suas origens – Sua atuação – Necessidade e oportunidade da Federação das Academias*. Rio de Janeiro: Revista da Cultura. Ano X, n. 115, p. 6-7, 1936.

<sup>99</sup> ROSA, op. cit., p. 51.

<sup>100</sup> Em 1944, José de Mesquita e Firmo Rodrigues, com o auxílio de Rubens de Mendonça para a classificação das obras, tiveram a idéia de organizar uma “Estante Mato-Grossense” constituída de obras de autores ou assuntos de Mato Grosso existentes na Biblioteca da Casa Barão de Melgaço e pertencentes ao Instituto Histórico de Mato Grosso e à Academia Mato-grossense de Letras. Segundo os organizadores, o trabalho de arranjo resultou em um catálogo, dividido por assuntos. A quase totalidade das obras enumeradas neste catálogo foi publicada nas primeiras décadas do século XX, motivo pelo qual não foram particularizadas neste estudo.

do local, contribuíram sobremaneira para o fortalecimento de uma estimulante atmosfera literária e cultural para os mato-grossenses.

#### 1.4 Livrarias, livros, livreiros-editores em terras mato-grossenses

Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *A leitura rarefeita*<sup>101</sup>, ao se referirem à chegada, no Rio de Janeiro em 1844, de Baptiste Louis Garnier, caçula de uma família bastante acostumada com o comércio de livros na França, fazem referência a uma prática comum nas livrarias daquela época, a venda de livros junto à heterogeneidade de outros produtos. Segundo as autoras, “dois anos depois, [B. L. Garnier] abre uma livraria onde, seguindo a tradição, as obras coexistem com pílulas e bengalas.”<sup>102</sup>

Da mesma forma, os primeiros pontos de venda de livros da província de Mato Grosso também não podiam depender exclusivamente da venda de livros para sobreviver. Na grande maioria dos jornais lidos, encontram-se anúncios de estabelecimentos comerciais vendendo grande variedade de artigos importados juntamente com livros. Um dos primeiros registrados aparece em *A Imprensa de Cuyaba* - de 09/09/1860, em cujo anúncio pode-se ler:

Martin Guilherme faz saber a seus amigos e fregueses, que acaba de receber um grande e variado sortimento de fazendas francesas e inglesas, (...) assim como um lindo e variado sortimento de objetos de armarinho e perfumarias, ferragens, louças e molhados. (...) Além do que está acima mencionado tem máquinas de costura da melhor invenção, quantidade de ferro Sueco, aço de Milão, cobre em chapas e tachos de cobre de duas arrobas para menos, e objetos de cozinha de ferro fundido e batido. (...) Acham-se igualmente os livros abaixo mencionados, dicionário francês e português de Constancio, seletas latinas, gramática francesa (Sevene) Degrange escrituração por partidas dobradas, Burnier escrituração singela, Souza Pinto direito cambial, segredos do futuro, dicionário geográfico do Brasil,

---

<sup>101</sup> LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita*: livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>102</sup> Idem, p. 145.

cartilhas, folhinhas, catecismos de Montpellier, Plutarco da Mocidade, Método fácil de aprender a ler, Romances, Castello de Alberte, Cemitério, do pero Lachese, Anjo Demônio, Companheiros do Silêncio. Vende-se por atacado e varejo por preços razoáveis na rua do Comércio n. 33.

Levando-se em consideração os anúncios dos jornais, Martin Guilherme foi um dos primeiros comerciantes cuiabanos a trabalhar com a venda de livros em estabelecimento comercial. Como se vê no anúncio transcrito acima, ainda nos anos sessenta, período que antecedeu a efervescência cultural marcada pelo final da Guerra do Paraguai, este comerciante francês, radicado em Cuiabá, já trazia livros para serem vendidos em sua loja, a Martin Guilherme & Cia. Os destacados por ele, embora com dados incompletos, mostram que a prioridade era dada aos livros didáticos como dicionários, gramáticas, cartilhas etc. Seguidos, em número menor, apenas quatro, pelos romances. Como o nome dos autores não foi citado, fica difícil obter dados a respeito deles. Sabe-se apenas que há uma coincidência de nomes entre o “*Cemitério, do pero Lachese*”, e a existência real do cemitério francês, fundado em 1804, Cimetière du Père Lachaise, local onde estão enterradas as maiores celebridades do mundo das artes. Assim, “pero Lachese” não é o nome do autor do romance, mas sim o de um jesuíta com quem o rei Luís XIV costumava se confessar<sup>103</sup>. E, finalmente, o registro da presença de apenas um único livro de cunho religioso, Catecismos de Montpellier. Fato que causa algum estranhamento, visto que os livros, que tinham religião como tema, costumavam ser dos mais procurados pelos leitores.

Em 1877, motivado pela isenção fiscal, concedida pelo governo imperial aos bens de consumo importados pela província, Martin Guilherme continuava dono de importadora, sendo responsável pelo envio da primeira amostra de látex mato-grossense a Paris, onde estabeleceu inúmeras transações financeiras de compra, venda e representação do capital externo<sup>104</sup>. No torna viagem, o comerciante trazia vários artigos, pode-se pensar inclusive na importação de livros. Onze anos depois, Martin Guilherme ainda continuava fazendo propaganda de seu estabelecimento comercial nos jornais<sup>105</sup>. Mas, infelizmente, não se pode afirmar que ele tenha continuado a vender livros ininterruptamente desde a

<sup>103</sup> Informações disponível em < <http://história.abril.com.br> >. Acesso em 26 fev. 2006.

<sup>104</sup> REYNALDO, Ney Iared, *Comércio e navegação no Rio Paraguai (1870 – 1940)*. Cuiabá: EdUFMT, 2004, p. 138.

<sup>105</sup> Em 10/06/1888, há um anúncio em *A Província de Mato Grosso*, que informa que Martin Guilherme era dono da Loja das Variedades, situada na rua 1. de março, 12.

década de 60, porque eles não apareciam mais na relação das mercadorias. Não se sabe se pelo fato de ele não tê-los mais para serem vendidos ou se foram apenas excluídos dos comerciais e continuavam nas prateleiras da loja.

Nos anos 70 do século XIX, os jornais da capital apresentaram mais dois anúncios contendo livros, um da casa Ao Bom Gosto e outro da Casa A. T. Aquino Correa. A loja Ao Bom Gosto encontrava-se situada no Largo da Sé, Casa de Sotéa, em Cuiabá e em seu anúncio, de página inteira, divulgava seu sortimento de livros em vários gêneros, como “Dicionário Português Francês, e vice-versa, por Roquete, Gramática francesa – Sévène, Guia de Conversação, Manual enciclopédico, Telêmaco, Dicionário da Língua Portuguesa por Roquete, 2 volumes, Manual do sistema métrico, Novo Método de aprender a ler, Livro de Leitura, Cartas para Principiantes, Coleção de traslados”, além de “Papel bordado e envelope rendados e tinta preta inglesa legítima (fora violeta!)” (*O Liberal* – Cuiabá, 05/02/1875). Com exceção de *Telêmaco*<sup>106</sup>, romance escrito pelo francês François de Salignac de la Mothe-Fénelon, as demais obras são todas utilizadas para fins didáticos. A preferência pela gramática e pelo dicionário de francês encontra-se associada ao domínio que a cultura e a língua francesas exerciam não só em Mato Grosso, como em todo o Brasil<sup>107</sup>.

A Casa A. T. Aquino Correa teve grande parte de sua existência registrada principalmente pelo jornal *A Província de Mato Grosso*, assim como seu proprietário, Antônio Thomaz Aquino Correa Júnior, comerciante possuidor de grande prestígio na sociedade cuiabana, cujo nome aparecia com certa regularidade nas páginas dos jornais. Ora recebia os cumprimentos pelo aniversário: “A primeiro do corrente completou mais um ano de idade o distinto e honrado negociante desta praça o Sr. Antônio Tomás de Aquino Júnior (...). Por nossa parte cumprimos o grato dever de cumprimentar a tão distinto cavalheiro” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 07/10/1888); ora comunicava mudança de endereço: “Antônio Tomás de Aquino Correa Júnior avisa aos seus amigos e fregueses que mudou de residência para a Rua Direita n. 32 onde continua a estar à disposição dos

---

<sup>106</sup> Em entrevista dada a Luiz Sugimoto, no Jornal da Unicamp, em versão pdf, Márcia Abreu elucida que, *Aventuras de Telêmaco*, “realizou o sonho impossível do escritor contemporâneo: manter-se no topo da lista de *best-sellers* por mais de 100 anos, não só em seu próprio país, mas até mesmo em terras à época longínquas, como o Brasil.” [Jornal da Unicamp, versão em pdf, edição 347, de 11 a 17 de dezembro de 2006].

<sup>107</sup> A loja “Ao Bom Gosto” parece ter tido vida longa, pois Cícero de Sá, seu proprietário, continuava fazendo propaganda dela, ainda que não de seus livros, em 01/07/1888, em *A Província de Mato Grosso*.

mesmos” (*O Popular* – Cuiabá, 24/10/1868); ora apresentava-se como hábil consertador de objetos: “o abaixo assinado conserta relógios de algibeira, de mesa e de parede, máquinas de costura, caixas de música, realejos, *harmoniums* e pianos, (...) em sua chácara à margem do Cuiabá” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 07/10/1888); ora como doador de livros para a Associação Literária Cuiabana (*A Tribuna* – Cuiabá, 15/04/1886).

Empreendedor, em 1875, Aquino Correa adquiriu “uma prensa, tipos de diversos caracteres” e uma máquina de aparar papel, com o objetivo de atender aos clientes na confecção de convites, cartões, folhetos etc. Esta nova aquisição veio complementar as atividades desenvolvidas por sua Casa possuidora de “sortimento comum, muitas especialidades recomendáveis e uma livraria bem sortida de obras de jurisprudência, medicina, instrução, religião etc. Recebe assinaturas para o *Jornal das Famílias* e encarrega-se de qualquer encomenda para o Rio de Janeiro e para a Europa” (*A Situação* – Cuiabá, 11/10/1875). Essa livraria “bem sortida”, segundo o anúncio, fez, certa vez, a doação para a Associação Literária Cuiabana de 20 fascículos do *Dicionário de Educação e ensino de Campagne* (*A Tribuna* – Cuiabá, 15/04/1886). Como se viu no capítulo anterior, o acervo dessa instituição era formado por livros doados e comprados. Aquino Correa além de doar é provável que também vendesse alguns exemplares para aquela associação. Uma outra estratégia utilizada por ele para vender livros aos leitores cuiabanos era por meio da divulgação nos jornais de listas contendo os títulos das obras com seus respectivos preços. Assim é que, no período de novembro de 1881 a dezembro de 1882, ele publicou semanalmente no jornal *A Província de Mato Grosso*, diversas relações de livros e da somatória delas resultou um catálogo com quase 600 títulos<sup>108</sup>.

Apesar do modo como as obras foram categorizadas, é possível verificar que elas se mostram bastante variadas. Entre os assuntos contemplados, encontram-se Direito, legislação civil e eclesiástica com 79 títulos, religião e moral com 66 títulos, Medicina, cirurgia com sete títulos, educação e ensino, clássicos com 168 títulos e literatura, romance, História, poesia etc com 269 títulos. Com algumas exceções, os livros foram apresentados

---

<sup>108</sup> Este número é aproximado porque existem alguns hiatos entre os números de *A Província de Mato Grosso* e também porque alguns dos títulos e dos autores não se encontram legíveis por causa do mau estado de conservação do jornal. No entanto, as quase 600 obras oferecem informações relevantes para se ter uma idéia de alguns dos livros que se encontravam à disposição do leitor mato-grossense e que, provavelmente, eram lidos por ele.

nesta seqüência de categorias tendo, vez por outra, alguns fora de lugar, como uma obra didática, uma cartilha, junto com livros religiosos etc.

O catálogo teve início com a apresentação de uma relação de obras sobre Direito e legislação civil e eclesiástica correspondente a 13,4% do total, número próximo dos 11,4% de livros de religião e moral, que só perdem para os de Medicina, cirurgia, com apenas 1,2%. É curioso notar que entre as obras de Medicina, cirurgia, existe uma, *Consultor homeopático das famílias*, que não é direcionada aos médicos, mas sim às famílias, que na ausência ou escassez deles podia se valer do referido livro como forma de resolver, ou ao menos atenuar, problemas com a saúde.

O montante de 28,5% ocupado por livros sobre educação e ensino, conforme denominação oferecida pelo catálogo, mostra o grau de importância dado pelos livreiros e pelos consumidores ao assunto. Professores, alunos e demais pessoas interessadas neste segmento podiam encontrar nas prateleiras da Casa A. T. Aquino Correa as mais sortidas obras de instrução. Algumas de consulta, como atlas geográfico universal, enciclopédias e dicionários de vários idiomas, de fábulas, de educação e ensino, de biografias, de música etc, outras de instrução ou didáticos, como cartilhas para alfabetização, compêndios de gramática da língua nacional, de ortografia, de aritmética, de filosofia, de geografia, história etc.

Entre os livros de educação e ensino, encontram-se muitos manuais. Eles deveriam ser úteis, pois ajudavam os leitores a executar os mais variados tipos de atividades práticas. Podiam ensiná-los como se portar civilizadamente em determinados ambientes/situações, como fazer finas iguarias, ou ainda podiam dar orientações para início ou aperfeiçoamento de muitos tipos de profissão, como as de alfaiate, apicultor, pedreiro, carpinteiro, lavrador, agrimensor, ferrador, fogueteiro, jardineiro e muitas outras. A hipótese levantada por Alessandra El Far, de que estes manuais encontraram boa acolhida principalmente por parte dos imigrantes que buscavam aprender ofícios para sobreviver em um novo país, pode ser aplicada a Cuiabá do final do século XIX, visto que a capital de Mato Grosso possuía em seu quadro populacional imigrantes de várias etnias<sup>109</sup>.

---

<sup>109</sup> O livro de Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo Gomes aborda a questão da contribuição de estrangeiros, principalmente de imigrantes italianos, na formação sociocultural de Cuiabá, no período de 1890 a 1930, recuperando os saberes e fazeres manifestos no cotidiano da população nativa da referida região. Conferir: GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo. *Viveres e fazeres e experiências dos italianos na cidade de Cuiabá: 1890-1930*. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2005.



No entanto, nem todos os imigrantes ou os próprios cuiabanos tinham condições financeiras de adquirir qualquer manual, pois os preços oscilavam muito. Tanto podia-se pagar módicos \$800 em um *Manual da arte de nadar* ou *Novo Método de plantação*, quanto 3\$000 em um *Manual de confeitaria*, ou 6\$000 em um *Manual do ferrador instruído*, dirigido aos ferradores e proprietários de cavalo ou, ainda, 12\$000 em um *Manual para o exame de habilitação* para o magistério de instrução primária, de autoria dos doutores F. de Castro Freire e J. Freire de Macedo, 2 volumes encadernados por 12\$000, o mais caro entre os encontrados.

Quase metade (45,6%) de todo estoque de livros da Casa A. T. Aquino Correa era relativo à literatura, romance, história, poesia etc. Entre os romances, particularmente, foram encontradas obras de autores que faziam sucesso, sobretudo no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, como Joaquim Manuel de Macedo<sup>110</sup>, muitas de José de Alencar, Bernardo Guimarães e algumas de Visconde de Taunay, com pseudônimo de Sílvio Dinarte. A ausência do nome de Machado de Assis causa estranheza, pois nesta época ele já havia escrito pelo menos dois de seus livros de contos, todos seus romances românticos e recém publicado *Memórias póstumas de Brás Cubas*<sup>111</sup>.

Juntamente com os autores brasileiros também se vendiam romances de escritores estrangeiros de origem francesa, portuguesa, alemã, inglesa e espanhola. Entre os franceses, a maior parte deles, encontram-se Ponson du Terrail, Victor Hugo, Xavier de Montepin, Alexandre Dumas pai e filho, Theophile Gautier, Chateaubriand, Honoré de Balzac<sup>112</sup>. Entre os portugueses, não poderia faltar Camões, Bocage, Camilo Castelo Branco e Augusto Emílio Zaluar. Os alemães aparecem em pequeno número, como Cônego Schmid, *Emma de Tanneburgo* - conto moral traduzido da língua alemã por Francisco Maranhão-; em algumas obras nem se vê o nome do autor, apenas o do tradutor, por exemplo, *A jovem Stephania*, traduzido do alemão por Pedro Carlino Duarte. Do inglês,

---

<sup>110</sup> O autor de *A carteira de meu tio* já havia circulado entre os mato-grossenses, vinte anos antes da publicação deste catálogo, em 1862, por ocasião da publicação desta obra em folhetim. Macedo também esteve presente em Mato Grosso por meio de suas peças teatrais, conforme se pode ver no capítulo “Teatro: o último *chic* do mimoso *bouquet* da sociedade cuiabana”, deste mesmo estudo.

<sup>111</sup> Na busca de informações a respeito da ausência de Machado Assis em Mato Grosso, foi encontrada a obra de Yasmin Jamil Nadas em que ela faz a pesquisa, organização e introdução de *Machado de Assis em Mato Grosso*: textos críticos da primeira metade do século XX. A autora não faz menção ao século XIX. Conferir: NADAF, Yasmin Jamil. *Machado de Assis em Mato Grosso*: textos críticos da primeira metade do século XX. Rio de Janeiro: Lidador, 2006.

<sup>112</sup> No final da década de 90 do século XIX, circularam pelos folhetins mato-grossenses outros romances franceses, mas de outros autores.

*Aventuras de Robinson Crusoe*<sup>113</sup>, “traduzido do original inglês. Nova edição ilustrada com 24 lindas gravuras, dois volumes, encadernados por 12\$000”.

Os franceses apareceram em maior número nos catálogos, mas nenhum deles bateu o espanhol Henrique Perez Escrich<sup>114</sup> em número de títulos. Autor pouco mencionado nos dias de hoje, mas muito popular entre os mato-grossenses daquela época. Mesmo tendo vários de seus romances publicados em folhetins<sup>115</sup> - antes e até mesmo durante a publicação do catálogo-, os donos da livraria ainda trouxeram vários de seus livros para serem vendidos, acreditando, talvez, na ansiedade de algum leitor curioso que, por meio da compra de um exemplar, pudesse ficar sabendo do desenlace de uma narrativa antes do término da publicação do folhetim, visto que entre os títulos do catálogo encontravam os quatro romances dos folhetins. Assim, os cuiabanos tiveram, nos anos 80, uma overdose de Escrich, nos folhetins, na livraria, nos jornais, local em que seu nome circulou durante vários anos, até mesmo com notícias a respeito de sua vida pessoal<sup>116</sup>.

O preço dos romances era bastante diversificado. Oscilava conforme o tipo de acabamento, o número de volumes, a quantidade de ilustrações etc. Em média um romance brochado saía por 3\$000 e o encadernado por 5\$000. Os mais caros chegavam a custar 22\$500, caso de *Os miseráveis*, de Victor Hugo, em cinco volumes, *A esposa mártir*, de Escrich, por 22\$500 – cinco volumes encadernados. Por José de Alencar, *As minas de prata*, em três volumes, pagava-se 18\$000.

<sup>113</sup> Sobre este clássico da literatura inglesa do século XVIII, consultar o ensaio: “Robinson Crusoe, de Daniel Defoe: da sua circulação no mundo luso-brasileiro ao seu diálogo com o devir histórico”, de Luiz Carlos Villalta, disponível em *Caminhos do romance*. Disponível em < [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br) >.

<sup>114</sup> Para o escritor Monteiro Lobato, Escrich, por ser um autor romântico, era o preferido pelas mulheres jovens: “As meninas, já essas vão todas para Escrich. Só Escrich sabe o segredo de interessar a sensibilidade das nossas ‘meninas e moças’. Em Escrich ama-se com furor pelos processos embriagadores do ‘romantismo do coração’. A vida ali é uma coisa só: amor. A ação: amar. O objetivo, o fim supremo de tudo: cair nos braços do objeto amado ou traduzindo isso na linguagem utilitária da mulher: casar. (...) Escrich vive às claras, em cima das cômodas, na gaveta dos toucadores, nos cestinhos de costura. É o cicerone dos corações que soletram. Quem examinar um desses Escrich de edição barata verá que prodigiosa legião de olhos – olhos verdes, azuis, negros, castanhos, lindos olhos quase todos – já lhe choraram sobre as páginas amareladas e encardidas. De cantos poídos e folhas uma a uma assinaladas com dobrinhas marcadoras de interrupção da leitura, alçam-se tais livros à categoria de entidades veneráveis, dignas do maior respeito. Sem donos, em geral, circulam de mão em mão, em empréstimos sucessivos, como bens pertencentes à comunidade. E de tanto uso chegam literalmente a gastar-se, como velhas notas de mil réis.” Conferir: LOBATO, Monteiro. *A onda verde e O presidente negro*. São Paulo: Brasiliense, 1951, p. 87-8.

<sup>115</sup> Segundo pesquisa realizada por Yasmin Jamil Nadaf sobre folhetins em Mato Grosso, Escrich teve quatro de seus romances publicados na imprensa, *O violino do diabo* (1879), *O anjo da guarda* (1879), *O amigo íntimo* (1881-2) e *A verdade nua e crua* (1882). Conferir: NADAF, op. cit., p. 128.

<sup>116</sup> A popularidade de Escrich também era grande na província do Ceará. A este respeito ver: “Os romances de Enrique Perez Escrich: cotidiano de leituras na Biblioteca Provincial do Ceará”, de José Humberto Carneiro Pinheiro Filho, no site *Caminhos do romance*. Disponível em < [www.camilhosdoromance.iel.unicamp.br](http://www.camilhosdoromance.iel.unicamp.br) >.

O que havia de mais barato na Casa A. T. Aquino Correa eram os folhetos, pequenas narrativas de aproximadamente 50 páginas, com uma ilustração que contavam a história de nobres e reis em terras distantes. Eles custavam 1\$000, no entanto no Rio de Janeiro eles eram vendidos por menos da metade do preço, por volta de \$400<sup>117</sup>, os títulos eram praticamente os mesmos, *História da donzela Teodora*, *História da imperatriz Porcina*, *História de Simão de Nantua*, *História jocosa dos três corcovados*, *História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França*, *História da verdadeira princesa Magalona*, *História de pele de burro*, *História de João Calais*, *História do Grande Roberto do Diabo*, *História interessante de pele de asno*, *História verdadeira dos sucessos da virtuosa Dama*, a todos estes títulos vinham acrescidas as informações de que “1 folheto com uma estampa colorida, 1\$000”<sup>118</sup>.

Para os leitores que não gostassem muito de romances, ou que quisessem variar um pouco o tipo de leitura, o catálogo também oferecia, em menor quantidade, obras de poetas como Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias e Amália Narcisa,

O idioma predominante entre as obras, obviamente, era o português. No entanto, os leitores cuiabanos também tinham à sua disposição alguns livros em latim, obras religiosas e dicionários, outros em francês, principalmente dicionários, algum manual e pouca coisa de Medicina, além de um único livro em inglês, seleta de prosa e poesia.

Fato curioso é a evidência dada pelo autor do catálogo para um livro de auto ajuda, *O poder da vontade* ou caráter, comportamento e perseverança, de Samuel Smile, que custava 3\$000 brochado ou 5\$000 encadernado. Além destes dados comuns a quase todos, a este foi ofertado um espaço maior para se constarem as seguintes considerações, transcritas integralmente a seguir para que não se perca de vista o modo como a abordagem foi feita<sup>119</sup>:

É este um dos mais proveitosos livros que se tem ultimamente publicado. Propôs-se o autor a demonstrar praticamente a tese que na maior parte das vezes depende

---

<sup>117</sup> Segundo El Far, no início da década de 1870, a livraria Garnier divulgou tais histórias, in oitavo, por apenas \$400. Conferir: El Far, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornografia no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 99.

<sup>118</sup> Os seis primeiros títulos podem ser lidos na íntegra, no site do projeto *Caminhos do romance – Brasil – séculos XVIII e XIX*. Disponível em < [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br) >.

<sup>119</sup> Além deste, foi encontrado também um folheto deste mesmo gênero, *A ciência do bom homem Ricardo ou meios de fazer fortuna*, por Benjamin Franklin, \$ 500. (Ao menos no preço ele foi coerente, pois o indivíduo pobre não poderia dispor de grande quantia de dinheiro para se tornar rico).

nossa felicidade neste mundo de nós mesmos, isto é, de nosso caráter, comportamento, e perseverança. Oferece uma galeria de quadros inspirados pela vida e efeitos dos varões que souberam adquirir honrado nome e bem merecidas posições sociais à custa dos próprios esforços, evidenciando o prolóquio do – querer é poder<sup>120</sup>

Assim, a Casa A. T. Aquino Correa, na década de 80 do século XIX, possuía o perfil de uma livraria voltada para obras do que hoje se chama literatura. Os 11,4% de livros classificados com a rubrica de religião e moral, se comparados aos 45,6 % das obras de literatura, romance, história, poesia apontam para um fato que já vinha ocorrendo na França desde o século XVIII<sup>121</sup>, o triunfo de uma nova sensibilidade literária em detrimento de uma literatura direcionada à cultura cristã tradicional.

Em *Do indivíduo ao grupo*<sup>122</sup>, Carlos e Neusa Rosa informam que em 1879 ainda não havia “mercância livreira” em Cuiabá, pois o Inspetor Geral dos Estudos, em um ofício enviado ao presidente da província, acusava a ausência de comércio de livros para as compras de material para a instrução. No entanto, em 1881, a situação se mostrava diferente, pois já havia registro da existência da primeira livraria cuiabana:

Em 1881, o novo Inspetor Geral Dormevil dos Santos Malhado oficiava ao Presidente da Província, solicitando pagamento de 21 mil réis “à casa comercial dos Srs. Antônio Thomaz de Aquino & Cia”. Era a primeira “livraria” cuiabana surgindo nos documentos oficiais, pelas mãos do liberal Dormevil Malhado, o Vice-Presidente da “Amor e Arte”. Por essa época, Antônio Thomaz de Aquino Correa já devia ter-se associado a Francisco Correa Sobrinho, abolicionista participante<sup>123</sup>.

---

<sup>120</sup> *A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 09/04/1882.

<sup>121</sup> Para Robert Darnton, uma das mais significativas transformações ocorridas no mundo da leitura foi a ascensão do romance em contraposição ao declínio da literatura religiosa, fato ocorrido, segundo o autor, na segunda metade do século XVIII, especialmente nos anos de 1770. Conferir: DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 152.

<sup>122</sup> ROSA, op. cit., p. 41.

<sup>123</sup> Idem., p. 41.

Essas informações extraídas de documentos oficiais podem ser contestadas, pois a pesquisa realizada em jornais revela a existência anterior ao ano de 1879 de pelo menos mais dois estabelecimentos que comercializavam livros em Cuiabá e, principalmente, livros didáticos, como os que necessitava adquirir o Inspetor Geral dos Estudos: a casa importadora do Sr. Martin Guilherme (anúncio publicado em 1860) e a Casa ao Bom Gosto (anúncio de 1875). A própria casa A. T. Aquino Correa, tida pelos autores em questão como a primeira livraria cuiabana que teve sua existência confirmada em 1881, já se constituía em uma “livraria bem sortida”, conforme anúncio, desde 1875. Apesar da coincidência de data, 1875, dos primeiros anúncios tanto da Casa ao Bom Gosto como da A. T. Aquino Correa, esta última parece ter tido maior sucesso comercial, visto que continuou aparecendo na imprensa até seu fechamento no finalzinho do século, enquanto que da primeira foi localizada apenas a referida propaganda.

Embora o nome do sócio de Aquino Correa, Francisco Correa Sobrinho, quase não apareça nos jornais, a comprovação da existência da sociedade entre ambos se dá pela notícia do rompimento dela. Em março de 1886, o jornal *A Província de Mato Grosso* divulgou o rescisão do contrato de sociedade entre Aquino e Francisco Correa: “tendo de retirar-se do comércio o nosso sócio Aquino, acha-se em liquidação a nossa casa (a rua 1 de março n. 32); (...) Outrossim que passamos a vender com redução de preços a existência da mesma casa”. Seu sócio, porém, permaneceu por mais doze anos como proprietário da Casa A. T. Aquino Correa, até que, em 1898, ela foi comprada por Frederico Teixeira, dono da Livraria Escolar S. Sebastião, situada na Travessa da Assembléia n. 22: “Igualmente participa que, tendo feito compra da existência da antiga e bem conhecida casa de *Thomaz de Aquino*, hoje de *Francisco Corrêa*, única que importava semelhante gênero de negócio composta quase na sua totalidade de livros religiosos e romances (...)” (*O Republicano – Cuiabá*, 16/10/1898).

Desse modo, em 1898, encerraram-se as atividades da principal, ainda que não tenha sido a primeira, livraria existente no Mato Grosso, do século XIX, a Casa A. T. Aquino Correa. Ela constituiu um marco na história do mercado livreiro mato-grossense. O seu fim significou a mudança nas características da venda de livros que, a partir de então, passou a ser mais especializada e a contar com a presença maciça de livros didáticos, como alude o próprio título da livraria que a comprou, Livraria Escolar São Sebastião.

Confirmando esta nova tendência do comércio livreiro, há o registro de outro estabelecimento que também vendia livros escolares, era O Bazar Cuiabano, que, conforme anúncio, colocava à disposição de seus clientes “livros de instrução elementar e complementar adotados no Liceu Cuiabano” (*O Republicano* – Cuiabá, 01/12/1898), mercado que nasceu para atender o crescente número de alunos que surgiram em consequência da proliferação de escolas iniciadas naquele período. Também havia livrarias que anunciavam a venda de almanaques, uma delas, a Officina de Avelino Siqueira, situada na Rua Barão de Melgaço n. 66, em Cuiabá, era responsável pela venda do Almanaque Popular Brasileiro e do Almanaque do Rio Grande do Sul, “ambos de Pelotas e para o ano de 1899”<sup>124</sup>. Existem outros estabelecimentos, cujos nomes não são mencionados – há apenas os endereços -, que publicavam pequenas notas anunciando a venda de “folhinhas de Laemmert”, “folhinhas do novo autor Bernardino Roiz Cardoso” e assinatura de jornal paraguaio *La Democracia*. Entre eles encontram-se os estabelecimentos localizados na Rua do Senhor dos Passos n. 14 (*A Imprensa de Cuyabá* – Cuiabá, 16/07/1862); Rua Augusta n. 12 (*A Imprensa de Cuyabá* – Cuiabá, 03/09/1861) e Rua do Barão de Melgaço n. 3 (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 23/09/1888).

Portanto, no período compreendido entre 1860 e 1898, houve na capital de Mato Grosso, sem considerar o interior, no mínimo nove estabelecimentos comerciais envolvidos com a compra e venda de material impresso; isto não equivale a dizer que estes foram os únicos, pois nem todos tinham necessariamente o dever de anunciar seus estoques nos jornais. Logo, o número anunciado pode ser maior que nove, mas nunca menor. Nesta perspectiva, pode-se dizer que o mercado de livros em Cuiabá foi aos poucos ganhando diversidade e amplitude e que os leitores cuiabanos tinham a seu dispor diversos lugares para adquirir os vários títulos de livros divulgados pelos jornais, com exemplares, às vezes, recém chegados do Rio de Janeiro e pertencentes aos mais variados gêneros.

---

<sup>124</sup> Idem, *ibid.*

Assim sendo, não era só na capital de Mato Grosso que existiam livrarias na segunda metade do século XIX. Esse tipo de estabelecimento comercial também era encontrado no interior, na cidade portuária de Corumbá. A existência de jornais, teatros, livrarias, numa cidade tão distante da corte quanto Corumbá, pode ser facilmente entendida se se levar em conta o momento econômico e cultural que a província de Mato Grosso estava vivendo. Como já foi dito anteriormente, com o final da Guerra do Paraguai

grandes lojas importadoras e bancos europeus vieram para a região. O governo imperial decretou por dez anos o porto de Corumbá como zona livre do comércio, isento do imposto de exportação, por exemplo. Essa situação permitiu um contato direto entre Cuiabá e as cidades do Prata, além de Porto Alegre, Santos e Rio de Janeiro provocando, com isso, uma verdadeira “revolução cultural” em Corumbá e Cuiabá.<sup>125</sup>

Nos jornais corumbaenses foram encontradas três propagandas de três lojas que vendiam livros. Dois anúncios são da década de 70 e o terceiro do final dos anos 90 do século XIX. A casa do Srs. Firmo José de Mattos & Comp., uma das mais importantes casas da província de Mato Grosso, no primeiro dia do ano de 1878, comunica aos leitores de *A Opinião* que se encontra à venda em sua loja a *Cartilha Maternal* ou *Arte de leitura* por João de Deus: “Os louvores que a esse livrinho tem feito a imprensa brasileira nos dispensam de comentários. Dizem diversos jornais que em poucos dias fica o analfabeto sabendo ler” (*A Opinião* – Corumbá, 01/01/1879). A Bela Selvagem, cujo proprietário era o Sr. Galvão Sobrinho, oferece um “rebate” de 15% durante um mês em todo seu estoque (*A Opinião* – Corumbá, 23/06/1878) e também as “interessantes folhinhas de Laemert, para o ano de 1879, a 1\$500” (*A Opinião* – Corumbá, 27/10/1878).

A terceira livraria de Corumbá a publicar anúncio nos jornais, A Bela Madrugada, pertencia ao Sr. João Antônio Esteves, encontrava-se situada na rua 13 de junho e, assim como as demais, também possuía, além de livros, um estoque variado de outros artigos. Em seu anúncio, o maior de todos, comprova-se mais uma vez a importância da abertura dos portos para o comércio, pois seu proprietário chamava a atenção dos leitores para “o grande

---

<sup>125</sup> CANAVARROS, Otávio e SILVA, Graciela. *Aquisição de material impresso nos séculos XIX e XX*. CD do 13º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, SP, 2001, p. 9.

sortimento que acabo de receber do pacote Rápido<sup>126</sup>”, embarcações responsáveis pelo transporte de quase toda mercadoria comercializada no Mato Grosso. Fato curioso era o horário de funcionamento da livraria lembrado quer pelo seu nome, Bela Madrugada, quer pela pequena estrofe contida na propaganda: “Esta casa tão bem montada/ Chama a sua freguesia/ Para ver o sortimento/ Quer de noite, quer de dia!”<sup>127</sup>

Entre os muitos itens divulgados pela A Bela Madrugada, encontra-se um especial: “Biblioteca em liquidação – não se enganem – Rua 13 de junho – Sobrado – Preços sem competência” e “venda do romance de grande sucesso deste ano no Rio de Janeiro, *Chico Bumba* – escandaloso romance – de Brito Mendes – Vende-se a 3\$000” (*A Federação* – Corumbá, 23/01/1898). Esse livro, conforme diz um de seus personagens, pode ser visto como “um grande romance, um livro de sensação” que seria lançado “em meio da atonia literária fluminense como uma bomba estardalhaçante”<sup>128</sup>. Ao contrário do que dá a entender o título, Chico Bumba não é o protagonista. Esse lugar é ocupado pela personagem Noites, que conta a história de sua iniciação sexual, seguida de grande paixão por Encarnacion Gonzalez, prostituta viciada em morfina, “soberbo naco de carne paradisíaca, cheirando a sândalo e a volúpia.”<sup>129</sup> Chico Bumba é Francisco Durães, viúvo, de aproximadamente sessenta anos e “provedor” de Encarnacion. Seu apelido lhe fora dado devido a “adiposidade de seu abdômen que lembrava uma caixa de rufo”<sup>130</sup>. *Chico Bumba* era, portanto, um romance de sensação, gênero bastante em moda no Rio de Janeiro daquela época, muito difundido em diferentes regiões do Brasil, inclusive em Corumbá, na Bela Madrugada.

A discrepância entre os gêneros literários dos livros oferecidos aos clientes pelos anúncios da Bela Madrugada publicados no jornal local, *A Federação* de Corumbá, causou grande espanto a determinado redator de um jornal da capital que, valendo-se de muita ironia, escreveu a seguinte nota:

---

<sup>126</sup> A palavra pacote também pode ser encontrada na expressão “estar de pacote”, sendo usada ocasionalmente para se referir a mulheres em seu período de menstruação. “Tal referência se deu por comparação entre o tempo exato de 28 dias para realizar o trajeto entre o Rio de Janeiro e Liverpool, no Reino Unido, pelos navios a vapor, os pacotes, e o ciclo menstrual”. Conferir: CASCUDO, Câmara. *Locuções tradicionais no Brasil*. São Paulo: Global, 2004, p. 53.

<sup>127</sup> *A Federação* – órgão do partido republicano. Circulou em Corumbá em 1898. Essa notícia é de 23/01/1898.

<sup>128</sup> MENDES, José de Brito. *Chico Bumba: episódios da vida boêmia fluminense*. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1897, p. 145.

<sup>129</sup> Idem, *ibid*.

<sup>130</sup> Idem, p. 63.



Na quarta página do primeiro número d'*A Federação* lemos um anúncio que nos deixou de boca aberta.

Uma casa de comércio, A BELA MADRUGADA (bonito nome), declara em letras de forma que possui grande coleção de dicionários e gramáticas de diferentes línguas; também o SÉTIMO VOLUME de Bocage, cita alguns livros da mais alta pornografia e conclui: "... e outros e grande sortimento de livros para a instrução".

Este homem, senhores, está se perdendo em Corumbá; convém aproveitá-lo. Lembramos a sua nomeação para conservador dos desenhos e inscrições das paredes de Cuiabá<sup>131</sup>.

Infelizmente, não foi encontrado o primeiro número desse jornal corumbaense a que a citação acima faz referência. Assim, não podemos ver quais outros livros pornográficos, além de Bocage, podiam ser encontrados nas prateleiras da Bela Madrugada. Entretanto, a nota também é útil à medida que confirma a existência de diversos gêneros literários no estoque da referida livraria a que os leitores poderiam ter acesso.

Estas eram, portanto, as livrarias e estabelecimentos comerciais que vendiam livros e que tinham seus prédios fixados tanto em Cuiabá quanto em Corumbá. No entanto, os jornais também traziam endereços de lojas semelhantes a estas que ficavam no Rio de Janeiro. Entre elas estão: Imprensa industrial, na rua Nova do Ouvidor n. 20, Rio de Janeiro (*A Opinião* – Corumbá, 14/04/1878); Livraria Garnier, rua do Ouvidor n. 65, no Rio de Janeiro (*A Opinião* – Corumbá, 23/06/1878); Casa Editora do Srs. Félix Ferreira & Comp. rua de S. José n. 110, Rio de Janeiro (*O Iniciador* – Corumbá, 09/07/1880); Escritório da Tipografia Carioca, na rua Teófilo Otoni n. 145 (*O Iniciador* – Corumbá, 22/03/1883); anúncio em francês da assinatura do jornal *Le messenger du Brèsil*, rua Sete de setembro n. 131, no Rio de Janeiro (*O Iniciador* – Corumbá, 11/10/1883); Livraria Lombaerts, na rua dos Ourives n. 7, Rio de Janeiro (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 11/01/1880); Livrarias do Império, rua do Livramento n. 44, Rio de Janeiro (*A Situação* – Cuiabá, 10/01/1873); Imperial Instituto Artístico, na chácara da Floresta, rua da Ajuda n. 61, Rio de Janeiro (*A Situação* – Cuiabá, 15/08/1877); Escritório da empresa da Biblioteca das Famílias, Rua S. José n. 73, Rio de Janeiro (*O Liberal* – Cuiabá, 23/10/1874). Além desses

---

<sup>131</sup> *O Republicano* – Cuiabá, 06/12/1896.

endereços da corte havia ainda alguns de Paris, sugeridos pelo correspondente do jornal *O Iniciador*: casa dos Srs. J. Batard, Morineau e Comp. Boulevard de Strasbourg n. 50 (*O Iniciador* – Corumbá, 07/07/1881); M. Hennuya, rua Laffite, 51 (*O Iniciador* – Corumbá, 03/03/1881); Casa Editora dos Srs. Aillaud, Guillard e Comp., rua S. André des Artes, em Paris (*O Iniciador* – Corumbá, 05/06/1881). Estes endereços eram importantes, pois poderiam ser usados pelos moradores de Mato Grosso para realizar encomendas de livros via correio.

É importante registrar também que algumas tipografias de Cuiabá e Corumbá faziam, esporadicamente, o papel de livraria e editora. Seguindo o modelo de outras tipografias brasileiras, elas tinham como fonte principal de renda a publicação de documentos do governo, a produção de jornais e, às vezes, se arriscavam na publicação de obras de alguns autores locais. Diante da dificuldade de acesso às editoras da capital federal e dos preços cobrados por elas, os escritores provinciais viam-se obrigados, se quisessem ver suas obras publicadas, a encomendá-las diretamente aos impressores das tipografias, pagar pelos serviços prestados, mas colaborarem com a distribuição e divulgação das obras deixando parte delas para ser vendida pela tipografia e outra sob a responsabilidade do próprio escritor. Assim, alguns deles costumavam enviar seus livros aos jornais de outras províncias valendo-se do que hoje se costuma chamar de mídia espontânea, isto é, resenhas e reportagens sobre livros e lançamentos escritos por jornalistas como meio auxiliar de divulgação. Caso emblemático é o mencionado pelo jornalista de *O Republicano* ao acusar o recebimento de “um volumezinho de versos, primorosamente editado pela tipografia Studart, no Ceará”, frisando bem que foi “devido à obsequiosidade do autor” (*O Republicano* – Cuiabá, 14/05/1896).

Assim é que livros de variados assuntos eram oferecidos pelas tipografias. *Memórias da Campanha do Paraguay*, por Miguel Calmon, encontrava-se à venda na oficina de *A Província de Mato Grosso* de 28/03/1881; *Viagem ao redor do Brasil*, de Severiano da Fonseca, poderia ser visto “um ‘especimen’ dessa importante publicação” na tipografia de *O Iniciador*, em Corumbá – 06/03/1881; *Dicionários novos* de “última edição” vendidos “por menos do que custaram no Rio de Janeiro” (*O Iniciador* – 20/10/1881); *Resumo da Gramática Portuguesa* organizado por Thomé Ribeiro de Siqueira, segundo escriturário da Tesouraria Provincial de Mato Grosso (*O Iniciador* –

Corumbá, 22/01/1882); e, finalmente, *Arpejos poéticos* por Joaquim J. Rodrigues Calhao, parente de Emílio do E. S. Rodrigues Calhao, proprietário do jornal, à venda na tipografia de *O Mato Grosso*<sup>132</sup> de Cuiabá, em 27/01/1895.

Diante da dificuldade financeira de grande parte dos escritores para financiarem suas próprias obras, as tipografias, para garantirem o pagamento, às vezes, eram obrigadas a se valer do recurso da subscrição. Esse expediente costumava ser eficiente, pois alguns dos patrocinadores não perderiam a oportunidade de ver seus nomes publicados num dos jornais de maior circulação daquela época, associados a um acontecimento cultural. A assertiva de Marlyse Meyer de que a subscrição era uma “praxe corrente no meio editorial europeu, parece ter sido muito usada no Brasil e que os subscritores eram escolhidos provavelmente muito mais pelo prestígio ou por suas posses que propriamente pelo amor à leitura”<sup>133</sup> pode ser confirmada também no que diz respeito à província de Mato Grosso. O livro *Viagem ao redor do Brasil*, estudo aprofundado sobre a província de Mato Grosso, escrito pelo médico da comissão demarcadora dos limites do Mato Grosso com a Bolívia, João Severiano da Fonseca conseguiu angariar uma lista de 42 subscritores cuiabanos encabeçada pelo Barão de Maracaju, no valor de 10\$000 cada um, perfazendo assim um total de 420\$000. Essa quantia “foi enviada em letras sobre o tesouro nacional, pelo pacote que daqui partiu em 1º. de fevereiro [1881] (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 27/03/1881). Pela nota publicada no jornal, não se pode precisar para onde essas letras foram mandadas. Porém, a ficha catalográfica do livro mencionado, pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional, informa que ele foi impresso no ano de 1880 – 81 pela Tipografia do Pinheiro. Deduz-se, portanto, que as letras do tesouro foram enviadas para essa tipografia, localizada no Rio de Janeiro<sup>134</sup>.

Assim, os jornais mostram que a partir da década de 60 (o anúncio da Martin Guilherme é de 1864), a ainda província de Mato Grosso possuía alguns pontos de venda de livros, revistas, periódicos, tanto na capital quanto no interior – Corumbá, onde os leitores mato-grossenses podiam ver os livros nas prateleiras, ter o contato físico com eles, escolhê-los como bem quisessem, é o caso das livrarias e de algumas tipografias. No entanto, esta não era a única possibilidade de compra de material impresso. Os inúmeros endereços das

<sup>132</sup> *O Mato Grosso* – órgão democrata, dedicado aos interesses do povo. Circulou em Cuiabá nos períodos de 1890/1895-1897-1898-1904/1905-19911/1922-1928/1933-1935/1937.

<sup>133</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 40-1.

<sup>134</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz e Edusp, 1985, p. 141.

principais livrarias da corte e alguns da capital francesa, elencados anteriormente, sinalizam para outra alternativa, a de que poderiam ser realizadas pelos correios as encomendas que costumavam ser feitas mediante envio de carta registrada com a declaração do valor do bem a ser adquirido, ou, em caso de viagem, os endereços também eram úteis, pois a compra poderia ser feita pessoalmente.

Portanto, diante do exposto, pode-se dizer que os mato-grossenses tinham acesso à aquisição de livros também por meio de estabelecimentos da capital imperial que se encontravam presentes na província tanto por seus próprios anúncios, quanto pelos anúncios das lojas locais que os representavam. Isto vem evidenciar o prestígio e a extensão em âmbito nacional que as livrarias cariocas conseguiam atingir. Notou-se, ainda, que uma das maneiras mais comuns do leitor tomar conhecimento dos lançamentos dos livros era por meio de notas divulgadas pelos jornalistas que faziam o papel de críticos literários, comentando os livros recebidos, graciosamente, dos principais editores do Rio de Janeiro<sup>135</sup>.

Desta maneira, o advento da navegação a vapor e conseqüente estreitamento das relações comerciais entre o Rio e as cidades portuárias mato-grossenses foram de grande utilidade na consolidação de uma sintonia mais fina entre o comércio livreiro do Rio de Janeiro e o da província de Mato Grosso da época dos últimos anos do Brasil Imperial e dos primeiros da República.

#### **1.4.1 Casas-editoras nacionais e estrangeiras do Rio de Janeiro presentes em Mato Grosso**

Com vistas à possibilidade de aumento de vendas, no início dos oitocentos, os livreiros-editores residentes na corte enviavam funcionários de sua confiança para as províncias a fim de que estes saíssem à procura de encomendas por parte de comerciantes de livros daquelas regiões. Contudo, a lenta circulação desses homens motivada pela

---

<sup>135</sup> Assunto que será desenvolvido no segundo capítulo deste mesmo estudo.

precariedade das estradas e, às vezes, por ataques de índios impossibilitava a continuidade deste tipo de comércio<sup>136</sup>. As investidas indígenas eram uma preocupação real dos habitantes de Cuiabá, conforme se pode ver em reclamação de um leitor do jornal *Echo Cuiabano*<sup>137</sup> solicitando providências ao presidente da província: “Se o Exmo. Sr. Presidente não continuar a mandar as bandeiras e compostas de homens traquejados que possam exterminar estes [índios] malvados, em breves dias se tornarão estes sertões não só inabitável, como mesmo intransitável” (*Echo Cuiabano* – Cuiabá, 27/04/1850).

Uma vez gorada essa estratégia de vendas, o passo seguinte dos livreiros-editores foi a nomeação de representantes nos principais centros provinciais. Em anúncio publicado pelo *A Província de Mato Grosso*, a Casa de A. T. Aquino Correa & Cia resolve comunicar sua condição de representante de *A Estação* e de *Le Progrès*, jornais de modas da época. Aquino Correa foi também “agente do jornal *Cruzeiro* e de todos os jornais estrangeiros de que são correspondentes na corte os Srs. Lombaerts & Cia, B. L. Garnier e H. Laemmert & Cia” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 16/04/1882).

Os jornais com seus anúncios, assim como os jornalistas com suas críticas, também podem ter sido considerados pelos livreiros-editores como outra fonte eficiente de divulgação e conseqüente aumento nas vendas de livros, assinaturas de jornais e revistas nas regiões mais distantes da corte. Nos jornais tanto da capital quanto do interior da província de Mato Grosso, os livreiros-editores do Rio de Janeiro mandavam publicar “reclames” de seus lançamentos mais recentes e, aos principais jornalistas, enviavam, graciosamente, estes e outros títulos, na certeza de que os mesmos, depois de feita a leitura, publicassem comentários críticos que despertassem a atenção dos leitores motivando-os a adquirirem tais obras. Em poucas palavras, os livreiros-editores resolveram investir em um elemento inovador para aquela época, a publicidade de seus produtos por meio de jornais.

Os nomes dos livreiros estrangeiros que se encontravam em maior evidência no Rio de Janeiro oitocentista, segundo informações do pesquisador Hallewell<sup>138</sup>, eram os de Plancher, seus sucessores Villeneuve e Mougénot, Laemmert, Lombaerts e Garnier. Pode-se constatar a presença da grande maioria desses nomes, bem como de outros não

---

<sup>136</sup> HALLEWELL, op. cit., p. 126.

<sup>137</sup> *Echo Cuiabano* circulou em Cuiabá entre fevereiro e agosto de 1850.

<sup>138</sup> HALLEWELL, op. cit., p. x e xi.

citados por Hallewell, nos jornais da província de Mato Grosso. Eles aparecem ora associados aos nomes de seus agentes comerciais, como o de Aquino Correa, por exemplo, ora às diversas notas que os jornalistas escreviam para agradecer os “mimos” recebidos deles ou as críticas feitas às obras.

Entre os citados, o nome de Garnier é o que aparece com maior destaque. Ele certamente se valia das estratégias de vendas anunciadas acima, visto que há anúncios de sua livraria publicados no jornal *A Opinião*. Em um deles, o livreiro oferece a assinatura do *Jornal das Famílias* aos moradores de Corumbá e disponibiliza a “Livraria Garnier, localizada na Rua do Ouvidor n. 65, no Rio de Janeiro” aos leitores do jornal (*A Opinião* – Corumbá, 23/06/1878). Dessa forma, Garnier tinha os moradores de Corumbá e adjacência como clientes potenciais que tanto poderiam comprar as obras por meio de pedidos feitos pelo correio ou, por ocasião de viagens à capital federal, adquiri-las pessoalmente em sua livraria. É certo que o livreiro também enviava muitos livros de presente aos jornalistas. Um deles, o de *O Liberal* agradece-lhe os últimos lançamentos enviados a ele “pela importante livraria do Sr. Garnier”: “Agradecemos cordialmente ao Sr. Garnier mais estes apreciáveis mimos com que acaba de obsequiar-nos” (*O Liberal* – Cuiabá, 25/04/1878).

Se, por um lado, Garnier mostrava-se preocupado com a divulgação dos livros na província de Mato Grosso, por outro, a província também não perdia de vista as atividades desenvolvidas por ele na corte, conforme se pode observar na seguinte nota: “O editor Garnier adquiriu a obra do Sr. Conselheiro Pereira da Silva, intitulada *Estudos da História Colonial Brasileira*, e mandou imprimi-la em Paris” (*O Republicano* – Cuiabá, 16/07/1896). Essa notícia confirma uma prática recorrente do livreiro francês, a de adquirir obras de escritores brasileiros e mandá-las imprimir na França. Tal atitude gerava, segundo o jornal *O Tipógrafo*, contundentes críticas dos trabalhadores gráficos brasileiros que, deste modo, viam seus empregos serem ocupados pelos operários franceses.

Desta boa capital [Garnier] envia as obras ao seu grande Paris; lá é ela composta, revista, encadernada etc. e volta ao Rio de Janeiro; aqui é vendida pelo preço que lhe convém dar a cada exemplar e dessa forma a mão de obra é sempre estrangeira ao passo que as nossas oficinas tipográficas definham e os tipógrafos

brasileiros vêm-se a braços com todas as necessidades e muitos compositores por aí andam sem achar trabalho.<sup>139</sup>

Ainda que o nome de Garnier seja, por vezes, associado a pequenas rusgas no mercado livreiro, não se pode negar sua importância na história do livro no Brasil. Ele, juntamente com seu irmão, foi editor de parte importante das obras científicas, literárias e de instrução pública editadas no Brasil na segunda metade do século XIX e início do XX. A presença constante de seu nome nos jornais mato-grossenses ratifica a posição de destaque ocupada por ele, não só no Rio de Janeiro como no Brasil todo.

A maior concorrente da Livraria Garnier, a Casa Editora de Laemmert & Cia, também não deixava de investir em propaganda no interior do Mato Grosso. Seu nome se fazia notar em anúncios de venda e doações de livros para bibliotecas e também na comercialização de papel para as tipografias. Assim é que *A Tribuna* de Cuiabá de 22/03/1890 comunica aos seus leitores que “começou a ser publicado pela casa editora de Laemmert & Cia, na capital federal, um novo periódico literário e bibliográfico”, cujo objetivo era anunciar as obras editadas por aquela casa. Essa publicação, parecendo ser uma espécie de catálogo, não era distribuída gratuitamente aos leitores, mas sim vendida, ainda que por um preço “mais razoável impossível, 1\$000 por ano, sendo mensal a sua distribuição”. Nas doações de livros, feitas aos gabinetes de leitura das províncias, Laemmert parecia ser um tanto generoso, pois, ao invés de mandar livros de autores desconhecidos que não conseguia vender, certa vez, enviou à biblioteca da Associação Literária Cuiabana uma relação, embora com apenas um volume de cada exemplar, de livros de autores consagrados, como Garret, Macedo, Eugênio Sue, entre outros (*A Tribuna* – Cuiabá, 13/08/1886). O livreiro de ascendência alemã investia em várias frentes. Vendia também papéis para impressão, conforme se pode ler no seguinte anúncio: “Srs. Laemmert & Cia do Rio de Janeiro recebemos diversas amostras de papéis de impressão contendo os preços de cada resma. São bastante módicos os preços à vista da superior qualidade dos papéis, a julgar pelas ditas amostras que temos em nosso poder” (*A Tribuna* – Cuiabá, 14/09/1888).

Ao lado desses dois, outros estrangeiros que conseguiram se tornar prósperos no mundo dos livros no Brasil e que também investiam em propaganda na

<sup>139</sup> *O Tipógrafo*, 05/12/1867. Apud Hallewell, op. cit., p. 131.

província de Mato Grosso foram os belgas Jean Baptiste Lombaerts e seu filho Henri Gustave Lombaerts. Além de grande encadernadora, a Livraria Lombaerts era representante de periódicos importados como a revista francesa *La Saison*. A partir de 1870, os Lombaerts começaram a sua própria edição brasileira da revista com o título *A Estação*<sup>140</sup>. Eles publicaram em um jornal de Cuiabá um anúncio dessa revista bastante refinado, o único a mostrar uma gravura da mercadoria a ser vendida. Nela há uma mulher vestida em traje de passeio, confortavelmente sentada numa poltrona, lendo *A Estação*, jornal mensal de moda parisiense dedicado às senhoras brasileiras. O anúncio ainda informa que “um ano do jornal, além de 300 páginas de texto in-4, contém cerca de 2000 gravuras de modas”, figurinos coloridos, moldes em tamanho natural além de parte literária, noticiosa, recreativa e útil, “escrita especialmente para as leitoras deste jornal”. No final, o anúncio oferece aos leitores duas possibilidades para se fazer assinatura, na corte, rua dos Ouveires n. 7 ou “nas províncias em todas as livrarias” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 11/01/1880). Na província de Mato Grosso, o representante dos Lombaerts era a livraria mais conhecida da época, a Casa A. T. Aquino Correa.

Outro nome estrangeiro importante ligado ao mercado de livros na corte que aparece nos jornais dessa província é o de Pierre François Plancher. O francês, filho de família tradicional na área de editoração de livros, por motivos políticos, escolheu o Brasil para exilar-se. Chegando ao Rio, abriu, em 1824<sup>141</sup>, uma livraria no disputado comércio da Rua dos Ourives, enquanto esperava pela liberação de seus maquinários para montar sua própria editora, que foi responsável pela publicação da primeira novela brasileira, *Statira e Zoroastes*, de Lucas de Alvarenga. Todavia, foi na confecção de periódicos que seu nome ganhou maior destaque, como fundador do *Diário Mercantil* que mais tarde passaria a ser o mais importante jornal carioca do século XIX, *O Jornal do Comércio*. Por esse motivo, seu nome era lembrado, após mais de 70 anos do acontecimento, por um jornalista fluminense que resolveu contar a história do *Jornal do Comércio*, o que motivou *O Republicano* – de Cuiabá, a transcrevê-la em suas páginas em 17/01/1897. A matéria, escrita de maneira bem humorada, apresenta o estrondoso crescimento do jornal e comenta a má sorte de Plancher e de seus sucessivos donos, que foram incapazes de prever que “aquele pimpolho viria se transformar no maior jornal do sul da América”, portanto em um negócio altamente

---

<sup>140</sup> Idem, p. 157.

<sup>141</sup> Idem, p. 68.



lucrativo durante muitos e muitos anos (O *Jornal do Comércio* sobrevive até os dias de hoje.) Assim, apesar de sua curta permanência no Brasil, apenas nove anos, o nome de Plancher permaneceu definitivamente ligado à história da fundação da imprensa e da editoração por meio de um dos principais jornais, *O Jornal do Comércio*, importância partilhada com os leitores cuiabanos.

Havia, ainda, um outro tipo de comércio, também representado por franceses, o qual, independente de possuir ou não representante no Rio de Janeiro, fazia a divulgação de sua casa editora diretamente nos jornais das províncias oferecendo ao leitor a opção de compra pelo escritório do jornal, como era praxe na época, ou diretamente pela editora em Paris sem ter, obrigatoriamente, o Rio de Janeiro como intermediário nessas transações. Casos exemplares são os dos editores Guillard, Aillaud & Cia e do Srs. J. Batard, Morineau e Comp. Em nota relativamente extensa, o jornalista de *O Republicano* - Cuiabá, 07/04/1898, após acusar o recebimento de vários números do jornal *A Moda Elegante*, dedicado ao “belo sexo” e editado pela “antiga e acreditada casa dos Srs Guillard, Aillaud & Cia”, faz propaganda enaltecendo as qualidades do único jornal do gênero que tem “a dupla vantagem de ser feito, desenhado e impresso em Paris, e de ter neste grande centro, (..) a sua redatora principal, Madame Blanche de Mirebourg.” Interessante notar que as leitoras mato-grossenses, diferentemente do que se costuma imaginar, assim como as cariocas, também tinham acesso aos modelos do “último chic parisiense”, uma vez que o referido periódico, mesmo com um pequeno atraso em relação à corte, chegava até a província via fluvial: “pela lancha São Lourenço, há poucos dias aqui chegada, recebemos o n. 49 dessa excelente publicação ilustrada de modas” (*O Republicano* – Cuiabá, 19/02/1899). O nome desta mesma casa editora já aparece, em anos anteriores, em matéria enviada diretamente de Paris pelo correspondente de *O Iniciador* – Corumbá, 05/06/1881 - por ocasião da publicação da obra *Brasil, seu passado, presente e futuro*, escrita em língua francesa pelo brasileiro Sant’Anna Nery. Ao que tudo indica, a editora dos Srs. Guillard e Aillaud gostava de publicar obras requintadas, em edições cuidadosamente trabalhadas e impressas em tiragem luxuosa, pois o livro de Sant’Anna Nery seria publicado em

mil exemplares de luxo, em papel da China, com uma ilustração (gravura em água forte) de um dos principais artistas de Paris. Cada exemplar será numerado e assinado pelo autor em uma dedicatória do nosso patrício ao subscritor conhecido ou incógnito. (...) pode-se subscrever-se dirigindo-se aos Srs Guillard, Aillaud & Comp., 47 rua S. André des Artes em Paris. Cada exemplar de luxo custará 4\$000 rs.<sup>142</sup>

Portanto, qualquer brasileiro, mesmo os residentes no interior da província de Mato Grosso, poderia adquirir a luxuosa obra com dedicatória do próprio autor, enviando, pelo correio, seu pedido endereçado a Rua S. André des Artes, em Paris, desde que, evidentemente, tivesse condições de pagar a bagatela de 4\$000 rs. Preço não muito alto se comparado ao de romances divulgados, no ano anterior, no *A Província de Mato Grosso*, pelo catálogo da Casa A. T. Aquino Correa<sup>143</sup>. Merece registro, também, o nome de um outro editor parisiense, Hennuya, citado pelo mesmo correspondente de *O Iniciador*, que recomenda “a todas as pessoas que devam possuir algumas noções indispensáveis de música um livro precioso que acaba de publicar o editor Hennuya (51, rua Laffite) intitulado: *Pequena Enciclopédia musical*, por Bisson e De Lajarte” (*O Iniciador* – Corumbá, 03/03/1881).

O nome da outra editora citada anteriormente, a dos Srs. J. Batard, Morineau e Comp. aparece diretamente relacionado à divulgação do *Almanaque Parisiense*, “álbum literário, formado por um lindo volume de umas 160 páginas, nitidamente impresso com tipos elseverianos em papel de luxo, com ilustrações originais e gravuras”, cujo redator principal era o brasileiro Sant’Anna Nery. As assinaturas poderiam ser feitas em Corumbá, no escritório de *O Iniciador*, ou diretamente em Paris, no Boulevard de Strabourg n. 50 (*O Iniciador* – Corumbá, 07/07/1881). A editora parecia investir pesado na divulgação do Almanaque, pois os anúncios constam repetidas vezes em jornais tanto do interior como da capital. A estratégia deve ter obtido bons resultados, pois, no ano seguinte, há divulgação do Almanaque para o ano de 1883, comentando o grande sucesso conquistado: “a edição do ano de 1883 obteve ainda maior sucesso que a edição precedente. A tiragem foi elevada a 15.000 exemplares [contra 10.000 em 1882] os quais se acham esgotados pelos pedidos

<sup>142</sup> *O Iniciador* – Corumbá, 05/06/1881.

<sup>143</sup> Ver neste estudo considerações sobre o catálogo da Casa A. T. Aquino Correa, no item 1.4, “Livrarias, livros, livreiros-editores em terras mato-grossenses”.

feitos para o mês de agosto, época em que se imprime o Almanaque. Em consequência de um tal sucesso far-se-á uma nova tiragem”. A quantidade dessa nova tiragem não é informada (*O Iniciador* – Corumbá, 26/11/1882). A editora dos Srs. Batard, por meio do Almanaque, chegava nas mais diversas regiões brasileiras e portuguesas, como informa o mesmo anúncio: “este almanaque cede-se em excelentes condições aos principais jornais do Brasil, de Portugal e das colônias portuguesas que o oferecem como prêmios a seus assinantes”(O *Iniciador* – Corumbá, 26/11/1882). No entanto, o *Almanaque Parisiense* para o ano de 1884, ou seja, a terceira edição, não aconteceu, ou pelo menos a editora deixou de anunciá-lo nos jornais dessa província.

Deduz-se que havia, ao menos por parte de alguns leitores mato-grossenses, interesse em estudos da literatura francesa, uma vez que o jornal publica uma nota relativamente longa com detalhes de uma obra literária em francês – *Histoire de la Langue e de Littérature Française des origines à 1900* – tendo como responsáveis os editores parisienses Armand Colin & Cia, composta em fascículos bimensais em oito volumes (*O Republicano* – Cuiabá, 19/11/1896).

Os franceses, com forte tradição no comércio editorial, dominavam não só o comércio de livros da capital imperial como o da província de Mato Grosso sendo, portanto, dentre os estrangeiros os mais bem sucedidos. Mais bem sucedidos até que os portugueses que, apesar da língua comum entre os dois povos e da estreita relação política e comercial com o Brasil, apresentavam esparsos aparecimentos na imprensa provincial mato-grossense. O único editor português que gozava de prestígio na época, cujo nome apareceu nos jornais de Cuiabá, foi Ernesto Chardron, editor de *Eça de Queirós*, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, entre outros. A Casa A. T. Aquino Correa, demonstrando certo grau de familiaridade com os principais centros culturais dos oitocentos, em nota, comunica a seus clientes a chegada de “importantes obras recebidas diretamente de Paris”, bem como “quase todas obras literárias e religiosas publicadas pelo Sr. Ernesto Chardron, do Porto, com quem tem imediatas relações, e assim com diversos dos principais livreiros, de Paris, Lisboa e do Rio de Janeiro, de modo que pode satisfazer com a possível brevidade e barateza quaisquer encomendas não só de livros, como de todos os gêneros dessas procedências” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 05/10/1879).

As editoras portuguesas também são lembradas por meio das publicações de Oscar Leal, escritor brasileiro de origem portuguesa, que fixou residência temporária em Cuiabá e foi muito festejado pela imprensa provincial. Apesar de o autor em questão ter residido em Cuiabá, o seu *Viagem ao centro do Brasil* foi impresso em Portugal, como era comum se fazer no Brasil daquela época <sup>144</sup>. Oscar Leal não fugiu à regra. Seus três livros mencionados por um jornalista de *O Republicano* foram impressos em Portugal. O primeiro deles, *Viagem a um país de selvagens*, foi “nitidamente impresso em Lisboa, ornado com retrato do autor e ilustrado com várias gravuras; o outro, *O Parteiro*, novela naturalista, foi impresso nas oficinas da Empresa Literária, de Lisboa e o terceiro, *Um marinheiro no século XV*, era um romance histórico escrito em co-autoria com Ciriaco de Nóbrega, composto por um “pequeno volume de duzentas páginas, nitidamente impresso no Funchal” (*O Republicano* – Cuiabá, 15/11/1895, 03/12/1896 e 19/06/1898 – respectivamente). E, finalmente, *A Madrugada*, “magnífica revista que em Lisboa publica o nosso ilustre patricio Dr. Oscar Leal” (*O Republicano* – Cuiabá, 18/02/1897). Assim, estas quatro citações fazem apenas referências às editoras portuguesas sem nomeá-las ou endereçá-las. Contudo, há uma nota intitulada “Uma importante obra”, comunicando o envio, pela Empresa Editora de *O Ocidente*, do prospecto do *Dicionário das seis línguas*, alegando que “os pedidos de subscrição deverão ser dirigidos à Empreza do *Ocidente* – Largo do Poço Novo – Lisboa” (*O Republicano* - Cuiabá, 27/11/1898).

Nem só os mais afamados livreiros-editores estrangeiros manifestavam interesse pelo mercado de livro das províncias. Alguns brasileiros, também famosos, dividiam com eles o ainda incipiente, porém promissor, mercado, obtendo, muitas vezes, igual ou superior sucesso. Entre as livrarias-editoras brasileiras mais conhecidas que divulgavam suas obras nos jornais da Província de Mato Grosso encontram-se: Livraria Moderna do editor Domingos Magalhães; Livraria Clássica da Casa Editora Alves e Cia; Livraria do Povo de Pedro da Silva Quaresma e Casa Editora dos Srs. Félix Ferreira e Comp.

---

<sup>144</sup> Segundo Werneck Sodré, “As editoras brasileiras, na segunda metade do século XIX, quando começou a existir público para a literatura, e ainda bastante limitado, mandavam imprimir no exterior, em Portugal, na França, na Alemanha”. Conferir: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 278.

Na década de 1890, Domingos Magalhães, proprietário da Livraria Moderna, vivenciou sua melhor fase no concorrido mercado livreiro carioca sendo responsável pela publicação de obras de autores do quilate de Artur Azevedo, Adolfo Caminha, Coelho Neto, Cruz e Souza, Gonzaga Duque, Emílio de Menezes, entre outros<sup>145</sup>. Sua fama extrapolava os limites da corte chegando a ser “conhecido” na província de Mato Grosso como “o simpático editor dos escritores modernos”, conforme se refere a ele um jornalista de *O Republicano* ao acusar o recebimento de um livro “bem encadernado”, saído das Oficinas do Sr. Domingos Magalhães, que se prestava ao ensinamento de rapazes que “desejam casar-se, mas não o fazem porque não sabem namorar”, espécie de manual de civilidade<sup>146</sup> muito em voga no final do XIX (*O Republicano* – Cuiabá, 29/03/1896). O nome do referido editor continuava nas páginas do mesmo jornal, porém, desta vez, por meio do jornalista Raul Plínio ao registrar o recebimento do “último romance de Coelho Netto, um belo volume de 390 páginas, editado pela livraria de Domingos Magalhães. *Miragem* é o título” (*O Republicano* – Cuiabá, 16/04/1896). A nota é seguida de extensa crítica de Raul Plínio que sai em defesa de Corumbá, cidade mato-grossense depreciada pelo literato injustamente, segundo o jornalista. Assim sendo, Domingos Magalhães demonstra sua preocupação em divulgar, praticamente ao mesmo tempo, seus últimos lançamentos tanto na província quanto na corte. Sua disposição parece contrariar a afirmação de Marlyse Meyer de que:

Convém notar, no entanto, que a persistência dessas novelas em catálogos mais tardios não é por si só uma prova de gosto ainda reinante, mas pode ser, antes, teimosia de livreiro em colocar **os encalhes**<sup>147</sup> (já o astuto Pigoreau não escondia que a província era bom escoadouro no caso).<sup>148</sup>

Deduz-se que, além dos “encalhes”, Domingos de Magalhães enviava às províncias os últimos lançamentos, uma vez que Coelho Netto publicou *Miragem*, no Rio

---

<sup>145</sup> HALLEWELL, op. cit., p. 166.

<sup>146</sup> Sobre o assunto consultar, por exemplo, AUGUSTI, Valéria. Romances e literatura prescritiva: caminhos para moralizar e civilizar o leitor. Conferir: [http: www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaaios](http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaaios). Consulta feita em 21/01/2002.

<sup>147</sup> Grifos meus.

<sup>148</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 45.

de Janeiro em 1895 e, no início de 96, os jornais corumbaenses já comentavam o aparecimento do livro.

Com o passar dos anos, a Domingos Magalhães foi perdendo seu predomínio e acabou sendo comprada pela Casa Editora Alves, que se encontrava em franca expansão. O nome da firma de Francisco Alves<sup>149</sup> era Livraria Clássica situada, originalmente, na rua dos Latoeiros n. 54, no Rio de Janeiro. Mesmo possuidora de alto grau de importância, o nome não tinha o mesmo destaque de seus contemporâneos porque sua principal atividade estava voltada para os livros didáticos, não sendo, portanto, ponto de encontro de seletos intelectuais, como era costume acontecer com as livrarias daquela época<sup>150</sup>. Ainda que sob nova direção, os anúncios, agora da Casa Editora Alves, continuaram aparecendo nos jornais provinciais. Um dos autores escolhidos pela Francisco Alves, para ser destaque na província mato-grossense, foi José Veríssimo com a obra *A pesca na Amazonia*. Ao comentar a obra, o jornalista fala da abrangência do editor que já possuía representantes no Brasil inteiro, obviamente que a província de Mato Grosso não tinha exclusividade no recebimento de exemplares para divulgação. O perspicaz editor investia firme em várias regiões brasileiras inaugurando, quase nesta mesma época – abril de 1893 -, uma filial de sua livraria em São Paulo, nome de cidade que começa a aparecer como mais um ponto de referência no universo dos livros para os leitores mato-grossenses que tinham, até então, o Rio de Janeiro como um lugar reservado com exclusividade (*O Mato Grosso* – Cuiabá, 28/11/1897). Sinais dos novos ares republicanos que sopravam agora nos estados brasileiros, ou seja, o Rio de Janeiro, apesar de continuar sendo a capital do Brasil, não era mais possuidor da corte, não tinha mais o imperador como seu ilustre morador.

O livreiro-editor Pedro da Silva Quaresma possuía um tino comercial que o distinguia dos demais de sua época. Percebendo a tendência de expansão de classes populares e do crescimento de um novo tipo de público consumidor, resolveu fundar, em 1879, no Rio de Janeiro, a Livraria do Povo, “casa especializada na venda de livros baratos de apelo popular”<sup>151</sup>. Com essa livraria e, posteriormente, com a fundação de uma editora,

---

<sup>149</sup> Apesar de ser português, Francisco Alves encontra-se citado entre os brasileiros por morar no Brasil e ter suas atividades livreiras desenvolvidas no Rio de Janeiro.

<sup>150</sup> HALLEWELL, op. cit., p. 203-6.

<sup>151</sup> Idem, p. 200-1.

conseguiu obter grande sucesso na propagação de livros populares, entre eles, “os chamados de utilidade prática, os livros infantis e as histórias em folhetos”<sup>152</sup>. Sucesso que extrapolava os limites da corte, chegando a várias regiões do Brasil. Pode-se dizer, sem dúvida, que entre os livreiros brasileiros, ele foi o que mais se preocupou em investir na divulgação de suas mercadorias nas províncias. Em Mato Grosso, o nome dele pode ser visto por mais de três anos consecutivos – entre 1896 e 1898 - nas páginas de *O Republicano*. São muitas as notas de jornalistas acusando o recebimento de obras enviadas pelo dono da Livraria do Povo. Elas servem, inclusive, para confirmar que o estrondoso sucesso de Quaresma no Rio, no segmento de livros populares, chegava a Cuiabá e cercanias. Entre os livros mais lidos pelo povo, divulgados por ele nas províncias, encontra-se um dos manuais mais citados do período, *O Manual do Namorado* - tipo de livro que, segundo o anúncio, ensinava aos rapazes “a maneira de agradar as moças; fazer declarações de amor; vestir com elegância; estar à mesa, em bailes, em passeios, etc, etc; e tudo quanto se usa na alta sociedade; seguido de cem cartas de namoro, novíssimas e elegantemente escritas em estilo elevado” (*O Republicano* – Cuiabá, 18/02/1897). Entre os infantis, Quaresma aposta, simultaneamente, no interior e na capital, com a publicação de uma Biblioteca Infantil composta por obras escritas, recolhidas e, às vezes, traduzidas por Figueiredo Pimentel, “o laureado poeta e homem das letras” (*O Republicano* – Cuiabá, 25/03/1897). Pode-se encontrar ainda divulgação de outras obras infantis, como: *Histórias da Baratinha*, *O livro das crianças*, *Os meus brinquedos* e *Contos da Carochinha*. Esta última com direito a extenso comentário crítico. Segundo o jornalista, este “livrinho deveria figurar em todas as boas estantes” por ter “a linguagem, o estilo como convém às crianças a quem o livro é destinado, sem termos bombásticos, nem arabescos”. O jornalista enfatiza ainda o caráter precursor da obra que para ele “tornar-se-á um livro valioso, um livro eterno, porque no Brasil, até hoje, ao que me conste, nada temos de igual”, para, em seguida, concluir de forma convincente: “estivesse meu filho em idade de lê-lo, sem vacilar lhe daria eu esse livro simples, bom de preferência a muitos que trazem pomposamente na primeira página a declaração de ter sido aprovado por qualquer conselho literário” (*O Republicano* – Cuiabá, 02/04/1896). Mesmo não sendo sua principal especialidade, Quaresma fez, ainda, uma pequena incursão pelo mundo dos livros didáticos, mercado

---

<sup>152</sup> EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 87.

dominado na época por Francisco Alves, como se pôde ver anteriormente. *Os ditadores da América*, de J. M. Pereira da Silva, e *Curso de História do Brasil*, de Aníbal Mascarenhas, são os títulos dos livros de outro gênero que Quaresma também tentava vender no interior de um país que há pouco inaugurava um novo sistema de governo, a República. Por toda esta percepção e inteligência, Quaresma conseguiu permanecer no mercado de livros até 1951<sup>153</sup>, quando a livraria cerrou suas portas.

Publicidade semelhante à de Quaresma, porém com menor intensidade, era realizada por Félix Ferreira & Comp. em jornais de Corumbá nos anos de 80 e 81 do século XIX. Seguindo uma tendência da época, a de popularização da leitura pelo barateamento do livro, o editor Félix Ferreira divulgou a publicação de *Nana*, “célebre romance de Emile Zola, com esmerada tradução de Basílio de Brito; 2 volumes, 3\$500” da coleção Biblioteca para todos (*O Iniciador* – Corumbá, 12/08/1880). Todavia, aproximadamente cinco anos antes, esta mesma coleção já havia sido divulgada pelo mesmo editor no *Almanak Laemmert* de 1875<sup>154</sup>, o que permite supor que os livros não tivessem conseguido atingir um patamar satisfatório de venda, ou seja, que estivessem encalhados, daí a necessidade de tentar vendê-los em outros lugares, nas províncias, por exemplo.

Com o mesmo tipo de preocupação, Félix Ferreira divulgou também Ciência para o povo, “coleção de obras de ciências popularizadas pelos mais notáveis escritores modernos nacionais estrangeiros”. Era uma publicação semanal que tentava atrair a simpatia dos iniciantes leitores estudantes com pequena quantidade de páginas – cerca de 50 – “ornadas ou não de gravuras conforme a matéria de que tratar” (*O Iniciador*, Corumbá, 24/07/1881). O anúncio oferece a coleção aos interessados da corte e das províncias, com preços evidentemente mais caros para estes últimos. Para as províncias, um número avulso da coleção poderia ser adquirido por 300 réis enquanto as assinaturas saiam por – 6\$000 as semestrais e 10\$000 as anuais. Qualquer que fosse a escolha do comprador ele deveria enviar “os pedidos acompanhados das respectivas importâncias, em carta registrada, com declaração do valor a Félix Ferreira – Editor, Rua de S. José - 110, Rio de Janeiro”.

---

<sup>153</sup> OLIVEIRA, Lívio Lima de. Pedro da Silva Quaresma: entre estrangeiros, um brasileiro editor. Conferir: <http://www.escriitoriodolivro.org.br/oficios/quaresma.html>. Consulta realizada em 11/04/2006.

<sup>154</sup> EL FAR, op. cit., p. 81.



Assim, há muitos anúncios como este explicitando que o correio era uma das maneiras mais utilizadas pelos moradores das províncias brasileiras para a aquisição de livros ou material impresso em geral, ou seja, na falta de boas e/ou especializadas livrarias locais sobrava ao leitor a alternativa de compra pelo correio. Com o objetivo de estreitar as relações comerciais com as províncias, as livrarias-editoras cariocas em geral costumavam fazer doações e vendas de livros às bibliotecas e às associações literárias conseguindo, desta forma, ao mesmo tempo beneficiar e serem beneficiadas. Assim é que a Associação Literária Cuiabana comunica que recebeu pelo pacote os principais jornais do Rio de Janeiro e das províncias de Goiás, Minas Gerais, Maranhão, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Recebeu ainda “por compra” *Obras póstumas* de G. Dias – 6 volumes; *Moicanos de Paris* de A. Dumas – 12 volumes e “por ofertas” dos srs. Laemmert & Comp.: *D. Branca*, de Garret – 1 volume encadernado; *Rio do quarto*, de Macedo – 1 volume encadernado; *Escavações poéticas*, de Castilho – 1 volume encadernado; *Teresa Dunoyeres*, de Eugênio Sue – 3 volumes encadernados e, finalmente, *Três bofetadas* (sem autor) 1 volume encadernado (*A Tribuna* – Cuiabá, 13/08/1886).

Em suma, a presença de nomes como Garnier, Laemmert, Plancher, Lombaerts, Francisco Alves, entre outros, mostra que estes empresários do mundo dos livros tentavam conquistar não só os clientes da capital do país como também aqueles que moravam em regiões mais distantes da corte. O mesmo se pode dizer em relação aos brasileiros, como Domingos Magalhães, Pedro da Silva Quaresma e Félix Ferreira, que usavam as mesmas armas na luta pela conquista do consumidor. Ou seja, todos os mais importantes livreiros-editores radicados no Rio de Janeiro divulgavam seus produtos em anúncios de jornais mato-grossenses demonstrando assim, apesar da distância geográfica, a existência de uma conexão entre a capital do país e Mato Grosso. Estas informações podem refutar a tese do isolacionismo atribuído a Mato Grosso, que tem em José de Mesquita um de seus opositores. Quando tinha oportunidade de falar sobre seu estado, o historiador mato-grossense fazia questão de frisar que o isolamento intelectual não existia. Em sua conferência “Letras Mato-Grossenses”<sup>155</sup>, o historiador declarou que sua terra, “conquanto longínqua, isolada, esquecida e muitas vezes caluniada, acompanha com carinho inextinguível e vivaz, interesse o ritmo da vida mental brasileira” e que “em Mato Grosso

---

<sup>155</sup> Idem, p. 3.

sempre houve vida mental profunda e intensa”<sup>156</sup>. Em outra oportunidade, desta vez na palestra “O sentido da Literatura Mato-Grossense”<sup>157</sup>, fez questão de frisar que os “humoristas da imprensa litorânea” se esquecem do que o Mato Grosso já havia proporcionado de bem ao Brasil, destacando apenas seus aspectos negativos:

Mato Grosso, que, no período colonial, integrou ao Brasil a lindeira do Oeste e, no regime monárquico, foi o anteparo às investidas lopesinas, fazendo de muralhas o peito heróico dos seus filhos, não consegue, entretanto, ser mais do que a “ficção geográfica” com que se divertem os humoristas da imprensa litorânea, quando é considerada a grande Bororolândia, povoada de índios, feras e jagunços...<sup>158</sup>

Deste modo, o vínculo existente entre Mato Grosso e Rio de Janeiro, demonstrado fartamente pelo envio de livros da capital para a Província e pelos inúmeros anúncios recolhidos durante a pesquisa, mostra que Mato Grosso não possuía uma “feição toda peculiar, dado seu isolamento geográfico e sua imensidão territorial”<sup>159</sup> e nem era a “vedeta solitária da Pátria nos confins austro-ocidentais”<sup>160</sup>, como também contestava o historiador José de Mesquita.

---

<sup>156</sup> Idem, p. 4.

<sup>157</sup> Conferência proferida no “Centro Mato-grossense” do Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1936, pelo presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, José de Mesquita. Esta conferência encontra-se disponível em < [www.jmesquita.com.br](http://www.jmesquita.com.br) >.

<sup>158</sup> Palestra “O sentido da Literatura Mato-grossense”, p. 10.

<sup>159</sup> Idem, p. 5.

<sup>160</sup> Idem, *ibid.*

## **Capítulo 2**

### **LEITURA NO MATO GROSSO: O DISCURSO CRÍTICO**

## 2.1 Primeiras manifestações da crítica literária

Na década de 50 do século XX, a crítica literária ainda freqüentava os jornais querendo libertar-se deles<sup>161</sup>, porém, na segunda metade do século XIX, eles eram praticamente o único local onde ela circulava. Nos jornais mato-grossenses deste período, foram encontrados textos críticos de diversos graus de complexidade que se valeram de não menos variadas formas de abordagem. Observando-se os textos como um todo, pode-se dizer que o olhar dos críticos jornalistas encontrava-se voltado para os assuntos literários que vinham de fora, isto é, de outras províncias, da capital do país ou mesmo da Europa, sem, no entanto, perder de vista os acontecimentos literários que envolviam questões locais.

Assim, levando-se em conta esta observação, este capítulo encontra-se dividido em duas partes. A primeira apresenta os textos críticos cujo foco encontrava-se voltado para questões não-locais, que embora não tivessem o Mato Grosso como pano de fundo/referência, certamente eram de interesse dos leitores e dos jornalistas que não queriam ficar alheios a acontecimentos relacionados ao mundo da leitura ocorridos em outras regiões. Assim, por intermédio dos textos críticos, pode-se dizer que o Mato Grosso acompanhou algumas importantes questões pertencentes ao debate nacional daquela época, como a discussão a respeito da formação de uma literatura nacional, com a conseqüente tentativa de desvinculação da literatura portuguesa, a recepção no Brasil das novas teorias científicas pelos intelectuais, tendo como suporte uma rede de informações vindas das mais diferentes regiões nacionais e estrangeiras.

A segunda parte trata dos textos críticos que priorizaram obras relacionadas ao Mato Grosso e regiões circunvizinhas. Dois deles abordam livros de literatura de viagem escritos por cronistas estrangeiros que visitaram o Mato Grosso na segunda metade do século XIX. Os demais são referentes a obras de autores brasileiros que, valendo-se da

---

<sup>161</sup> COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975, p. 15.

prosa ficcional ou não, acabaram, cada um a sua maneira, escolhendo o Mato Grosso como componente de suas narrativas.

O quadro abaixo oferece uma visão geral do conjunto de textos de crítica literária encontrados nos jornais de Mato Grosso da segunda metade do século XIX.

TEXTOS CRÍTICOS ENCONTRADOS EM JORNAIS MATO-GROSSENSES DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX		
	Título/Assunto do artigo	Jornal – data – autor
	<b>Textos críticos voltados para o não local</b>	
	“Tributo às letras”	<i>O Mato Grosso</i> – Cuiabá, 1891 - Oscar Leal
	“Escravidão” – poema de Silvestre de Lima	<i>A Província de Mato Grosso</i> – Cuiabá – 1881 – s/a
	“A morte de J. Alencar” – caderno especial	<i>A Opinião</i> – Corumbá – 1878 – s/a
	“Deusa cruenta” – poema de Castro Alves	<i>A Opinião</i> – Corumbá - 1878 – Pulchério (?)
	<i>O parteiro</i> – Oscar Leal	<i>O Republicano</i> – Cuiabá 1896 – s/a
	<i>Lupe</i> – Afonso Celso	<i>O Republicano</i> – Cuiabá 1896 – s/a
	<i>Dr. Benignus</i> – E. Zaluar	<i>A Situação</i> – Cuiabá – 1875- s/a
	“Gênio” – poema a Camões	<i>O Iniciador</i> – Corumbá – 1881 – s/a
	“Camoniana”	<i>O Iniciador</i> – Corumbá – 1880 – Homem de Melo
	<i>As modernas idéias da lit. portuguesa</i> – Teófilo Braga	<i>O Mato Grosso</i> – Cuiabá, 31/12/1893 – Ariel
	“O célebre Lombroso”	<i>O Republicano</i> – Cuiabá, 1896 s/a
	“A vida e a arte” – (Max Nordau)	<i>O Mato Grosso</i> – Cuiabá – 1893 – Larbac
	<i>O doutor Pascal</i> – E. Zola	<i>O Mato Grosso</i> – Cuiabá – 1893 – s/a
	<i>Ma douleur</i> – Daudet	<i>O Republicano</i> – Cuiabá – 1898 – s/a
	<i>Guerra e paz</i> – Tolstoi	<i>O Republicano</i> – Cuiabá – 1896 – s/a
	<i>Crepúsculo</i> – Amália de Figueiroa	<i>A Opinião</i> – Corumbá - 1878 – A. Pulchério
	<i>Rosas loucas</i> – <i>Marido da doida</i> - Carlos Ferreira	<i>A Opinião</i> – Corumbá – 1878 – A. Pulchério (?)
	<i>Plectros</i> – Ibrantina Cardona	<i>O Republicano</i> – Cuiabá – 1898 – s/a
	<b>Textos críticos voltados para o local</b>	
	Sobre a obra do Sr. Bossi	<i>A Imprensa de Cuiabá</i> – 1863 – s/a
	<i>O Brasil central</i> – Karl von den Steinen	<i>A Província de Mato Grosso</i> – Cuiabá – 1888 – s/a
	<i>Viagem ao redor do Brasil</i> – Severiano da Fonseca	<i>O Iniciador</i> – Corumbá – 1880 – s/a
	<i>Viagem a um país de selvagens</i> – Oscar Leal	<i>O Republicano</i> – Cuiabá 1895 – s/a
	<i>A pesca na Amazônia</i> – J. Veríssimo	<i>O Mato Grosso</i> – Cuiabá – 1897 – s/a
	<i>Miragem</i> – Coelho Neto	<i>O Republicano</i> – Cuiabá - 1896 – Raul Plínio
	<i>Inocência</i> – Visconde de Taunay	<i>O Liberal</i> – Cuiabá – 1874 – Mericano
	<i>Histórias brasileiras</i> – Visconde de Taunay	<i>O Liberal</i> – Cuiabá - 04/03/1875 – Mericano
	<i>Histórias brasileiras</i> – Visconde de Taunay	<i>O Liberal</i> – Cuiabá - 25/03/1875 – Mericano
	<i>Histórias brasileiras</i> – Visconde de Taunay	<i>O Liberal</i> – Cuiabá - 18/07/1875 – Palmiro
	<i>Histórias brasileiras</i> – Visconde de Taunay	<i>O Liberal</i> – Cuiabá - 08/08/1875 – Palmiro
	<i>Histórias brasileiras</i> – Visconde de Taunay	<i>O Liberal</i> – Cuiabá - 08/08/1875 – Palmiro
	<i>Histórias brasileiras</i> – Visconde de Taunay	<i>O Porvir</i> – Cuiabá – 04/04/1878 – s/a
	<i>Histórias brasileiras</i> – visconde de Taunay	<i>O Porvir</i> – Cuiabá – 12/04/1878 – s/a
	<i>Histórias brasileiras</i> – Visconde de Taunay	<i>O Porvir</i> – Cuiabá – 21/04/1878 – s/a
	<i>Histórias brasileiras</i> – Visconde de Taunay	<i>O Porvir</i> – Cuiabá – 29/04/1878 – s/a

Nem todos os textos deste bloco serão comentados neste momento: os relativos a *Histórias brasileiras*, de Visconde de Taunay, serão vistos separadamente, no próximo capítulo, já que mereceram atenção especial por parte da mídia escrita.

## 2.2 Foco do discurso crítico voltado para o não-local

### 2.2.1 Formação da literatura nacional

No primeiro bloco, percebe-se que as obras eleitas pelos jornalistas para o exercício da crítica traziam à tona praticamente os mesmos assuntos que eram discutidos nas demais regiões brasileiras, notadamente após a independência política do Brasil. Para Antonio Candido<sup>162</sup>, este acontecimento político desencadeou no meio intelectual o sentimento patriótico de oferecer ao Brasil uma literatura que revelasse adequadamente própria realidade, ou seja, uma literatura nacional, que fosse diversa, independente da portuguesa e que desse aos brasileiros um sentimento de libertação relativo à mãe-pátria, enfim, uma literatura que contribuísse com a tarefa da construção nacional.

Esta discussão percorreu praticamente todo o século XIX. No final dos anos 90, este era o assunto tratado no artigo “Literatura Nacional”, extraído de *Tributo às Letras*, pequeno jornal impresso em Cuiabá, em folha de cetim rosa, dedicado à imprensa cuiabana e ofertado ao jornalista de *O Mato Grosso* por Oscar Leal. Como forma de agradecimento ao autor, o periodista fez questão de transcrever um dos artigos, justamente aquele em que Oscar Leal chamava a atenção dos leitores para o fato de que pouco a pouco os “irmãos de além mar” iam reconhecendo que os brasileiros eram possuidores de uma literatura própria ou pelo menos de “grosso cabedal de elementos amplamente aproveitáveis”. Todavia, segundo Oscar Leal, o poeta português Pinheiro Chagas, não compartilhava desta idéia, pois em seus ensaios críticos dizia que “apesar dos muitos talentos que avultam na nossa antiga colônia americana, não se pode dizer que o Brasil possua uma literatura!” Em tom irritado, Oscar Leal conclui a matéria respondendo que Pinheiro Chagas possuía pouco conhecimento da nossa vida literária, pois desconhecia o

---

<sup>162</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p. 9-10.

nativismo presente em *Uruguai*, de Basílio da Gama, em *Timbiras*, de Gonçalves Dias, em *Caramuru*, de Santa Rita Durão, no lirismo social de Castro Alves, no *Guarani*, de Alencar, nas obras de Bernardo Guimarães, autores, que segundo ele, podiam servir de exemplo para a velha Europa (*O Mato Grosso* – Cuiabá, 18/10/1891).

A propósito, os ataques de Pinheiro Chagas à literatura brasileira estampados no jornal de Mato Grosso eram assunto recorrente no mundo intelectual daquela época. Entre os mais conhecidos, encontra-se a crítica feita por ele à linguagem utilizada por José de Alencar para escrever *Iracema*, como a “falta de correção na linguagem portuguesa, ou antes a mania de tornar brasileiro uma língua diferente do velho português por meio de neologismos arrojados e injustificáveis e de insubordinações gramaticais”<sup>163</sup>, crítica que ele costumava estender aos escritores brasileiros em geral.

Os textos críticos também revelam preocupações dos jornalistas mato-grossenses com questões políticas nacionais como o problema da escravidão, que o Brasil ainda não havia resolvido. Ao comentar o poemeto “Escravidão”, de autoria de Silvestre de Lima, o jornalista de *A Província de Mato Grosso* revela que o autor solicitou-lhe que fizesse a “apreciação de seu importante livro” nas colunas daquele periódico. Alegando-se o “menos habilitado da Província” para tal exercício, promete não fazer uma crítica ou apreciação por não possuir as forças necessárias para tanto, mas dará “um pálido reflexo da impressão” que lhe causou tão importante trabalho, apenas para contentar os anseios do autor.

Assim como Oscar Leal, embora dez anos antes, o redator também se preocupa em fazer um rápido apanhado sobre o desenvolvimento “grandioso e sublime” da literatura brasileira. Ele opta por falar dos escritores jovens cheios de vigor, mas que o “sopro da gélida morte” tem vindo buscar. Cita os poetas românticos Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e tantos outros “canoros e sublimes cantores”; lamenta, novamente, a morte prematura destes poetas que ainda poderiam oferecer muito à literatura brasileira. Todavia afirma que novos escritores, de igual ou superior talento, já estão produzindo poesias como o “vigoroso e fecundo talento do autor do Poemeto Escravidão”.

---

<sup>163</sup> ALENCAR, José de. “Pós-fácio”. *Iracema* (1. ed., 1865). Conferir: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, vol. III, p. 313.

O crítico encanta-se com a linguagem de Silvestre de Lima, que ele diz ser possuidora de versos harmoniosos, estilo fluente e magistral, “com dicção cadenciosa”, prosseguindo com muitos e muitos outros elogios para, finalmente, discordar de algo. A principal discordância dele encontra-se numa questão de foro ideológico e não literário. A juventude do poeta, com seus “ardentes vôos juvenis”, ainda segundo o mesmo crítico, é que seria a responsável por ele ter tomado partido contrário “às verdades essenciais da natureza humana”. O jornalista se sente assustado com a promessa de vingança do poeta que diz em seus versos que promete “vingar a raça escravizada”. O crítico sai em defesa dos fazendeiros alegando que os mato-grossenses não costumavam praticar esse tipo de abuso contra os escravos. Enfim, questões políticas, sociais e econômicas sobre a escravidão são extensamente aventadas, com o jornalista-crítico defendendo a abolição sob o ponto de vista dos senhores donos dos escravos. Depois de severas críticas sobre o posicionamento sócio-político de Silvestre de Lima, o jornalista volta a elogiá-lo, transcrevendo algumas estrofes do poema, sempre fazendo muitos elogios, para finalmente concluir destacando a importância de Silvestre de Lima para a literatura nacional: “Cumprimos cordialmente o talentoso autor do poemeto ‘A Escravidão’ e lhe ambicionamos um porvir cheio de vida para o engrandecimento da literatura pátria” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 13/12/1881).

A literatura pátria também se encontrava presente nos jornais do interior do Mato Grosso por meio da publicação de poemas, como o do baiano Castro Alves<sup>164</sup>. Um deles, “Deusa Incruenta”, ganhou espaço em *A Opinião*, antecedido de alguns comentários críticos. O jornalista chama atenção dos leitores para a genialidade do poeta e para o alto nível do poema que era praticamente desconhecido do público, visto que “jazeu inédito” por muito tempo. Valendo-se de uma linguagem um pouco mais técnica, o crítico faz comentários sobre a extraordinária imaginação do poeta e sua capacidade de criar uma variedade de imagens sem se descuidar “da mais perfeita e esmerada metrificacão”. Portanto, o jornalista, dá mostras de ser conhecedor de preceitos essenciais da poética (*A Opinião* – Corumbá, 01/01/1878).

---

<sup>164</sup> A publicação de poemas nos jornais mato-grossenses era muito comum. Qualquer tipo de acontecimento de ordem política, histórica, social, ou mesmo sentimental podia ser considerado um bom motivo para que ela ocorresse. Os autores locais, via de regra, costumavam assinar seus poemas apenas com iniciais. Havia também a divulgação da obra de outros poetas nacionais além de Castro Alves, escolhido pelo fato deste poema trazer comentários críticos.



Um acontecimento ocorrido no mundo das letras que ganhou dimensão nacional e foi também intensamente vivido nos jornais de Mato Grosso foi a morte do escritor cearense José de Alencar, ocorrida em 12 de dezembro de 1877. Com um atraso de quase dois meses, em 03 de fevereiro de 1878, a cidade de Corumbá prestou uma homenagem póstuma ao escrito por meio da publicação em *A Opinião* de um caderno especial dedicado exclusivamente a este assunto. A matéria tem início com o comunicado do “passamento de nosso mais ilustre homem de letras”, seguida pela narração detalhada dos acontecimentos que circundaram o velório e sepultamento. Também foram lembrados dados biográficos e algumas impressões que a leitura de certas obras de Alencar havia causado no jornalista quando ainda era um menino. No mesmo número, também há uma seleção das principais notícias sobre o assunto publicadas no *Jornal do Comércio* de 13 e 14 de dezembro de 1877, dia que sucedeu a morte do poeta. Houve ainda, a transcrição na íntegra de discursos proferidos no túmulo do escritor pelo Deputado Taunay, por Duque Estrada Teixeira e outros. No mês de março, as homenagens continuaram com a publicação de artigos de vários intelectuais da época. Mais de um ano após a morte do escritor, elas ainda persistiam em textos como de J. Tavares, em outro jornal, *O Povo* – Cuiabá, 29/05/1879. Todos estes tributos prestados ao autor de *Iracema* confirmam a idéia de que ele foi um escritor que teve seu talento reconhecido, ainda em vida, não só na capital do país como também no interior.

O artigo de Oscar Leal publicado em 1891, portanto quase setenta anos após a Independência do Brasil, bem como os outros das décadas de 70 e 80 levam a pensar que as questões relativas à autonomia literária e à formação de uma literatura genuinamente brasileira discutidas intensamente, ainda não haviam sido esgotadas, visto que em algumas regiões, como Mato Grosso, por exemplo, elas ainda ganhavam destaque na mídia, inclusive pelas mãos de um brasileiro que teve grande influência portuguesa em sua formação e viveu por algum tempo em Cuiabá.<sup>165</sup>

---

<sup>165</sup> A preocupação dos mato-grossenses de participar da discussão da formação de uma literatura nacional brasileira ganha reforço se se levar em conta que a quase totalidade dos textos críticos sobre ficção encontrados nos jornais elege o romance nacional como matéria.

## 2.2.2 Vestígios da literatura portuguesa

Apesar de o Brasil ter começado a dar mostras dos primeiros sinais de autonomia em relação à cultura portuguesa, o interesse em relação a Camões e a livros literários portugueses recém lançados sugere que o gosto ainda continuava existindo. A predileção pelo autor de *Os Lusíadas* pode ser entrevista nas páginas de um jornal corumbaense, na “Seção camoniana”, ora com versos feitos em sua homenagem, ora com texto em prosa, também exaltando o poeta português, assinado por Barão Homem de Melo, professor de História Universal do Colégio Pedro II (*O Iniciador* – Corumbá, 15/08/1880). A publicação do poema “O gênio”, em homenagem ao aniversário da morte de Camões, assinado por Neófito, foi responsável por uma polêmica que envolveu várias pessoas, inclusive os redatores de dois jornais, *O Iniciador* e *O Corumbaense*<sup>166</sup>. Neste debate, discutiram-se os mais diversos assuntos lingüísticos e literários. A pendenga trouxe à tona assuntos como a acentuação de palavras (o caso do acento da palavra “prosopopéia” foi interessante, pois vários compêndios da época foram citados); a correta utilização de letras maiúsculas e minúsculas; a adequação ou inadequação do uso de alguns adjetivos (“néscio”, por exemplo, foi motivo de longo debate com citação de verbetes de dicionários e autores clássicos). O recurso mais utilizado pelos debatedores era exatamente este, o de procurar na literatura clássica exemplos que confirmassem suas assertivas (*O Iniciador* – Corumbá, 15/08/1880).

A atenção relativa à literatura portuguesa também foi encontrada em um texto do crítico-jornalista Ariel, que logo no início de sua matéria, sem título, confessa ter acabado de ler um livro do crítico português Teófilo Braga, em que ele havia feito considerações sobre o papel das literaturas nas sociedades modernas e suas relações com outros ramos do entendimento humano. Ariel não gosta de *As modernas idéias na literatura portuguesa* porque, segundo ele, o autor faz extensa digressão política, cheia de “preconceitos sistemáticos” e acusações contra a monarquia portuguesa, severas críticas a autores como Mousinho, Passos Manoel, José Estevam, Costa Cabral, Rabello da Silva,

---

<sup>166</sup> *O Corumbaense* – órgão dos interesses do comércio, da lavoura e da instrução popular: literário e noticioso. Circulou em Corumbá em 1881 e 1889.

Alexandre Herculano, Fontes Pereira de Melo, Castilho, Latino Coelho, e palavras de benevolência para João de Deus, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Oliveira Martins. Ariel encerra seus comentários dizendo que Teófilo Braga ao arrematar seu livro faz uma conclusão não menos “massadora” que a abertura, só que, desta vez, as reflexões são sobre o Positivismo de A. Comte. O crítico-jornalista acredita que a teoria positivista “comprometeu desgraçadamente ao velho literato a quem o nosso eminente patricio Dr. Sílvio Romero, que, aliás, já respigou muito, havia dito algumas duras verdades, a propósito de uns estudos seus sobre fatos da nossa literatura” (*O Mato Grosso* – Cuiabá, 31/12/1893).

Discordando da maneira como Teófilo Braga se apropriou do Positivismo para comentar as novas idéias sobre a literatura portuguesa, o jornalista-crítico mato-grossense mostrava-se bastante comprometido com questões de seu tempo, pois, ao declarar que o crítico Sílvio Romero havia dito duras verdades a Teófilo Braga a respeito de questões relativas à literatura brasileira, estava fazendo alusão a uma polêmica existente entre os dois, iniciada quando Teófilo Braga fez a introdução e notas em duas antologias organizadas por Sílvio Romero, *Cantos populares do Brasil* (1883) e *Contos populares do Brasil* (1885)<sup>167</sup>. As duas antologias foram publicadas em Portugal pelo editor Carrilho Videira. Porém, quatro anos após a publicação de *Cantos* e dois após a de *Contos*, Sílvio Romero escreveu o opúsculo *Os cantos e os contos populares do Brasil e o Sr. Teófilo Braga*, em que acusava o crítico português de ter se apossado de sua classificação etnográfica e de ter modificado o texto original de ambas as obras. Esta foi a causa primeira de uma polêmica existente entre os dois que se estendeu por quase vinte anos, de 1887 a 1906, e que pode ter motivado a visão negativa do jornalista mato-grossense sobre a obra do escritor português.

A menção feita pelo crítico mato-grossense do uso da teoria positivista, como um dos critérios utilizados por Teófilo Braga para seu estudo sobre a literatura portuguesa, sinalizava para algo que já vinha ocorrendo no mundo das idéias, as teorias científicistas.

---

<sup>167</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 84-5.

### 2.2.3 Crítica literária e cientificismo

O envolvimento dos mato-grossenses com as teorias científicas mais em voga no final do século XIX evidencia-se pela presença de vários artigos. Um, encontrado em *O Republicano* - Cuiabá, 16/09/1896, possui como tema central a utilização na crítica literária da Antropologia Criminal, ou Criminologia – como será posteriormente denominada a teoria elaborada na Europa, sobretudo, a partir dos trabalhos de Lombroso e de seus seguidores<sup>168</sup>. Segundo o redator do artigo, esse criminologista italiano tinha a convicção de que a crítica literária seria renovada se os autores dos livros fossem estudados pela ciência antropológica e psiquiátrica. O texto exemplifica a aplicação da teoria de Lombroso por meio de comentários sobre dois autores europeus, Leopardi e Lord Byron, considerando apenas suas vidas. Um deles é o estudo feito por professor Patrizi, amigo do criminologista, sobre o caso da loucura de Leopardi, poeta italiano. O referido professor fez um levantamento das influências hereditárias exercidas sobre o poeta reunindo dados de seus antepassados, retroagindo até o século XIII, e descobriu que em sua família existiam cinco pessoas sofrendo de loucura religiosa, um suicida, sete ladrões, um assassino e um espião político, além de notar nele, Leopardi, a presença de sinais de degeneração como “procreatismo da maxila superior, semblante irregular, aspecto senil, traços femininos, orelhas proeminentes, tendência aos vícios secretos, sensibilidade excessiva, gosto pela excentricidade, irritabilidade, freqüentes distrações, orgulho, falta de moderação no beber, comer etc.” O estudo sobre a vida de Lord Byron foi feito nos mesmos moldes e com resultados muito semelhantes ao de Leopardi.

Outro artigo, intitulado “A vida e a arte”, é encimado pelo nome de Max Nordau indicando, provavelmente, que as idéias expressas por Larbac<sup>169</sup>, que assina o texto,

---

<sup>168</sup> ALVAREZ, Marcos César. A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 45, n. 4, p. 678, 2002.

<sup>169</sup> Nada foi encontrado sobre a vida do jornalista Larbac, apenas deduz-se que o sobrenome dele poderia ser Cabral - anagrama de Larbac. Existem mais dois artigos em *O Mato Grosso*, relacionados às letras e assinados por ele. Um, conclamando as leitoras cuiabanas a participarem de uma enquete com perguntas elaboradas por ele mesmo com o intuito de traçar-lhes um retrato moral, a exemplo do que vinha ocorrendo em jornais nacionais e estrangeiros (*O Mato Grosso* – Cuiabá, 23/07/1893); outro, com comentários póstumos

foram baseadas nos escritos deste autor. O ensaio é bastante extenso e também foi publicado na década de 90 do século XIX, em *O Mato Grosso*, jornal que apesar de não se auto-intitular literário, trazia em suas páginas muito de literatura. Para elucidar a complexa questão da influência da arte sobre a vida e vice-versa, Larbac lança mão da doutrina científica de Max Nordau, médico contemporâneo de Lombroso, igualmente considerado um teórico dos estudos sobre a degeneração da raça e defensor da natureza patológica do gênio <sup>170</sup>.

Como introdução do texto, Larbac fez uma série de indagações que podem ser resumidas naquela velha e tantas vezes repetida indagação: a arte imita a vida ou a vida imita a arte? A resposta dele é de que não há a menor dúvida de que a influência da literatura, principalmente a “deleitosa”, sobre a vida dos seres humanos é muito maior que a ação contrária. Segundo ele, a literatura é tão poderosa que é capaz de submeter ao seu jugo a individualidade moral e todos os pensamentos e ações do leitor, fazendo que ele acabe tomando por modelo conceitos e dramas inspirados nas obras literárias. Adverte, ainda, que as pessoas sofrem diferentes graus de influência e que os mais prejudicados pela leitura de romances são aqueles de “natureza mais maleável”, como “a juventude, a mulher, os tísicos, os mentecaptos e os indivíduos cujo equilíbrio nervoso está em perigo”.

Os exemplos dados por Larbac para ilustrar sua teoria merecem ser citados, pois representam as novas idéias que circulavam naquela época. Conforme conta ele, as mulheres parisienses se deixavam entusiasmar totalmente pela imprensa transformando-se em obra, da cabeça aos pés, dos jornalistas e dos “escritores amenos”. Parecem verdadeiras bonecas que obedecem aos impulsos de um “vagabundo de gosto viciado”, redator das páginas de um livro ou de colunas de um jornal. O modelo de mulher proposto pela imprensa é o daquela que caminha ligeiro, tem a voz sutil como de uma criança e “quando come, o dedo mínimo de sua mão separa-se dos outros”. Larbac oferece vários exemplos do poder que a literatura possui de influenciar a vida das pessoas. Cita autores alemães, não se esquecendo do caso dos suicídios dos jovens motivados pela leitura de Werther, de Goethe; alude ao escritor francês Antony - “essa vítima do amor e da sorte”; menciona o inglês

---

sobre a obra de Guy de Maupassant (*O Mato Grosso*, Cuiabá, 27/08/1893).

<sup>170</sup> A influência das doutrinas dos chamados teóricos da degeneração como Max Nordau e Cesare Lombroso, sobre um escritor pode ser encontrada em: MISKOLCI, Richard. *Thomas Mann, o artista mestiço*. São Paulo: Annablume, 2003.

Byron – culpando-o por espalhar pelo mundo todo jovens com aspecto “endemoniado, com as faces pálidas, cabelos compridos, camisa larga e o olhar cheio de misteriosa melancolia”.

Os argumentos utilizados por Larbac nessa reflexão sobre a arte literária e a vida foram fortemente influenciados pelas teorias científicas que dominaram a segunda metade do século XIX, como o Determinismo de Taine. Este pensador “apresentou a famosa tese da tríade ‘raça, meio e momento’ como condicionante do comportamento humano”, preconizando que “a conduta de um ser seria determinada pela tríplice ação da hereditariedade, que transmite caracteres, tendências, taras, do ambiente em que a pessoa vive e do momento histórico, que oferece as circunstâncias existenciais”<sup>171</sup>. Enfim, as bases teóricas que deram sustentação ao movimento literário denominado Naturalismo.

O jornalista cuiabano encontrou no jornal francês *Le Gaulois* fonte de informação para escrever um artigo sobre o romance naturalista de Emile Zola, *O doutor Pascal*. Segundo o jornalista, por ocasião do lançamento deste romance, o referido jornal publicou um “documento curiosíssimo” do qual ele se valerá para escrever a matéria. O documento noticia a publicação, em Paris, de 50 000 volumes de *O doutor Pascal*, seguido de um estudo de sua obra que teve duração de 25 anos, sendo o livro em questão o último volume da série dos *Rougon Macquart*. Enfim, o redator faz uma síntese das principais idéias contidas no documento sem, no entanto, enunciar sua opinião sobre *O doutor Pascal* (*O Mato Grosso* – Cuiabá, 01/10/1893). Isso mostra que o objetivo da matéria não era o de emitir um juízo de valor sobre o livro, mas o de colocar os mato-grossenses a par dos últimos acontecimentos literários ocorridos na capital francesa.

Enquanto o jornalista de *O Mato Grosso* foi buscar informações literárias no jornal francês, o de *O Republicano* as encontrou em *A Província do Pará*. É deste jornal que foi extraída a notícia de que Afonso Daudet, contemporâneo de E. Zola e conhecido por suas evocações naturalistas e humorísticas da vida francesa, havia deixado a obra póstuma *Ma douler*. Seguindo um dos preceitos da escola naturalista de retratar mais fielmente possível a realidade, o livro, segundo o redator de *A Província do Pará*, narra detalhadamente as “nevroses”, os sofrimentos físicos e psicológicos vividos por Afonso Daudet nos seus últimos vinte anos de existência (*O Republicano* – Cuiabá, 24/07/1898). Esta opção do periodista mato-grossense pela escolha e posterior reprodução de uma notícia

---

<sup>171</sup> D’ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 379.

extraída de um jornal paraense indica, mais uma vez, que Mato Grosso não se conectava apenas com a corte. Esta conexão se estendia também entres as várias províncias do império, inclusive entre as mais distantes.

As observações sobre livros da escola naturalista não se restringiam apenas a autores franceses, há também a indicação de leitura de livro de escritor naturalista nacional, como Oscar Leal. A obra sugerida é uma “novela naturalista”, recém publicada, intitulada *O Parteiro*. No início da nota, o jornalista faz elogios ao “trabalhador infatigável” que diz ser Oscar Leal e dá informações costumeiras sobre a parte material do livro, que foi impresso nas oficinas da Empresa Literária de Lisboa, possui 159 páginas, distribuídas em XIII capítulos, sendo o primeiro relativo à descrição topográfica de Recife e os demais dedicados ao “assunto que constitui propriamente a novela, que é escrita em estilo claro e desenvolvida com felicidade” e aconselha a leitura: “um livro que merece ser lido por todo aquele que, sem preocupação de escola, deseja acompanhar o movimento literário do nosso país” (*O Republicano* – Cuiabá, 03/12/1896).

Enfim, estes textos publicados na década de 90 do século XIX indicam a boa acolhida que as propostas e os conceitos básicos das teorias circulantes no mundo científico, naquela ocasião, tiveram no meio intelectual mato-grossense, que decidiu utilizá-las para reflexões sobre a arte literária, seus métodos de análise e produção. Evidentemente que esta não era uma questão restrita a uma determinada região do país, no Brasil todo o debate cultural predominante tratava de questões da adaptação das teorias científicas para as mais diversas áreas do saber, inclusive para a explicação de questões nacionais polêmicas como o caso da miscigenação racial de um país tido como mestiço.<sup>172</sup> Assim, o discurso crítico dos jornalistas mato-grossenses aponta para a idéia de que eles traziam para o conhecimento do público discussões extremamente atuais que não ocorriam somente nos grandes centros. A participação deles nestes debates amplos se dava possivelmente pela necessidade que sentiam de se mostrarem parte integrante de um grupo nacional pensante que havia acolhido o novo ideário positivo-evolucionista.

---

<sup>172</sup>Em *Espetáculo das raças*, Lilia Moritz Schwarcz desenvolveu um estudo sobre nossa miscigenação racial em que mostra a relevância e as variações na utilização desse tipo de teoria no Brasil, no período compreendido entre 1870 e 1930. Conferir: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 14.

#### 2.2.4 Outras conexões

Outros textos, ainda que não abordem livros da escola naturalista, continuam mostrando a existência de uma rede de conexão cultural entre o Mato Grosso e várias outras regiões brasileiras e estrangeiras. Do *Diário Oficial* do Rio de Janeiro, foi transcrita a crítica de *Dr. Benignus*, de Emile Zaluar. As apreciações foram passadas para o *A Situação*, quase dois meses depois de terem sido publicadas no *Diário Oficial*, porém a matéria saiu nos dois jornais em 1875, ano de lançamento do “romance científico”. O crítico informa que a obra não é de pura imaginação, “nem pintura de costumes ou caracteres”, ela pertence ao gênero do romance científico a exemplo do que tem feito o autor de *Vinte mil léguas submarinas*, Júlio Verne. Continua dizendo que o Sr. Zaluar fez longos e pacientes estudos para inaugurar este gênero no Brasil. Elogia a narração “animada, interessante e curiosíssima” (*A Situação* – Cuiabá, 10/11/1875).

Apesar de toda dificuldade de locomoção existente no Brasil da década de 70 dos oitocentos, Mato Grosso também recebia notícias de acontecimentos literários ocorridos em São Paulo, ou mais precisamente, havia comunicação entre cidades do interior das duas províncias, Campinas e Corumbá por meio dos jornalistas de *A Gazeta de Campinas* e de *O Iniciador*. Este último possuía em seu quadro de colaboradores o poeta mato-grossense Amâncio Pulchério de França<sup>173</sup>, homem que prestou grandes serviços à instrução pública de Corumbá (*O Iniciador* – Corumbá, 10/03/1881). Além de participar assiduamente das atividades de *A Opinião*, publicando poemas, prosa de ficção, textos críticos, chegou a ser, ainda que por um curto espaço de tempo, em meados de 1878, editor e redator deste mesmo jornal.

O texto assinado por ele, “Crepúsculos”, é relativamente extenso. Nele, o poeta mato-grossense faz comentários sobre uma crítica literária publicada pelo “distinto” poeta Carlos Ferreira, na *Gazeta de Campinas*, sobre o livro *Crepúsculos*, de autoria da

<sup>173</sup> Seu nome também aparece associado ao jornal *O primeiro de março*, de 1871. Conferir: PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá: Resenha Tributária, 1982, p. 63. Pulchério produziu, ainda, uma série de comentários críticos sobre *Histórias brasileiras*, de Visconde de Taunay, em *O Liberal*, de Cuiabá, valendo-se do pseudônimo Palmiro, conforme consta no último capítulo deste estudo.



poetisa Amália de Figueiroa. Pulchério elogia muito a capacidade de trabalho de Carlos Ferreira, “moço de reconhecido talento, ocupa-se sempre da literatura” e suas idéias sobre o livro da poetisa, declarando que “suas palavras em relação à Amália Figueiroa nos impressionaram sobremaneira” (*A Opinião* – Corumbá, 26/12/1878). Nos mesmos moldes, provavelmente de autoria do mesmo crítico, há mais dois textos que continuam fazendo referências ao poeta e também dramaturgo campineiro Carlos Ferreira<sup>174</sup>. Um trata dos elogios que a peça *O marido da doida*, encenada em um dos teatros da corte, vinha recebendo da imprensa do Rio de Janeiro e dos “dois excelentes volumes de poesias, um dos quais *Rosas loucas*”, do escritor Carlos Ferreira; há também informações da vida pessoal do poeta e elogios ao “estrondoso triunfo que acaba de conquistar”; entretanto, dos poemas mesmo não aparece nenhuma referência (*A Opinião* – Corumbá, 06/01/1878). O outro repete praticamente as mesmas informações destacando a saída do prelo do drama *O marido da doida* e alegando que “começam a ser distribuídas as respectivas listas para assinaturas havendo já um crescido número delas em Campinas. Dando esta boa nova literária chamamos a atenção do público, a quem recomendamos esse livro.” O jornalista compara *O marido da doida*, de Carlos Ferreira, à *Suplício de uma mulher*, de Dumas Filho, dizendo que ambos pertencem à escola realista e que, se *O marido da doida* fosse escrito em língua francesa, marcaria uma época literária. Ainda segundo o jornalista, este livro será precedido por um prefácio literário em que o autor fará comentários sobre as diversas críticas que apareceram a respeito do problema filosófico e social que envolve o drama da obra (*A Opinião* – Corumbá, 14/04/1878).

Vinte anos depois, Campinas, por via indireta, volta a ser alvo da crítica, desta vez por meio de um jornal cuiabano. São os comentários da obra *Plectros*, da poetisa Ibrantina Cardona, “talentosa e encantadora poetisa rio-grandense”, todavia residente em Campinas, já que era considerada “um dos ornamentos da primeira sociedade de Campinas”. A crítica se inicia dando informações gerais sobre o livro de poesia, revelando, inclusive, que o prefácio era de um autor conhecido dos mato-grossenses, Carlos Ferreira. Logo depois, a nota diz que a autora pertencia a uma “plêiade de talentos feminis”, como

<sup>174</sup> A estreita relação ou grande interesse do jornalista mato-grossense pelas obras do escritor, e também jornalista campineiro, Carlos Ferreira, pode estar no fato de ambos terem em comum um amigo cuiabano, cujo nome não é revelado. Ou nas palavras do próprio jornalista: “O Sr. Carlos Ferreira deve ser, segundo supomos, bastante jovem, pois foi contemporâneo nos bancos escolares de um amigo nosso, e também seu, moço de talento e ilustração, residente me Cuiabá, de onde é natural, que a seu respeito sempre se exprimiu, ante nós, em termos encomiásticos”. Conferir: *A Opinião* – Corumbá, 06/01/1878.

Revocata de Melo, Júlia Lopes de Almeida, Amália Figueiroa, Carolina von Koseritz e muitas outras. A partir deste ponto, o jornalista se vale de um recurso bastante comum nos textos críticos encontrados, o de citar totalmente ou em partes comentários de outras fontes. Nesse caso, a citação feita na íntegra é da “excelente revista paulista” *América Ilustrada* que também, após os costumeiros elogios a “*fille du parnasse*”, encerra com a transcrição de dois sonetos “arrancados ao acaso” do livro em questão (*O Republicano* – Cuiabá, 31/07/1898).

As reflexões sobre uma brochura escrita pelo general russo Dragoniroff contra as teorias militares e conclusões filosóficas do romance *Guerra e paz*, de Tolstoi, que havia sido escrito aproximadamente há trinta anos, resultaram em um pequeno texto crítico pertencente ao mesmo jornal citado anteriormente. O autor da matéria toma partido do romancista russo dizendo que o único mérito da brochura do general foi despertar o desejo de se ler novamente a obra “assombrosamente bela e grandiosa de um dos espíritos mais poderosos deste século” (*O Republicano* – Cuiabá, 20/09/1896).

De um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Afonso Celso, a obra escolhida foi *Lupe*. Como de praxe, o jornalista inicia suas observações alegando incompetência para o exercício da crítica, todavia alega ter sido “a melhor possível a impressão que nos causou a leitura de *Lupe*, cujo estilo ameno e elegante está ao alcance de todos”. Em seguida, começa a fazer um resumo da história de Guadalupe, uma jovem que perde o pai nos Estados Unidos e volta com a mãe, que fica pobre, a viver modestamente com a família de um tio em Acapulco, no México. Interrompendo abruptamente a síntese, o jornalista alega que, além de não ter espaço suficiente para contar a história inteira, o livro encontra-se à venda na loja de Caetano Galvão e conclui: “Não vão supor que é reclame que fazemos para a venda do livro, não; o nosso fim apenas é indicar o modo de passar-se algumas horas entretido com uma boa leitura”. A negação relacionada ao “reclame” da obra em defesa da boa leitura pode causar um efeito contrário no leitor do jornal, a negação parece se transformar em afirmação, a intenção do redator parece ser também a de vender um livro da casa Caetano Galvão, de Cuiabá, o qual ele provavelmente havia recebido gratuitamente de seu proprietário após dois anos de seu lançamento e cuja primeira edição é de 1894 (*O Republicano* – Cuiabá, 19/03/1896). Embora alegue que o livro tenha caído em suas mãos “casualmente”, a escolha do crítico de *O Republicano* reforça a tese da conexão

e da preocupação de Mato Grosso em saber o que vinha ocorrendo ou como eram representados, em obras literárias, países distantes como os Estados Unidos, o México ou mesmo a Rússia, no caso de *Guerra e paz*.

## **2.3 Foco do discurso crítico voltado para o local**

### **2.3.1 Mostrando Mato Grosso: sertão da nação brasileira**

Na segunda metade dos oitocentos, o Brasil continuava sentindo a necessidade de demonstrar, principalmente para o “velho mundo”, que não era mais uma colônia portuguesa e sim uma grande nação independente e possuidora de vasto e belo território. Esta tendência encontra-se presente numa espécie de mapeamento de várias regiões feito por descrições/relatos de viajantes estrangeiros e brasileiros que foram posteriormente transformados em livros e que ajudavam a todos a conhecerem melhor o novo país. O Mato Grosso foi explorado por vários cronistas, no entanto, apenas dois dos estrangeiros ganharam destaque dos críticos.

A primeira matéria encontrada, cujo objeto de reflexão é um livro data de dezembro de 1863 e foi publicada em *A Imprensa de Cuiabá*, jornal que se auto proclamava “periódico político, mercantil e literário”. O artigo não é, evidentemente, um texto de crítica literária como os escritos nos moldes atuais, ele faz, na verdade, alusão aos comentários desabonadores feitos por um jornalista de um outro jornal, *O Mato Grosso*, sobre a obra de Sr. Bossi. O crítico não menciona o nome do livro nem o nome completo do autor. Todavia, há grande probabilidade de Bossi ser Bartolomé Bossi, italiano, ex-marinheiro, que esteve explorando Mato Grosso, em 1863, e do livro ser *Viaje pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuiyabá y el Arino tributário del grande Amazonas cón la descripcion de la província de Mato Grosso bajo su aspecto físico*,

*geográfico, mineralógico y sua producciones naturales*. A obra, traduzida do italiano para o espanhol, contém a descrição da Província de Mato Grosso e foi publicada em Paris, em 1863, mesmo ano da publicação do referido artigo<sup>175</sup>.

O jornalista de *A Imprensa de Cuiabá* diz que, mesmo não tendo “agora à mão a obra do Sr. Bossi para relê-la, mesmo não lhe conhecendo o gênio poético”, não concorda com o “sarcasmo ingrato” com que o jornalista do *O Mato Grosso* se valeu para chamar o Sr. Bossi de “poeta como Chateaubriand e literário como este é Lamartine”. A seguir, o jornalista de *A Imprensa* passa a enumerar os tópicos da crítica do colega de que ele discorda, sendo eles de cunho político e relativos à “má administração do Sr. Conselheiro Pena, ex-presidente de Mato Grosso” (*A Imprensa de Cuiabá* – Cuiabá, 10/12/1863).

A impressão que se tem é a de que o jornalista mostrava-se mais preocupado em defender o ex-presidente da província, o Sr. Conselheiro Pena, das ofensas sofridas que com a qualidade da obra do Sr. Bossi. Acrescenta-se a isto a possibilidade de o jornalista de *A Imprensa de Cuiabá* ter como alvo de ataque o jornalista de *O Mato Grosso*, uma vez que era muito comum na época os jornais registrarem as rusgas existentes entre eles por meio de seus respectivos jornalistas. O que predominou, portanto, nos registros do jornalista de *A Imprensa de Cuiabá* foram comentários extra-literários.

Além deste único artigo sobre *Viaje pintoresco ...*, de Bartolomé Bossi, os jornais também registraram a presença de uma série de textos sobre *O Brasil central*: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu, livro igualmente escrito por um viajante estrangeiro que veio por duas vezes explorar as terras mato-grossenses, o alemão Karl von den Steinen<sup>176</sup>.

Somando-se a estes estrangeiros, alguns escritores brasileiros também elegeram o Mato Grosso como tema de suas obras e, ao fazerem esta escolha, estavam igualmente contribuindo para uma espécie de mapeamento do Brasil, para que ficasse bem claro, principalmente aos europeus, como era constituída a nação brasileira. *Viagem ao redor do Brasil*, escrito pelo brasileiro João Severiano da Fonseca, apresenta uma visão de Mato Grosso bem diferente daquela oferecida pelo italiano Bossi. A obra, segundo o

---

<sup>175</sup> Póvoas, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá: Resenha Tributária, 1982, p. 28.

<sup>176</sup> Pelo destaque dado a este livro pela crítica, optou-se por apresentá-lo no próximo capítulo juntamente com outro, *Histórias brasileiras*, de Sílvio Dinarte, pseudônimo de Visconde de Taunay.

jornalista, é uma espécie de monografia sobre Mato Grosso e o autor era um cirurgião do exército que serviu como médico da comissão demarcadora do limite de Mato Grosso com a Bolívia. O texto, no início, faz comentários gerais sobre o livro que ainda se encontrava no prelo e sobre as qualidades de seu autor. A seguir, anuncia em que circunstâncias a obra foi escrita, com linguagem simples, natural e sem afetação, e elogia a inteligência do autor que “não se limitou a fazer uma descrição pitoresca e animada da província”, mas que traçou um esboço histórico da sua fundação, deu importantes dados geográficos e geológicos, além de ter retificado “erros palmares, que se encontram em diversas obras, que até hoje eram aceitos, pela ignorância em que ainda nos achamos do que é Mato Grosso”. Dizendo não poder dar um juízo completo da obra por não ter encerrado a leitura, mas obrigado a fazê-lo, provavelmente para preencher o espaço de sua coluna a tempo da saída do jornal, transcreve aos leitores um longo sumário do conteúdo. E, finalmente, termina, como quase todos os jornalistas de sua época, dizendo não se sentir competente para julgar a obra do Dr. Severiano, mas pensa que com a sua publicação o autor prestará um “assinalado serviço a esta província, ainda tão desconhecida e tão injustamente reputada em todo o Império” (*O Iniciador* – Corumbá, 11/11/1880).

Os elogios feitos pelo jornalista à contribuição prestada pela obra de Severiano da Fonseca ao Mato Grosso devem ser merecidos. O livro parecia ter realmente cumprido seu papel de oferecer a seus leitores informações corretas a respeito de Mato Grosso, pois ganhou comentários igualmente elogiosos do escritor Visconde de Taunay. O autor de *A cidade do ouro e das ruínas* confessou ter encontrado em *Viagem ao redor do Brasil* a correspondência exata entre aquilo que existia no sertão mato-grossense, que ele bem conhecia, e o registro feito pelo viajante<sup>177</sup>.

Outro escritor brasileiro que se dedicou a escrever sobre Mato Grosso e que mereceu destaque da imprensa foi Oscar Leal, com *Viagem a um país de selvagens*. A crítica sobre a obra feita pelo jornalista de *O Republicano* difere das demais ao oferecer ao leitor informações sobre a materialidade da obra, como número de páginas do livro, qualidade e local da impressão, uso de gravuras para ilustração e do retrato do autor “para melhor ornamentação da obra”. Não deixa, contudo, de fazer um pequeno resumo do

---

<sup>177</sup> TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle (Visconde de Taunay). *A cidade do ouro e das ruínas*: Mato Grosso, antiga Vila Bela, o Rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1923, p. 83. Apud MARETTI, Maria Lúcia Lichtscheidl. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: UNESP, 2006, p. 179.

conteúdo, a narração de uma excursão feita pelo Dr. Leal, em 1886, ao rio Tocantins, visitando as cidades ribeirinhas. Encerra o texto com os costumeiros elogios e felicitações ao autor por seu trabalho e talento (*O Republicano* – Cuiabá, 15/11/1895).

A singularidade do texto de crítica sobre *Miragem*, de Coelho Neto, encontra-se no fato de ele possuir a identificação de seu autor, o que costumava ocorrer raramente. Raul Plínio<sup>178</sup>, para principiar seus comentários, vale-se de uma maneira que passou a ser utilizada com frequência no final do século XIX, isto é, a de dar, de início, informações ao leitor de aspectos não vinculados ao conteúdo do livro em si como, por exemplo, o número de páginas, aparência do livro, a editora de origem: “venho de ler o último romance de Coelho Neto, um belo volume de 390 páginas, editado pela livraria de Domingos de Magalhães. *Miragem*, é o título.” Continuando nos moldes costumeiros, Raul Plínio tece muitos elogios ao autor em relação à obra como um todo e, em referência à *Miragem*, faz um protesto pelo modo como Coelho Neto “procura deprimir uma cidade do Brasil”, descrevendo-a erroneamente, de forma injusta, chamando-a de “essa triste e inhospita Corumbá”. A seguir, transcreve o longo texto em que se encontram as descrições depreciativas e, indignado, sai em defesa da cidade citando informações contidas no *Dicionário Geográfico*, de Moreira Pinto, sobre seu desenvolvimento e grandiosidade, além de valer-se de outros argumentos fundamentados em sua própria opinião (*O Republicano* – Cuiabá, 16/04/1896).

O tipo de livro escolhido pelos críticos para serem comentados ainda continuava demonstrando a preocupação, tanto deles quanto dos autores, em divulgar elementos nacionais, em especial os referentes à natureza, como *A pesca na Amazônia*, de José Veríssimo (monografias brasileiras III), Livraria Clássica de Alves & Cia., Rio de Janeiro e São Paulo. O autor das observações, identificado pela letra G., faz comentários sobre o “inestimável valor da obra” alegando que ela deveria ser, como a “preciosa” *Inocência* de Taunay, traduzida para os países de além-mar. Destaca a competência de José Veríssimo em assuntos amazônicos, na descrição da natureza com uma linguagem que lembra o “canto, aroma e frescura da poesia”. G. emprega uma linguagem bastante argumentativa tentando convencer o leitor do jornal a adquirir um livro de excelente

---

<sup>178</sup> O nome de Raul Plínio também aparece em assinaturas de crônicas sobre Cuiabá, local onde se pode encontrar referências à polêmica questão do atraso em que viviam os cuiabanos, segundo declarações do explorador alemão Karl von den Steinen. Raul Plínio era defensor das idéias que o estrangeiro havia emitido sobre Cuiabá em seu livro *Durch Central Brasilien*.

qualidade e “baratíssimo”, o que ilustra a inclusão de um outro item na crítica praticada até aquele momento, ou seja, a preocupação do crítico com o preço dos livros e o tratamento dado a ele como mercadoria que o livreiro precisava vender e que o jornalista G. se mostrava bastante disposto a ajudá-lo em tal empreitada. Finalizando, o crítico-jornalista volta a fazer referências sobre a obra citando, os títulos dos 11 capítulos que compõem *A pesca na Amazônia* (*O Mato Grosso* – Cuiabá, 28/11/1897).

Nesta mesma linha de textos preocupados com a tarefa patriótica da construção nacional, principalmente com o intuito de informar a Europa das magnitudes da natureza brasileira, há um texto escrito por um correspondente de Paris para um jornal de Corumbá. O enviado informa que *A terra do café*: viagem do Sr. Duran ao Brasil, “que vai sair”, é uma “resposta indireta às calúnias e falsas noções” cometidas por Júlio Verne, em *A Jangada*, obra que o escritor francês acabara de publicar e cujas cenas se passam no Brasil. Segundo o jornalista, pouco se sabe sobre o Brasil na Europa e principalmente na França. A publicação de *A terra do café* viria, portanto, contribuir para a solução de tal problema. A correspondência, no entanto, não revela o nome verdadeiro de Dr. Duran – autor do livro, só diz que “vários jornais brasileiros têm atribuído o livro a diversas pessoas, que não escreveram, mas que podiam escrever tal obra. Faz uma jogada de *marketing* dizendo que o Sr. Duran “não é uma ficção, é um personagem real”, e a prova real é a de que o retrato do “herói” será publicado na abertura do livro (*O Iniciador* – Corumbá, 23/04/1882)<sup>179</sup>.

Assim, de todos os textos críticos apresentados, o de Raul Plínio se destaca pelo fato de o jornalista não concordar com a visão negativa sobre Corumbá, demonstrada pelo escritor brasileiro Coelho Neto no romance *Miragem*. No entanto, ele procede de maneira diferente quando a crítica sobre Mato Grosso vem de um estrangeiro oriundo de um país dito “civilizado”. Em crônicas contemporâneas ao texto sobre *Miragem*, mas dez anos após a expedição de Steinen, Raul Plínio dá razão ao alemão dizendo que Mato Grosso é realmente uma província atrasada que vive numa “pasmaceira”. Esta postura do crítico reforça a idéia de que o parecer dos estrangeiros sobre as coisas brasileiras quase sempre era tido como correto, verdadeiro, enquanto que a opinião de brasileiros poderia ser

---

<sup>179</sup> Apesar de toda propaganda do livro a ser lançado, ele provavelmente não chegou a ser escrito, pois não foi possível encontrar nenhum livro com este título. A ausência do nome do autor contribuiu para a impossibilidade de localização.

passível de questionamento e discordância. A razão da dubiedade apresentada por Raul Plínio pode estar no fato de que os brasileiros daquela época, de um modo geral, ainda se encontravam inseguros quanto ao lugar ocupado pela nação brasileira perante o resto do mundo, diante de países civilizados aceitava-se a pecha de um Brasil periférico e próximo da barbárie. O mesmo não ocorria em relação à província que não queria para si o papel periférico dentro da própria nação, ou seja, em relação aos estrangeiros aceitava-se a suposta inferioridade, o mesmo não ocorria quando a ponderação era feita por um igual, um brasileiro.

### 2.3.2 “O bem esmagado e o mal triunfante”: a crítica mato-grossense sobre *Inocência*, de Visconde de Taunay

“Inocência – Romance por Sílvio Dinarte”, este é o título do segundo maior e mais complexo texto de crítica literária encontrado nos jornais lidos. Ele foi escrito por Mericano, pseudônimo do poeta mato-grossense Antônio Gonçalves de Carvalho, em janeiro de 1874, no jornal *O Liberal*, de Cuiabá. Traz, na abertura, a informação de que se trata de continuação; o primeiro segmento do artigo, publicado provavelmente no número anterior a este, infelizmente não foi encontrado<sup>180</sup>. A parte a que se tem acesso inicia-se com Mericano enaltecendo Taunay por ele ser um escritor talentoso e revelar-se um profundo conhecedor da alma humana e dos costumes da terra – província de Mato Grosso ou “suas irmãs mais próximas, Minas e São Paulo” -, retratados por ele com muita fidelidade.

A propósito, grande parte da análise de *Inocência* feita por Mericano encontra-se baseada na verificação do emprego da realidade como fonte de inspiração de

---

<sup>180</sup> Este texto encontrado em *O Liberal* é de 08/01/1874. Como o jornal circulava semanalmente, deduz-se que a primeira parte da crítica tenha sido publicada no número anterior, de 01/01/1874, ou nos últimos números do final do ano de 1873. Não foram, no entanto, encontrados nenhum deles; nem nos microfilmes, nem no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que só possui os números posteriores a novembro de 1879.



Visconde de Taunay. Sabe-se que este método continuava tendo grande importância na estética a qual o autor de *Inocência* teria pertencido, o Romantismo na sua vertente regionalista, segundo uma linha reflexiva tradicional.

Conforme Bosi<sup>181</sup>, o regionalismo é louvado pelo documento bruto que transmite, visto que “era amor ao documento que estava presente nas intenções dos sertanistas românticos”, incluindo-se Visconde de Taunay nessa afirmativa. Daí entende-se a preocupação de Mericano em confirmar se Taunay havia sido fiel à realidade ao tratar de assuntos, como: a movimentação das vivendas por ocasião da presença de visitantes; a descrição da natureza brasileira “inesgotável em sua extraordinária riqueza e beleza”; o desenho perfeito dos “homens do interior ignorantes, curiosos, francos, de rasgada cordialidade”; o retrato de Inocência como uma autêntica representante da sertaneja cândida, tímida, com medo de casar, que aprende com a contemplação da natureza e mostra-se superior às filhas da cidade; enfim, estas, entre outras, foram algumas cenas, segundo o crítico, “desenhadas com toda propriedade” por Visconde de Taunay e, facilmente, verificáveis por “aqueles que conhecem a província ou ao menos por ela viajou”.

Segundo estudo realizado por Valéria Augusti<sup>182</sup>, a visão de romance como retrato fiel da realidade em que o autor vivia era um dos três temas “abordados ostensivamente” nos textos críticos sobre romances na segunda metade do século XIX. Os outros dois, segundo a pesquisadora, eram seu “caráter pedagógico-moral” e sua “qualidade técnica”, isto é, discursos nos quais se avalia a produção de um escritor. Estes foram exatamente os principais temas empregados por Mericano ao emitir suas considerações críticas a respeito de *Inocência*. Assim, a primeira preocupação dele ao avaliar a obra de Visconde de Taunay foi a de cotejá-la com fatos reais. Sílvio Romero<sup>183</sup>, em *História da literatura brasileira*, não emite juízo de valor sobre nenhuma obra específica de Taunay. Ele faz apenas considerações da produção artística do referido autor como um todo. O mesmo não ocorre com José Veríssimo que também vê em *Inocência* um “resumo” da

---

<sup>181</sup> Bosi, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 141.

<sup>182</sup> AUGUSTI, Valéria. *O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois amores*. Campinas, SP, 1998. p. 12. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

<sup>183</sup> ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 149 e seguintes.

realidade<sup>184</sup>. Muitos anos depois de Sílvio Romero, Veríssimo afirma que Visconde de Taunay escreveu o primeiro romance realista:

No exato sentido do vocábulo, da vida brasileira num dos seus aspectos mais curiosos, um romance ressumando a realidade, quase sem esforço de imaginação, nem literatura, mas que a emoção humana da tragédia rústica, de uma simplicidade clássica, idealiza nobremente<sup>185</sup>.

Portanto, o tema da literatura como cópia fiel da realidade continuava sendo explorado por críticos como José Veríssimo, no início do século XX. É desta mesma época, a análise de *Inocência* realizada por Maro Beath Joes, em “Character Soucer of Taunay’s Innocencia”<sup>186</sup>. Em mais de seis páginas, pode-se observar que o único aspecto do romance avaliado pelo crítico foi o da intensidade com que as personagens foram copiadas do modelo original: “Some of the characters draw in the novel are composite pictures, others are true portrait, as in the case of O Pauda and Major Taques, while still others appear to have been modified appreciably from the originals.”<sup>187</sup> Ele detalha cada uma delas mostrando, por exemplo, o dia, o local onde Taunay as conheceu e quais eram as semelhanças e as diferenças existentes entre a pessoa real e a personagem ficcional. O crítico não vai além, não trata nem de pelo menos dois dos outros critérios tão em moda, o do caráter pedagógico-moral e o da “qualidade técnica” da obra de ficção, como já visto anteriormente.

Nos primeiros anos do século XXI, as atenções continuam voltadas para os mesmos aspectos do referido romance. O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul colocou à venda uma edição especial de *Inocência*, elaborada pelo historiador e filólogo Hildebrando Campestrini, contendo um referencial histórico-geográfico, fotos, mapas e ilustrações. O historiador acrescentou 226 notas “para mostrar onde o autor se inspirou para criar as personagens, provando que o romance é o aproveitamento de figuras

---

<sup>184</sup> VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1969, p. 237.

<sup>185</sup> Idem, *ibid*.

<sup>186</sup> JONES, Maro Beath. Character Soucer of Taunay’s Innocencia. *Hispania*, vol. 7, n. 5, p. 310-16, nov. 1924.

<sup>187</sup> Idem, p. 310.

e cenários reais reunidos, numa história, com um mínimo de ficção”<sup>188</sup>. Para dar maior credibilidade, o prefácio do livro vem assinado por Fr. Leal Queiroz, parente distante de Jacinta Garcia, moça que inspirou, conforme informação, a heroína Inocência<sup>189</sup>.

A preocupação em mostrar fidelidade ao real não era uma condição apenas dos textos críticos sobre *Inocência*, ela pode ser percebida em praticamente todo discurso crítico do período estudado. A explicação para este fato pode ser encontrada, segundo Sandra Guardini T. Vasconcelos<sup>190</sup>, na própria história do romance. Na fase de formação, estendendo-se para a da consolidação, este gênero literário costumava ser considerado inferior em relação a formas clássicas como a tragédia e a epopéia, sendo, muitas vezes, associado ao popular, a passatempo de ociosos, a corruptor de costumes, enfim a uma forma literária pouco recomendável, já que levava ao devaneio e poderia induzir os jovens a condutas inadequadas por encher-lhes a cabeça de fantasias e irrealidades. Daí a necessidade dos críticos de tentar convencer os leitores de que aqueles relatos eram realmente verdadeiros e não frutos da imaginação de escritores, cujo tempo dedicado à leitura de ficção não era ocioso. A utilização constante deste recurso acabou sendo fundamental para ajudar a vencer a resistência do leitor em relação a um gênero literário que se encontrava em processo de consolidação. Serviu também para emprestar à leitura de ficção um ar de atividade mais séria, dando-lhe, inclusive, maior credibilidade.

O período da utilização deste recurso pode ser estendido até meados dos novecentos, época da publicação de *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. Nessa obra, o crítico e professor relativiza, a adesão de Visconde de Taunay na utilização desse recurso literário. Antonio Candido aconselha seu leitor a não acreditar fielmente nas informações do próprio Visconde de Taunay, pois elas podem ser desmentidas, já que revela que muitas de suas personagens passam direto do cotidiano para a ficção. Ainda conforme o crítico, durante a leitura de *Inocência*, podem-se encontrar “tipos copiados fielmente [da realidade], outros elaborados a partir da sugestão inicial, outros compostos por elementos tomados a mais de um modelo. E isso denota maior complicação do que supunha o próprio Taunay, ao proclamar a sua fidelidade ao real.”

<sup>188</sup> Informação obtida no site do IHGMS, 12 set. 2007. Disponível em < [www.ihgms.com.br](http://www.ihgms.com.br) >. Acesso em 23 fev. 2008.

<sup>189</sup> Idem nota anterior.

<sup>190</sup> VASCONCELOS, Sandra Guardini T. A formação do romance brasileiro: 1808-1860 – (Vertentes inglesas) *Caminhos do romance*. Disponível em < [www.caminhosdoromance.com.br](http://www.caminhosdoromance.com.br) >. Acesso em 11 jan. 2008.

Portanto, Candido acredita que Taunay na concepção de *Inocência* se valeu tanto da cópia do real quanto de sua imaginação criadora. Na criação de tipos secundários à narrativa, ele, às vezes, “fotografava” a realidade e, na invenção de personagens mais importantes, de protagonistas, ele “deformava” proporcionalmente a realidade<sup>191</sup>.

Essa mesma questão, transportada para os dias atuais, é discutida por Valéria Augusti com propriedade, quando afirma que:

O fato de o romance apresentar elementos reconhecíveis pelo leitor em seu cotidiano não significa propriamente que esta representação seja uma reprodução fiel da realidade. (...) Preferimos acreditar que o romance é uma representação de determinada realidade ou de alguns de seus aspectos, eleitos pelo autor<sup>192</sup>.

A pesquisadora e professora Lídia Maretti analisa a obra de Taunay sob outra perspectiva. Ela sai do lugar comum das discussões tradicionais a respeito de ele ser um escritor romântico, realista ou regionalista e propõe a leitura de sua obra “sob o signo da participação atuante no momento decisivo da história brasileira que foi a guerra contra o Paraguai”<sup>193</sup>. Se olhada por este novo ângulo, a obra do autor realmente ganha novos desdobramentos, posteriormente retomados.

Neste mesmo texto crítico, Mericano também diz que “de vários episódios que espalhou o autor em torno ao assunto principal serviu-se ele para melhor imprimir no seu romance a cor local”. Esta referência à “cor local” era um critério fundamental para a qualificação positiva do romance, pois deste modo ele, romance, poderia ser incluído no rol das obras pertencentes à literatura brasileira que ainda sentia necessidade de ver seu acervo consolidado.

Outra categoria de análise literária utilizada por Mericano tem estreita relação com o modo de ler Belas Letras desde o século XVIII, pela comparação com os

---

<sup>191</sup> CANDIDO, op. cit., p. 311.

<sup>192</sup> AUGUSTI, op. cit., p. 101-2.

<sup>193</sup> MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: UNESP, 2006, p. 70.

melhores autores<sup>194</sup>. Conforme o crítico, Taunay escreve “O sertão e o sertanejo”<sup>195</sup> “à moda de Alencar”, ou seja, o primeiro capítulo de *Inocência* se assemelha ao “Da savana e do Gaúcho”, pertencente ao *O gaúcho*, de José de Alencar. Apesar de a comparação enaltecer os dons literários do autor de *Inocência*, Mericano conclui o parágrafo dizendo que o escritor faz a descrição com “menos alteza de estilo” que o colega. Para que o leitor aprecie a capacidade do romancista em “fazer uma animada pintura dos estados notáveis da natureza”, ele faz a transcrição de um trecho em que, segundo ele, isso ocorre.

Preparando o clima para apontar as desqualificações que ele via em *Inocência*, humildemente comunica aos leitores, tentando ganhar a simpatia deles, que não tem a pretensão de fazer crítica literária e que a emissão “destas poucas e desgraçadas linhas” tem apenas o intuito de chamar a atenção pública para o livro e comunicar ao autor seu reconhecimento. Todavia, depois de tanto rodeio, confessa: “contudo não deixaremos de fazer a Sílvia Dinarte duas ou três pequenas observações”.

A primeira delas nada mais é que um julgamento moral da obra, um dos principais critérios de avaliação literária na época. Ele lança mão de valores morais como o bem e o mal para julgar as ações e obras humanas praticadas pelas personagens. Assim, ele recrimina o autor por não ter terminado seu romance pelo triunfo do bem sobre o mal ou por ele não conter uma “lição proveitosa aos espíritos”, embora afirme que não seria “tão atrasado em censurá-lo” por esse motivo. Continua dizendo que o “fim imediato da literatura não é ser um comentário dos sagrados mandamentos mas (...) sempre de seus trabalhos deve recorrer, embora remotamente, algum ensino útil à vida”; diz mais, que depois de passada a primeira impressão, a de que se vê “o bem esmagado, o mal triunfante”, o livro oferece sim uma “lição profunda que o senso mortal nele lê por entre os destroços da desgraça aí representada: Emendai-vos, é o brado que ressoa na narrativa”.

Estas considerações de Mericano estão em total consonância com o que vinha sendo feito em termos de crítica literária de romances no Brasil dos oitocentos, conforme estudo realizado por Hebe Cristina da Silva,

---

<sup>194</sup> A este respeito ver: ABREU, Márcia. “Da maneira correta de ler: leituras das Belas Letras no Brasil colonial”. Conferir: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB; São Paulo: FAPESP, 2000, p. 213 – 234.

<sup>195</sup> Segundo declarações de Lídia Maretti, a beleza contida neste primeiro capítulo de *Inocência* que descreve o cenário onde se vai desenrolar a narrativa, mais o fato de ele poder ser retirado do todo sem nenhum prejuízo de entendimento, faz com que “O sertão e o sertanejo” freqüente as páginas de várias antologias. Conferir: MARETTI, op.cit., p. 236.

a análise do caráter moralizante das narrativas foi uma preocupação flagrante nas críticas de romances brasileiros publicadas até meados do século XIX e parece ter sido um dos mais importantes critérios de avaliação do período. Além disto, alguns críticos pareciam acreditar que cabia aos romancistas cumprir o preceito horaciano de deleitar e instruir seus leitores<sup>196</sup>.

Ao responder a pergunta proposta por ele - de quem é a vitória no romance de que tratamos? -, Mericano demonstra percepção aguçada ao ratificar questões de seu tempo, levantadas no romance por Visconde de Taunay, como a da fragilidade e submissão femininas existentes naquela sociedade patriarcal de meados do século XIX, período em que as mulheres entregavam seu destino ao poder masculino do pai e acabavam sendo prejudicadas por causa de um anseio “antigo de não reconhecer a vontade na mulher e de levar a obediência filial ao excesso imperdoável à luz da razão”. Palavras que já começavam a ser encontradas nos discursos dos homens daquela época. Ele parecia ter clareza da necessidade de mudanças no relacionamento entre homens e mulheres:

É preciso melhorar as idéias, esclarecer os entendimentos, pôr os costumes em conformidade com o sentimento, propagar o respeito à ação da mulher que não está tão abaixo do homem em suas quedas ou desvio que este possa considerar a Razão, a Discrição, e o Bem como um monopólio seu, que Deus não conferiu.

Depois de todas essas ponderações, finalmente, Mericano resolve fazer os outros dois “reparos à mimosa produção nacional”: um relativo ao comportamento inadequado da personagem Quirino diante de uma intriga e o outro do “imerecido epigrama de Inocência”. Para Mericano, Quirino deveria ter rejeitado tão “indigna manobra” e defendido desinteressadamente o bom estrangeiro diante da desconfiança do roceiro que não precisava daquela mesquinha intriga. Quanto ao epigrama atribuído à Inocência, o crítico considera impróprio o nome dela ficar gravado nos livros de ciências associado a uma borboleta, símbolo da inconstância. Mericano sugere mudança na profissão de Meyer,

---

<sup>196</sup> SILVA, Hebe Cristina da. Considerações acerca da Recepção de *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa. Conferir: *Encontro Regional ABRALIC 2005*, 2005, Rio de Janeiro - RJ. CD-ROM.

- melhor como um botânico, para poder dar a uma flor o nome de Inocência-, visto que, para ele, a jovem faz lembrar “uma dessas flores do sertão, tão interessantes e mimosas como a filha de Pereira e como ela às vezes tão infelizes e de infelicidade semelhante – pois, a pata do animal silvestre frequentemente as esmaga”.

Para Mericano, o romancista falhou tanto na caracterização da personagem representada por Quirino, atribuindo-lhe um comportamento inadequado, quanto na de Meyer, dando-lhe uma profissão igualmente imprópria. O critério usado por Mericano para apontar as falhas do romance, mais uma vez, apresenta-se de acordo com a crítica praticada naquele período, conforme se viu em parágrafos anteriores, quando se mencionou a “qualidade técnica” como um dos três itens mais presentes no discurso crítico dos oitocentos.

Para encerrar sua crítica, no último parágrafo, Mericano resolve responder ao que ele imagina ser uma possível dúvida do leitor: “quem é Sílvio Dinarte?”. A resposta merece ser transcrita na íntegra, pois ela sugere a estreita relação que parecia existir entre o autor de *Inocência* e a província de Mato Grosso - assunto que será retomado posteriormente.

É um homem que aprendeu a amar Mato Grosso no sofrimento e que não o tem esquecido em sação melhor que a lembrança dos espinhos que aqui o feriram, julga dever ofertar os melhores frutos do seu talento a esta província que ele soube defender com espada tanto quanto agora distingue-se em celebrá-la com a pena. Sem ser filho das margens do Paraguai ou do Cuiabá, interessa-se como um mato-grossense pelas coisas de cá; sem ser representante da Província, ninguém o excede em pôr ao serviço desvelado dela a sua influência de deputado; mais de uma vez se tem levantado sua voz eloqüente em pró nosso em augusto recinto. É o autor de uma obra de grande valor para nós, a *La retraite de Laguna*, é um antigo expedicionário do Apa. Chama-se Alfredo d’Escragnolle Taunay.<sup>197</sup>

Assim, apesar de o título “O bem esmagado e o mal triunfante”<sup>198</sup> dar a entender que o enfoque da crítica estaria centrado apenas na questão moralizante do romance, não foi o que ocorreu. Em sua investigação, Mericano vai além e realiza uma

<sup>197</sup> *O Liberal* – Cuiabá, 08/01/1874.

<sup>198</sup> O próprio título já é uma crítica, pois o mote diz exatamente o contrário.

análise mais completa e complexa. Em termos comparativos, a qualidade do trabalho de crítica literária realizado por ele em *Inocência* e publicado no jornal mato-grossense era muito semelhante a de outros publicados nos jornais do Rio de Janeiro, como se viu por meio de pesquisas realizadas por Hebe Cristina da Silva e Valéria Augusti. Tal qual os ensaios dos críticos da corte, o de Mericano também se encontrava baseado nos critérios de análise de romance mais em voga naquela época como a verificação da presença neles do caráter moralizante, do retrato fiel da realidade, da “qualidade técnica”, da cor local, entre outros.

A propósito, esse romance de Sílvio Dinarte, como era mais conhecido na província de Mato Grosso o escritor Visconde de Taunay, foi um romance muito lido naquela época em todos os cantos do Brasil e continuou fazendo sucesso por muitos anos, com grande procura por parte do público leitor<sup>199</sup>. O interesse pela obra era tamanho que cada nova edição era garantia certa de boa venda. Essa predileção do público levou o editor fluminense José Joaquim de Azevedo a fazer uma edição clandestina de *Inocência*. Quando a falcatura foi descoberta, os herdeiros moveram uma ação na justiça contra o editor. Ao perder a causa, o réu foi condenado a pagar o valor de toda a edição ao mesmo preço dos livros legais que se encontravam à venda<sup>200</sup>.

Diferentemente de “O bem esmagado e o mal triunfante” e de poucas outras produções críticas que traziam a identificação de seus autores, a autoria da maior parte delas mantinha-se incógnita. Às vezes, o autor se identificava apenas por meio de algumas iniciais, outras, se valia de pseudônimo. Uma possível elucidação para o emprego do anonimato dos textos pode ser encontrada nas palavras de Inocêncio Francisco da Silva<sup>201</sup>. Para o autor do *Dicionário Bibliográfico Português*, alguns escritores - o mesmo pode-se dizer em relação aos críticos - ocultavam seus nomes em artigos sob diversos pseudônimos para despertar no leitor uma aura de mistério em relação a sua figura. Assim, incitava-se a curiosidade no leitor que se preocupava em descobrir o enigma sem, contudo, preocupar-se

---

<sup>199</sup> Conforme declaração de Alfredo Bosi, “nada há que supere *Inocência* em simplicidade e bom gosto, méritos que o público logo lhe reconheceu, esgotando sucessivamente mais de trinta edições sem falar nas que, já no século passado, se fizeram em quase todas as línguas cultas.” Conferir: BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 145.

<sup>200</sup> TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. *A retirada da laguna*: episódio da Guerra do Paraguai. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--], p. 02.

<sup>201</sup> SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa, Imprensa Nacional, 23 vols. 1848 – 1923. Versão em CD-ROM.



com o motivo que teria levado o autor a praticar tal ato. Inocêncio Francisco da Silva dá a entender que, além disso, o motivo também poderia ir de uma “simples reserva exigida por circunstâncias pessoais e momentâneas” até por puro capricho, sem razão plausível que o justificasse.

A relação predominante entre os críticos-jornalistas e os livreiros-editores parecia ser de extrema cordialidade, beirando, às vezes, a conivência. Os comentários críticos relativos às obras eram, via de regra, positivos. Não se pode precisar se os jornalistas realmente as admiravam ou se as descreviam dessa maneira com receio de melindrar aqueles que os presenteavam e, com isto, perderem esses benefícios. Possibilidade aventada, ainda que de forma implícita, pelos próprios jornalistas, como visto no reclame publicado em *O Republicano* – Cuiabá, 19/03/1896.

O crítico-jornalista podia, também, cobrar abertamente dos editores a continuação do envio de livros: “Agradecendo aos editores a remessa desse livro, aguardamos a vinda do segundo e último volume da obra” (*O Republicano* - 18/08/1898); havia, ainda, os que saíam em defesa dos editores, propondo aos leitores a troca do hábito de recebimento gratuito pela compra de livros, alegando o preço baixo e a eficiência da casa editora na distribuição de livros por todo o Brasil:

Respigar o valioso livrinho, não é possível: quer ser lido totalmente e garantimos que amplamente vale o tempo aí empregado. E, além disto, é baratíssimo; que cada um o compre e ajude a acabar com esta execrada moda, de querer sempre receber de graça livros bons, ao mesmo tempo que se vai botando dinheiro fora com a aquisição de tanta coisa medíocre e ruim que enchem as livrarias e pretendem a qualificação de ‘belle tristice’ (sic), quando manifestamente sofre de cretinismo agudo. A honrada casa editora Alves & Cia., no Rio de Janeiro, tem relações sobre o Brasil inteiro e pode-se afrontosamente dizer que só não acha as publicações de lá enviadas quem não quer<sup>202</sup>.

Essa relação amistosa desenvolvida entre os jornalistas-críticos e os livreiros-editores pode ser vista como um dos fatores determinantes na escolha dos livros indicados aos leitores dos jornais. Como sempre, os livros mais “noticiados”, que

---

<sup>202</sup> *O Mato Grosso* – Cuiabá, 28/11/1890.

freqüentavam mais assiduamente as colunas jornalísticas, não eram escolhidos por seus conteúdos ou por questões textuais, mas sim pela facilidade com que chegavam às mãos dos redatores dos jornais. Conseqüentemente, pode-se dizer que os jornais, embora não tenham sido os únicos, exerceram o importante papel na formação do gosto do leitor, além de serem responsáveis pela divulgação e circulação de alguns livros em detrimento de outros.

Em geral, o intuito dos críticos-jornalistas, consciente ou inconscientemente, era persuadir o leitor da boa ou da má qualidade do livro comentado a fim de que este, posteriormente, procedesse à leitura e/ou a compra, ou não, da obra. Para convencer o leitor, eles costumavam lançar mão de toda sorte de argumentos, desde os lógicos, - como preço baixo, até os afetivos - como “livrinho valioso”. A exemplo do que faziam alguns romancistas nos prefácios de seus livros, comumente as primeiras palavras dos críticos-jornalistas eram de desculpas ao leitor pela sua incapacidade e ignorância no assunto. Eles se mostravam extremamente modestos, usando frases como “nós, o menos habilitado dentre os nossos Ilustrados colegas do jornalismo” ou “resolvemos não escrever uma crítica ou uma apreciação por que nos falecem as forças para tanto”, ou seja, desculpam-se das falhas que por ventura poderão cometer, alegando serem elas devido as “poucas luzes” de que dispõem. Enfim, escondiam-se atrás da tópica retórica da *captatio benevolentiae*, muitas vezes, com o objetivo de ganhar a simpatia do leitor, que diante de tanta “humildade” não tinha outra alternativa senão a de se deixar levar por aquelas palavras “despretensiosas”.

Uma vez ganha a simpatia do leitor, o próximo passo dos críticos era discorrer sobre a obra em si. Quando o objeto de análise era uma obra ficcional, o método empregado costumava ser o da verificação do uso, por parte do escritor, de alguns preceitos metodológicos como o binômio horaciano de instruir e deleitar, além de algumas categorias analíticas como a moralidade da narrativa, a pintura fiel da realidade e “qualidade técnica”, entre outras, como se viu anteriormente.

Diante do exposto, é necessário ressaltar que nem todas essas situações e artifícios elencados eram encontrados na totalidade do discurso crítico. A maior parte dos comentários escritos sobre livros encontrados nos jornais mato-grossenses era composta por textos extremamente curtos, resumindo-se, às vezes, a pequenas notas, cujo objetivo

principal parecia estar mais voltado para o aviso aos leitores do movimento editorial que propriamente emitir um juízo de valores sobre determinada obra<sup>203</sup>.

---

<sup>203</sup> Estes pequenos textos críticos, para Afrânio Coutinho, constituíam-se nos chamados *reviews*: “um gênero jornalístico, um tipo de crítica aplicada à informação jornalística”, cuja principal função era “fornecer aos leitores uma descrição do livro e uma estimativa de sua qualidade, de modo a torná-los aptos a saber se é o tipo de livro que desejam”. Coutinho oferece uma explicação interessante para justificar o aparecimento desse “gênero de crítica”. Citando Virginia Woolf, ele data o surgimento do *review* no século XVIII e diz que ele é fruto da expansão da indústria editorial e do conseqüente aumento do número de livros. Portanto, a criação do *review* mostrou-se útil e necessária, pois facilitava a escolha do leitor entre os inúmeros livros existentes. Conferir: COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975, p. 74.

### Capítulo 3

**LIVRO MAIS SAUDADO PELA CRÍTICA MATO-GROSSENSE DOS  
OITOCENTOS: *HISTÓRIAS BRASILEIRAS*, DE SÍLVIO DINARTE  
(PSEUDÔNIMO DE VISCONDE DE TAUNAY)**

### 3.1 Comprometimento com e a paixão de Visconde de Taunay pela província de Mato Grosso

Júlio Freitas, personagem do conto “Irecê a Guaná” criado por Alfredo D’Escragnolle Taunay em *Histórias brasileiras*, para explicar a permanência de uma outra personagem em terras mato-grossenses, vale-se do seguinte ditado cuiabano: “as causas da prisão nesta boa terra são: a meiguice das mulheres, as cabeças dos pacus e as caudas das piraputangas”. Júlio ainda aconselha seu interlocutor “se não quiser encalhar em Cuiabá, a olhar pouco para o sexo frágil e não provar das extremidades daqueles dois peixes senão com muita reserva e cautela”<sup>204</sup>.

Se ao invés apenas da “prisão”, o ditado se estendesse também para as causas do comprometimento e da paixão por esta “boa terra são...”, ele poderia ser aplicado ao Visconde de Taunay, pois ele mesmo declarou em suas memórias que a mulher que mais amou na vida foi Antônia, uma indiazinha chané mato-grossense cuja posse comprou ao pai por “um saco de feijão, outro de milho, dois alqueires de arroz, uma vaca para o corte e um boi de montaria – o que tudo importava naquelas alturas e pelo preço corrente, nuns cento e vinte mil-réis”<sup>205</sup>. O consentimento da índia também foi adquirido por “um colar de contas de ouro, que, em Uberaba, me havia custado quarenta ou cinquenta mil-réis”<sup>206</sup>. A continuação da declaração sobre o amor vivido por ele mostra o tamanho da paixão que ele teve pela indiazinha, bem como o contentamento de ter passado ao lado dela, em terras mato-grossenses, dias extremamente prazerosos:

---

<sup>204</sup> MEDEIROS, Sérgio (Org.). *Irecê a Guaná. Os índios do distrito de Miranda. Vocabulário da Língua Guaná ou Chané*. Com textos críticos de Antonio Candido, Haroldo de Campos, Lúcia Sá e Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 23.

<sup>205</sup> TAUNAY, Alfredo D’Escragnolle Taunay, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 270.

<sup>206</sup> Idem, p. 270.

A bela Antônia apegou-se logo a mim e ainda mais eu a ela me apeguei. Em tudo lhe achava graça, especialmente no modo ingênuo de dizer as coisas e na elegância inata dos gestos e movimentos. Embelezei-me de todo por esta amável rapariga e sem resistência, me entreguei ao sentimento forte, demasiado forte, que em mim nasceu. Passei, pois, ao seu lado dias descuidosos e bem felizes, desejando de coração que muito tempo decorresse antes que me visse constrangido a voltar às agitações do mundo, de que me achava tão separado e alheio<sup>207</sup>.

Taunay apaixonado pela “meiguice” dessa mulher, no convívio com ela, muito provavelmente, deve ter comido pirão feito com o caldo da cabeça de pacu e vários rabos de piraputangas, fritos ou assados, selando, assim, sua forte ligação com o cerrado mato-grossense. As lembranças da paixão do jovem Taunay por Antônia o acompanharam até os últimos anos de sua vida. Mais de vinte anos depois do ocorrido, quando escrevia suas memórias, ele ainda acompanhava os passos daquela que dizia ter amado e nunca se esquecido. Possuía informações detalhadas sobre a vida dela. Sabia que, apesar de ter sido abandonada por ele, ela não tinha sido de todo infeliz, pois se casara com um alferes e tivera dois filhos. Enviuvando-se tornara a se casar, acreditava ele, com outro oficial. Tinha notícias de que ela vivia em Cuiabá ou Corumbá e que já devia ter quarenta e dois anos. Para se consolar, imaginava que ela deveria estar “velha e feia *mêê*, pois as índias cedo, muito cedo, perdem todos os encantos e regalias da mocidade”, ainda que tenha deixado nele “indestrutível lembrança de frescor, graça e elegância, sentimento que jamais as filhas da civilização, com todo o realce e luxo e da arte, poderão destruir nem desprestigiar!”<sup>208</sup>.

Além do coração, Mato Grosso também parece ter contribuído para a lapidação do físico do autor de *Histórias brasileiras*. Ele confessou, sempre em suas memórias, sem nenhum tipo de modéstia, possuir muito orgulho da beleza de seu corpo e mostrou-se todo vaidoso quando, em certa ocasião:

ao passar por diante das senhoras ouvi uma que disse bem alto: “É o mais bonito de todos!” e tal elogio ainda mais me intumescceu o peito. Nesse tempo tinha eu muita vaidade do meu físico, dos meus cabelos encaracolados, do meu porte, muita satisfação, enfim, do meu todo e para tanto concorriam, muito, os elogios que

---

<sup>207</sup> Idem, p. 277.

<sup>208</sup> Idem, p. 296.

recebia à queima-roupa. Os traços da fisionomia, um tanto afeminados haviam-se, com os trabalhos e as fadigas de Mato Grosso virilizado de maneira que o meu todo, o meu tipo chamava a atenção, donde assomos de vaidade positivamente mulheril, quando ouvia elogios à queima-roupa. “- Que guapo oficial! Que rapagão!”<sup>209</sup>

Divagações e curiosidades à parte, a estadia de Taunay em Mato Grosso encontra-se associada à Guerra do Paraguai. Segundo informações prestadas por Azevedo e Castro<sup>210</sup>, Taunay, quando jovem, ainda prestes a terminar o curso de Engenharia Militar, incorporou-se ao exército brasileiro como membro do batalhão dos Voluntários da Pátria, com o intuito de ajudar os brasileiros a expulsarem os paraguaios que já haviam invadido a região sul de Mato Grosso - o que hoje corresponde ao estado de Mato Grosso do Sul. Taunay partiu de São Paulo, juntamente com a coluna expedicionária, em julho de 1865, só conseguindo chegar ao destino final, em janeiro de 1867, após uma jornada sacrificante de quase dois anos de duração. A nomeação dele para redator do “Diário do Exército” acabou contribuindo para a composição de *La retraite de Laguna*, livro que depois de traduzido<sup>211</sup> o tornaria conhecido no Brasil todo. Em 1872, ocupou, pela primeira vez, um lugar na Câmara dos Deputados – por Goiás e depois por Santa Catarina. Neste mesmo ano, mais dois grandes acontecimentos marcaram sua carreira literária. Um foi a tradução, para o português, de *La retraite de Laguna*, obra que melhor retratou sua preocupação e admiração por Mato Grosso e o outro, a publicação daquele que se tornaria seu mais famoso romance, *Inocência*, cuja história também mostra paisagens, tipos e costumes da parte sul da vastíssima província de Mato Grosso. Numa ocasião, Taunay declarou acertadamente que estes seus dois livros eram suas obras “duradouras” que um dia iriam “chegar à posteridade”. Diz ter tomado a liberdade de falar ao Imperador, mostrando-lhe aqueles dois livros: “Eis as duas asas que me levarão à imortalidade”<sup>212</sup>.

---

<sup>209</sup> Idem, p. 381-2.

<sup>210</sup> “Escorço biográfico sobre o Visconde de Taunay”, pelo conselheiro José Antônio de Azevedo Castro. In: TAUNAY, Alfredo D’Escragnolle Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna*. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--], p. 277 e seguintes.

<sup>211</sup> A primeira tradução para o português de *La retraite de Laguna* foi assinada por Salvador de Mendonça e publicada em 1874. É de 1871 a primeira versão em francês, que ainda seria reelaborada. Antes, porém, em 1868, já tinham sido publicados os cinco primeiros capítulos do livro, também em francês. Conferir: TAUNAY, op. cit., p. 587-8.

<sup>212</sup> Idem, p. 135.

Embora não seja esta a única causa, mas a proximidade de Taunay e de toda sua família com o Imperador contribuiu para seu envolvimento na construção de um grande projeto nacional monarquista. A forma gentil como Mato Grosso e os mato-grossenses foram tantas vezes representados nas obras ficcionais ou não de Taunay fazia parte deste projeto maior, de entender e mostrar a todos um país possuidor de vasto território. Como militar e funcionário dedicado do Império, encontrava em sua atividade uma maneira de servir ao imperador e ao Brasil, buscando uma expressão da essência nacional. Em sua peregrinação pelo sertão mato-grossense durante a Guerra do Paraguai, sua principal preocupação era a de defender a fronteira brasileira dos riscos de uma invasão, isso, contudo, não o impossibilitou de viver e se apaixonar intensamente pelas coisas de Mato Grosso.



### 3.2 Considerações gerais sobre *Histórias brasileiras*

Diferente do que ocorreu com *Inocência*, *Histórias brasileiras* passou praticamente despercebido pela historiografia e crítica literárias nacionais. Não há nenhum tipo de referência a ele nos principais manuais de literatura<sup>213</sup>, exceção feita a Antonio Candido que o cita, elogiosamente, no ensaio “A sensibilidade e o bom senso do Visconde de Taunay”, em *Formação da literatura brasileira*<sup>214</sup>. O que mais chamou a atenção de Antonio Candido em *Histórias brasileiras* foi o conto Irecê a Guaná. Para o crítico, este é um belo conto, o melhor de todos os escritos por Taunay. É fruto da emoção gerada em Taunay pelo envolvimento que teve com a índia Antônia. Além de ser “indiretamente, o que há de mais profundo em *Inocência*: o perfume indefinível da donzela sertaneja e a tristeza dos seus amores frustrados”<sup>215</sup>, visto que Irecê, assim com muitas outras heroínas românticas, só encontrou na morte alento para seu sofrimento amoroso<sup>216</sup>.

---

<sup>213</sup> Nada foi encontrado sobre *Histórias brasileiras* em manuais, como *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, *História da literatura brasileira*, de Nelson Werneck Sodré, *Introdução à literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho e *Presença da literatura brasileira*, de Antonio Candido e J. Aderaldo Castello.

<sup>214</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p. 307-16.

<sup>215</sup> Idem, p. 313.

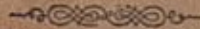
<sup>216</sup> A partir da leitura desse ensaio de Antonio Candido, publicado em 1957, Sérgio Medeiros (MEDEIROS, Sérgio (Org.). *Irecê a Guaná. Os índios do distrito de Miranda. Vocabulário da Língua Guaná ou Chané*. Com textos críticos de Antonio Candido, Haroldo de Campos, Lúcia Sá e Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2000) resolveu recuperar a história de Irecê organizando um livro composto por duas partes. Na primeira, há a reedição de “Irecê a Guaná”, seguida de mais dois textos também escritos por Taunay: “Os índios do distrito de Miranda” e “Vocabulário da língua Guaná ou Chané”. Na segunda parte, encontram-se quatro textos sobre a obra de Taunay: “A sensibilidade e o bom senso do Visconde de Taunay”, de Antonio Candido; “As vozes do Visconde de Taunay”, de Sérgio Medeiros; “Índia romântica. Brancos realistas”, de Lúcia Sá e “Irecê e Iracema: Do verismo etnográfico à magia verbal”, de Haroldo de Campos. Ainda que não seja matéria do presente estudo, o livro é bastante interessante à medida que propõe, entre outros, um estudo comparativo entre Iracema e Irecê, que seria a versão “verista” do romance de Alencar, uma vez que ambos podem ser lidos como uma metáfora do encontro/desencontro entre duas raças, a indígena e a branca.

# HISTORIAS BRAZILEIRAS

POR

SYLVIO DINARTE

( Autor da Mocidade de Trajano, Lagrimas do  
Coração, Innocencia, etc. )



YAN  
5295

RIO DE JANEIRO

Editor — B. L. GARNIER — rua do Ouvidor n. 69.

1874

11.157

Na página de rosto de *Histórias brasileiras* aparece apenas o nome de Sílvio Dinarte e nenhuma referência ao de Alfredo d'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay. A primeira impressão que se tem é a de que a ausência do verdadeiro nome do autor não significava garantia de anonimato. No entanto, lendo-se um pouco mais sobre o escritor, percebe-se que em seu tempo o anonimato poderia ser mantido, pois, em 1872, na primeira edição de *Inocência*, Taunay também usou o mesmo pseudônimo, o que ocorreu na maioria de seus romances, como *A mocidade de Trajano*, *Lágrimas do coração* e *Ouro sobre azul*, para citar alguns<sup>217</sup>.

Além de Sílvio Dinarte, Taunay também utilizava outros pseudônimos. Em *O Encilhamento*, por exemplo, ele se fazia passar por Heitor Malheiros. No *Jornal do Comércio* e na *Gazeta de Notícias*, ambos do Rio de Janeiro, entre 1871 e 1875, publicou artigos diariamente com os seguintes pseudônimos: A Sentinela, A velha de Siracusa e Tory. Este último, um termo utilizado em referência aos políticos conservadores ingleses, era aplicado por Taunay para assinar textos jornalísticos de cunho explicitamente político.

218

Outra particularidade observada na página reproduzida é o nome do editor, B. L. Garnier. Duas das muitas obras de Taunay, *A mocidade de Trajano* (1870) e *Inocência* (1872), foram editadas pela Tipografia Nacional. Pelas informações oferecidas por Hallewell, Taunay, após ter tido a “infeliz experiência de ter a primeira edição de seu romance *Inocência* impressa pela Typografia Nacional, teve seu texto revisto e cuidadosamente impresso por Leuzinger, ‘num elegante volume datado de 1884’ ”<sup>219</sup>. Depois dessa “infeliz experiência”, supõe-se que Taunay tenha resolvido entregar seu próximo livro, *Histórias brasileiras*, nas mãos do mais afamado editor do Rio do Janeiro daquela época: Baptiste Louis Garnier. Taunay, embora moço, com pouco menos de trinta anos, tinha acesso à mais cobiçada roda literária da corte. Garnier, livreiro-editor nem

---

<sup>217</sup> Segundo uma das maiores pesquisadoras da obra de Taunay, Maria Lídia Lichtscheidl Maretti, a bibliografia do escritor é muito extensa, composta por mais de 170 títulos que pode ser “alongada numa proporção impossível de definir”. Conferir: MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: UNESP, 2006, p. 32.

<sup>218</sup> Taunay, Alfredo d'Escagnolle Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna*. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--], p. 290.

<sup>219</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz e Edusp, 1985, p. 158.

sempre receptivo a jovens escritores desconhecidos, acolheu Taunay provavelmente porque tinha ciência de sua origem, do capital social de seu cliente: filho de Félix Emílio Taunay, amigo do Imperador, diretor da Academia das Belas Artes, neto do célebre pintor da Escola Francesa, e membro do Instituto de França, Nicolau Antônio Taunay e de D. Gabriela D'Escragnolle Taunay, filha do Conde e da Condessa D'Escragnolle Taunay – da família de Beaurepaire. Este experiente livreiro, proprietário de uma grande livraria situada em um dos endereços mais badalados do Rio, Rua do Ouvidor, provou ser possuidor de um excelente tino comercial ao apostar naquele jovem, também de origem francesa, porque ele acabou se transformando em um dos grandes escritores da literatura brasileira da segunda metade do século XIX (posteriormente, a família Garnier reeditou algumas obras de Taunay).

*Histórias brasileiras* foi dedicado por Taunay “ao camarada e amigo” Capitão Antônio Florêncio Pereira do Lago, tenente coronel do Exército Brasileiro, amizade muito provavelmente sedimentada durante a Expedição a Mato Grosso no trecho Nioac - Laguna - Porto Canuto, pois ambos fizeram parte dela: Pereira do Lago, como capitão, e, Taunay, como membro da comissão de engenheiros. Taunay chegou a externar sua admiração pelo amigo, retratando suas qualidades nas páginas de *A retirada da Laguna*:

À testa dos mais ardentes via-se o capitão Pereira do Lago, oficial tão ousado quanto positivo e obstinado. Dotado desta coragem que facilmente se exalta, e jamais decai do nível a que se alçou, coube-lhe, certamente, a maior responsabilidade nas nossas temeridades. Mas, também, soube sempre, mais tarde, nos transes mais difíceis de nossa retirada fazer frente a todas as necessidades do momento, pela atividade, poderosa iniciativa e perspicácia de descortino, grandes qualidades que lhe vinham realçar a doçura, a singeleza e o bom gênio<sup>220</sup>.

Em *Histórias brasileiras*, Taunay trouxe para literatura sua rica experiência adquirida em viagens pelos sertões brasileiros quando de sua participação da Expedição de Mato Grosso, durante a Guerra do Paraguai. O autor de *Inocência* possuía conhecimento da diversidade cultural brasileira existente na metrópole e na província. Tinha acesso e

---

<sup>220</sup> TAUNAY, op. cit., p. 78.

convivia tanto com o ‘último *chic* de Paris’ nas altas rodas da corte quanto com a rudeza e as agruras do sertão bruto brasileiro. Essa vivência, que poucos escritores contemporâneos seus possuíam, fez que ele conseguisse criar personagens, enredos e, sobretudo, ambientações voltadas para a realidade da paisagem do sertão com um fôlego descritivo incomparável. O próprio Taunay, sem nenhum tipo de modéstia, ao comparar-se a Alencar, apesar de não o desmerecer, considera que o autor de *Iracema*

(...) não conhecia absolutamente a natureza brasileira que tanto queria reproduzir nem dela estava imbuído. Não lhe sentia a possança e verdade. Descrevia-a do fundo de seu gabinete, lembrando-se muito mais do que lera do que daquilo que vira com os próprios olhos<sup>221</sup>.

Os enredos dos contos que compõem *Histórias brasileiras* são ambientados no sertão do Centro-Oeste, na época da Guerra do Paraguai. Retrata um Brasil rural que continuava a valorizar, como já vinha acontecendo desde a década de 30, tudo o que era tipicamente brasileiro na vida do país, daí a presença constante dos mais importantes elementos nacionais: o índio e a exuberante natureza. O livro é composto por cinco narrativas sendo quatro contos, “Irecê a Guaná”, “Camiran e Kinikinao”, “O vigário das Dores”, “Juca, o tropeiro” e uma pequena peça teatral, “Da mão à boca se perde a sopa”.

Diante da constatação de que a província de Mato Grosso ocupou um lugar de destaque em *Histórias brasileiras*, é pertinente perguntar: qual teria sido a reação, o comportamento dos habitantes dessa região diante dessa obra? De indiferença? De euforia? Uma das maneiras possíveis para se verificar a recepção da obra pelos mato-grossenses foi a realização de uma sondagem nos periódicos do período próximo ao seu lançamento. É mais uma vez nos jornais, que se podem encontrar retratadas as expectativas de leitura, senão do povo, ao menos dos leitores que falavam em nome dos jornalistas, dos poetas, dos escritores...

---

<sup>221</sup> TAUNAY, Alfredo D’Escagnolle Taunay, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 224.

### 3.2.1 Recepção crítica de *Histórias brasileiras*

O lançamento do livro, no Rio de Janeiro, pela Garnier, ocorreu em 1874 e foi acompanhado de perto pelos intelectuais cuiabanos, muitas vezes antenados com os acontecimentos da capital, pois, em março de 1875, *O Liberal* publicava seus primeiros comentários críticos sobre a obra em questão, assinados por Mericano, divididos em dois números do jornal. Em julho do mesmo ano, e no mesmo jornal, foi a vez de Palmiro escrever sobre *Histórias brasileiras*, numa sequência de três artigos. E, finalmente, em abril de 78, o livro foi novamente lembrado, só que desta vez os textos foram anônimos impressos em outro jornal, também cuiabano, intitulado *O Porvir*, em quatro partes. No total, foram, portanto, recuperados nove textos críticos sobre *Histórias brasileiras* que, para melhor organização, serão distribuídos em três séries: duas de *O Liberal* e uma de *O Porvir*.

A primeira série, composta por dois textos, teve o primeiro deles divulgado em *O Liberal*, de 04 de março de 1875, por Mericano, o mesmo autor do ensaio crítico sobre *Inocência*, publicado no ano anterior, neste mesmo jornal (como foi visto em 2.3.2

“O bem esmagado e o mal triunfante”: a crítica mato-grossense sobre *Inocência*, de Sílvio Dinarte, o Visconde de Taunay). Logo no início, o crítico mato-grossense faz a revelação de que “Sílvio Dinarte é o pseudônimo de um jovem e distinto literato que tem de preferência escolhido nossa província para teatro da ação de seus interessantes romances”. Faz também pequenos resumos de cada um dos cinco contos que compõem o livro. Em “Irecê a Guaná” ele elogia a maneira de Taunay escrever, comparando-o a Chateaubriand, escritor do Romantismo francês, e diz ser esse conto a “pérola” entre as outras histórias e que ela parece ter saído

da pena do celebrado autor do Atala, [...], tão bela, tão sentidamente é escrita, tão bem reflete essa aurora da nova vida a que o selvagem almeja, deixando as tabas do deserto e habitando entre as bênçãos do missionário esse limiar da civilização – a aldeia<sup>222</sup>.

---

<sup>222</sup> *O Liberal* – Cuiabá, 04/03/1875.

Em “Kamiran Kinikinao”, o segundo conto, Mericano também apresenta um pequeno resumo da história da índia que chora a perda do filho morto nas mãos dos paraguaios. Corrige o nome do herói da defesa mato-grossense que “escreveu com seu sangue e o dos seus bravos comandados o mais eloquente e brilhante protesto contra a invasão paraguaia”. O nome correto, segundo o jornalista, era Antonio João Ribeiro e não Antônio João da Silva, como escreveu Taunay. Nessa “correção”, nota-se que o crítico recorre novamente ao uso de um dos critérios de avaliação mais utilizados por seus contemporâneos, a comparação dos episódios ficcionais com a realidade, isto é, a preocupação de verificar se o escritor era um retratista fiel da realidade. Finalizando os comentários sobre esse conto, Mericano faz a transcrição de um trecho que ele considera uma das melhores passagens da narrativa, referente aos “ante-momentos do ataque à colônia de Dourados”. Ele narra a coragem de onze soldados brasileiros, comandados pelo herói da resistência Antônio João Ribeiro, que carregavam a bandeira do Brasil durante aquele ataque. A representação da exaltação do sentimento nacional, do forte patriotismo e da coragem demonstrada por aqueles soldados em momentos tão difíceis como os ocorridos durante a Guerra do Paraguai parecem ter sido os motivos que levaram o crítico a escolher a passagem, transcrita a seguir, que ele julga ser das melhores, o clímax da narrativa:

De repente, soou o clarim paraguaio.

Um parlamentar se aproximava.

A bandeira brasileira desdobrou-se aos ventos do deserto. Parecia ufana de abrigar aqueles doze<sup>223</sup> sublimes insensatos. Losango amarelo sobre fundo verde; cores que mandam um sorriso de consolo ao moribundo, quando ele lhes deita o olhar de adeus no campo de batalha. A coroa imperial como que preparava-se para descer sobre aquelas cabeças, transformada em coroa de glória<sup>224</sup>.

Em “Da mão à boca se perde a sopa”, o jornalista, provavelmente por se tratar de outro gênero literário, se abstém de tecer comentários dizendo apenas que este

<sup>223</sup> A variação entre os números onze e doze relativa à quantidade de soldados deve-se ao fato de que um deles era o comandante, portanto a tropa era composta por onze soldados mais o comandante. Conferir: DINARTE, Sílvio (pseudônimo de Visconde de Taunay). *Histórias brasileiras*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1874, p. 121.

<sup>224</sup> *O Liberal* – Cuiabá, 04/03/1875.

engraçado provérbio mostra “mais uma das faces – não conhecida – do talento de Sílvio Dinarte, realmente favorecida pela musa do teatro.”

Encerrando o primeiro texto da primeira série, para o conto “O vigário das Dores”, o jornalista faz um resumo da história da fuga do padre Monte de São Paulo para o interior de Goiás, causada pela atração a “uns sedutores olhos de uma mulher”. Mericano discorda dos rumos dados por Taunay à vida do padre, “permita-nos o escritor que censuremos o desalento do velho padre”. Argumentando que a decisão do vigário de ir pregar o evangelho para os selvagens índios canoieiros por amor da pureza da fé seria vã, visto que os índios, fatalmente, um dia terão de viver no “seio daquela sociedade degenerada”. Para esse conto, o jornalista não selecionou nenhuma passagem que tenha lhe despertado especial interesse, como também não mencionou um episódio relacionado a vários livros recebidos por Padre Monte durante sua estadia em Rio Verde de Goiás que teve destaque considerável no enredo, demonstrando que, para aquela época, segundo a visão do crítico, a questão da vocação religiosa associada à propagação da fé cristã era um assunto mais relevante que o relacionado ao universo da leitura.

O último conto de *Histórias brasileiras*, “Juca, o Tropeiro”, é o tema principal da segunda parte da extensa crítica de Mericano e foi publicada em *O Liberal*, de 25 de março de 1875. O crítico elogia a habilidade de Taunay em usar de forma adequada a linguagem atribuída a um soldado e tranquiliza o escritor, dizendo que a narrativa não havia ficado “essa coisa esquisita que na advertência o autor receou que tivesse tornado”. Pondera também que Taunay havia sido muito feliz na maneira de contar a história do soldado, que colocando a pátria acima de qualquer interesse pessoal, vai à guerra do Paraguai e, ao retornar, encontra sua noiva casada com outro homem.

Feitas essas considerações, Mericano volta a discorrer positivamente sobre o livro como um todo. Os critérios de avaliação empregados a partir deste momento são praticamente os mesmos que ele já vinha utilizando desde o início da crítica. Para ele o livro é bom porque nele Taunay demonstra seu talento descritivo ao retratar, tal qual a realidade, esplêndidos quadros da bela natureza da província de Mato Grosso, fazendo a mais generosa propaganda que revela “a verdade do que somos, do que valemos e do que possuímos nesta vastíssima região”. Para continuar apontando as qualidades do livro,



Mericano faz ainda uma comparação de Taunay com escritores bem avaliados, como José de Alencar, Macedo e Bernardo Guimarães. Com o intuito de confirmar suas boas impressões anunciadas sobre *Histórias brasileiras*, Mericano encerra informando que este livro não foi bem recebido apenas pelos mato-grossenses, “a imprensa da Corte, acostumada a reconhecer os verdadeiros talentos, acolheu com entusiasmo o novo livro aplaudindo de forma lisonjeira e honrosa seu ilustre autor”.

As atenções dos cuiabanos encontravam-se de fato voltadas para o mais recente lançamento da obra de Visconde de Taunay. Tanto é assim que pouco mais de três meses após a publicação da crítica assinada por Mericano, o livro ganha outra vez as páginas do mesmo jornal com uma nova apreciação, dessa vez assinada por Palmiro, pseudônimo do escritor mato-grossense Amâncio Pulchério de França. Foram encontrados três textos escritos por ele em *O Liberal*, nos meses de julho, agosto e setembro de 1875.

No primeiro, diferentemente de Mericano, Palmiro já inicia os comentários tratando o autor pelo seu nome verdadeiro, nem sequer faz menção ao pseudônimo. Numa espécie de introdução, ele enaltece as qualidades de Taunay que, tanto na “luta belicosa como na luta da inteligência”, sempre saiu vitorioso, ou seja, tanto com a pena, escrevendo seus livros quanto com a espada, lutando por seu país, o Visconde era um vencedor. O crítico cita os três contos que são “passados debaixo de nosso céu” durante a Guerra do Paraguai. Anuncia que dirá duas palavras - “protestamos não nos inscrever no número de críticos” - e aproveita também para saudar e agradecer ao escritor por ele ter escolhido “nossa natureza para o teatro de seus aplaudidos romances” (Palavras muito semelhantes as que Mericano havia utilizado para introduzir o artigo aqui mencionado: “Silvio Dinarte [...] tem de preferência escolhido nossa província para o teatro da ação dos seus interessantes romances”). Chamando o primeiro conto de “primeiro livro”, Palmiro faz um resumo detalhado do enredo da história de Irecê a Guaná, não acrescentando, no entanto, outras reflexões. O crítico-escritor parece não gostar muito do texto de dramaturgia de *Histórias brasileiras*, pois ele pondera que existe alguma “falta de torneio” que pode ter sido causada pela “celeridade do escritor”, mas que isto não pode ser considerado defeito, visto que “os trabalhos dramáticos colhem melhormente a crítica quando levados à cena.” Assim, com apenas essas poucas ponderações sobre a peça “Da mão à boca se perde a sopa”, o crítico encerra a primeira parte de seus comentários.

Em agosto, quando reaparece, Palmiro dá continuidade a seu trabalho iniciando suas observações pelo terceiro conto, “Camiran e Kinikinao”. Ele faz, praticamente, apenas um resumo da história valendo-se de várias citações da obra original. O trecho escolhido para reprodução é exatamente o mesmo selecionado por Mericano – com um parágrafo a mais –, aquele do episódio que trata da coragem dos doze soldados que lutaram bravamente para defender a pátria brasileira das garras dos paraguaios invasores.

Arrematando suas apreciações críticas sobre *Histórias brasileiras*, o colunista, para emitir um juízo sobre o conto “O vigário das Dores”, lança mão novamente das reflexões de seu antecessor Mericano, ora citando, na íntegra, parte do artigo escrito por ele, ora comparando as opiniões de ambos num verdadeiro diálogo crítico. Para Palmiro, seu colega de profissão foi feliz ao discordar dos rumos que Taunay dera à vida do padre Monte, mandando-o pregar o evangelho entre os índios bravios, impondo-lhes uma religião cristã. Assim, os dois críticos costumam, em suas análises, julgar o comportamento e a atitude das personagens, um deles dizendo a certa altura: “O vigário das Dores deveria ter refletido. Errou!”.

Interessante registrar novamente a ausência de comentários por parte dos críticos sobre as várias leituras feitas pela personagem representada por padre Monte, detalhadamente descritas por Taunay e ocupando parte considerável e decisiva para o desenlace da narrativa. Os críticos não demonstraram o menor empenho por este assunto. Pode-se pensar que isso tenha ocorrido porque, naquele momento, o interesse das pessoas encontrava-se voltado para outro tipo de inquietação. As preocupações pareciam girar em torno de questões nacionais mais abrangentes. No campo político, a Guerra do Paraguai, terminada há aproximadamente cinco anos, e no campo cultural, a continuação da edificação de uma literatura nacional.

Na análise do último conto do livro, publicada no mês de setembro, Palmiro repete o mesmo critério de avaliação de seu antecessor, utilizado exaustivamente nos comentários críticos daquela época, o da vinculação do conto ao real. O autor mostra-se atento buscando conferir a veracidade dos fatos e a existência real de personagens e lugares. Cita nomes de regiões e pessoas que constam no livro e os compara com os existentes na província, afirmando serem eles iguais, inclusive alguns desses lugares e pessoas fazem parte do conhecimento do próprio crítico. Na conclusão, fala da importante

contribuição dada por Taunay, pela produção de belas obras, para o engrandecimento da literatura brasileira, além de informar que o autor de *Histórias brasileiras* já era um escritor consagrado pela opinião pública. Como últimas palavras Palmiro alega-se incapacitado para o exercício da crítica, mas revela que tomou a atitude de realizá-la em sinal de gratidão a Taunay, por ele ter se lembrado em seus escritos da “desditosa Mato Grosso”, segundo suas próprias palavras.

Embora com um intervalo bem maior, três anos após estes últimos comentários, *Histórias brasileiras* permanecia “na boca do povo”, ou melhor, os cuidados da imprensa continuavam voltados para ele. Os próximos textos foram encontrados no jornal, também cuiabano, denominado *O Porvir*. Pelas informações colhidas no cabeçalho, este parecia ser um jornal de pequena circulação e cheio de deficiências, pois sua publicação era feita apenas “três vezes por mês em dias indeterminados”. Ele não possuía tipografia própria e era impresso na de *O Liberal* (o mesmo jornal que havia publicado as primeiras críticas sobre *Histórias brasileiras*, vistas aqui anteriormente). Isso leva a crer que esta crítica pode ter sido feita tendo a matéria de *O Liberal* como fonte de inspiração, já que os dois jornais eram impressos na mesma tipografia e, por conseguinte, não seria difícil para o jornalista anônimo ter tido acesso aos primeiros textos críticos sobre o livro em questão. De qualquer maneira, ele inicia sua matéria dando as mesmas informações que Mericano, pois menciona que Sr. Taunay serviu-se do pseudônimo de Sílvio Dinarte para “dar a luz da publicidade uma obra que muito o recomenda à gratidão do país, por que nela descreve, com gosto e arte, fatos que revelam verdadeiro sentimento de patriotismo”. A seguir, faz um pequeno resumo, de apenas um parágrafo, do primeiro conto, “Irecê a Guaná”, acompanhado de rápida menção sobre “o gracioso e pequeno entremez intitulado Da mão à boca se perde a sopa”.

Reservando seu fôlego para o terceiro conto, o crítico escreve uma longa e exaustiva paráfrase de “Camiran e Kinikinao”, sem, contudo, concluí-la. Na semana seguinte, o crítico continua contando a história que havia começado na semana anterior. O mesmo procedimento é repetido na semana contígua, sendo o conto praticamente reescrito. Curioso notar que esse modo de produzir crítica, aos pedaços e com interrupção em pontos estratégicos, parece ter sido inspirado no modo de produção dos romancistas de folhetins.

Finalmente, no último texto, encerrando com uma “última penada” o autor passa a se ocupar de um novo assunto, ou seja, faz resumos e alguns comentários dos outros dois contos restantes. De “O vigário das Dores”, ele diz ser a “parte mais sublime de toda obra, porque seu ponto de partida reside no temor do Ente-Supremo”. Descreve as agruras do padre e, diferentemente de seus dois antecessores, atribuiu à leitura do livro *Missões na Índia e na China* a responsabilidade pelo surgimento da idéia que o padre teve de se “embrenhar para melhor cumprir os seus sagrados deveres”. Portanto, ele foi o único a perceber o destaque dado por Taunay à leitura. Sem muitos rodeios, o crítico encerra sua análise resumindo a história do mineiro Juca Ventura que havia perdido Babita, sua amada, para outro homem por ter ido servir na Guerra do Paraguai. Os quatro textos desse crítico anônimo foram publicados bem próximos um do outro, semanalmente, apenas no mês de abril de 1878, facilitando a vida do leitor do jornal que pôde ter, num curto espaço de tempo, uma visão geral da obra. A predileção do jornalista por “Camiran e Kinikinao”, ocupando maior parte de sua crítica, pode estar no fato de a narrativa ter como pano de fundo a Guerra do Paraguai ocorrida na província do Mato Grosso.

De um modo geral, os textos críticos alusivos a *Histórias brasileiras* escritos por três autores diferentes em dois jornais cuiabanos não diferem muito do tipo de crítica que se praticava nas demais regiões brasileiras, como foi visto em páginas anteriores por ocasião do estudo sobre a crítica de *Inocência*. Os métodos empregados para a avaliação das obras são praticamente os mesmos. Os críticos costumam se desculpar pela falta de destreza para o exercício da tarefa, enaltecem o autor da obra, comparando-o a escritores bem avaliados, elogiam a qualidade técnica, ou melhor, a elaboração e adequação no uso da linguagem por parte do autor, fazem questão de cotejar a obra de ficção com a realidade dos fatos e com os lugares retratados, elaboram resumos do enredo, além de gostarem também de citar e comentar trechos da obra analisada.

*Histórias brasileiras* teve seu sucesso de crítica dividido, embora em menor escala, com um outro livro que merece ser comentado pela polêmica que conseguiu levantar em torno de si em diversos segmentos da sociedade cuiabana. Trata-se da obra *Brasil Central*, do escritor alemão Karl von Steinen. Pelo que se pôde recuperar pela pesquisa, Steinen era uma figura extremamente controversa, um homem decidido e destemido que usava da palavra tanto para se defender quanto para atacar. Para se ter uma

idéia, em 1886, ele esteve envolvido numa briga com um militar que escreveu matéria ofensiva a ele em *A Situação* de 12 de setembro de 1886. Em resposta, Steinen redigiu dois artigos desaforados em *A Tribuna*, chamando o militar de “Capitão Jararaca, o Garnisé”, e acusando-o dos mais torpes crimes de difamação (*A Tribuna* – Cuiabá, 16/09/1886 e 23/09/1886).

Todavia, a polêmica alusiva ao livro, teve início em algo que extrapolou os limites da província. Ela foi causada por um artigo publicado, provavelmente por Steinen ou por algum de seus companheiros envolvidos na exploração do Xingu, no jornal carioca, a *Gazeta de Notícias*, em 02 de fevereiro de 1888. O conteúdo desse artigo, segundo jornalistas mato-grossenses, era extremamente ofensivo aos cuiabanos, acusando-os, entre outras coisas, de serem possuidores de “natureza indolente” e de terem “inteligência curta”. Essa matéria foi causadora de grande polêmica.

Francisco de Paula Castro, jornalista de *A Tribuna*, em seu editorial fez referência a outros dois jornais que responderam aos supostos insultos de Steinen dizendo que não cabia a ele analisar o texto publicado no Rio de Janeiro, mas que acreditava que em “*Durch Central Brasilien* só havia expressões de verdadeira consideração, respeito e amor à província de Mato Grosso e a seus dignos filhos”. Ele achava que Steinen seria incapaz de fazer qualquer tipo de afirmação contrária a isso e que brevemente o escritor daria explicações sobre o artigo da *Gazeta de Notícias* (*A Tribuna* – Cuiabá, 23/03/1888).

Outro jornalista a se manifestar sobre o assunto foi Ramiro de Carvalho, redator oficial de *A Situação*. Ele criticou Steinen e disse ter ciência de que o “Dr. Carlos nem sempre foi verdadeiro no que escreveu dos nossos costumes e civilização, criticando-nos por vezes com certa acrimônia e inveracidade a muitos respeitos”. Entretanto, Ramiro discorda das respostas dadas ao escritor alemão por outros jornalistas, alegando não ser este o meio ideal para se demonstrar os erros de apreciações cometidas por Steinen. Para ele, esses artigos virulentos ofereciam um efeito contrário, depondo contra o caráter e educação do cuiabano, justificando, dessa maneira, as acusações feitas pelo explorador alemão (*A Tribuna* – Cuiabá, 22/03/1888).

Diante de tamanho disse-que-disse, quais seriam as explicações dadas pelo explorador alemão Karl von Steinen ? Ele responde aos insultos feitos pelo que chama de “dois escrevinhadores de periódicos” (*Situação e Expectador*), negando a autoria do artigo-

bomba da *Gazeta de Notícias*, alegando que nem ele nem nenhum de seus companheiros da expedição ao Xingu prestaram qualquer tipo de declaração a jornal da corte. Diz que estes “escrevinhadores”, baseados num extrato retirado do livro *Central do Brasil*, excitaram a opinião pública contra ele. Lamenta profundamente que seu livro não possa ser lido por todos os cuiabanos, por que se isto ocorresse, eles certamente o tratariam com menos rigor, pois, segundo Steinen, o livro presta bons serviços ao país.

Pobre livro! Na Europa chamou o interesse de muitos círculos competentes para esta província, até então quase desconhecida, do qual em suas páginas um assaz vasto território ficou descrito e determinado geograficamente e sobre cuja população indígena foram feitas observações recentes de importância individual para o esclarecimento da pré-história sul-americana.<sup>225</sup>

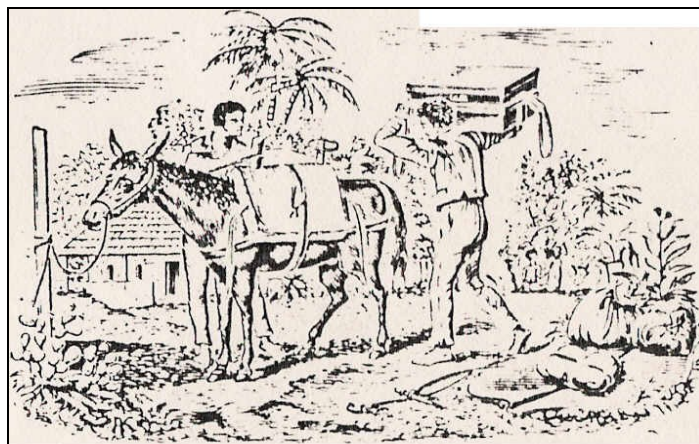
Steinen atribui a culpa do imbróglio ao tradutor que deveria saber pouco da língua alemã e, valendo-se de dicionário, deve ter traduzido o texto palavra por palavra perdendo, assim, o sentido das frases. Perante tamanha enrascada, coloca-se à disposição para autorizar nova tradução. Explicando que nunca havia declarado que “os cuiabanos são de natureza indolente e inteligência curta”, mas sim que “ao espírito dos cuiabanos, tornado monótono e descansado pelo longo isolamento, falta iniciativa industrial”. Saiu-se bem o alemão com esse eufemismo! Explica que com *Central do Brasil* teve a melhor das intenções, a de atrair a atenção da Europa para a província de Mato Grosso. No longo artigo, Steinen segue refutando e desmentindo as acusações, fazendo novas traduções, enfim amenizando as declarações atribuídas a ele (*A Província de Mato Grosso – Cuiabá*, 22/04/1888). O impacto causado pelo livro de Steinen foi tamanho que dez anos após o acontecido, um jornalista de *O Republicano*, Raul Plínio, escreveu dois artigos elogiando Steinen, chamando-o de “sábio emérito” e relatando que “o seu livro, que é fruto do mais árduo trabalho, merece um lugar distinto na estante de todos aqueles que amam verdadeiramente este pedaço de terra brasileira”. Vale-se de informações contidas em *Brasil Central*, fazendo inclusive extensas citações, para tecer severas críticas à mesma pasmaceira que, para ele, continuava existindo na capital da província (*O Republicano – Cuiabá*, 21/04/1898 e 08/05/1898).

---

<sup>225</sup> *A Província de Mato Grosso – Cuiabá*, 22/04/1888.

Enfim, em todos os textos críticos escritos tanto sobre *Histórias brasileiras* quanto sobre *O Brasil central*, o principal critério de avaliação eleito pelos críticos para comentar ambas as obras foi o da fidelidade ao real, associada a uma avaliação positiva de Mato Grosso. Segundo os críticos, Visconde de Taunay faz um retrato fiel e positivo na ficção sobre Mato Grosso e, por isso, é aplaudido. Karl von Steinen, por sua vez, faz um retrato infiel e negativo em registro não ficcional das regiões percorridas por ele durante as expedições e, por isso, recebe o ataque de alguns jornalistas que exerciam o papel de críticos literários.

### 3.3 Trajeto de dois fardozinhos de livros em lombo de burro pelo Centro-Oeste



226

*À tarde o tropeiro trouxe dois fardozinhos que faziam carga  
de um animal. Por cima deles estava escrito a palavra  
livros, com endereço a um senhor  
Estulano da Silva, em Cuiabá.  
(Visconde de Taunay - Histórias brasileiras)*

As representações sobre o universo da leitura encontradas no conto “O vigário das Dores”, de *Histórias brasileiras*, podem ser consideradas como subsídios complementares para a (re)construção da história da leitura dos idos dos oitocentos, na região Centro-Oeste do Brasil. Visconde de Taunay, além contar as incertezas do padre Monte quanto à vocação religiosa, oferece quantidade considerável de informações que ilustram a pesquisa realizada nos jornais para o presente estudo. O conto se mostra muito interessante para a história da leitura à medida que seu conteúdo sugere, por exemplo, como os leitores daquela época costumavam proceder para ter acesso aos livros, o caminho que

---

<sup>226</sup> Figura extraída de: STEINEN, Dr. Karl von den. *O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu, São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 9.*



esses livros percorriam até chegarem, ou não, no interior ou capital das províncias, bem como a complexidade de uma espécie de rede que envolve a relação do leitor (padre Monte) com o mundo da leitura.

Conforme narra Taunay no conto, Padre Monte ainda era “coadjutor de uma das igrejas paroquiais de São Paulo”, quando sentiu bater em seu coração uma dúvida quanto ao tamanho e à força de sua fé. Inseguro, e querendo fugir do problema, candidatou-se ao cargo de vigário para a paróquia das Dores do Rio Verde de Goiás. Conseguindo o cargo sem nenhuma dificuldade, partiu juntamente com uma tropa carregada de sal com destino à capital daquela província. Na descrição minuciosa do roteiro da viagem do padre, Taunay cita nomes de cidades, tais como Campinas, Mogi Guaçu, Casa Branca, Franca do Imperador, Prata, Paraná, Uberaba e, finalmente, a chegada à capital de Goiás, que na época era Pirenópolis. Por meio desses dados, pode-se fazer a reconstituição do trajeto percorrido pela tropa que levava sal, mas que certamente levava também outros tipos de mercadorias, ocasionalmente livros.

Viagem semelhante à do padre Monte, fez Leite Moraes<sup>227</sup>, professor da Faculdade de Direito, deputado, governador da província de Goiás, fundador de diversos jornais políticos e escritor<sup>228</sup>. As anotações de seu diário de viagem foram transformadas no livro *Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins, e do Pará à Corte* – Considerações administrativas e políticas, pelo dr. J. A. Leite de Moraes, ex-presidente de Goiás, publicado em 1883, numa edição privada, sem referência de data, local ou editor, com certeza em tiragem restrita que, segundo consta, logo se esgotou. Em 1995, Antonio Candido, por sugestão de Rubens Borba de Moraes, grande especialista em literatura de viagem no Brasil, organizou nova edição para que um público maior pudesse ter acesso a um livro, conforme Candido, extremamente raro, do qual se conhecem pouquíssimos exemplares, portanto, quase inédito e considerado um dos melhores do gênero.

Leite Moraes, tendo sido nomeado presidente da província de Goiás em 1881, foi obrigado a tomar posse do cargo e permanecer um ano naquela região, afastado

---

<sup>227</sup> Joaquim de Almeida Leite Moraes fez a viagem de São Paulo a Goiás acompanhado de seu futuro genro Carlos Augusto de Andrade, pai do escritor modernista Mário de Andrade.

<sup>228</sup> Embora publicado nove anos após a aparição de *Histórias brasileiras*, este livro de Leite Moraes merece ser explorado, pois ele confirma a continuidade da realização deste tipo de viagem e suas implicações. Conferir: MORAES, Joaquim de Almeida Leite. *Apontamentos de viagem* / J. A. Leite Moraes: introdução, cronologia e notas de Antonio Candido, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

de sua família, que residia em São Paulo. Sua viagem de ida, saindo de São Paulo, foi feita em lombo de burro a partir de Casa Branca, durou penosos trinta dias e lhe rendeu um pequeno problema de saúde, devido às muitas horas que passou sentado, cavalgando. Ao término de seu mandato, ele preferiu fazer a viagem de volta de maneira inesperada, por via fluvial - descendo o Araguaia e o Tocantins até Belém do Pará, onde tomou o vapor que o levou ao Rio de Janeiro. O livro é o relato dessas duas jornadas. Em ambas, ele descreve costumes e alguns fatos ocorridos com habitantes da região Centro-Oeste brasileira, dos fins do século XIX.

Padre Monte percorreu na ficção praticamente o mesmo trajeto que Leite Moraes trilhou para tomar posse de seu cargo de presidente da província de Goiás. Os pontos de referência, as cidades citadas por um e por outro são praticamente os mesmos. Portanto, este era realmente o caminho percorrido pelos tropeiros que transportavam mercadorias da província de São Paulo para a de Goiás ou de qualquer outro tipo de viajante corajoso que se dispusesse a enfrentar a rispidez do sertão. Leite Moraes fez sua viagem acompanhado apenas de Carlos Augusto, seu oficial de gabinete na província de Goiás, e seu pajem Bento. O presidente da província conta que a única distração possível, nos pequenos cômodos das toscas embarcações utilizadas para a viagem de volta para casa, era a leitura. E o que tinham os viajantes para ler? Nas palavras do próprio Leite Moraes:

Temos alguns volumes da *História universal*, de César Cantu; temos todos os jornais, velhos e novos, de São Paulo, do Rio e do Pará. Os de São Paulo já estão lidos e relidos, assim como os do Rio, principalmente a *Gazeta de Notícias*. Agora o Carlos Augusto lê o *Corriere d'Italia*, o número de seu aparecimento: "*Riapparendo oggi il 'Corriere'*" etc. Em um dos números deste jornal vem uma carta de Castellar a Garibaldi, que está lida e relida e já decorada; assim os folhetins de Ramalho Ortigão, escritos da Espanha, estão engolidos dezenas de vezes; no soalho do nosso gabinete e por baixo de nossas redes temos *Província de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Diário da Manhã*, *Opinião Liberal*, *Gazeta de São Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Diário de Campinas*, *Gazeta de Notícias*, *Diário do Grão Pará*, *Liberal do Pará* e muitos outros ilustres órgãos de publicidade<sup>229</sup>.

---

<sup>229</sup> Idem, p. 274-5.

A leitura praticada pelos dois viajantes era basicamente constituída de jornais novos e antigos, nacionais e estrangeiros, lidos intensivamente e comprados, provavelmente, nas capitais provinciais durante o tempo em que as embarcações ficavam atracadas nos portos. Apesar da precariedade do acervo, os dois podiam, se quisessem, adquirir conhecimentos sobre história universal, manterem-se informados sobre os principais acontecimentos do Rio de Janeiro e de São Paulo, locais com maior número de jornais mencionados, e de quebra ainda tinham a possibilidade de infindas leituras do folhetim escrito por Ramalho Ortigão. (Estariam eles lendo *As farpas*, crônicas de autoria do observador e crítico da vida portuguesa, publicada inicialmente em forma de folhetim?)

Ainda que a ficção não tenha a obrigatoriedade do compromisso com a realidade, as aproximações entre o relato verídico do diário de viagem de Leite Moraes e a obra de ficção de Visconde de Taunay, feitas nos parágrafos anteriores, mostram que ambas, ficção e realidade, neste caso, encontram-se bem próximas. Esta ocorrência faz que o texto ficcional de Taunay ganhe maior credibilidade para ser utilizado como fonte de informações, em poucas palavras, a leitura de Leite Moraes serviu para indicar que o que Taunay narra na ficção era bem próximo, ou exatamente, ao que ocorria na realidade e que, assim, estas informações podem ser usadas como fonte de elementos constitutivos da história da leitura.

Na seqüência do conto “O vigário das Dores”, o narrador revela que depois de mais de um ano pregando na paróquia das Dores do Rio Verde de Goiás, padre Monte sentiu-se novamente nostálgico, desanimado e descrente da vida. Para reanimar-se, ao invés de pedir transferência para outra paróquia, como pensara a princípio, “escreveu para Goiás, remetendo a relação de uns livros que seu correspondente deveria mandar comprar no Rio de Janeiro”, ou seja, uma das formas praticadas para a aquisição de livros para quem morava no interior, constituía-se em, inicialmente, mandar o pedido para um correspondente na capital de sua província, que, por sua vez, o encaminhava a uma livraria da corte. No entanto, esse sistema muitas vezes costumava falhar, visto que o padre Monte nunca recebeu a referida encomenda e “cada carta que recebia – e raras eram as cartas – parecia dever-lhe trazer a notícia da próxima chegada de sua encomenda, mas se é difícil levar livros a Goiás, quanto mais à vila das Dores do Rio Verde!”<sup>230</sup>.

---

<sup>230</sup> DINARTE, Sílvio (pseudônimo de Visconde de Taunay). *Histórias brasileiras*, Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1874, p. 171.

Não se pode precisar o motivo da ausência do recebimento da encomenda feita pelo vigário. Existem várias hipóteses. Uma delas é a de que o pedido nem tenha chegado ao seu destino e, caso tenha, há uma outra, ainda, a de a carga ter se extraviado pelo caminho. Isto, que normalmente era visto como um problema naquela época, foi para o padre Monte a solução, pois ele teve seu desejo realizado graças a um desses extravios.

Tudo aconteceu quando um tropeiro, vindo de Cuiabá, foi procurar o padre dizendo-lhe que tinha em sua carga dois pacotes que deveriam ter ficado naquela cidade e que não encontrando o destinatário se viu obrigado a carregá-los até aquele local, Rio Verde de Goiás. Como a encomenda era muito pesada, ele diz ter pensado em “pinchá-la” na beira da estrada, caso alguém não se dispusesse a ficar com ela <sup>231</sup>. Explica ao vigário que o conteúdo das caixas “parece que são livros da gente ler... eu cá não sei com segurança”<sup>232</sup>. Diante dessa revelação, o padre Monte “corou de emoção e com alguma pressa disse”<sup>233</sup> ao capataz que guardaria os pacotes. “À tarde, o tropeiro trouxe os dois fardozinhos que faziam carga de um animal. Por cima deles estava escrito a palavra livros, com endereço a um senhor Estulano da Silva, em Cuiabá”<sup>234</sup>.

Tendo como base as informações oferecidas pelo tropeiro, é possível imaginar o mapa contendo a rota percorrida pelos livros antes de chegarem às mãos sequiosas do padre Monte. O ponto exato do início da partida não pôde ser detectado, pois o capataz informou ao padre Monte que havia recebido a carga em Santana do Paranaíba e que ela já vinha, pelas mãos de outro tropeiro, de Uberaba. Então, na etapa em que se tem notícias, os fardos de livros saíram da província de Minas Gerais, da cidade de Uberaba, passaram pela província de São Paulo, cidade de Santana do Paranaíba, para finalmente chegarem a seu destino, província de Mato Grosso, Cuiabá. Como o destinatário não foi encontrado, o tropeiro resolveu trazer a encomenda de volta, porém, devido ao peso dos livros, decidiu deixá-los em vila das Dores do Rio Verde, Goiás, para sorte do vigário.

Este deveria ser, portanto, o caminho que os livros percorriam, carregados nos lombos dos burros por estradas esburacadas dos chapadões e vales do Sudeste e Centro-Oeste em direção ao Mato Grosso, expandindo concretamente a demarcação do mapa do

---

<sup>231</sup> Além da precariedade das estradas e dos meios de transporte, o peso dos livros, como informa o tropeiro, era mais um dos inconvenientes para sua circulação.

<sup>232</sup> DINARTE, op. cit., p. 171.

<sup>233</sup> Idem, *ibid.*

<sup>234</sup> Idem, p. 171-2.

Brasil que deixava de ser visto pelos estreitos limites litorâneos. Ainda que o conto não faça alusão ao transporte de livros via fluvial, eles também chegavam a Mato Grosso dessa forma, por embarcações a vapor, pois na época em que este conto foi escrito, anos 70 do século XIX, Mato Grosso estava vivendo o fim da Guerra da Tríplice Aliança, momento em que ocorreu o franqueamento da navegação do rio Paraguai, o fortalecimento da economia platina e do comércio mato-grossense abastecido por embarcações que começavam a chegar com certa regularidade nas principais cidades portuárias, como Corumbá, Cáceres e na capital, Cuiabá. A dupla utilização dos meios de transporte, fluvial e terrestre, pode ser confirmada por meio de informação encontrada no *Almanach da Província de Goiás – para o ano de 1886*<sup>235</sup>: “O comércio da província [Goiás] é feito com as províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Bahia e Mato Grosso, por meio de tropas de animais, e com o Maranhão e Pará pelos rios Araguaia e Tocantins”.

### 3.3.1 – Leitor padre Monte e suas múltiplas leituras

A relação das personagens com os livros no conto “O vigário das Dores” se apresenta ora simples ora extremamente complexa. Simples, no caso do tropeiro, personagem secundário e certamente analfabeto, para quem os livros não possuíam valor nem serventia, eram considerados como algo que o atrapalhava, já que ele os descrevia como um “trem que pesa” e ameaçava “pinchá-los” na beira da estrada, caso não encontrasse alguém que se propusesse a ficar com eles. O tropeiro evidencia que o peso deveria ser um dos maiores inconvenientes no transporte de livros.

Relação de intensa complexidade é mostrada no caso do padre Monte, o vigário das Dores. Para ele, diferentemente do tropeiro, os livros eram importantíssimos e sempre tiveram papel fundamental em sua vida. Desde o início da narrativa, Padre Monte é descrito como sendo leitor dedicado, “homem de muitas letras” que “raramente era visto

---

<sup>235</sup> BRANDÃO, Antônio José Costa (Org). *Almanach da Província de Goiás – para o ano de 1886*. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1978, p. 46.

sem ter entre as mãos um livro que ora lia com atenção, ora parecia provocar-lhe longas e sérias meditações”<sup>236</sup>. O “gosto” do padre pela leitura parece ter se originado pelo tipo de profissão que, por falta de outra melhor, fora obrigado a escolher: o sacerdócio. Assim, para desenvolver a contento sua atividade como pregador, o vigário se viu obrigado a reservar grande parte de seu tempo, inclusive como seminarista, à leitura.

A maneira de o padre ler e de se relacionar com livros conduzem a um tema bastante explorado por Chartier<sup>237</sup>, o da “revolução da leitura”. Conforme preconiza o pesquisador francês, essa revolução, ocorrida no século XVIII, é possuidora de dupla dimensão: uma histórica – “remete aos numerosos diagnósticos que identificam os efeitos moralmente benéficos ou fisicamente desastrosos da absorção da imaginação pela ficção”- e outra historiográfica – “ligada à hipótese que opõe uma leitura tradicional, chamada intensiva, a uma leitura moderna, qualificada de extensiva”. Chartier põe em dúvida a “revolução” do século XVIII, dizendo que muitos leitores, mesmo depois dessa época, continuaram a ler de forma intensiva e que esses dois tipos de leitura podem ocorrer simultaneamente e não apenas sucessivamente como apregoava a “revolução”. Para ele, a revolução da leitura do século XVIII, se é que tenha acontecido, pode ter ocorrido graças a outros tipos de transformações, como o grande desenvolvimento da imprensa, por exemplo.

Essas reflexões fornecidas por Chartier são úteis à medida que auxiliam no entendimento da complexidade da personalidade de leitor do padre Monte. Assim, tendo Chartier como guia, fica mais fácil entender as oscilações de comportamento do padre provocadas pela leitura e as conseqüências advindas desse ato.

Comprovando a teoria de Chartier, o Padre Monte, mesmo sendo um leitor do século XIX, tinha hábitos de leitura próprios de um leitor intensivo que se “confrontava com um *corpus* limitado e fechado de textos, que eram lidos e relidos, memorizados e recitados, escutados e conhecidos de cor, transmitidos de geração em geração. Uma maneira de ler como esta era fortemente marcada pelo sagrado, e submetia o leitor à autoridade do texto”<sup>238</sup>. Conforme relata Taunay, o vigário, nos tempos em que morava na província de São Paulo, para cumprir com os deveres de sua profissão, vivia “manuseando

<sup>236</sup> DINARTE, op. cit., p. 153.

<sup>237</sup> CHARTIER, Roger. *Do palco a página: publicar teatro e ler romances na época moderna* (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, p. 107-8.

<sup>238</sup> Idem, p. 108.

sempre seus livros clássicos ou teológicos”; quando se sentia triste, “possuído por um pesar inexplicável o padre, à luz de uma vela de sebo, lia o seu breviário”; ou ainda, em outras situações também de extrema nostalgia, ele recorria ao estudo e à meditação dos textos sagrados, enfim, em situações de melancolia eram sempre aqueles poucos e mesmos textos/livros que lhe serviam de consolo: “os livros que tinha – um Horácio e um Virgílio truncados – os sabia de cor e salteado e nos sermões do padre Antônio, alguns volumes desirmanados, contara até as letras de cada lauda, o que anotara cuidadosamente no alto das páginas”<sup>239</sup>. Desse modo, o padre Monte, durante vários anos de sua vida, foi um leitor de poucos livros, foi um típico leitor intensivo até o instante em que um acontecimento inusitado transformou completamente sua vida como homem e como leitor: o recebimento de “dois fardozinhos de livros que faziam carga de um animal”.

Antes, porém, do desenlace desse episódio dos fardos de livros, vale lembrar que esses objetos não foram alvo da primeira aspiração do vigário. Antes dos livros, o padre já havia padecido com os desejos da carne manifestados por meio de dois “perigosos” olhos de mulher cravados nele durante a missa, que fizeram balançar seu passado de pureza, e, depois, com os desejos sociais revelados na vontade de constituir uma família regular que afastasse dele o desamparo e a solidão que sempre o vitimavam.

Assim, a partir do recebimento dos dois fardozinhos, a vida do padre nunca mais foi a mesma. A princípio, viveu intensamente o dilema entre abrir os caixotes ou não. Sua mente se agitava. Discutia consigo mesmo os pontos prós e contras à abertura das caixas com “mais minúcia e argumentos do que qualquer questão teológica nas lutas escolásticas”<sup>240</sup>. A curiosidade de saber quais eram os livros e o desejo de lê-los, na tentativa de movimentar a vida pacata em que vinha vivendo, era reprimida por sua moral cristã que o impedia de cometer o pecado de se apossar de algo que não lhe pertencia, visto que a encomenda não estava endereçada a ele.

A aparição de um simples cupim saindo da caixa de livros foi a solução para os problemas da vida do padre. A princípio, contemplou o inseto com indignação. Enquanto dava as primeiras marteladas na tampa do caixote para abri-lo, pensou na hipótese de encontrar os livros devorados pelos cupins. O tropeiro, ao entregar-lhe a encomenda, já havia lhe chamado a atenção para tal possibilidade: “ - Será bom, avisou o homem ao depor

---

<sup>239</sup> DINARTE, op. cit., 169-70.

<sup>240</sup> Idem, p. 172.

os caixotes no chão, que Vossa Senhoria mande abrir este *trem*. O cupim pode ter dado nele: dizem que é muito *caroável* do papel escrevinhado na máquina. Eu não entendo disso”<sup>241</sup>. A propósito, na falta de inseticidas eficazes, era muito comum naquela época, os livros serem devorados por insetos. Os cupins, ao contrário do que suspeitava o tropeiro, não têm preferência por papéis escritos à tinta, eles são amantes de qualquer coisa que contenha celulose, inclusive papel, com ou sem tinta.

O cupim foi, portanto, um ótimo pretexto encontrado pelo vigário para botar fim a sua angústia sem sentir nenhum tipo de culpa. Ao abrir a encomenda, os olhos maravilhados do padre viram:

[...] uma boa porção de livros, uns grossos, outros finos, uns encadernados, outros em brochura. [...] Havia dois volumes grossos; Dom Quixote de la Mancha, em francês; os Três Mosqueteiros de Alexandre Dumas em português; vários folhetos, uma história das Missões na Índia e China, e Os Novíssimos do homem de S. Francisco de Salles<sup>242</sup>.

Não se pode atribuir à providência divina o fato de o padre receber exatamente os livros de que necessitava naquele momento de grande indecisão. Taunay não poderia ter sido mais feliz na escolha dos títulos daqueles livros. Não foi, evidentemente, por acaso que ele escolheu esses livros em detrimento de tantos outros existentes. A seleção feita por ele denuncia a existência nele de um leitor experiente, voraz, grande conhecedor de livros. O Visconde de Taunay confessou em suas *Memórias* que já na infância gostava muito de ler e tinha acesso fácil a livros, ganhando vários deles de presente. Sendo sua família muito íntima à do imperador, ele e sua irmã Adelaide costumavam brincar no velho casarão do Figueiredo, com as princesas D. Isabel e D. Leopoldina. Certa feita, esta última lhe dera de presente “a coleção do *Conseiller des enfants*, que incessantemente li e reli, até bem grande, e um belo volume das *Fábulas de Florian*, ainda hoje um dos livros queridos das minhas estantes”<sup>243</sup>.

O velho Visconde de Taunay relembra a leitura do primeiro romance feita pelo menino Taunay, “um insaciável devorador de romances”: “Para mim começava este

---

<sup>241</sup> Idem, *ibid*.

<sup>242</sup> Idem, p. 173.

<sup>243</sup> TAUNAY, Alfredo d’Escragnolle Taunay, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 87-8.



furor de leitura desde fins de 1852, causando-me a primeira novela por que me interessasse verdadeiro deslumbramento – *Ivanhoé*, de Walter Scott<sup>244</sup>. A leitura lhe parecia algo muito especial e foi pela biblioteca do tio que teve acesso aos outros dois dos três primeiros romances lidos por ele:

Aquilo se me afigurou estupendo, sublime e, como tinha a possibilidade, quando ia com meu pai ao Engenho Novo, de trazer de lá livros, não havia como faltar-me. Assim da biblioteca do tio Beaurepaire tirei o *Judeu errante*, oito grossos volumezinhos, edição de Bruxelas, que devorei sem parar. Também em extremo apreciei uma contrafação de Walter Scott – *Aymé Verd* – estes três romances foram os primeiros de que tomei conhecimento naqueles anos de 1852 e 1853<sup>245</sup>.

Visconde de Taunay não se cansa de recordar que sempre fora um apaixonado por livros, em especial romances. Quando estes eram escassos, lia outros livros, inclusive alguns que ele julgava serem meio tediosos. No entanto, a reprovação dele no sexto ano do Colégio Pedro II<sup>246</sup> o fazia parar com qualquer tipo de leitura para dedicar-se, juntamente com o pai, Félix Emílio Taunay<sup>247</sup>, ao estudo das disciplinas nas quais havia sido reprovado:

O meu gosto único eram os romances, que lia com sofreguidão, e como não abundassem em casa, por ter meu tio Gastão levado, em partilha, quase todos os do Engenho Novo, atirava-me a livros, alguns até bem maçantes, revendo, contudo, em horas determinadas, com meu pai, as matérias do desastrado 6. ano<sup>248</sup>.

Não só os romances faziam as delícias do jovem Taunay. Em sua formação como leitor, ele também lia com a mesma avidez os livros de “distração e recreio”:

---

<sup>244</sup> Idem, p. 58.

<sup>245</sup> Idem, *ibid.*

<sup>246</sup> Dr. Joaquim Manuel de Macedo, o Macedinho, como era costume chamá-lo, foi professor de História e Corografia de Taunay, no Colégio Pedro II.

<sup>247</sup> O pai de Taunay, na época de seu nascimento, era diretor da Academia das Belas-Artes. O avô, Nicolau Antônio Taunay, célebre pintor da Escola Francesa e membro do Instituto de França. Isso explica a facilidade de acesso ao meio intelectual que Taunay vivenciava.

<sup>248</sup> TAUNAY, op. cit., p. 66.

“Comecei, com efeito, a aplicar-me mais, lendo, aí com verdadeira sofreguidão, os livros de distração e recreio, que o Zenzen costumava trazer-nos do Rio. Com que impaciência devorei os seis volumes das *Mil e uma noites*?!”<sup>249</sup>.

Enfim, o próprio Taunay, com esses dados valiosos mencionados em suas *Memórias*, explica a habilidade e competência do narrador de “O vigário das Dores” na montagem da relação de livros adequados às necessidades do padre naquele momento difícil de sua vida. Com propriedade, escolheu dois volumosos romances, vários folhetos e dois livros de cunho religioso.

O primeiro da lista, o romance *Dom Quixote de la Mancha*<sup>250</sup>, o cavaleiro da triste figura, como ele mesmo se autodenominava, é um livro escrito por Miguel de Cervantes (1547 – 1616), no século XVI e tem como protagonista uma personagem da aristocracia espanhola que passava dias e noites lendo as façanhas e as proezas dos heróis da cavalaria. Essa dose exagerada de leitura o transformou em um pobre coitado aparvalhado que, no fim da vida, lutava para conseguir se desvencilhar daquelas assombrações que a literatura inoculava em sua mente e que tanto lhe infernizara a vida. Este foi mais um dos livros marcantes na vida do leitor Taunay. Ele o ganhou de presente, aos onze anos, numa bela edição, do célebre matemático, colega de seu tio Luís de Escragnolle, Dr. Gomes de Sousa, o Sousinha, que também presenteara sua irmã Adelaide com “*Les femmes de la Bible*, outro formoso volume, *doré sur tranche* e cheio de lindas gravuras”<sup>251</sup>. Miguel de Cervantes acabou ficando tão introjetado nele que até para a simples descrição de um amigo, lembrava-se dele: “[Torquato] realizava, do modo mais completo, o tipo físico de Dom Quixote, muito magro, ossudo, em extremo moreno, com enorme nariz de cavalete, olhos pequenos, chamejantes, queixo pontudo, gestos desencontrados e facilmente ameaçadores”<sup>252</sup>.

O segundo romance, *Os três mosqueteiros*, do escritor francês Alexandre Dumas (1802 – 1870), também tem como protagonista um herói, embora com

---

<sup>249</sup> Idem, p. 68-9.

<sup>250</sup> A primeira edição data de 1605. Em comemoração ao quarto centenário da publicação da primeira edição, a Biblioteca Nacional de Lisboa realizou uma exposição sobre a mais famosa obra de Cervantes. Nela depara-se com informações importantes, como a de que a primeira tradução de Dom Quixote para o português foi feita anonimamente em fins do século XVIII. Site da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em < [www.bn.pt](http://www.bn.pt) >. Acesso em 23 fev. 2008.

<sup>251</sup> TAUNAY, op. cit., p. 68-9.

<sup>252</sup> Idem, p. 140.

características bem diferentes de Dom Quixote, pois D'Artagnan era destemido e, certa feita, resolveu ir a Paris para se tornar um mosqueteiro do rei e viver aventuras com seus amigos Atos, Portos e Aramis. Ele era muito corajoso. Enfrentava sem temor os perigos, ajudava os fracos e oprimidos, enfim lutava sempre contra o mal.

Conforme informações do narrador, o *Dom Quixote* lido pelo Padre Monte encontrava-se escrito em francês e *Os três mosqueteiros*, em português. Isto remete para o fato de que no Brasil da época de Taunay, segundo a pesquisadora Alessandra El Far<sup>253</sup>, já havia no Rio de Janeiro uma produção e comercialização editorial bastante diversificada. As livrarias não dispunham apenas de volumes publicados no país. Em suas estantes podiam-se encontrar livros franceses, alemães, italianos, espanhóis e portugueses. “A presença de livreiros estrangeiros que abriam uma filial na cidade facilitava o processo de importação. Em pouco tempo, o que era publicado na Europa chegava ao Rio de Janeiro com o alarde necessário”<sup>254</sup>. As obras escritas ou traduzidas para o francês, caso de *Dom Quixote*, encontravam-se no auge. Tinham grande aceitação por causa da predileção pelos pensadores franceses e pelo sucesso do romance-folhetim. No entanto, como apenas uma pequena parcela da população, a elite intelectual, conseguia ler os romances franceses no idioma original, as traduções deles para o português também estavam em evidência. Havia inúmeros exemplares de romances franceses traduzidos para o português sendo comercializados nas livrarias cariocas, como *Os três mosqueteiros*, que acabou chegando ao interior de Goiás, às mãos de padre Monte.

Os outros dois livros de não-ficção tratam de assuntos muito semelhantes. *Os novíssimos do homem* aborda questões relacionadas à fé cristã (a morte, o juízo, o céu e inferno). O autor, S. Francisco de Sales (1567 – 1622), foi bispo e doutor da Igreja Católica e, em seu tempo, ficou famoso por seus folhetos escritos em defesa da fé, ajudando as pessoas a desenvolverem uma relação mais profunda com Deus por meio de Jesus Cristo. O outro livro, *Um história das Missões na Índia e China*<sup>255</sup>, como o próprio nome sugere, deveria ser aquele tipo de livro, geralmente escrito por padres que saíam mundo à fora tentando expandir a fé cristã e depois relatavam suas experiências em livros.

---

<sup>253</sup> EL Far, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 49.

<sup>254</sup> Idem, *ibid.*

<sup>255</sup> Não foi possível localizar nenhuma informação sobre esse livro. A dificuldade encontra-se no fato de não possuir nenhum dado complementar, nem mesmo nome do autor.

Diante de todos estes livros, num contato inicial, o padre Monte se recusou a ver de imediato os títulos, adiou a ciência na certeza de ter o prazer redobrado. Nesse contato físico, vendo o aspecto material do livro, sua reação foi de um tipo de carinho bem próximo à sensualidade. Tirou-os da embalagem com delicadeza, “amorosamente e, com verdadeiros afagos, levando-os para cima da mesa, onde os colocou verticalmente”<sup>256</sup>. Parece que todo aquele amor e ternura, estocados ao longo de tantos e tantos anos de solidão, repentinamente afloraram no vigário das Dores e fizeram que ele tocasse naqueles livros como quem toca pela primeira vez o corpo da mulher amada.

A leitura dos romances se mostrou mais prazerosa ainda que o contato mantido no início. Ele escolheu, para começar, *Dom Quixote*. Livro que foi, e continua sendo até os dias de hoje, um dos romances mais lidos e comentados de todos os tempos, Há farta literatura sobre os efeitos causados nos leitores pela leitura desse livro do Renascimento espanhol. Um deles, Eduardo Frieiro, diz que “os livros de cavalaria encantam e perturbavam os espíritos no tempo de Cervantes e a sua leitura chegou a ser proibida porque as autoridades os consideravam perniciosos”<sup>257</sup>.

Assim como Frieiro, Taunay também registrou, por meio do vigário, os efeitos provocados pela leitura do romance de Miguel de Cervantes. Apesar de ser escrito em francês, o que exigiu de padre Monte atenção redobrada no início, o efeito produzido pela leitura não podia ser mais devastador. Ela lhe abalou corpo e espírito. Apossou-se dele com tamanha intensidade que lhe causou, posteriormente, vários transtornos. Não era comum aos padres e, principalmente, aos seminaristas lerem romances. Acreditava-se que esse contato afastasse os jovens dos estudos, das leituras sérias.

O padre Monte nunca havia lido romances; por isso semelhante livro lhe pareceu extraordinário. Aqueles episódios múltiplos e tão variados quão curiosos, aquele estilo simples, mas valente, aqueles tipos de D. Quixote e de Sancho, tão ridículos na aparência, mas tão filosóficos e profundos na essência, tudo o encantava, tudo o surpreendia, o enlevava de um modo desconhecido.

---

<sup>256</sup> DINARTE, op. cit., p. 173.

<sup>257</sup> FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego: como era Gonzaga? e outros temas mineiros*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: universidade de São Paulo, 1981, p. 24.

A avaliação positiva do romance feita pelo narrador nesta passagem demonstra que ele via com bons olhos a utilização de preceitos retóricos diferentes dos que usualmente se apregoava, como por exemplo, o da unidade de enredo. O elogio encontra-se exatamente em seu oposto, na multiplicidade e variedade dos episódios, além da exaltação do estilo simples e da criação de personagens de aparência ridícula e essência filosófica.

A emoção e o deleite causados pela primeira leitura do primeiro romance feita vagarosamente pelo vigário foi comparável a algo como o recebimento de grandes riquezas ou como o prazer de saborear uma deliciosa bebida. Provocou nele, segundo o narrador, grande excitação e alvoroço. A partir dela, a alegria passou a fazer parte da vida daquele homem que se encontrava tão descrente e desanimado.

Se lhe houvessem dado a lâmpada de Aladino, nunca mais belos tesouros lhe teriam deslumbrado as vistas. E a alegria franca que ele sentia, as gargalhadas sonoras que ecoavam no seu quarto, desabituaado de semelhantes expansões! [...] O vigário leu pausadamente o precioso livro, letra por letra, para assim dizer. Fez como o gastrônomo que beberica um saboroso licor e na lentidão com que o sorve, maior aroma e vigor nele descobre<sup>258</sup>.

As impressões do padre Monte sobre a leitura do romance *Dom Quixote* registradas no conto estudado encontram-se em consonância com textos teóricos e críticos sobre romance que circulavam nos séculos XVIII e XIX. Segundo Márcia Abreu<sup>259</sup>, estes textos poderiam apresentar posições extremas que iam desde a identificação de defeitos estruturais dos romances e condenação dos perigos que sua leitura acarretaria até a exaltação da “nova” forma e glorificação de seus efeitos sobre os leitores. Neste caso, a opção foi pela segunda alternativa, houve não só elogios em relação à forma como também consagração pelo prazer, inclusive físico, que a leitura despertou no protagonista de “O vigário das Dores”.

Durante alguns meses, *Dom Quixote* foi seu “companheiro incomparável nos passeios, o consolador daquelas aflições de outrora quando por acaso queriam voltar e o

---

<sup>258</sup> DINARTE, op. cit., p. 174.

<sup>259</sup> ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003, p. 267.

bálsamo para a tristeza e consciência da solidão”<sup>260</sup>. Pelo modo como Taunay descreve a relação do padre com a leitura, a impressão que se tem é a de que ela tenha sido responsável pelas transformações que viriam ocorrer na vida dele. Ele parecia sentir, numa espécie de imagem refletida, sensações semelhantes às das personagens do livro lido por ele. Em ambas as histórias, ainda que de maneira diferente, pode-se perceber o efeito transformador da leitura. Em *Dom Quixote*, ela é tida como responsável pela insanidade do velho fidalgo, que se transformou em cavaleiro andante, abandonando a tranquilidade da aristocracia da qual fazia parte para andar lutando nos confins do mundo. No conto “O vigário das Dores”, o efeito foi contrário. Ela pode ter sido a responsável pela lucidez, pela libertação do padre Monte. Motivado pela leitura, ele conseguiu alívio para sua angústia, liberdade para seu espírito, aproximando-se de sua realização pessoal tão almejada e não atingida apenas por meio de sua fé religiosa.

Assim, essa passagem do conto pode ser vista como uma representação dos efeitos causados pela leitura. Aliás, esse tema é bastante explorado por aqueles que se dedicam ao estudo da História da leitura. Acreditava-se que a leitura, sobretudo de romances, poderia acarretar para as pessoas sérios transtornos tanto morais quanto físicos. É o que Chartier<sup>261</sup> chama de “patologia do excesso de leitura”. Novamente o padre-leitor pode servir de exemplo ilustrativo, visto que, antes de gozar das benesses que a leitura lhe proporcionaria, ele pode ter sido vítima dela. Após a leitura dos dois romances, antes mesmo de ler os outros livros, o padre “caiu gravemente doente” e teve febre altíssima. Em seu delírio via a morte sentada à cabeceira de sua cama, e via-se diante do Eterno julgador, prestando contas de suas dúvidas e de sua “vida inútil e mal preenchida”. O vigário chegou a ficar “entre a vida e a morte alguns dias”.

Em romances contemporâneos a *Histórias brasileiras*, encontram-se exemplos dos efeitos maléficos que se acreditavam serem causados pela leitura. O próprio Taunay retomou o assunto em pelo menos mais dois de seus livros, *No declínio* e *Inocência*. Em *No declínio*, seu último romance, por meio do diálogo estabelecido entre o descrente Anselmo Guerra e Lucinda, sua “amiga”. Ela o ajudava para “uma série de compras nas lojas e armarinhos na rua do Ouvidor, ora o romance da moda ou a música em voga [...]”. Anselmo mostra-se avesso aos romances por considerá-los danosos não só às

---

<sup>260</sup> DINARTE, op. cit., p. 174.

<sup>261</sup> CHARTIER, op. cit., p. 107.

peessoas, como também ao serviço público à medida que os funcionários se envolviam tanto na leitura deles que acabavam deixando de lado o trabalho.

- Então, não tem alguma ordem para amanhã? ...Falaram-me hoje num livro novo de Paul Bouget, *Complications sentimentales*.

- O senhor vai lê-lo?

- Oh! D. Lucinda! A senhora sabe que abomino romances. Gabo-me de nunca ter aberto uma só dessas obras perniciosas.

- Nem Monte Cristo?

Nem Monte-nada! Era a perdição dos seus companheiros de secretaria. Uma lástima! Traziam os bolsos cheios de romances ensebados de tanto uso, nojentos, e passavam o dia engolfados neles com prejuízo do serviço público. Então, no velho Arruda, a extravagância tomara vulto de monomania, até perigosa. Fosse alguém interrompê-lo na dedução das façanhas de Rocambole ou de qualquer herói de Xavier de Montepin, e eram berros a estrondear pelas salas e de ensurdecer mortos. E não havia folhetins de jornal que não seguisse ávido, febricitante, cortando-os à medida, de maneira que não parava folha na secretaria<sup>262</sup>.

Em *Inocência*, o fato ocorreu sob outra perspectiva, mas igualmente voltado para os aspectos prejudiciais que a leitura poderia acarretar a determinado tipo de leitor, visto que a conclusão do episódio se deu com a queima dos livros que compunham a biblioteca do tio de Cirino. Isto ocorre no terceiro capítulo do citado romance, ou seja, Cirino, aos doze anos, foi enviado pelo pai a Ouro Preto aos cuidados de um tio e padrinho que possuía fama de ser homem abastado e sovina. Este conseguiu matricular o afilhado no Colégio do Caraça alegando que não tinha condições, naquele momento, de pagar pelos estudos do sobrinho, mas insinuando que no futuro os padres poderiam ser recompensados com uma eventual verba testamentária. Após sua morte, descobriu-se que o velho tio de Cirino não possuía nenhuma riqueza. Seu testamento revelou-se uma “gargalhada meio de gosto, meio de ironia, atirada de além-túmulo” e confirmada pelo ato sarcástico da doação de sua biblioteca aos padres do Caraça, afim de que ela pudessem auxiliar na formação dos jovens e dos diretores daquela instituição. O “gracejo póstumo” foi confirmado por ocasião

---

<sup>262</sup> TAUNAY, Alfredo d’Escragolle Taunay, Visconde de. *No declínio*. São Paulo: Melhoramentos, [19--], p. 23-4.

da abertura do baú, pois os livros deixados em testamento aos padres eram de autores anticlericais e antireligiosos<sup>263</sup>.

Procuraram-se os tais livros, e topou-se com um baú cheio de obras, em parte devoradas pelo cupim, que foram, incontinenti, entregues às chamas de um grande auto-de-fé. Eram as Ruínas de Volney, o Homem da Natureza, as poesias eróticas de Bocage, o Dicionário filosófico de Voltaire, o Citador de Pigault-Lebrun, a Guerra dos Deuses de Parny, os romances do marquês de Sade e outras produções de igual alcance e quilate, algumas até em francês, mas anotadas por leitor assíduo e mais ou menos convencido<sup>264</sup>.

Os exemplos dos malefícios suscitados pelas leituras também aparecem com frequência nos jornais pesquisados, porém com uma diferença, ao invés de leitor, a maior parte deles faz referências às leitoras. Pode-se ver, por intermédio deles, as peculiaridades dos danos, que se acreditava que a leitura causasse nas mulheres. *A Locomotiva*, transcrevendo um texto de *A Tertúlia* do Panamá, com o título “Conselho às moças”, dá diversas recomendações às “jovens e formosas leitoras”: “Nunca levantes os olhos senão para olhar o céu” e “Nunca tragas o peito descoberto; nem a tísica, nem os olhares dos homens perdoarão a quem comete tal imprudência”. Dentre os conselhos, há o seguinte referente à leitura: “Não te entregues à leitura de novelas, por que as boas são piores que as más e estas nunca perdoarão a coração algum” (*A Locomotiva* – Cuiabá, 22/06/1882). Em outro jornal, *A Opinião*, havia advertências semelhantes: “a leitura de romances eróticos, as sedas e os brilhantes, todos os cosméticos da civilizada França na face e no cabelo – eis o escolhido pela mulher da educação moderna”<sup>265</sup>; ou ainda em:

A mulher, que tende a borboletear, se dada às letras ou às artes, esquece-se dos seus deveres de esposa e mãe, enquanto procura uma consoante para o verso que transmite ao papel, ou enquanto medita sobre o enredo de uma romance amoroso; a mulher, dizemos, que tem tais direitos é perigosa e não é credora da

<sup>263</sup> A denominação de anticlericais e antireligiosos dada aos livros citados como pertencentes a biblioteca do tio de Cirino é da especialista na obra de Taunay Lúcia Maretti. Conferir: MARETTI, op. cit., p. 137. Pode-se encontrar referências a estas obras citadas por Taunay em *Inocência* em pesquisa realizada por Lúcia Maretti em:

<sup>264</sup> TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle Taunay, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Ática, 1991, p. 24.

<sup>265</sup> *A Opinião* – Corumbá, 29/09/1878.



estima pública, porque aparta-se da família comum, dá maus exemplos e fica repugnada<sup>266</sup>.

Ao lado da crença de que a leitura poderia causar danos aos leitores, havia também seu oposto, a possibilidade de ela oferecer regalias, vantagens. No caso da personagem do padre Monte, as benesses ocorreram pela leitura de livros religiosos. No transcorrer dessa leitura, o vigário foi se envolvendo, sentindo-se motivado a trilhar o mesmo caminho percorrido pelos pregadores de *As Missões da China e da Índia* e a seguir os mesmos dogmas propostos pelo catecismo. No seu pensar, para que isto ocorresse, ele deveria abandonar as regalias de cidadãos, de homens comuns, para que pudesse trabalhar “na obra do Senhor” tornando-se, ao mesmo tempo, “útil a sua consciência e à pátria”. Esses livros religiosos funcionaram, na verdade, como um tipo de guia para a existência do padre. Confirmando a influência sofrida pela leitura, o padre escreveu à Congregação em Goiás, solicitando indicação de seu nome para uma missão entre os índios bravios do interior da província, a fim de “catequizar os selváticos e indomáveis Canoeiros.” A resposta foi afirmativa. O vigário partiu logo após com destino às margens do Tocantins para cumprir sua missão. Durante a vigem, ao passar por Goiás, fez questão de entregar os livros extraviados a um conhecido seu para que este pudesse enviá-los ao legítimo dono. Todavia, guardou consigo *As Missões* e os *Fins Derradeiros do homem*. Antes, porém, o padre havia tomado o cuidado de calcular aproximadamente o preço que aqueles livros poderiam ter custado e enviou, pelo correio, uma carta endereçada ao Sr. Estulano da Silva, contendo notas do Tesouro como forma de pagamento.

A decisão do padre de ficar com os livros religiosos, devolvendo apenas os romances, pode ter sido originada pelos prováveis efeitos que a leitura de ambos os gêneros lhe causara no passado. Talvez com receio de que os romances pudessem lhe provocar delírios e mal-estar, resolveu devolvê-los; da mesma forma, acreditando que os livros religiosos também pudessem lhe restabelecer a razão de viver, caso tivesse uma recaída, decidiu permanecer com eles. Assim, o comportamento do padre pode ser útil para exemplificar dois dos vários efeitos que se atribuíam à leitura.

O perfil de padre Monte traçado por Taunay pode ser visto como modelo de representação de um típico leitor do século XIX. Sabe-se que mesmo na segunda metade

---

<sup>266</sup> Idem, 06/10/1878.

desse século ainda não eram muitas as pessoas que tinham acesso aos livros. No entanto, Taunay elege uma personagem oriunda de um seminário, reduto privilegiado, no quesito livros, que tinha por obrigação possuir uma biblioteca com obras de Teologia e, geralmente, alguns clássicos. A idade cronológica e mental do padre, “teria quando muito trinta e três anos, mas rugas prematuras haviam-lhe já impresso na fronte os sulcos da preocupação e do sofrimento interno”, também é apropriada para o leitor experiente e maduro que ele representa.

A afirmação, e suas devidas implicações, de que o padre Monte pode ser visto como um típico representante de leitor da segunda metade do século XIX ganha novos reforços quando se consulta a literatura existente sobre o assunto. Assunto esse que pode ser encontrado com facilidade tanto em livros quanto em jornais. Entre os livros é fundamental o registro da abrangente pesquisa realizada por Márcia Abreu em *Os caminhos dos livros*, na segunda parte, no capítulo “A leitura do romance”. Nele, a autora informa que, desde o século XVIII, se costumava fazer dois tipos de interpretação para os efeitos que se acreditava que a leitura, não apenas de romances, pudesse exercer sobre as pessoas. Uma corrente apregoava a idéia de que ela era maléfica, pois constituía um risco para a saúde de homens e mulheres com muitos inconvenientes físicos, causava a perda de tempo precioso, corrompia o gosto e apresentava situações moralmente condenáveis, além de outros danos. A outra, defendia a leitura de todas essas acusações, mostrando que entre as vantagens se encontrava a de que este tipo de narrativa era superior às experiências reais vividas pelo indivíduo, porque nos romances as pessoas poderiam se mostrar como realmente eram, sem nenhuma tipo de disfarce<sup>267</sup>. De igual maneira, a leitura dos textos cristãos também era considerada benéfica, pois eles recomendavam modelos positivos de virtudes por meio da narração da vida de santos, de episódios bíblicos etc. Acreditava-se que, a partir da imitação dos textos lidos, o leitor pudesse atingir o ideal cristão<sup>268</sup>, Padre Monte é um bom exemplo disto.

Registro de preocupações em relação à leitura de romances também foi encontrado, quase no século XX, no jornal cuiabano *O Republicano*. O texto é uma matéria, ou melhor, um “resumo de um substancioso artigo publicado no *Blackwood Magazine* com

---

<sup>267</sup> ABREU, op. cit., p. 265 e seguintes.

<sup>268</sup> Idem, p. 270.

a assinatura de Arnold Haultain”, com o título “Como se deve ler”<sup>269</sup>. Arnold Haultain, articulista do jornal escocês, informa que se lê muito naquele país, mas questiona o tipo de leitura que vem sendo feita nos últimos 25 anos, leitura sem discernimento, feitas ao acaso e “à galope”, leitura de “romances de vida efêmera e publicações frívolas que tem a pretensão de divertir. Estas leituras incoerentes e apressadas só deixam no espírito a impressão de uma sombra errante de nuvens. Já se não sabe ler. Mas o que é que se deve ler?”. No lugar da leitura de entretenimento, o autor passa a enumerar os quesitos necessários para se proceder a uma leitura em que se pretende a aquisição de conhecimentos, ou seja, o que era para ele a correta maneira de ler<sup>270</sup>.

Entre a leitura dos romances, na vertente chamada leitura perniciosa, e a de cunho religioso, padre Monte acabou tomando partido da segunda, pois fez questão de devolver os romances ao seu dono e permanecer com os livros que continham ensinamentos cristãos. Atitude na contramão da concorrência natural que existia entre os dois gêneros. Segundo Márcia Abreu, “a disputa entre os dois gêneros de escritos arrastou-se pelos anos 700 e 800, mas, no final do século XIX, o romance sairia vitorioso, superando o volume de publicação de textos religiosos”<sup>271</sup>.

---

<sup>269</sup> **Como se deve ler** – “Eis o resumo de um substancioso artigo publicado no *Blackwood Magazine* com a assinatura de Arnold Haultain: Ler é compreender e assimilar os pensamentos de outrem, a alma e a inteligência de um grande escritor; é alargar as suas aquisições mentais e éticas. Lê-se ainda e muito, mas há um quarto de século a esta parte não se lê mais com discernimento; lê-se ao acaso, a galope e o que? Romances de vida efêmera e publicações frívolas que têm a pretensão de divertir. Estas leituras incoerentes e apressadas só deixam no espírito a impressão de uma sombra errante de nuvens. Já se não sabe ler. Mas o que é que se deve ler?

Em primeiro lugar, cada qual deve eliminar das suas leituras todo o livro medíocre e inútil; sendo como são muito diversas as inteligências deve-se afastar todo o livro de que se não pode assimilar a substância; isto é uma questão de apreciação individual. Depois é necessário obedecer ao próprio gosto na escolha das leituras. Ler um livro contra vontade é de exíguo resultado. Ler segundo as nossas inclinações, muito bem; mas importa previamente educar o gosto por meio de um longo comércio com os autores clássicos. Uma das regras essenciais para observar, é adquirir o hábito das leituras sólidas; os livros que fazem pensar e refletir dão gradualmente esse hábito, que é a verdadeira chave dos livros.

A toda a leitura deve seguir-se um descanso consagrado à meditação. Ler com o lápis na mão, é um método recomendável. Ler três vezes, a intervalos determinados, as obras dos grandes autores, e lê-los atentamente como um crítico severo, é um sistema digno de aplausos. Quando se lê um livro famoso, de incontestável valor, convém ter à mão uma dúzia de vocabulários em diversas línguas, dicionário de história de antiguidade, de geografia, etc. Importa conhecer o século e o país do autor, se se quer julgar com toda segurança o escritor e a sua obra. Pesquisar e examinar deve ser o propósito final de toda a leitura” (*O Republicano* – Cuiabá, 21/06/1896).

<sup>270</sup> Sobre esse assunto consultar o capítulo “A leitura das Belas Letras”, em especial “A correta maneira de ler”. Conferir: ABREU, op. cit., p. 197 a 214.

<sup>271</sup> Idem, p. 271.

Ainda que a questão principal tematizada por Taunay, em “O vigário das Dores”, seja a incerteza da vocação religiosa do padre Monte, pode-se dizer que há um outro tema não tão explorado quanto o principal, mas igualmente importante, o da leitura e suas relações com o leitor. A leitura daqueles livros extraviados foi capaz de produzir os mais diversos efeitos sobre o padre-leitor conseguindo, às vezes, exercer um forte domínio sobre ele. Atribuíram-se a ela, leitura, as grandes alegrias e as grandes tristezas vividas intensamente por ele. Ela foi responsável pelas transformações ocorridas em sua vida. Por meio dela, ele conseguiu finalmente superar um grande problema existencial que o incomodava, libertando-se.

Ao contar a história do padre Monte, Taunay acabou também reproduzindo nele as várias nuances do espírito de um leitor. Ao longo da narrativa, seu perfil vai sofrendo alterações. Na primeira parte do conto, ele se mostra um leitor intensivo, possuidor de poucos e surrados livros, um leitor erudito (Virgílio e Horácio); depois do recebimento dos caixotes, ele passa a ser o que se convencionou chamar de leitor extensivo, pois leu com avidez e rapidamente textos variados, desde romances até folhetos e livros religiosos. Outro veio explorado por Taunay foi o dos efeitos morais e físicos causados pela leitura no padre leitor. Comprovadamente ela, leitura, o ajudou a estar moralmente correto com Deus e consigo e, provavelmente, lhe tenha feito tombar enfermo numa cama. Enfim, entre tantos outros assuntos trazidos à tona, Taunay conseguiu, de forma exemplar, por meio de um texto literário, sintetizar na figura do padre Monte, e nas situações vividas por ele, a complexidade e pluralidade de questões pertencentes ao universo da leitura.

## CONCLUSÃO

Se nos dias de hoje são comuns os discursos que apontam para a ausência da leitura no Brasil, o que dizer então em relação ao Mato Grosso? E ao Mato Grosso da segunda metade do século XIX, dos últimos anos da monarquia e dos iniciais da República?

Os primeiros registros que se tem sobre os múltiplos aspectos da vida social, econômica, política e, sobretudo, cultural do Brasil, e de Mato Grosso em especial, foram os deixados por cronistas e viajantes, aventureiros e cientistas, oriundos das mais diversas partes do mundo que se sentiam atraídos pelo “Eldorado”, mito que fora criado sobre a fonte inesgotável de riqueza existente nessa região do Brasil<sup>272</sup>.

De um modo geral, as primeiras impressões colhidas por esses viajantes durante as explorações foram negativas, pois possuíam como parâmetro os valores culturais de seus países de origem e o diferente passava a ser associado à negligência e inferioridade, criando-se assim o estereótipo da pobreza cultural do país visitado<sup>273</sup>. Algumas dessas impressões acabaram ganhando o aval de determinados intelectuais mato-grossenses, como o do jornalista Raul Plínio. Em sua coluna “Frivolidades”, ao criticar a cidade de Cuiabá faz referência direta ao naturalista alemão Dr. Carlos von den Steinen. O que mais chama a atenção na fala do redator do jornal não são as deficiências da cidade, que estas certamente existiam, mas a forte influência do olhar do estrangeiro presente nela. É pela ótica de Steinen que ele afirma que Cuiabá apenas tinha a pretensão de ser uma cidade civilizada,

---

<sup>272</sup> Segundo a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira, os principais cronistas e viajantes que passaram por Mato Grosso, a partir de 1850, foram: Joaquim Ferreira Moutinho – português, 1850/1868; visita de Bartolomeu Bossi – explorador italiano, 1862; Expedição Morgan, integrada pelo norte-americano Herbet Smith, 1881; expedição alemã, comandada por Karl von den Steinen, 1884 e, novamente, em 1887 e Ferdinand Nijs, explorador belga, fim do século XIX. Conferir: SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso*: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002, p. 137.

<sup>273</sup> Merece registro o trabalho pioneiro sobre cronistas e viajantes em terras mato-grossenses desenvolvido por Lylia da Silva Guedes Galetti em sua tese de doutorado em História “Nos confins da civilização: sertão fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso”, defendida na USP, em 2000.

mas que na verdade pouco tinha perdido dos seus hábitos coloniais. Além dessas referências, há outras, também interessantes, visto que contrárias às suas. Elas dizem respeito ao enfurecimento dos cuiabanos causado pela aparição do livro como o que publicou

o notável naturalista alemão Dr. Carlos von den Steinen. Refiro-me ao volume intitulado *Durch Central Brasilien*. Apesar da imprensa indígena apregoar, de quando em quando, que Cuiabá caminha a ‘passos agigantados para o progresso’ creio piamente que estamos tão adiantados como na época dos saudosos pedestres<sup>274</sup>.

Assim, a “imprensa indígena” e os “cuiabanos enfurecidos” constituíam um grupo de pessoas que possuía idéias diferentes das do jornalista e do explorador alemão. Para eles, além dos vários problemas, Cuiabá também dava mostras de progresso e de indícios da existência de uma cultura letrada. A continuação desse grupo, dos defensores da existência de uma Cuiabá, da segunda metade do século XIX e início do XX, mais próxima da cultura, ainda pode ser percebida em comentários emitidos muitos anos depois por intelectuais como Lenine Póvoas e João Antônio Neto.

Lenine Póvoas<sup>275</sup>, no prefácio de *História da cultura mato-grossense*, conta que a capital de Mato Grosso, sua terra natal, ao longo dos tempos sempre desfrutou da fama de ser uma cidade culta e que todas as pessoas que a conhecem tornam essa assertiva indiscutível. Comenta que o famoso escritor Monteiro Lobato, ao visitá-la em 1936, escreveu: “A elite de Cuiabá é muito fina. Cuida bastante da educação. Abundam homens de linda cultura, até filosófica”<sup>276</sup>. Lenine Póvoas segue dizendo que o fato de Cuiabá ter a fama de ser uma cidade culta parece estranho, se se levar em conta ela ser “uma cidade que vivia isolada pelas distâncias do resto do Brasil e do mundo”. O professor cuiabano

---

<sup>274</sup> *O Republicano* – Cuiabá, 21/04/1898.

<sup>275</sup> PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá: Resenha Tributária, 1982, p. 15-7.

<sup>276</sup> Idem, p. 15.

acreditava que a abundante cultura a que Lobato e tantos outros visitantes<sup>277</sup> se referiam ao visitá-la representava uma “paradoxal anomalia”, pois

enquanto Cuiabá esteve isolada dos grandes centros do país, com os quais só se comunicava pelos precaríssimos meios da navegação fluvial e do telégrafo (a notícia da Proclamação da República só chegou na madrugada de 9 de dezembro), - isso no período que medeia entre o término da Guerra do Paraguai e a Revolução de 1930 -, viveu ela a fase mais brilhante de seu desenvolvimento cultural<sup>278</sup>.

Ainda nas palavras de Póvoas, numa fase posterior, a partir da Segunda Guerra Mundial, quando havia maior facilidade e desenvolvimento dos meios de comunicações e de transporte, houve em Cuiabá um ciclo de “relativa estagnação em suas atividades culturais”<sup>279</sup>.

O Prof. João Antônio Neto, ao tecer comentários sobre a importância do jornal como “grande coletor e condutor da cultura literária” em Mato Grosso, afirma que “o povo cuiabano lia e consumia cultura. Não é segredo pra ninguém que a velha Cuiabá, (dos meados do século passado, até meados deste século XX), foi uma cidade culta; uma cidade de grêmios literários e centros artísticos; uma cidade que gostava de teatro, desde, aliás, os primórdios do século XVIII”<sup>280</sup>.

Esse posicionamento de Lenine Póvoas e João Antônio Neto é contestado enfaticamente no artigo “Práticas e representações: uma história de leitura”, escrito por Ana Vera Raposo de Medeiros, Maria Rosa Petroni e Otávio Canavarros<sup>281</sup> sobre a história da

---

<sup>277</sup> São muitas as referências ao desenvolvimento cultural de Mato Grosso do final do XIX e inícios de XX. Para lembrar mais uma: “Bons jornais são, de resto, o luxo de Mato Grosso. Na capital existem creio que seis jornais de apresentação agradável e redação apurada. Não deixa de causar pasmo essa abundância de Imprensa no Estado considerado ficção geográfica excessivamente longe dos centros de cultura e de população escassa”. Conferir: AMARAL, Luiz. *A mais linda viagem*. São Paulo: Melhoramentos, 1927. Apud CALHAO, Antônio Ernani Pedroso. MORGADO, Eliane Maria Oliveira e MORAES, Sibeles. *Imprensa periódica mato-grossense*. 1847 – 1989. Cuiabá: Editora Universitária da UFMT, 1994.

<sup>278</sup> PÓVOAS, op. cit., p. 15-6.

<sup>279</sup> Idem, p. 16

<sup>280</sup> Essa citação de Prof. João Antônio Neto foi extraída de um texto mimeografado que ele preparou para o I Seminário de Literatura Mato-Grossense, no Campus Universitário de Rondonópolis, com o título “Difusão da Literatura Mato-grossense” e encontra-se sem data. Porém, como a fundação desse Campus é de 1976, deduz-se que o texto tenha sido escrito no final dos anos setenta ou início dos oitenta do século XX.

<sup>281</sup> MEDEIROS, Ana Vera Raposo, PETRONI, Maria Rosa e CANAVARROS, Otávio. “Práticas e representações: uma história de leitura”. *Territórios e Fronteiras* – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, vol. 6 n. 1 jan-jun/2005 – Cuiabá/MT, p. 147 – 70.

leitura no século XX, em Mato Grosso. Para os autores, a fama de cidade culta atribuída a Cuiabá a que Lenine Póvoas se refere encontra-se

na vontade de proclamar uma crítica ao sistema educacional atual e demonstrar a existência de uma cultura erudita local, ou simplesmente, de atividade cultural na ‘cidade verde’, comete-se uma generalização e divulga-se uma ideologia autolaudatória. Uma generalização, porque só recentemente a escolaridade se massificou<sup>282</sup>.

Para comprovar essa tese, os autores valem-se de vários argumentos. Um deles diz respeito a uma pesquisa citada pela historiadora Elizabeth Madureira Siqueira com números que indicam o baixo índice de alfabetizados, no final do período imperial, em Mato Grosso, cerca de 3% da população<sup>283</sup>.

O discurso predominante nos livros de história sobre o Mato Grosso de Elizabeth Madureira Siqueira, principal autora sobre o assunto nos dias atuais, é marcado pela defesa da idéia de que apenas uma pequena elite tinha acesso às atividades culturais mato-grossenses, do período estudado. Ao longo de uma de suas melhores obras, *Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870 – 1889)*, encontram-se declarações como:

De outro lado, desmentindo o mesmo caráter universal, o mundo das escrituras não foi, como propugnava o discurso contido no projeto modernizador, usufruído por todos, mas apenas por uma minoria integrante das elites, tendo sido o Gabinete de Leitura mato-grossense um espaço privilegiado para o aperfeiçoamento intelectual e cultural desse segmento<sup>284</sup>.

A mesma autora ainda acrescenta que o intuito da criação do Gabinete de leitura era o de acatar os desejos “das elites e servir como representação do nível de

---

<sup>282</sup> Idem, p. 167.

<sup>283</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870/1889)*. Cuiabá: INEP/COMPED/EdUFMT, 2000, p. 63 apud MEDEIROS, Ana Vera Raposo, PETRONI, Maria Rosa e CANAVARROS, Otávio. “Práticas e representações: uma história de leitura.” In: *Territórios e Fronteiras – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso*, vol. 6 n. 1 jan-jun. 2005 – Cuiabá/MT, p. 167.

<sup>284</sup> SIQUEIRA, op. cit., 222.



alfabetização e civilização dos mato-grossenses que compunham o quadro dirigente regional”, pois aos cuiabanos em geral só era oferecido o nível elementar de ensino, a grande maioria não continuava seus estudos, sendo, portanto, o gabinete útil aos que já “cursavam o secundário e se preparavam para ingressar no curso superior”<sup>285</sup>.

Não se pode negar a veracidade dos fatos apresentados pelos historiadores. A situação realmente encontrava-se mais favorável a “uma minoria integrante das elites” ou aos “mato-grossenses que compunham o quadro dirigente regional”. Aos demais, o acesso a uma vida cultural diferente encontra-se difícil, dificuldade não apenas regional, ela se repetia em toda parte do Brasil, país jovem, recém liberto de Portugal.

Todavia, levando-se em conta a minuciosa pesquisa realizada por mim nos jornais de Mato Grosso, e aqui apresentada, posso dizer que encontrei muitas notícias, informações, reflexões, enfim, muitos indícios que demonstram que havia interesse e até mesmo a familiaridade, em Mato Grosso, com o universo da leitura. Pode-se aventar a possibilidade de que tais vestígios não passem de algumas exceções, alguns casos isolados. No entanto, como sugere Márcia Abreu, no artigo sobre esse assunto, “Apatia, ignorância e desinteresse – uma história da leitura no Brasil?”<sup>286</sup>, “o acúmulo de exceções permite alguma dúvida acerca da idéia geral”.

Indiscutivelmente, um pequeno grupo, “a minoria integrante das elites”, tinha acesso facilitado aos livros. Entretanto, isto não significa necessariamente dizer que para os demais, a grande maioria, a ausência do contato com a cultura letrada era total. Pela mediação de uma pessoa alfabetizada, muitas outras tinham contato com textos escritos. A leitura oral era uma prática que costumava ocorrer inclusive entre os moradores da zona rural. A história de tio Juca, crônica publicada em *O Povo*, é caso exemplar. Tio Juca era um homem analfabeto, morador da cidade. Querendo inteirar-se dos últimos acontecimentos políticos ocorridos em Cuiabá, dirige-se até o sítio onde se encontrava seu sobrinho para que este lhe fizesse a leitura do jornal, “desde o noticiário até o último anúncio”, como era costume. Esse episódio registra a existência da prática da leitura oral

---

<sup>285</sup> Idem, p. 226.

<sup>286</sup> Segundo a própria autora “este texto sintetiza idéias apresentadas em um dos capítulos de minha tese de Livre Docência. ‘A cultura letrada e os trópicos’”. Conferir: *O caminho dos livros*. Tese de Livre Docência em Literatura Brasileira defendida junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2002. O texto “Apatia...” foi publicado na Revista Desenredo do PPGL, da Universidade de Passo Fundo, v. 2, p. 83-98, 2006.

que vinha envolvida numa espécie de ritual que incluía hábitos bem regionais, como a ingestão de um “copinho de guaraná”<sup>287</sup> e o “cigarro de palmo”.

- Vim para ouvir ler *O Liberal*, que é impossível que não diga alguma coisa sobre essa barulhada que vai por lá entre o Presidente e a Relação, por causa do Metello.

- Manda trazer o guaraná e o cigarro e põe-te a ler.

E meu tio apeou-se, amarrou o cavalo à porteira do curral, tomou o copinho de guaraná, pôs ao canto da boca o cigarro de palmo e veio sentar-se junto a mim – atento e sério.

Fiz-lhe como sempre, a leitura de todo *O Liberal*, desde o noticiário até o último anúncio<sup>288</sup>.

Não há novidade alguma em se afirmar que o número de indivíduos alfabetizados no Brasil e no Mato Grosso da segunda metade do século XIX era realmente pequeno. O surpreendente encontra-se na localização do registro da existência de escravos entre os alfabetizados, condição que se pensava restrita a “uma minoria integrante das elites”, como visto em parágrafos anteriores. O primeiro capítulo deste estudo, o relativo à disseminação das associações culturais, faz alusão ao negro escravo Manoel Henrique da Silva que além de saber ler e escrever, ainda pertencia a uma associação cultural, o Clube Literário dos Escravos, de Corumbá. Portanto, pode-se dizer que alguns escravos tinham contato com o mundo da cultura, mesmo que para isso tivessem que se valer de outras formas de aprendizagem. Esses casos, certamente, não eram contabilizados pelas estatísticas.

Para Elizabeth Madureira Siqueira, a fonte eleita pelos mato-grossenses para ingressarem na “comunhão do pensamento moderno” estava voltada para a “literatura clássica universal, os grandes pensadores, literatos e cientistas europeus”<sup>289</sup>. De um modo geral, este é o tipo de comentário mais comum quando o assunto é leitura e seus correlatos. Poucos são os registros a respeito de alguns leitores que possuíam o hábito de ler livros de

---

<sup>287</sup> O guaraná a que se faz referência é uma bebida típica da região, extraída do pau de guaraná ralado e muito consumida como estimulante, até os dias de hoje.

<sup>288</sup> *O Povo* – Cuiabá, 02/07/1879.

<sup>289</sup> SIQUEIRA, op. cit., p. 226.

outros gêneros. Ainda que não tenha sido explorado enfaticamente esse tema durante o desenvolvimento deste trabalho, acho oportuno ressaltar sua importância, pois ele vislumbra a possibilidade de mais de um perfil de leitor, com interesses diferentes dos eruditos e capazes de atribuir ao ato de leitura outros significados. Lançando-se um olhar crítico nas centenas de títulos vistos durante a pesquisa, em anúncios, em notas de redatores, em catálogos, em doações a bibliotecas etc, observei a presença de alguns que apontam para outras potencialidades de leitura. Dois exemplos bastam para ilustrar essa assertiva. O primeiro, um anúncio: “**Curso de higiene popular** – para as classes operárias, pelo ilustre e infatigável facultativo Dr. Carlos Costa, obra de real utilidade para todos, cujo conhecimento devia ser divulgado” (*O Iniciador* – Corumbá, 03/10/1880). O segundo, um livro bem ao gosto popular, cujo objetivo era animar as comemorações ocorridas durante as festas juninas, muito ao gosto dos cuiabanos, com duração de vários dias: “**Revelação do cigano** – engraçado livro de sortes para as noites de S. João, S. Antônio, S. Pedro e Sant’Anna” (*O Expectador* – Cuiabá, 12/06/1885).

São vários os títulos, todavia por meio desses dois pode-se entrever a existência de livros menos luxuosos, com temas nada eruditos que ofereciam informação útil e direta ou simples entretenimento e que poderiam atingir outras classes sociais além das elites. Portanto, não se pode, em hipótese alguma, deixar de registrar a existência desse outro segmento cultural, diverso do erudito, mas nem por isso mais ou menos importante.

Dessa maneira, se não se levar em conta a importância de aspectos, que a princípio podem parecer simples exceções, corre-se o risco de se perder parte considerável do retrato da história da cultura letrada mato-grossense que, desse modo, ficaria incompleto. É da somatória de todos os tipos de informações que se pode ter uma visão mais completa acerca da história da cultura letrada não apenas mato-grossense, mas brasileira. Não se deve, portanto, focar o estudo e as pesquisas sobre a cultura letrada mato-grossense somente no debate sobre a existência ou não de leitores ou de quais os benefícios relativos ao conhecimento encontravam-se restritos a uma pequena elite, pois isso acaba afastando a atenção do essencial: observar o que havia no local, quais eram as possibilidades de leitura e quais eram as práticas realizadas. Isso é muito mais interessante do que debater se se lia ou não, se se lia muito ou pouco.

Assim sendo, a presença da cultura letrada em Mato Grosso da segunda metade do século XIX tornou-se evidente, como se pôde ver ao longo deste estudo, pelo incremento nas letras e nos livros manifestado pela fundação e consolidação de grande número de associações culturais como o Clube Literário, a Associação Literária Cuiabana, o Gabinete de Leitura e a intensa atividade de diversos grupos teatrais locais e alguns do Rio de Janeiro.

Outro indício encontrado foi a presença de estabelecimentos comerciais que cumpriam o papel de livrarias no atendimento a seus leitores, havia ainda os livreiros-editores nacionais e estrangeiros radicados no Rio de Janeiro, com representantes locais, mas muito empenhados no mercado de Mato Grosso, tanto da capital quanto do interior que davam uma dimensão maior aos acontecimentos culturais, visto que mantinha os mato-grossenses em conexão com outras regiões brasileiras. As manifestações do discurso crítico corroboraram essa idéia.

Os livros eleitos para o exercício da crítica apontam para um Mato Grosso que queria mostrar-se como parte integrante da recém independente nação brasileira. No entanto, o empenho dos críticos encontrava-se voltado não só para questões locais. O foco do discurso apontava também para o não-regional, para obras representativas da formação da literatura brasileira, nacional, com fortes vestígios da literatura portuguesa. Entre as obras relacionadas acham-se ainda as que contemplavam as novas teorias que seriam utilizadas para o entendimento de uma época recém surgida. A consciência da existência de um Brasil, que ia além dos limites da corte, foi muito bem explorada por Visconde de Taunay em várias de suas narrativas, entre elas, as selecionadas neste estudo, *Inocência* e *Histórias brasileiras*. Este último, um livro de contos que tem a maior parte deles Mato Grosso como cenário. Apesar disto, Visconde de Taunay não lhe deu o título de *Histórias mato-grossenses*, ciente, como já foi dito, da extensão territorial brasileira por causa de sua participação na Guerra contra o Paraguai, o escritor brasileiro preferiu narrar os acontecimentos regionais como algo maior e pertencente aos céus e terras do Brasil.

Depois de ter me debruçado sobre farto material de pesquisa tendo Mato Grosso como centro, cheguei à conclusão de que a questão do regional deve ser relativizada, pois a contribuição de meu trabalho ao mesmo tempo em que contempla questões regionais também está tratando de temas nacionais. Dependendo do ponto de vista

que se tem, o regional não existe, o regional somos todos nós, embora o Rio de Janeiro e, posteriormente, São Paulo tenham conseguido se constituir como “sinônimo” de Brasil. A história da leitura contada sob a perspectiva do carioca não é muito diferente da mato-grossense, visto que esta é uma visão imprecisa e redundante, porque toda história que se conta é necessariamente regional, pertence a uma determinada região brasileira, seja ela qual for. Além disto, os textos regionais apresentados nos jornais mato-grossenses inspiravam-se nos jornais cariocas, inclusive com várias matérias transcritas integralmente. Os jornais das províncias queriam se igualar aos mais afamados jornais cariocas, como o *Jornal do Comercio*, *Correio Mercantil* e *Gazeta de Notícias*. Esta é, aliás, uma ocorrência existente em quase todos os ramos de atividade, pois sempre existe uma predisposição de se seguirem os passos dos grandes para se tentar igualar a eles.

Isto não significa dizer que os estudos regionais devam ser banidos. Eles continuam sendo úteis para estabelecer semelhanças e diferenças em relação aos centros mais desenvolvidos, de expressão nacional, como era o Rio de Janeiro do período estudado. No entanto, mesmo a história da leitura carioca sendo reconhecida nacionalmente pelo prestígio alcançado, tende a continuar sendo, no seu âmago, regional.

- Fim do percurso? - Não. Esta é apenas uma pequena pausa destinada à afinação dos instrumentos e necessária após a execução de uma das muitas variações possíveis sobre o tema da história da leitura mato-grossense. Execução inspirada nas impressões em preto e branco registradas, principalmente, pelas hábeis mãos dos tipógrafos trabalhadores dos vários jornais que circularam em Mato Grosso na segunda metade do século XIX.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003.

\_\_\_\_\_. “Apatia, ignorância e desinteresse – uma história da leitura no Brasil?” *In*: Revista Desenredo do PPGL, da Universidade de Passo Fundo, v. 2, p. 83-98, 2006.

\_\_\_\_\_ e SHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2005.

\_\_\_\_\_. “Da maneira correta de ler: leituras das Belas Letras no Brasil colonial.” *In*: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2000.

ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, vol. III.

ALVAREZ, Marcos César. A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 45, n. 4, 2002.

AMARAL, Luiz. *A mais linda viagem*. São Paulo: Melhoramentos, 1927.

AUGUSTI, Valéria. *O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois amores*. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. Campinas, SP, 2006. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_. *Romances e literatura prescritiva: caminhos para moralizar e civilizar o leitor*. Site *Memória de leitura*. Disponível em: < [www.unicamp.br/iel/memória/Ensaio](http://www.unicamp.br/iel/memória/Ensaio) >.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRANDÃO, Antônio José da Costa (Org.). *Almanach da Província de Goyaz - para o ano de 1886*. Goiânia: Ed.. da Universidade Federal de Goiás, 1978.

CALHAO, Antônio Ernani Pedroso. MORGADO, Eliane Maria Oliveira e MORAES, Sibebe. *Imprensa periódica mato-grossense. 1847 – 1989*. Cuiabá: Editora Universitária da UFMT, 1994.

CANAVARROS, Otávio e SILVA, Graciela. *Aquisição de material impresso nos séculos XIX e XX*. CD-ROM do 13. Cole – Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, SP, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CANDIDO, Antonio e CASTELO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

CASCUDO, Câmara. *Locuções tradicionais no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

CASTELO, José Aderaldo Castelo. *A Literatura Brasileira: Manifestações literárias da era colonial (1500-1808/1836)*. São Paulo: Cultrix, 1962.

CHARTIER, Roger. *Do palco a página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

COELHO, Jacinto do Prado (Direção). *Dicionário de Literatura: Literatura Brasileira – Literatura Portuguesa – Literatura Galega – Estilística Literária*. 3. ed. Figueirinhas/Porto: Lavra Livros, 1987.

COELHO Netto, Henrique Maximiano. *A conquista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

CORREA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL, 1969.

COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1975.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Literatura no Brasil*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.



CUNHA, Jaqueline Rosa da. *Arauto das Letras (1882-1883): uma amostra da expressão literária da região sul-rio-grandense*. Rio Grande, RS, 2004. Dissertação (Mestrado em História da Literatura). Departamento de Letras e Artes, Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. “História da leitura”. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Edunesp, 1992.

DIAS, Marieta Prata de Lima. *Metodologia da pesquisa em educação especial*. Sinop, MT: Unemat editora, 2005.

DINARTE, Sílvio (pseudônimo de Visconde de Taunay). *Histórias brasileiras*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1874.

D’ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. “A disseminação do livro popular nas últimas duas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro Quaresma, proprietário da Livraria do Povo”. Texto apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado no Rio de Janeiro, entre 08 e 11 de novembro de 2004.

FARIA, João Roberto. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2001.

FREIRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornal do tempo do império*. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego: como era Gonzaga? E outros temas mineiros*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1981.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira, e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo. *Viveres e fazeres e experiências dos italianos na cidade de Cuiabá: 1890-1930*. Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2005.

GRIECO, Agripino. *Zeros à esquerda*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz e Edusp, 1985.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

HOHLFELDT, Antônio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

JONES, Maro Beath. Character Soucer of Taunay's Innocencia. *Hispania*, vol. 7, n. 5, p. 310-16, nov. 1924.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LEVIN, Orna Messer. “O entremez nos palcos e nos folhetos”. In: ABREU, Márcia e SHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.) *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2005.

LOBATO, Monteiro. *A onda verde e O presidente negro*. São Paulo: Brasiliense, 1951. Obras completas. Literatura geral. vol. 5.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso – século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: UNESP, 2006.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Anhembi, 1957.

MEDEIROS, Ana Vera Raposo, PETRONI, Maria Rosa e CANAVARROS, Otávio. “Práticas e representações: uma história de leitura.” In: *Territórios e Fronteiras – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso*, vol. 6, n. 1 jan-jun/2005 – Cuiabá/MT.

MEDEIROS, Sérgio (Org.). *Irecê a Guaná. Os índios do distrito de Miranda. Vocabulário da Língua Guaná ou Chané*. Com textos críticos de Antonio Candido, Haroldo de Campos, Lúcia Sá e Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2000.

MENDES, Francisco A. Ferreira. *Lendas e tradições cuiabanas*. Cuiabá: SEC/DCAE, 1958.

MENDES, José de Brito. *Chico Bumba: episódios da vida boêmia fluminense*. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1897.

MENDONÇA, Estevão de. *Breve memória sobre a imprensa em Mato Grosso*. Edições UFMT, 1975.

MENDONÇA, Rubens. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1970.

\_\_\_\_\_. *Nos bastidores da história mato-grossense*. Cuiabá: UFMT, 1983

MESQUITA, José de. *A Academia Mato-grossense de Letras – Suas origens – Sua atuação – Necessidade e oportunidade da Federação das Academias*. Rio de Janeiro: Revista da Cultura, ano X, n. 115, 1936.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MISKOLCI, Richard. *Thomas Mann, o artista mestiço*. São Paulo: Annablume, 2003.

MORAES, Joaquim de Almeida Leite. *Apontamentos de viagem/ J. A. Leite Moraes: introdução, cronologia e notas de Antonio Candido*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a Província de Mato Grosso seguida de um roteiro da viagem da sua capital a S. Paulo*. S. Paulo: Tipografia de Henrique Schroeder, 1869.

NADAF, Yasmin Jamil. *Machado de Assis em Mato Grosso: textos críticos da primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lidador, 2006.

\_\_\_\_\_. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

NETO, João Antônio. I Seminário de Literatura Mato-grossense. Difusão da Literatura Mato-grossense. Texto mimeografado. [19--].

OLIVEIRA, Lívio Lima de. Pedro da Silva Quaresma: entre estrangeiros, um brasileiro editor. Site Escritório do Livro. Disponível em < [www.escritoriodolivro.org.br/oficios/quaresma.html](http://www.escritoriodolivro.org.br/oficios/quaresma.html) >.

PERARO, Maria Adenir. *Bastardos do império: família e sociedade em Mato Grosso do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2001.

PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. Os romances de Enrique Perez Escrich: cotidiano de leitura na Biblioteca Provincial do Ceará. Site Caminhos do romance. Disponível em < [www.camilhosdoromance.iel.unicamp.br](http://www.camilhosdoromance.iel.unicamp.br) >.

PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá: Resenha Tributária, 1982.

\_\_\_\_\_. *História geral de Mato Grosso: dos primórdios à queda do império*. Vol. 1. Cuiabá: L. C. Póvoas, 1995.

RENAULT, Delso. *Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais: 1850/1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978. – Coleção Retratos do Brasil.

\_\_\_\_\_. *O Rio antigo nos anúncios de jornais 1808-1850*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969. Coleção Documentos Brasileiros.

REYNALDO, Ney Iared. *Comércio e navegação no Rio Paraguai (1870 – 1940)*. Cuiabá: EdUFMT, 2004.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500 – 1822*. Rio: Kosmos, 1946.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

ROSA, Carlos e ROSA Neuza. *Do indivíduo ao grupo: para uma história do livro em Cuiabá*. Cuiabá: Empresa Gráfica Correio da Imprensa, 1975.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SERRA, Tânia R. Costa. *Joaquim Manuel de Macedo, ou, Os dois Macedos: A luneta mágica do II reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

SILVA, Hebe Cristina da. Considerações acerca da Recepção de *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa. In: *Encontro Regional da ABRALIC 2005*, 2005, Rio de Janeiro – RJ. CD-ROM.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 23 vols. 1848 – 1923. Versão em CD-ROM.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A primeira gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brasil*. 2. ed. rev. e ampl. – Salvador: EDUFBA, 2005.

SILVA, Paulo Pitaluga da Costa e. *Miscelania cuyabanense: o primeiro jornal de Mato Grosso*. Cuiabá: Buriti, 2000.

SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

\_\_\_\_\_. *Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870 – 1889)*. Cuiabá: INEP/COMPED/EdUFMT, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

STEINEN, Karl von den. *O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu*. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna*. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--].

\_\_\_\_\_. *A cidade do ouro e das ruínas: Mato Grosso, antiga Vila Bela, o Rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

\_\_\_\_\_. *Histórias brasileiras*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1874.

\_\_\_\_\_. *Irecê a Guaná. Os índios do distrito de Miranda. Vocabulário da Língua Guaná ou Chané*. Com textos críticos de Antonio Candido, Haroldo de Campos, Lúcia Sá e Sérgio Medeiros (org.). São Paulo: Iluminuras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Inocência*. 19. ed. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *No declínio*. São Paulo: Melhoramentos, 1926.

\_\_\_\_\_. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. A formação do romance brasileiro: 1808-1860 – (Vertentes inglesas). Site *Caminhos do romance*. Disponível em < [www.caminhosdoromance.com.br](http://www.caminhosdoromance.com.br) >. Acesso em 11 jan. 2008.

VAZ, Artur Emílio Alarcon. “A importância da divulgação de fontes primárias na Internet.”. In: VAZ, Artur Emílio Alarcon (Org.) *Literatura em revista (e jornal)*: periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POS-LIT; Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1969.

VILLALTA, Luiz Carlos. Robinson Crusoe, de Daniel Defoe: da sua circulação no mundo luso-brasileiro ou seu diálogo com o devir histórico. Site *Caminhos do romance*. Disponível em < [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br) >.



VILAR, Socorro de Fátima Pacífico. “O conceito de literatura nos periódicos e jornais do século XIX: um estudo dos jornais paraibanos”. In: *X Encontro Regional da ABRALIC 2005*, 2005, Rio de Janeiro – RJ.CD-ROM.

\_\_\_\_\_. “Velhos objetos, novas abordagens: o jornal como fonte para a história da literatura”. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

VOLPATO, Luíza Rios Ricci. *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850 – 1888*. São Paulo: Marco Zero; Cuiabá, MT: EdUFMT, 1993.

ZILBERMAN, Regina *et al.* *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

## **ANEXOS**

# 1. QUADRO 1: TÍTULOS E INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS JORNAIS <sup>290</sup>

Título e subtítulo dos jornais	Período de circulação	Casa tipográfica	Cidade
1 - A GAZETA CUYABANA	1847-8	Tipografia Provincial	Cuiabá
<b>2 - ECHO CUIABANO</b>	<b>1850</b>	<b>Tip. Echo Cuiabano</b>	<b>Cuiabá</b>
3 - O NOTICIADOR CUIABANO	1857-9	Tip. de O Noticiador	Cuiabá
<b>4 - A IMPRENSA DE CUYABÁ, periódico, mercantil e literário.</b>	<b>1859-65</b>	<b>Tip. de Souza Neves &amp; Cia</b>	<b>Cuiabá</b>
<b>5 – O POPULAR</b>	<b>1868</b>	<b>Tip. de O Popular</b>	<b>Cuiabá</b>
<b>6 – A SITUAÇÃO, jornal oficial, político e literário.</b>	<b>1869-71/78-81</b> <b>1882-4/1887</b>	<b>Tip. de Souza Neves &amp; Cia</b>	<b>Cuiabá</b>
<b>7 – O LIBERAL, jornal oficial, político e noticioso.</b>	<b>1871-3/1879-81</b> <b>1882</b>	<b>Não consta</b>	<b>Cuiabá</b>
<b>8 – O PORVIR, periódico noticioso, recreativo e literário</b>	<b>1877-8</b>	<b>Tip. de O Porvir.</b>	<b>Cuiabá</b>
<b>9 – A OPINIÃO, periódico literário e noticioso.</b>	<b>1878/1880</b>	<b>Tip. de A Opinião</b>	<b>Corumbá</b>
10 – A TESOURA, completa neutralidade na luta dos partidos políticos.	1878	Tip. de A Opinião	Corumbá
11 – O POVO, órgão neutral dos interesses morais e materiais da Província.	1879/1880-2	Tip. de O Povo	Cuiabá
<b>12 – O INICIADOR, jornal comercial, noticioso e literário</b>	<b>1879-86</b>	<b>Não consta</b>	<b>Corumbá</b>
<b>13 – A PROVÍNCIA DE MATO GROSSO, periódico literário, noticioso e dedicado aos interesses da Província</b>	<b>1879-82/1884-9</b>	<b>Tip. de A Província de Matto Grosso</b>	<b>Cuiabá</b>
<b>14 – O CORUMBAENSE, órgão dos interesses do comércio, da lavoura e da instrução popular: literário e noticioso.</b>	<b>1881/1889</b>	<b>Tip. de O Corumbaense</b>	<b>Corumbá</b>
15 – O ARGOS, órgão dedicado à instrução.	1882	Não consta	Cuiabá
16 – CLUB LITTERÁRIO	1882	Tip. de A Província de Mato Grosso	Cuiabá
17 – A LOCOMOTIVA, órgão dos interesses locais	1882-3	Tip. de O Liberal	Cuiabá
18 – PYRILAMPO, literário, noticioso e crítico.	1882	Tip. de O Povo	Cuiabá
19 – ATHLETA, jornal imparcial	1884	Tip. de O Povo	Cuiabá
20 – ECHO DE CUYABÁ	1884	Tip. de A Situação	Cuiabá
21 – O EXPECTADOR, órgão dos interesses sociais	1884-6/1888	Tip. de O Povo	Cuiabá
<b>22 – A LIÇA, jornal político e noticioso</b>	<b>1885</b>	<b>Tip. de A Liça</b>	<b>Cuiabá</b>
<b>23 – A TRIBUNA, jornal dedicado aos interesses morais e materiais da província</b>	<b>1885-90</b>	<b>Tip. de A tribuna</b>	<b>Cuiabá</b>
24 – O ATALAIA	1887-9	Tip. de O Atalaia	Cáceres

<sup>290</sup> Dos 35 jornais lidos e relacionados no quadro, 17 (os que se encontram em negrito) foram utilizados para o presente estudo, pois continham textos relacionados ao universo da leitura.

<b>25 – OÁSIS, periódico imparcial</b>	<b>1888-94/1896</b>	<b>Não consta</b>	<b>Corumbá</b>
26 – A GAZETA	1889-91	Não consta	Cuiabá
<b>27 – O MATTO GROSSO, órgão democrata, dedicado aos interesses do povo</b>	<b>1890-5/1897-8 1904-37</b>	<b>Tip. de O Mato Grosso</b>	<b>Cuiabá</b>
<b>28 – ECHO DO POVO, periódico comercial e noticioso</b>	<b>1893-5/1897</b>	<b>Não consta</b>	<b>Corumbá</b>
29 – GAZETA OFFICIAL DO ESTADO DE MATO GROSSO	1893	Tip. de O Estado	Cuiabá
30 – O CLARIM	1894	Não consta	Cuiabá
31 – A VERDADE, órgão espírita	1894-6	Tip. de O Mato Grosso	Cuiabá
<b>32 – O REPUBLICANO</b>	<b>1895-9</b>	<b>Tip. de O Republicano</b>	<b>Cuiabá</b>
33 – O SERTANEJO, semanário literário e noticioso	1897	Não consta	Corumbá
<b>34 – A FEDERAÇÃO, órgão do Partido Republicano</b>	<b>1898</b>	<b>Não consta</b>	<b>Corumbá</b>
35 – O FILHOTE, órgão de aprendizagem da mocidade	1899	Não consta	Cuiabá

#### QUADRO 1: TÍTULOS E INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS JORNAIS

2. TRANSCRIÇÃO DO TEXTO DE CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE  
*INOCÊNCIA*, DE VISCONDE DE TAUNAY, EXTRAÍDO DE *O LIBERAL* –  
CUIABÁ, 08/01/1874.

# O LIBERAL

---

CUYABA. 8 DE JANEIRO DE 1874

---

## LITTERATURA

---

INNOCENCIA - Romance  
POR  
SYLVIO DINARTE.

---

(Continuação)

Em toda essa narrativa singela mas viva, curta mas commovedôra, o talento do escriptor revela-se conhecedor do coração humano e dos costumes da terra em que pôz a acção do seu romance. Tudo ahi è natural. Esses capitulos que lemos parecem terem sido colhidos cá e lá em muitas scenas que já vimos em destacados pontos d'esta provincia ou de suas irmãs mais proximas, Minas e S. Paulo. As personagens fallam uma linguagem apropriada ao seo character, posição e meio em que se as suppoz viverem e julgamos tel-a ouvido mais de uma vez, se consultamos nossa memòria.

Essa animação temporaria da casa de Pereira à chegada de Cyrino e de Meyer, essa tristeza em que recahe a bôa vivenda, voltando ao isolamento pela retirada d'elles e que passa para a alma do leitor, não são cousas que quotidianamente acontecem por ahi por esses sitios e fasendas à vinda e sahida de hospedes agradaveis e attenciosos?

Os typos estão bem acabados, varios nicidentes da acção bem descriptos. Meyer é mesmo um allemão todo entregue ao estudo da sciencia e á admiração por esta natureza brasileira inesgotavel em sua extraordinaria riqueza e bellesa. Camâradas como José Pinho, vadios, tagarellas e CONSERVADORES dos animaes a seu cargo, os ha por ahi ás porções. Pereira è o desenho perfeito d'esses nossos homens do interior ignorantes, curiosos, francos, de rasgada hospitalidade, mas desconfiados e capases de sacrificar uma balla na bôca da garrucha--a uma desconfiança. E Innocencia... quem não a vê por ahi a sertaneja candida que foge à vista de qualquer homem, que treme quando ouve fallar em casamento, que aprende, contemplando as flores agrestes e um céu purissimo, a manifestar quando ama, o seu sentir em felizes conceitos que como perolas se desatam de sua linguagem rude e mais exprimem ao coração do que os protestos de convenção das filhas das cidades?

De varios episodios que espalhou o autor em torno ao assunto principal servio-se elle para melhor imprimir no seu romance a cor local. A chegada de Meyer á meia noute a casa de Pereira, depois de julgar-se perdido, sem saber o rumo que levava, o exame medico ao EMPALAMADO sordido e avaro, a consulta impetrada e mal succedida do misero morphetico, a prosa d'uns poucos cidadãos importantes de S. Anna do Parahyba em casa da legitima influencia da villa, o major Mello Taques seu oraculo, para elles sabedor de tudo, apenas contrariado ás veses pelo Vigario, estão desenhadas com toda propriedade: da o merecido valor a esses quadros quem conhece a Provincia, quem ao menos por ella viajou.

Abre Sylvio Dinarte seu precioso livro com a descripção a traços largos mas soberbos do theatro em cujo fundo vae-se-lhe desenvolver acção. O sertão, mixto de grandioso e terrivel que faz pensar na Divindade a quem mesmo não o conhece! A penna habilissima de Sylvio Dinarte ahi o apresenta ás vistas de todos, esse deposito quase infindo das futuras propriedades do Brasil. Elle escreveu o capitulo--- O SERTÃO E O SERTANEJO--- á moda de Alencar na exhibição da SAVANA e do GAÚCHO em seu romance deste ultimo nome, embora com menos altêsa de estylo.

A queimada a calma, a chuva, esses estados notaveis dessa natureza especial, ahi são patenteados taes quaes se succedem. Quereis ver um trecho d'essa animada pintura?

“... Por toda a parte melancolia; de todos os [?] tétricas perspectivas. Se cahe [?] copiosa chuva, parece que uma [?] andou por aquelles sombrios recantos a traçar jardins encantados e nunca vistos. Tudo entra n'um trabalho intimo, de espantosa actividade. A vida transborda. Não há ponto em que o capim não venha furando o chão, em que rebentões não surjam com o olhar travesso de quem espreita uma occasião asada para expandir se em liberdade. Nada pode impedir a resurreição.”

Não estamos fasendo critica; á conta de tão alta pretenção não vão estas poucas e desgraçadas linhas; estamos apenas dando uma noticia litteraria, chamando a attenção publica para um livro e nos arrogando, com a segurança de quem assume uma responsabilidade que, sabe não será desapprovada, a faculdade de, em nome dos que o não leram n'esta provincia que são quase todos e mesmo dos que leram, que serão muito poucos, protestar a seu autor o nosso reconhecimento.

Comtudo não deixaremos de fazer a Sylvo Dinarte duas ou tres pequenas observações.

Não seremos tão atrasados que o censuremos por não ter terminado o seu romance pelo triumpho do bem sobre o mal ou ao menos por não conter o seu livro uma lição a prima facie proveitosa aos espiritos.

Certo, não é o fim immediato da litteratura ser um commentario dos sagrados mandamentos; mas quer ella olhe ao real, quer suba ao ideal quer dispenda riquezas de imaginação, devassando o fantastico, sempre de seus trabalhos deve decorrer, embora remotamente, algum ensino util á vida.

Quem chega ao final de *Innocencia* entristece-se e desanima. Um amor despedaçado, uma bella victimada sem compaixão, derramado o sangue de um homem sem crime e talvez impune e sem remorso o homicida!

O bem esmagado, o mal triumphante! Mas vencida esta primeira impressão de leitura se reconhece que nem por acabar assim o livro deixa de encerrar uma lição profunda que o senso mortal n'elle lê por entre os destroços da desgraça ahi representada.

Emendae-vos, é o brado que reço da narrativa; é o que ella diz sem diser uma palavra n'este, sentido permitta-se-nos a expressão.

A fatalidade antiga disem estar banida da literatura.

Mas nada ha de absoluto nas cousas da terra. Ella continua, embora accidentalmente e por excepção, a figurar ahi, por que ainda alguma cousa fatal ha na vida humana.

O homem é o escravo de suas ideias e de seus costumes, ainda soffre d'essas graves molestias da razão que se chamam fanatismo religioso e fanatismo politico; ainda tem pontos de honra, muitos dos quaes civilisação mais apurada mostraria serem antes pontos de ignorancia e de crueldade.

De quem é a victoria no romance de que tratamos?

Não è nem de Manecão, nem de Pereira: é d'esse máo vezo antigo de não reconhecer a vontade na mulher e de levar a obediencia filial a um excesso imperdoavel à luz da razão. Sacrificando *Innocencia* e *Cyrino* ao que pensavam ser reclamo de sua honra. Pereira e Manecão sacrificaram-se a si proprios em holocausto ao imperio de tão retrogradadas ideias.

O que resulta, pois, do livro que depois de apresentar estamos estudando? Que o amor verdadeiro è um mal, que o crime val mais que a virtude, que os paes devem ser tyrannos dos filhos? Não! Antes ensina elle que é preciso melhorar as ideias, esclarecer os entendimentos, pôr os costumes de conformidade com o sentimento, propagar o respeito á acção da mulher que não está tão abaixo do homem em suas quedas ou desvio q'este possa considerar a Razão, a Discrição, e o Bem como um monopolio seu, que Deus não conferio.

Não! Não pode ser justo, não pode produzir excellentes fructos, senão casualmente, aquillo que o coração repelle e a consciencia universal esclarecida condemna!

Pondo de lado este assumpto, diremos francamente os reparos que temos a faser em relação à mimosa producção nacional de que nos occupamos.



O autor dá aos protagonistas de sua ficção, Innocencia e Cyrino, o character o mais symphatico, procurou affeição a elles o leitor e n'isso seguiu muito comesinha regra litteraria. Não se comprehende, por tanto, como contra-dictoriamente e mais ainda desnecessariamente faz de Cyrino um aleivoso, o calumniador de Meyer.

Dir-se-ha que elle excitava as suspeitas de Pereira contra o Allemão para afastal-as de si; mas a um coração nobre e leal, dominado do amor puro a uma candida virgem, devia ter repugnado tão indigna manobra. Isso afeiou Cyrino a quem mais teria aproveitado no espirito do leitor a defesa desinteressada que fizesse do bom do estrangeiro ante as desconfianças do roceiro que não precisavam, para perdurarem, do alimento desagradavel d'aquella mesquinha intriga.

O outro reparo a faser é este: Innocencia, victima de seu estranhado e inquebrantavel affecto, peréce, pobresinha, ralada de dorse: mas seu nome ficou, graças á dedicação de um homem, gravado nos livros da sciencia, conhecido por todo o mundo dos sabios. Mas a que foi destinado representar o nome d'essa formosa sertaneja em quem nem o imperio do poder paterno pôde vencer os impulsos de virgem coração?

Uma borboleta... o symbolo da inconstancia... Immerecido epigramma! Melhor fôra que o autor tivesse feito seu Meyer especialmente um botanico e o tivesse levado a dar o querido nome -- INNOCENCIA -- a uma dessas flôres do sertão, tão interessantes e mimosas como a filha de Pereira e como ella às veses tão infelizes e de infelicidade semelhante, \_ pois, a pata do animal sylvestre frequentemente as esmaga.

Mas, quem é Sylvio Dinarte? Perguntará curioso o leitor.

E' um homem que aprendeu a amar Mato-Grosso no soffrimento e que não tem esquecido em sação melhor; que, á lembrança dos espinhos que aqui o feriram, julga dever offetar os melhores fructos do seu talento a esta provincia, que elle soube defender com a espada, tanto quanto agora distingue-se em celebral-a com a penna.

Sem ser filho da margens do Paraguay ou do Cuyabá, interessa-se como um Mato-Grossense pelas cousas de cá; sem ser representante da Provincia, ninguém o excede em pôr ao serviço desvelado d'ella a sua influencia de deputado; mais de uma vez se tem levantado sua voz eloquente em pró nosso em augusto recinto.

E' o autor de uma obra de grande valor para nós, a La Retraite de Lagunna; é um antigo expedicionario do Apa.

Chama-se Alfredo d'Escragnolle Taunay.

Mericano

3. TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS DE CRÍTICA LITERÁRIO SOBRE  
*HISTÓRIAS BRASILEIRAS*, DE SÍLVIO DINARTE (PSEUDÔNIMO DE  
VISCONDE DE TAUNAY), EXTRAÍDO DE *O LIBERAL* – CUIABÁ 04/03/1875.

# O LIBERAL

---

CUYABA. 4 DE MARÇO DE 1875

---

## LITTERATURA

---

HISTORIAS BRASILEIRAS  
POR  
SYLVIO DINARTE.

Rio de Janeiro \_\_\_\_ 1874

Sylvio Dinarte é o pseudonimo de um jovem e distincto litterato que tem de preferencia escolhido a nossa provincia para theatro da acção dos seus innteressantes romances.

Sobre a sua \_\_ INNOCENCIA \_\_ dissemos ha um anno algumas toscas palavras.

O ultimo livro publicado pelo fecundo escriptor é o que tem por titulo a epigraphe d'esta noticia,

D'essas historias, algumas verdadeiramente mato-grossenses, destacamos em primeiro logar a perola d'ellas, ERECÉ A GUANÁ, producção que di-se-ha sahida da penna do celebrado autor do ATALA, se este ainda vivesse para gloria maior de sua Patria, tão bella , tão sentidamente é escripta, tão bem reflecte essa aurora da nova vida a que o selvagem de vem a susto, deixando as tabas do deserto e habitando entre as benções do missionario esse limiar da civilisação \_\_ a aldeia.

Não se lê sem profunda emoção a narração da dor pungente e amargura infinda a que é submetido o sensível e fido coração da india gentil abandonada ingratamente pelo seu MARIDO (a que em summaria cerimonia matrimonial ligara-a o velho pagé Merevi, seu avo). Manifesta-se espontanea a censura ao proceder do moço TOURISTE que, em face as scenas magestosas da natureza despedaça, por ceder a vãos preconceitos sociaes, os laços do mais puro e ardente amor, que igual jamais poderia elle achar em outra parte e em outro tempo, e deixou cruelmente tinar-se, victima de mágua que não tem consolo, a decolada e sylvestre flor que o Hetegati, formoso sitio nas proximidades de Miranda, não mais vio vicejar e sorrir.

KAMIRAN a KINIKINÃO. chora a perda do filho morto heroicamente às mãos dos invasores paraguayos. Este conto esta cheio de episodios que inflammam o coração patriotico. Não é so a do valente Pacalá que à testa da sua tribo não dá treguas ao inimigo, a figura imponente que se eleva ahi.

O autor relembra, com a informação de alguns incidentes pouco conhecidos os soffrimentos dos proscriptos dos Morros, os sacrificios do denodado Gabriel Barbosa e principalmente do primeiro heroe da defesa mato-grossense d'essa que escreveu com o seu sangue e o dos seus bravos commandados o mais eloquente e brilhante protesto contra a invasão, protesto tão sublime que ha quem infundamente o confunda com um acto de loucura. Antonio João Ribeiro (e não Antonio João da Silva como erradamente diz o autor) era digno das dragonas de general; mas, melhor do que ellas ganhou com o seu passamento glorioso as benções e as saudades dos seus concidadãos e a fama que lhe aureolara sempre o nome, como um elogio subido ao passado recente e um exemplo grandioso à posteridade.

Não nos podem os furtar ao desejo de transcrever um dos trechos em que Sylvio Dinarte descreve os ante-momentos do ataque à colonia dos Dourados.

“\_\_\_ Estão todos promptos? perguntou Antonio João à sua gente.

\_\_\_ Todos , responderam os onze.

\_\_\_ Então ampararam-se com Deus, porque ninguem se entrega.

\_\_\_ Ninguem, repetiram os onze.

Era Leonidas no meio dos lacedemonios.

De repente soou o clarim paraguay.

Um parlamentar se ap proximava.

A bandeira brasileira desdobrou-se aos ventos do deserto. Parecia ufana de abrigar aquelles doze sublimes insensatos. Losango amarello sobre fundo verde; cores que mandam um sorriso de consolo ao moribundo, quando elle lhes deita o olhar de adeus no campo de batalha. A coroa imperial como que preparava-se para descer sobre aquellas cabeças, transformada em coroa de gloria.”

Isto exalta o sentimento nacional! E’ bom que saiba o talentoso romancista que é tambem um dos representantes da nação\_\_\_ que à mãe do nosso heroe, velha e angustiada matrona, pozeram-se obstaculos administrativos à percepção do escasso meio soldo e pensão decretada em seu favor.

Ainda algum dia o povo hade responder a essas mesquinharias, erguendo um monumento à memória do intrepido defensor dos Dourados.

\_\_\_ DA MÃO À BOCA SE PERDE A SOPA\_\_\_ é um engraçado proverbio que revela mais uma das faces\_\_\_ não conhecida do talento de Sylvio Dinarte, realmente favorecida pela musa do theatro.

\_\_\_ O VIGÁRIO DAS DORES, \_\_\_ bom e caridoso padre, sentindo faltar-lhe o fogo sagrado e ameaçarem-lhe a austera e até então impolluta e invencivel virtude, os olhos seductores de uma mulher, vem de S. Paulo abrigar-se das tentações do mundo e procurar a uncção divina no seio do sertão, pastoreando o pequeno rebanho da freguezia das Dores do Rio Verde ahi estendida como uma ilha no mar d’essas solidões.

Ahi mesmo vê o padre Monte materializada a religião, despresadada e sem echo a sua palavra não virulenta, não designadora de Deus como um ser terrifico e vingador, mas candida, amavel e evangelisadora.

Desanimado de fazer-se comprehender de suas ovelhas e apoz tremenda lucta com a mais tenaz enfermidade que lhe poz em risco a vida, deliberou ir pregar ao gentio, esperando ser com elle mais feliz , e resolutamente penetrou na região goyana dominada pelos terriveis Canoeiros, ignorando se ate hoje o fim que teve.

Permitta-nos o escriptor que censuremos o desalento do velho padre. O verdadeiro apostolo da verdade christã é o typo da paciencia e da constancia, não descora ante perigos quanto mais ante meras difficuldades; se a sociedade vae corrupta e embrutecida, mais razão ha para q' elle não a abandone e pelo contrario trate de elevar os espiritos à pratica real dos preceitos de Christo e allivial-os das supertições e sophismas que lhes entenebrece a fé, custe o que custar e embora elle \_\_\_ o pescador divino\_\_\_ poucas almas consiga, por fim, colher. Doutrinar os selvagens por amor da pureza da fé... Baldado empenho! Amanhã estarão elles recolhidos ao seio d'aquella sociedade degenerada e contaminados pelo contagio. Se a religião se abastarda no coração dos povos é ahi que se deve tratar da rerguel-a rejuvenescida e depurada , ahi é que está o campo das sublimes batalhas ordenadas por Deos como as mais urgentes. (Cont.)

# O LIBERAL

---

CUYABA. 25 DE MARÇO DE 1875

---

## LITTERATURA

---

### HISTORIAS BRASILEIRAS POR SILVIO DINARTE.

(Continuação do n. 180)

Remata o livro de Sylvio Dinarte com a narrativa do Juca o Tropeiro, feita na linguagem approximada á do soldado que o illustre escriptor conhecedor como d'ella é ahi manteve, d'aquelle modo e com habilidade, sempre a mesma, sem ficar o conto essa coisa esquisita que na ADVERTENCIA, receou se tivesse tornado.

Juca Ventura, tangendo a tropa pela estrada, enchia os ares de suspiros por sua Babita, uma bellesa de Uberaba a quem com fervor amava. Na volta de uma viagem, convidado a ir à casa da idolatrada moça pela mãe d'esta, D. Cula, anima-se a pedil-a em casamento e recebebe prompto deferimento. Mas, sobrevem por esse tempo o chamamento de voluntarios da Patria e a designação de guardas nacionaes para o serviço da guerra do Paraguay. O Ventura, prestes a alcançar a VENTURA que mais sonhava, foi um dos guardas sobre quem recahio a designação e por maior que fosse a sua amargura em apartar-se da sua noiva, não quiz como tantos outros violar o juramento prestado à Patria. Reunido ao 17.º Batalhão de Voluntarios, marchou fazendo parte da gloriosa expedição que tinha de resgatar do poder do inimigo o territorio do sul d'esta Provincia e, invadindo o do Norte do Paraguay, operar uma das retiradas mais notaveis nos annaes militares.

Ao cabo de cinco annos de luta, quando Juca Ventura escapou illeso, de tantos sofrimentos e perigos, com a baixa no bolso e com ella dinheiro do seu premio de voluntario e de vencimentos atrasados sufficiente para as despesas das almeçadas bodas e estabelecimento, voltou a Uberaba, achou, decepção tremenda, a sua linda noiva unida a outrem.

Aprecia-se, n'essa singela narração, alem da exhibição do character nobre do moço rude e apaixonado que, não abandona as fileiras em que a Patria o coliocou, escravo da religião do dever e surdo ás tentações do intenso amor cuja felicidade exigia. para completar-se apenas a condenavel, deserção, tão facilmente commettida por outros,\_\_\_ a descripção da appartosa scena da proclamação chamando voluntarios e da designação dos guardas, em Uberaba, redundando como [...].

O leitor acompanha com interesse o trajeto de Ventura com o Batalhão a que se orgulhava de pertencer por esses sertões brutos, por esses Pantanos e ainda, por essas campinas do Apa de alem de que voltarão agoniado quanto esperançado da dôr assiste (porque o informante é fiel e veridico) aos sofrimentos sucessivos e sempre aggravados da dôr da expedição, a fome, as epidemias e a retirada com tudo assento e mais o fogo pelo campo à fora e mais pelejar sessante fica, afinal conhecendo alguns dos mais distinctos officiaes do Batalhão de Ventura, o comandante Freas, o capitão quase creança chamado Enech, os tenentes Raymundo e Tobias, o valente major Juca Borges, depois tenente coronel que ha um ano morreu afogado no Araguaya e o infeliz capitão Juca Duarte que



falleceu em Miranda era moço tão bom que até os soldados choravam quando estão carregando no caixão”.

Quem lê as Histórias Brasileiras faz um passeio por esta Província; é como perambular por aqui contempla a série de quadros d'esta bella natureza que Sylvio Dinarte com seu indisputável talento descriptivo trazendo ao seu livro ao vivo. Com isto e com os assumptos que escolheu para as suas Historias, vae-nos o illustre escriptor prestando não pequenos serviços. E' elle parte importante mais generosa propaganda, em nosso favor, propaganda que revela a verdade do que somos, do que valemos e do que possuímos n'esta vastíssima região. Especialmente IERECÉ e KAMIRAN são dous dos envolvidos argumentos em abono desta Província. Vê de que vultos sympathicos uns e grandiosos outros se elevam ahí\ Jerecê, a india formosa e desventurada tem o amor submisso e constante de que bem se deve suppor haver mais exemplos n'esta terra e esta observação tras-nos à lembrança a imagem encantadora a INOCENCIA precantar há bem pouco tanto celebrizou [...], [...] velha não pode ser a única a chorar diante do filho abatido no campo da honra, - se tantos bravos aqui faleceram na lucta contra o audaz invasor \ Pacalalá e Antonio João são dous heroes, um sahido das florestas o outro vindo da cidade que provaram ao mundo no território de Miranda como se sabe aqui ama a pátria e [...] por ella.

Nem omittio ao menos Sylvio Dinarte algumas palavras sobre a fertilidade maravilhosa do nosso solo. Em KAMIRAN e KINIKINAO, diz elle, referindo-se ao “MORRO” (Serra de Maracajú) aonde se abrigaram os fugitivos de Miranda em 1865: “A uberdade do solo era espantosa. Qualquer clareira no mato, aberta, é verdade com muito trabalho e a poder de machado muitas vezes manejado por mão de mulheres e creanças, tornava-se ponto em que parecia cahir o mana do céu.”

E' a custa de esforços nobres e illustrados como os de Sylvio Dinarte que esta Provincia [...] parecera mais accessível não metterá mais MEDO a quem de longe acaso para ella volta alguma vez um descuidoso olhar, e despertará o interesse de que e merecedora, pela sua posição dominando os valles dos grandes rios que descem ao Amazonas e ao Prata, pelas suas riquezas naturaes e pelos brios de seus habitantes.

Com livros como as Histórias Brasileiras a Litteratura nacional opulenta-se e \_\_ grande causa \_\_ attrahe novos propagadores, que, mais hão de exaltal-a .

Sylvio Dinarte \_\_ vae firmando seu nome ao lado dos de Alencar, Macedo, B. Guimarães e Guimarães Junior. Vae [...] bem o seu dever.

Aquelles a quem a natureza concedeu prestigiosos dotes intellectuaes e a flamma sagrada da inspiração armam-se cruzadas para uma guerra santa em que não ha QUARTEIS de INVERNO, pois dulcissima primavera lhes é a estação constante e propicia.

Maldito seria o triumpho das lides das lettras se erguesse logo ao lado do luctador feliz a traidora mancenilha, a cuja sombra funesta achasse elle mais do que o repouso que é necessário \_\_tortal adormecimento para sua a Idade benéfica e gloriosa.

O autor da INNOCENCIA não podia deixar esquecida, empoeirada, atirada a um lado na sua mesa de trabalho a penna com que alcançara, havia pouco, o mais bello florão para a sua já brilhante coroa litteraria.

A impressa da Corte, sempre prompta a deferir applausos ao verdadeiro mérito, acolheu o novo livro [...] o mais lisongeiro e honroso para o seu illustre autor.

Se alguma cousa valer no conceito do festejado escriptor o elogio que também lhe envia de tão longe quem humilde e [...] traça agora estas linhas será porque reconheceria reflectida n'ellas, embora palidamente, a gratidão que lhe deve a terra de INNOCENCIA e IERECÊ.

Cuyaba, 1.º de Março de 1875.

MERICANO.

# O LIBERAL

---

CUYABA. 18 DE Julho DE 1875

---

## LITTERATURA

---

HISTORIAS BRASILEIRAS  
POR  
SILVIO DINARTE.

EDICTOR B. L. GARNIER, RIO DE JANEIRO,  
RUA DO OUVIDOR 65.

A pátria não é somente agradecida ao sr. Alfredo de Escagnolle Taunay pelos serviços prestados como soldado.

Nos campos, supportando os azares de uma lucta cruenta, que só leva fim depois de cinco annos, o jovem militar apanhava habilmente uma a uma, as sementes dessas delicadas flores que constituem a maravilha da natureza dos nossos sertões .

Seos medos parizienses ante as provações de uma vida de campanha não encobriam um peito fraco.

E na lucta bellicosa como na lucta da intelligência o triumpho sempre !

Do combate de sangue, que tingiu as águas desses arroyos de que se lembra saudoso - completa victoria, a palma depositada no altar da Patria !

Do combate da intelligencia – as grinaldas que lhe tecem na imprensa, o saudar entusiasta que lhe envião de toda a parte.

Das Histórias Brasileiras a Irecê, a guanã, a Kamiram, a Kinikináo o tropeiro, são interessantes narrações de factos passados de baixo do nosso céu, em quanto se enovelavam vaporosas as exalações da polvora queimada pelos contendores - o Brasil e o Paraguay.

Duas palavras, pois, em noticia.

Protestamos não nos inscrever ao numero dos críticos.

Nosso fim é apenas saudar também o distincto litterato. E diser que lhe somos gratos pela escolha que faz da nossa natureza, que habilmente traça, para o theatro de seus applaudidos romances.

Alberto Monteiro - eis o protagonista do primeiro livro. Viajando por simples distracção hospeda-se em Cuiabá, casa do cap. Julio Freitas, é rua da Mandioca n. 10 donde pouco tempo depois, partio para Miranda.

Cuiabá, se a principio lhe causara más impressões, agradou-lhe apóz alguns de observações, secundada pela benevola linguagem de Julio Freitas, que dizia serem as cauzas de prizão nesta boa terra a meiguice das mulheres, a cabeça do pacu e as caudas de *piraputangas*.

O autor descreve em apurado estylo os variados panoramas que sensibilisào o viajor destes dezertos.

Apresenta depois a Alberto, impossibilitado de viajar, por causa das *sezões* que o accommetterão, e o deixa no Hetegati em companhia do exemplar camarada de nome Florindo.

Alberto, logo que obteve melhora, levanta acampamento e vai ter ao titio de Morevi, velho kinikináo, respeitado pela sciencia de curar.

Nesse mesmo dia unio-se Alberto à formosa guaná Irecê, neta de Morevi, que os abençoou, murmurando palavras, senão de santidade, ao menos muito solennes, tomando por Stola os bastos cilios da encantadora estrella.

Nos deleites do casamento inesperado, gosando de um amor virgem, desconhecido para Alberto, moço da Corte, esquecera-se dos bulícios do mundo para entregar-se ao encanto dessa vida dos anjos do paraizo terrestre, abrigado a uma casinha de palha, situada à frente de um valle onde se ergue o buritysal – soberbas palmeiras dos pantanos e lugares humidos.

He este um dos mais bellos quadros.

Dois curtos mezes se haviam passado, no entanto, quando apparecera Julio Freitas, trazendo uma carta de desagradavel noticia para Alberto.

Tinha necessidade de partir e abandonar Irecê era o pensamento que o acabrunhava.

Luctou para despedir se de sua esposa a quem amava já.

Partio.

A despedida foi cruel.

A pobre Irecê duvidava da volta de Alberto e seus suspiros erão do fundo d'alma nascidos.

A infeliz [...] do Hetagati emmurchecida em [...] como a flor do aroma [...] entregue a terra e do esquecimento pelo [...], aos relentos de um [...] [...] como o sol destas plagas virgens.

Seu espírito [...] ao espaço, e no ultimo momento ao desprender-se d'esse corpo de delicadas fórmas, no ultimo suspiro que exhalou, pronunciou o nome de Alberto, o doce nome de seo idolatrado esposo!

Uma cruz singella indica a sepultura em que descansão seus restos mortaes.

Alberto, viuvo, no calor d'essa existência, no Rio de Janeiro, envia as vezes doridos suspiros à memória da encantadora habitante do Hetagati.

O proverbio dramático \_\_Da mão à boca se perde a sopa\_\_ he um bello ensaio de especial litteratura, que muito promete de seu autor.

Denotamos ahi, às vezes, alguma falta de torneio de phases, devida talvez a celeridade do escriptor; mas isso não he defeito, para que lhe deixemos de fazer justiça. Acresce que

somos de opinião que os trabalhos dramáticos colhem melhormente a critica quando levados á scena.

Palmyro.

(Continua)

# O LIBERAL

---

CUYABA. 08 DE Agosto DE 1875

---

## LITTERATURA

---

HISTORIAS BRASILEIRAS  
POR  
**SILVIO DINARTE.**

EDITOR - B.L. GARNIER, RIO DE JANEIRO

(Continuação do n. 199)

Follheêmos agora as paginas do terceiro livro.

Vamos ver kamiram, infeliz velha, pranteando a irremediavel morte de um filho.

Suas lagrimas são distillações de seo sangue, que fervem nas veias de raiva e ódio implacável contra o invasor paraguay.

Neste livro o srn Taunay apresenta-nos o nosso sempre lembrado patricio Antonio João Ribeiro, à cuja memoria aqui rendemos saudosos a homenagem devida pelo seo heroismo que só hade desaparecer no fim dos tempos quando nenhum coração brasileiro tiver vida, quando ninguém puder ouvir a tradição de tanta honra e para tanta gloria!

Antonio João dispoz-se a morrer entre seos 11 companheiros, mas entregar-se nunca!

Quem observou a capital em confusão completa, abandonada, pode-se diser por ocasião da precipitada retirada das forças do Melgaço, ao sul, quando se dizia que o inimigo se aproximava, deve louvar quem com arte descreve igual acontecimento nos *Dourados* quando Antonio João preparou-se para responder que o seu sangue e o de seus companheiros serviriam de protesto solemne à invasão do solo de sua pátria!

Há muito esmero na relação destes factos. Se não, vejam que soberba linguagem do srn. Taunay:

“A bandeira brasileira desdobra-se aos ventos do deserto. Parecia ufana de abrigar aquelles 12 sublimes insensatos. Losango, amarello, sobre fundo verde, cores que mandão um sorriso de consolo ao moribundo, quando elle lhe deita o olhar de adeos no campo da batalha. A coroa imperial como que prepara-se para descer sobre aquellas cabeças, transformada em coroa de gloria.”

“D’ahi a...

“D’ahi a pouco era arreada a bandeira da palissada, mas ella desceu com ufania, como bandeira de Victoria e quando tocou o chão, uma das suas dobras foi se ensopar no sangue d’aquelles que tanto a haviam ennobrecido.”

“Parecia enrubescer de orgulho”

Seguem-se outros importantes episódios, relembrando os nomes de tantos bravos e de tantos martyres, mais dignos de recompensa, embora posthuma, que outros tantos envoltos nos mantos do mérito que por ahi andam.

Foi em maio de 1866 a morte de Pacalalá.

As moças kinikinas cortarão os cabellos e despirão-se dos enfeites.

A desgraçada Kamiram estava esmagada de dôr.

.....



Algum tempo se tinha passado quando descobriram o cadáver do índio ousado. Era secco e myrrado como se fôra múmia.

Então Kamiram transida de dôr resolvêo ir fazer o enterro de seo filho querido.

A noticia desse estado do cadáver, como que viera sangrar as feridas de toda aquela gente proscripta do *Morros*.

Kamiram, sem consultar a pessoa alguma, arrostando-se até o porto de D. Maria Domingas.

Ali, a natureza estava enluctada: era bem triste!

O remorejar das mattas lhe parecia uma série de agudos gemidos; o murmúrio do valle – soluçar continuo: os montes, os campos, tudo finalmente – representava um quadro de desolação e de saudade!

Cahio desfallecida...

“A noute envolvêo no manto mysterioso das sombras as ultimas dôres d’aquelle coração, e quando o sol da manhã seguinte, irrompeo deslumbrante, os seos raios não alumiarão mais a mãi ao lado do filho, mas tão somente dois cadaveres que ao calôr que delles recebem, ião se fundir no gigantesco cadinho que se chama a natureza!

*Palmyro.*

(Continúa)

3.4 IDEM *O LIBERAL* – CUIABÁ, 05/09/1875

# O LIBERAL

---

CUYABA. 05 DE Setembro DE 1875

---

## LITTERATURA

---

HISTORIAS BRASILEIRAS  
POR  
SILVIO DINARTE.

(Continuação do n. 202)

*O Vigário das Dôres* he um excellente espelho.

Admira-se os embates do padre Monte, mas acreditamos como *Mericano* q' é censurável o desalento do bom Ministro. Refere *Mericano*: “O verdadeiro apostolo da verdade cristã é o typo da paciencia e da constancia; não descora ante perigos quanto mais ante meras difficuldades; se a sociedade vae corrupta e embrutecida, mais rasão há para que elle não a abandone e pelo contrario trate de elevar os espíritos a pratica real dos preceitos de Christo e alivial-os das superstições e sophismas que lhes entenebrecem a fé, custe o que custar e embora elle – o pescador divino- poucas almas consiga, por fim, colher. e “Doutrinar os selvagens por amôr da pureza da fé... baldado empenho!”

Assim he.

Nenhum proveito resultaria da apparente ambição do Vigário.

Preferir espalhar a doutrina christã entre os selvagens, era demonstrar uma abnegação que revelava enfraquecimento do espírito.

Para que tanto sacrificio sem esperanza de um resultado?

Baldado empenho!

He certo que no seio da natureza encontram os selvagens uma natural religião, abstracta, sem templo e sem altar, e que a comprehendem nas cogitações do espírito sendo-lhes o coração um templo onde se ergue – venerada – a idéia de um Ente – Supremo.

Alheios, porém, ás maravilhas de religião de Christo, sem jamais terem participado do balsamo que ella soe derramar os espíritos cultos, seria de summo beneficio procurar vincular-os todos nos dogmas de uma para philosophia.

O meio, entretanto de doutrinal-os, é presentemente uma questão difficil de resolver-se.

Ainda entre essa religião não está na altura a que deve tocar; não se adora a Deos como fôra para desejar-se, a educação não se ministra cem empenho e exemplar.

A Ideia de Deos e a da immortalidade da alma são sobrepujadas, esquecidas mesmo, por uma infinidade de prejuízos, a que chamão preliminares; prejuízos que afinal ficão arraigados nos pobres de espírito para com elles morrerem.

Hoje apenas o Brasil, como a creança desperta de uma existencia material para entrar nos trabalhos de uma outra existencia; começou a bem pouco tempo a comprehender a necessidade de mostrar ao mundo q' possui uma sociedade capaz de engrandecel-o, e de o

equiparar a civilização das Nações mais cultas. O futuro sorri ao longe envolto ainda nesses lençóis multicores que o sol empresta ao céu, e que o céu realça a capriço com a mistura de seu verde mar.

Lá, um dia, não se há de fazer embeber no sangue de bravos combatentes um estandarte de glórias, que pareceu enrubescer de orgulho, mas o estandarte da liberdade tremulará ao impulso de brisa embalsamada no aroma de mais bellas flôres, para ostentar, esfarrapado embora, o progresso do Novo Mundo. Quando descer, tocará vaidoso nos lagos de suor que terão derramado tantos lidadores, ao som da doce harmonia do clarim da paz.

Entre a nossa sociedade se hoje não encontrarão, os filhos das selvas, a liberdade que [...] sentir nos vastos campos da natureza.

Mal conduzidos, sem tino e sem prudencia, renegão a comunhão social para tornarem-se a seductora vida primitiva.

D'ahi, o nenhum resultado de cathechese, lutar se-há em vão, em quanto não se adornar a sociedade de melhores costumes, educando-se o povo pelos systemas que o progresso vae demonstrando serem mais profícuos. Depurada assim, essa sociedade erguer-se-ha rejuvenescida para tornar-se um attractivo aos indígenas que virão encorporar-se á ella.

O vigario das Dôres deveria-ter reflectido. Errou.

A ultima parte das Historias Brasileiras intitula-se Juca, o Tropeiro.

O sr. Taunay ainda neste conto occupa-se de passagens acontecidas em Miranda e refere-se a nomes de pessoas que conhecemos como o sr. Major Juca Borges, sr. capitão Enoch (que ainda se lembra dos *guizados de guariroba*) e de muitos outros que aqui vierão descansar de tantas fadigas de uma campanha favorável. Relembra os sofrimentos das forças que partiram do Cochin para o Tabôco, onde apenas chegaram 2000 homens, de 3000 que erão.

Quanto ao pobre furriel Juca Ventura que pelo seu juramento entendia não dever desertar quando voltava glorioso da árdua tarefa que fôra desempenhar teve de encontrar a sua querida Babita acalentando um filho!

Quiz vingar-se de Chico Lins, espôso da Babita, mas perdoou-os desapareceu para sempre!

O choque q'então tivera quase que o enloquecera; entretanto, talvez um d'esses momentos lúcidos, que paixão como luz de um meteoro, voltou a razão e detestou o projeto de vingança contra quem era inculpado.

Pela primeira vez desmentia a nobreza dos sentimentos de que era dotado [...] soube compreender santidade de juramento, que sentio a pureza de seu amor que dêo enfim; outras tantas provas da grandeza de sua alma.

Continua o sr. Taunay a enriquecer a literatura brasileira com as suas bellas producções.

Outr'ora, o escriptor embalava-se na illusão de glorias, como dizia em 1814 um distincto literatto; hoje, porém que o merito vae tendo apreciação e sobretudo quando já se tem um nome, he certa essa gloria alias já concedida pela opinião publica.

Protestamos a principio não nos increver na lista dos críticos, pôrque, na obscuridade a que pertencemos, nenhum titulo nos autorisa a formar juízo sobre um livro tantas vezes saudado pela imprensa.

A gratidão a quem se lembra da desditosa Matto-grosso fêz nos lêr com satisfação as *Historias brasileiras* .

De seo illustre autor vimos o retracto “No Novo Mundo” precedido de algumas notas biographicas.

Saudamos ao sr. A. d'E. Taunay.

Cuiabá, 21 de Abril de 1875.

Palmyro.

# O PORVIR

---

CUYABA. 04 DE abril DE 1878

---

## LITTERATURA

---

### **Historias brasileiras. (\*)**

É com este titulo que o Sr. Taunay, servindo-se do pseudonymo – Silvio Dinarte - , deo á luz da publicidade uma obra, que muito o recommenda á gratidão do paiz, por que nella descreve, com gosto e arte, factos que revelão verdadeiro sentimento de patriotismo esse fogo que nos flameja o peito desde tenra idade.

Serve de exordio a essa obra IERECÊ A GUANÁ, vitima do illimitado amor que consagrara a Alberto, cuja ausência foi uma setta hervada que lhe atravessou o coração, fazendo-a desser ao nada, de que teve origem e onde s'encerrarão a su fidelidade e ternura.

Depois do gracioso e pequeno entremez intitulado “Da mão a boca se perde a sopa”, que forma a segunda parte dessa produção de tão sublinhado ingenho, vem a terceira parte que tem por objecto a invasão paraguaya nesta Província, assumpto que revivemos tocado de imenso orgulho, por que o seo ponto mais sublime se refere aquelle que nos deu o ser e que nos transmittiu amor as letras.

Antonio João, diz o autor isolado no fundo dos sertões sintinella perdida da fronteira, morreo como um heróe.

No dia 28 de dezembro de 1864, data fatalissima para nos, mas que entretanto commemora um feito, que nos enche de prazer, assomando os infindos campos de Dourado a força inimiga, precedida de uma praça brasileira, que sahira a devassar a redondeza, Antonio João mandou tocar a reunir e destruiu os seus soldados (onze erão elles) pela palissada.

D’ahi a momentos, chegou o parlamentar e lhe entregou um officio, que, concebido em termos insolentes, foi devolvido com a seguinte resposta:

“Sei que morro, más o meu sangue e o de meos companheiros servirão de protesto solemne á invasão do solo de minha pátria.

Antonio João Ribeiro”:

Retirou-se o parlamentar e a força invasora cercou a bolonia.

Ao que Antonio João, fiel ao juramento que prestára e embalado pela emoção patriota gritou:

- Viva o Imperador!

Era o sinal de fogo.

Os soldados fizeram fogo, ligeira detonação, respondida por estrondosa fuzilaria dos inimigos.

O heróe brasileiro cahio semimorto e, nos paraxismos da agonia, seus lábios pronunciarão:

- Fogo, minha gente, fogo!

Morreo: o seo corpo desapareceu da face da terra, mas o seu nome, inscripto nos factos da historia pátria, vive para sempre.

(Continua)

[sem autor]

(\*) Agora é que nos veio às mãos essa obra que lemos com atenção e interesse pela parte que nos toca.



# O PORVIR

---

CUYABA. 12 DE abril DE 1878

---

## LITTERATURA

---

### HISTORIAS BRAZILEIRAS

(Continuação do n. 24)

Entre os factos que concisamente descrevemos no numero anterior sobresahe igualmente aquelle que diz respeito á Pacalalá, o filho das selvas, que, alheio á vida social, alimentava sentimentos nobres.

Rebentando a guerra paraguaya e vendo os kinikinaãos que Flavio Botelho, seu legitimo governador, se tornára incapaz de bem desempenhar esse cargo, julgáão de urgente necessidade a transmissão de tal poder a um outro de sua nação que lhes merecesse confiança.

Nestes comenos, pois, enxergarão em Pacalalá a sua garantia e salvação; pelo que unanimemente o aclamarão seu chefe.

O índio modelo, o orgulho de Camiran, (\*) investido de tão nobre encargo, procurou então corresponder á confiança que os seus lhe haviam depositado.

Tendo sciencia do abandono a que estava entregue a Villa de Miranda, para alli se dirigio com sua gente, e, provendo-se do armamento e munições necessarias partio com destino á serra de Maracajú, local o amais proprio para refugio, porque a sua elevação a ingremidade tornal-a-hião innaccessivel ao inimigo.

Pacalalá, voltámos atraz, em marcha para Miranda, passa por um carro, cujo dono, rodeado no meio da estrada pela família debulhada em prantos, invoca seu auxilio, afim de levar-lhe a mulher e os filhos em sua companhia: elle voltava á casa a esconder seus trens no matto e o iria alcançar em Miranda.

Pacalalá, esquecendo os resentimentos que tinha pelas offensas recebidas em tempo de paz longe de exercer ultrajante vingança, aceita de bom grado a incumbência e, disposto a ser útil aos portuguezes, (\*) vae reunindo e acolhendo á sua proteção os fugitivos, que, sem essa egide, cahirão em poder dos inimigos ou morrerão á mingua.

Concentrada essa gente toda nos Morros (assim chamarão elles á dita serra), Pacalalá, qual José no Egypto, tratou de obstar superveniente penúria, mandando abrir roçados.

Continua  
[sem autor]

---

(\*) Os índios em geral chamão portuguezes aos brasileiros.

(\*) Camiran era uma velha kinikináo, mãe de Pacalalá.

# O PORVIR

---

CUYABA. 21 DE abril DE 1878

---

## LITTERATURA

---

### HISTORIAS BRAZILEIRAS

(Continuação do n. 25)

Quando se fazia sentir a falta do alimento principal, elle próprio, affrontando a morte, descia a planície d'onde subia com rezes ajoujadas, de cuja carne se alimentavão por alguns dias.

Uma dessas vezes foi elle atacado por uma ronda paraguaya, de cujo triumpho levou Pacalalá um cadáver inimigo atado ao rabo de sua cavalgadura, e esse trophéo motivou nos Morros entusiasticos festejos.

Mais tarde Pacalalá, não sabendo mais como tratar bem aquella gente, desceo a serra e foi direito ao porto de Maria Dominga fazer rapaduras.

Um dia, estando Pacalalá e seus poucos companheiros no cannavial e sentindo o inimigo, internarão-se n'uma espessa matta vizinha, que foi logo cercada por 500 paraguayos, aos quaes Pacalalá oppôz tenaz resitencia; mas infelizmente, quando o inimigo, já desacoroçado, suppondo bater-se com numerosa horda de indios, pretendia abandonar o campo, Pacalalá, nos seus amuidados passos por dentro da matta, incutindo animo e estimulo nos seus comandados, recebeu uma bala na testa que o prostrou frio e inanimado.

Esta noticia causou profunda sensação nos [?], porque não estava mais ao [?] dos inimigos.

Morreu o incansavel e valoros Pacalalá; mas o seu nome vive na historia para orgulho de Matto-Grosso e honra de sua nação.

Continúa.

[sem autor]

# O PORVIR

---

CUYABA. 29 DE abril DE 1878

---

## LITTERATURA

---

### HISTORIAS BRAZILEIRAS

Dando a ultima pennada ao trabalho que tomamos sobre nosso débeis hombros, vamos tocar na quarta parte d'esse thesouro de preciosidades; parte a mais sublime de toda a obra, porque o seu ponto de partida reside no temor do Ente-Supremo, base de sabedoria e de tudo.

Ahi quem se impõe á admiração do leitor é o Vigário das Dores, Padre Monte, esse exemplar de virtudes, verdadeiro ministro da Religião.

Odiando a hypocrisia, fugindo da dissimulação, era o Padre Monte estimulado e respeitado geralmente, e merecia de o ser; por isso que não se mostrava insensível á dôr de suas ovelhas, nem se fazia surdo aos seus gemidos, já partilhando com as mais necessitadas a mór parte dos seus exiguos proventos, já serenando-lhes o espirito com o balsamo de suas palavras consoladoras.

O Padre Monte, comquanto fosse homem de letras, todavia não dispunha da palavra para, na tribuna sagrada, com a virulência de quem exhorta, chamar a conversão os grandes peccadores que, arredados da casa de Deos e atolados no lamaçal do vicio, necessitão, mais que os outros, ver desenrolar-se ante seus olhos o tenebroso quadro da iniquidade, cujo castigo os aguarda na vida d'além tumulo.

O que, entretanto, faltava ao Padre Monte era uma inquebrantavel energia pela qual, com a vastidão de seus conhecimentos, proferisse palavras que, repassadas de piedade e ameaças, fossem entranhar nos fedèfragos corações dos seus ouvintes, e, excitando a dôr da compunção, fizessem-nos implorar o perdão de suas culpas, transformando-se desde logo em verdadeiros christãos.

Muitos há que dizem ser a parte referente ao Padre Monte a mais insulsa; mas é por que a corrupção e libertinagem lavrão por toda parte: é obvio que o vicioso, o pecador, o despresador dos salutaes princípios religiosos, não pode ser entusiasta nem panegyrista d'aquelles, cujos illibados costumes contrastão com os seus.

Padre Monte, sempre acabrunhado pela idéia de que não preenchia bem as funções do seu mistério, custava a supportar o pesado fardo da vida.

Nesta incessante perturbação, que lhe roia a alma e cujo lenitivo só encontrava no somno, - o grande procrastinador dos soffrimentos - , vierão-lhe casualmente ás mãos uns livros, dos quaes fazia parte o da história das Missões na Índia e na China; livro que, lido e relido com attenção pelo Padre Monte, dispertou-lhe a idéa de se embrenhar para melhor cumprir os seus sagrados deveres.

Escreveo para Goyas pedindo ser encarregado de uma missão entre os índios bravos da província.

A resposta foi prompta; pelo que partio o Padre Monte para as margens do Tocantins a cathechisar os selvaticos e indomaveis Canoeriros.

Muitos anos já são passados, sem haver noticia do fim que levou; um dia (s'il plaît á Dieu) voltára o intrepido missionario, trazendo para o gremio da civilização tribus inteiras de índios que, sem a sua dedicação e coragem, vagarião pelas mattas como fêras indomadas, fugindo do contacto de seus compatriotas e derramando o sangue fraternal.

A ultima parte, a chave de outro, é a narração de Juca Ventura, o denodado mineiro que, possuido de viva paixão por Babita, sua futura esposa, segue pela emergência da guerra do Paraguay, para o campo de batalha, onde, defendendo heroicamente o brio e a integridade nacional, escapando á morte a cada passo, não se esquece um só momento do ente idolatrado, do anjo-mulher, d'aquella que devia compartilhar a sua existencia e amenisar-lhe os dias; porem, acabada a guerra, voltando triumphante e altaneiro aos seus lares e sabendo que aquella, por quem dava alma e vida, havia se unido á outro pelos vínculos matrimoniaes (\*) uma mão de ferro esmagou-lhe o coração, tornando-se d'ahi em diante o nobre mineiro, de folgazão e jovial que era, taciturno e cabisbaixo e mostrando pelo semblante abatido que uma dôr interna o ralava noite e dia, condemnando-o á um perpetuo celibato e á uma eterna amargura.

Juca Ventura faz honra á província de Minas e por elle se póde avaliar o quanto é magnanimo o coração mineiro.

Oxalá pudessemos obter todas as bellas obras de Sylvio Dinarte, o supposto nome do Snr. Dr. Alfredo d'Escragnolle Tannay.

Cuyabá, 19 de Abril de 1878.

[sem autor]

---

(\*) Correndo em Uberaba, onde morava D. Cula, mãe de Babita, que Ventura era morto, ella fez casar-se a filha com Chico Luiz.

**4. CONTO “O VIGÁRIO DAS DORES”, DE VISCONDE DE TAUNAY – FAC-  
SIMILE DA 1ª. EDIÇÃO**



## O VIGARIO DAS DORES

---

O vigário da villa das Dôres do Rio-Verde, vulgarmente chamada villa das Abohoras, na provincia de Goyaz, era um padre respeitado e que gozava da estima e da consideração de todos os seus freguezes.

Passava por ser homem de muitas letras, e raramente era visto sem ter entre mãos um livro que ora lia com attenção, ora parecia provocar-lhe longas e sérias meditações.

N'essas occasiões, quasi sempre á tarde, passeava o padre Monte—assim se chamava elle—no adro da modesta igrejinha que serve de matriz á villa, e que se projecta no azul do céu, pois o sagrado edificio fica no alto de uma collina, a cuja fralda se estendem as casas da povoação.

— Ah! está o nosso vigário pensando em Deus, dizião as mulheres, seguindo com os olhos o clérigo em seu limitado passeio quanto lhes permittia o pallôr do crepusculo.

Elle chegára de pouco á villa e apezar da physionomia melancolica e quasi sombria havia logo colhido as affeições geraes pela doçura de trato e amenidade de palavra. Era homem alto, pallido de rosto, com olhar vivo e expressivo e testa larga abrindo em calva.

Teria quando muito trinta e tres annos, mas rugas prematuras havião lhe já impresso na fronte os sulcos da preocupação e do soffrimento interno. Fôra educado em S. Paulo pela caridade de uns padres, por isso que, reduzido pela orphandade á mais completa miseria, nunca tivéra amparo de paes ou de parente algum.

Quando concluiu o seu curso de latinidade e francez, abraçou, por gratidão áquelles que o havião soccorrido e por não ter outra vida que seguir, a carreira ecclesiastica e sem commoção alguma achou-se de ordens tomadas.

Sentira gosto pelo estudo e, manuseando sempre os seus livros classicos ou theologicos e cumprindo regularmente com os deveres de sua profissão passou alguns annos sem dar motivo algum para que os seus protectores se arrependessem do diminuto apoio que lhe havião dispensado.

Coadjutor de uma das igrejas parochiaes de S. Paulo, ganhava bastante para cobrir os reduzidos gastos que comsigo fazia, recusando com modestia e naturalidade



de seus proventos tudo quanto podesse sahir do bolsinho dos pobres.

Sempre prompto para acudir ás necessidades espirituas de quem o procurasse, era o padre Monte um bello modelo de virtude christã. O seu espirito benévolo não admittia exagerações em materia religiosa, mas a pratica de uma vida sã desafiava a qualquer que tentasse apontal-o como desprezador dos mais insignificantes preceitos do ritual.

Entretanto, ao passo que todos lhe pagavão o maior tributo de veneração, havia alguem que conhecia uma falha profunda naquelle character honesto e amigo do dever.

Era elle mesmo.

O padre Monte sabia, e tinha consciencia, de que praticava o bem com satisfação e alegria; conhecia a nobreza natural de seus sentimentos; repellia o mal, como o herminho fuge do lodo, mas não sentia em si essa uncção, esse fogo sagrado, essa crença immensa que elle suppunha necessaria para bem cumprir com a missão que as circumstancias, mais do que a vontade, lhe haviam imposto.

Quantas vezes, ao celebrar o santo sacrificio da missa, não era obrigado a fazer um esforço sobre si para chamar a attenção que lhe ia fugindo e retel-a sobre os versiculos que os labios ião machinalmente recitando? Quantas vezes não sentio elle frôxos os braços, quando erguia a hostia divina ou o calix que ia receber o corpo e sangue do Senhor! De certo não erão elles o devido sustentaculo para tanta grandeza...

Faltavão-lhes aquellas fibras que irradiadas do coração estremecem ao impulso gigante da fé.

O padre Monte procurava debalde conforto na oração, no estudo e na meditação dos textos sagrados.

O anjo das trevas fazia penetrar até no seu espirito a duvida, tunica tremenda, cilicio de dôres que lhe constringia o peito a tirar-lhe o folego.

Então de seus olhos rompião lagrimas ardentes, e só no somno—o grande procrastinador do soffrimento—é que achava refugio.

Não houve uma unica d'essas occasiões, em que na sua mente se reproduzião os tormentos de Santo Antonio e S. Jeronymo no fundo da Thebaida, que lhe podesse lembrar uma victoria completa sobre si, e lhe proporcionasse d'essas alegrias immensas que cercão os triumphos completos.

Havia no imo do seu peito como que uma recordação vaga do mundo que elle não conhecia, como que um desgosto em vêr-se arredado de prazeres inebriantes e idêados, uma aspiração inquieta, uns fermentos de revolta.

Odiando a hypocrisia, fugindo da dissimulação, recebia o padre Monte as homenagens á sua virtude como outros tantos sarcasmos, castigo cruel para a sua alma indomada senão indomavel.

N'essa disposição de espirito, facil era vêr em tudo o peccado, odial-o em cada passo da vida e, abrindo lucta com elle, não sahir sempre vencedor.

D'ahi terrores sem fim, maçerações, lagrimas: d'ahi incerteza do futuro e pavor.



O padre Monte quizera ser o clérigo que a sua consciencia lhe retratava; era tão sómente aquelle que pautava o seu procedimento pelas restrictas regras que devêra seguir, e assim mesmo quanto já se distinguia d'entre os seus companheiros, quanto subira no conceito dos outros, da população e de seus superiores!...

Um dia elle suppôz-se perdido e durante algumas horas arrependeo-se profunda e amargamente de não haver consultado o coração e as forças antes de se alistar na milicia de Deos.

Foi com a vista de uma mulher.

Estava elle dizendo missa com a severidade habitual e até n'aquelle dia não fôra assaltado das criminosas distrações. Ao voltar-se, porém, no altar para abençoar o povo sentio um abalo immenso, produzido por dous olhos cravados n'elle, olhos tão grandes, languidos e cheios de fervor que a vista se lhe turvou. Desde aquelle momento não soube mais o que fazia.

Suas mãos tremião; o sangue affluio-lhe ao coração e tropego desceu os degrãos do altar. Nem sequer se ajoelhou como despedida ao lugar em que havia sacrificado; nem sequer podia orar para afastar do espirito vacillante aquella fascinadora visão.

Despio ás pressas as vestes sacerdotaes e voltou ao adro da igreja.

Levantava-se então a possuidora daquelles olhos perigosos.

Era uma d'essas infelizes que desfolhão as corollas de sua belleza ao sopro gélido da prostituição.

O padre Monte voltou á sacristia possuido de terror.

Pedia logo confissão a um velho sacerdote e aos pés d'elle abrio o coração macerado.

Fallou ; contou tudo quanto soffrera ; descordinou os padecimentos de sua alma timorata ; as duvidas que lhe assaltavão a intelligencia ; a luta que travára com a vacillação ; o desejo ardente de crença, de fé viva, de convicção, e desfeito em lagrimas revelou a sua ultima e grave macula, que parecia aos seus olhos ir cada vez mais crescendo para devoral-o, tragal-o como abysmo insondavel e a que não podia fugir.

A querer dar consolo áquelle espirito malferido e podel-o fortificar, fôra necessario se identificar com elle para então de sangue frio arcar com cada um de seus terrores e em cada angustia levar com delicadeza o balsemo do bom conselho.

O velho padre era intelligente, mas faltou-lhe esse tacto, a intuição do argumento amoroso que se insinua e não se impõe. A sua pratica foi dialectica e não convincente ; demais elle pareceo não dar a devida importancia a todos aquelles factos intimos, e tratou-os senão como abusões, pelo meoos como terrores de uma consciencia exageradamente meticulosa.

O padre Monte levantou-se do confessorario ainda mais afflicto. Passou uma noite horrivel, ora entregue nos remorsos cruentos que a sua imaginação alimentára, ora possuido do influxo demoniaco que lhe soprava ao ouvido o peccado com todos os seus gozos. Então via distinctamente a bella Samari-



tana, cujos olhos, queimando-lhe o peito, o attrahião com poder sobrenatural.

O seu passado de pureza levantava-se todo para protestar contra essa tentação, mas não havia resistir: todos os musculos de seu corpo estremecião e a mente em fogo parecia um volcão.

Era uma hora da madrugada. Ventava frio e a noite estava sombria.

O padre Monte vestio-se apressadamente ardendo em febre.

No momento porém de pôr a mão sobre a chave e empurrar a porta, que para elle ia abrir-se no caminho do crime, sentio as pernas lhe faltarem e cahio desmaiado profundamente no chão da soleira.

Fôra sem duvida tocado pelo dedo irado do seu anjo da guarda, que já não podia vencer o espirito das trevas.

No dia seguinte o padre Monte tomou uma resolução heroica.

O bispo de Goyaz precisava de um vigario para a parochia das Dôres do Rio Verde, sertão pouco povoado e ao sul daquella provincia tão bem dotada pela natureza, quão mal aproveitada pelos homens.

Elle apresentou-se candidato á vigararia e sem difficuldade a conseguiu.

— No deserto, pensava o padre, heide domar esses movimentos revoltos. Ficarei como a rocha que se não vive, pelo menos não sente.

Justamente estava a partir uma tropa carregada de sal com destino á capital de Goyaz. Monte sahio de

S. Paulo por uma tarde amena e disse-lhe o adeos ultimo—ultimo tinha elle certeza!—do alto do outeiro de Nossa Senhora do O'.

Essa capella, motivo das romarias dos devotos, fica a 2 leguas da cidade e assenta n'uma cumiada d'onde se descortinão vastos horisontes. Para o sul avistão-se as torres das igrejas e algum edificio mais elevado da antiga Piratininga; para o norte só se veêm campos accidentados, incultos e que parecem o portico do deserto.

O padre Monte olhou largo tempo para as bandas da cidade, e os seus olhos se arrazarão de lagrimas que ainda cahião como que inconscientes, quando elle ha muito caminhava pela estrada larga e barrenta que leva a Campinas.

A viagem pelas provincias de S. Paulo, pelo canto occidental de Minas e por parte de Goyaz, servio-lhe de agradável diversão e pouco e pouco foi incutindo em seu espirito uma tranquillidade que desde muitos annos já não conhecia.

As bonitas perspectivas multiplicão-se com uma variedade extraordinaria. Ora é o cerrote de Matto-Grosso d'onde a vista goza uma das mais lindas paisagens, ora são os encantos proprios de cada lugar de pousada. Aqui é o campo das Cruzes, logo ao sahir de Mogiguassú, como que destinado pela natureza para uma gigantesca cidade, tão plano e vasto é elle; alli são as aguas puras e borbulhantes dos ribeirões; mais diante fica a villa da Casa Branca, mimosa e faceira, cercada de grama



miuda e sempre verde ; durante leguas inteiras é a vista de cerrados ennegrecidos pelo fogo, ou então de campinas desabrigadas mas todas abundantes em correios encachoeirados e crystallinos.

Como atalaia principal do norte de S. Paulo, alteia-se a cidade da Franca do Imperador, tão celebre outr'or pelos seus crimes e disturbios. O seu aspecto de longe é o mais agradável possível, pois corôa a chapada perfeitamente nivelada de uma elevada collina, cujas fraldas vem morrer em campo limpo. A sopé corre um ribeirão, e as casas parecem engravadas em densa matta de laranjaes e bananeiras.

Algumas leguas adiante está o limite de S. Paulo, riscado pelo rio Grande que já ahi vai tomando apparencia do imponente Paraná.

Depois entra-se em Minas-Geraes, no que chamavão sertão da Farinha Podre e que hoje constitue as comarcas do Prata e Paraná : um angulo agudo, cujos lados são os dous rios Grande e Paranahyba. Quasi na linha bissectriz fica a cidade de Uberaba, cheia de altos e baixos, regada, em todos os seus pontos, de agua nunca turvada, a qual brota de um chão ferreo e poroso. Quando as tropas de animaes entrão pela rua Direita, levantão-se então nuvens de pó amarello que se agarra a todos os objectos e dá uma côr nova á camisa já matizada e barrenta do tropeiro.

Depois de Uberaba, muda a apparencia dos campos : a vegetação é outra. Amindão-se os grupos de mages-tosos boritys, essas bellas e melancolicas palmeiras que desde então acompanhão o viajante até o fundo de

Matto Grosso e só o abandonão na fronteira do Paraguay, palmeiras que, uma vez vistas, não podem ser confundidas com alguma outra e que deixão, no espirito de quem se acostumou a admirar-as, uma verdadeira saudade.

A divisa de Minas Geraes é o rio Parahyba, que justifica o seu nome indigena—largo e claro.—E' largo e claro no estado normal; aguas espraçadas e limpidas; aqui translucidas, alli verdejantes ou azuladas: é immenso e revoltoso no tempo das enchentes e assoberba as margens que se erguem a muitas braças acima do nivel.

Penetra-se então em Goyaz que de si irradia duas arterias collossaes, o Araguaya e o Tocantins, como se fôra o coração do Brasil; mas coração pelo amor e afeição que dedica á patria commum, pela singeleza de aspirações, pela cordura e sinceridade, não pela força que não tem, nem póde dar ao corpo todo.

A provincia de Goyaz contém em si ouro em profusão, diamantes, pedras preciosas, capazes de offuscar os thesouros da Persia e da India; possui mineraes riquissimos que alimentarião industrias possantes, campos para toda a especie de actividade humana, e entretanto é pobre, é pauperrima, não como o avaro que morre de fome acorçado sobre os seus milhões, mas como essas intelligencias ricas que nada produzem porque para ellas nunca chegou a cultura.

Tudo parece lhe augurar um futuro risonho, mas é só no futuro, e ninguém poderá ainda dizer quando



hade raiar o dia em que um começo de realidade possa vir dar mais alento á esperança.

Abençoados aquelles que não desanimão,abençoados porque os seus esforços, quando nada consigão, serão um legado precioso que, augmentado pelos annos, rasgará, por entre todas as difficuldades das distancias, da solidão, da má vontade, do torpor e da descrença, caminho á prosperidade daquellas opulentissimas e incultas zonas!

A provincia de Goyaz parece-se com aquella formosa princeza da fabula que devia dormir seculos inteiros até que do fatidico somno a viessem acordar os emissarios de um genio bondadoso e amigo.

Esses emissarios serão o vapor e a electricidade. O sybilar da locomotiva e a letra telegraphica sacudirão a bella adormecida que poderá de prompto recompensar a quem a chamar á vida com riquezas inestimaveis.

Por emquanto Goyaz desfructa socego não perturbado:

As suas posses são pequenas; nem sequer tira de si com que cobrir as mais urgentes despesas, mas em compensação guarda no intimo esses thesouros de hospitalidade e lhaneza que até no proprio Brasil já vão se tornando raros.

Depois de viagem sempre agradável mas demorada, o padre Monte chegou á capital da provincia e fez, um mez depois, a sua entrada na villa das Dôres do Rio Verde, tomando logo conta da vigararia.

Nos primeiros dias de installação, passou o tempo

em inspecções e passeios. O processo de occupação era breve e limitados os pontos de recreio.

A villa, edificada na primeira dobra de um outeiro em cujo alto está a igreja, consta de uma rua unica e tortuosa, larga aqui, estreita adiante e com casinholas cobertas de sapé de um e de outro lado. Uma unica de telha tem á porta uma taboleta que parecêra gangenta se não cahisse de velha, annunciando ser ali a camara municipal, mas está tão esburacada e suja que ninguém lhe daria outra denominação que não a de pardieiro.

Estrada para passeio só ha a geral; fita larga barreada ou areenta que vai se desdobrando por sobre campos quasi uniformes em seus accidentes.

Uma vez de posse da choupana que devia lhe servir desde então de morada, e acalmada aquella agitação que acompanhava todo o estabelecimento novo, sentio-se o padre Monte tomado de uma immensa melancolia.

Não erão recordações de S. Paulo; elle as tinha pouco agradaveis. Não era a lembrança daquella mulher; os ventos do sertão havião desfolhado uma a uma as paginas do innocente segredo que não lhe sahira do peito senão para cahir no ouvido do confessor.

Era o sentimento do vacuo, e mais do que isso o peso da vida, de uma vida que lhe parecia sem mira e por demais longa.

Os seus deveres, para assim dizer officiaes, erão os mais restrictos possivel: dizer missa aos domingos, baptisar raras vezes, casar ainda menos, tudo n'uma



igrejinha, mais capella do que outra cousa, quasi em ruinas e para cuja reparação não havia dinheiro.

Os habitantes da villa e dos arredores distinguão-se pela amenidade de costumes e uniformidade de habitos; mas, uma vez ouvida a missa do domingo, não se occupavão mais de religião. O pae, o avô, o bisavô, havião ido á igreja no dia do descanso: elles tambem lá ião, tanto mais que era um ponto de reunião para trocarem algumas palavras uns com os outros e assim romper-se a monotonia das semanas.

Um outro sacerdote mais dominador do que o padre Monte, ou mais ambicioso, teria procurado reagir contra essa apathia espiritual, incutindo nos seus freguezes algum fervor, reconstruindo o templo como podesse, fiscalizando os casamentos, provocando-os no seio das familias, chamando promptamente as crianças ao baptismo, fazendo viagens em torno para prégar e avivar a fé, avigorando a vontade dos fracos, quebrando o torpôr moral de todos e impondo-se pela sua exigencia e epergia. Se alguma cousa, porém, faltava ao novo vigario era justamente a energia.

Nisso é que está a força dos capuchinhos que percorrem o interior do Brasil: é pela violencia com que sacodem as naturezas apathicas do sertão e actuão sobre as imaginações.

Conscienciosamente o padre Monte tentou fazer alguma cousa naquelle piedoso sentido, mas desanimou logo. Era preciso travar lucta, e elle não tinha bastante firmeza para fallar com efficacia a um povo quasi indifferente á verdadeira doutrina, e entregue ás

superstições que abafavão-lhe a religião como a má herba tira o alento e vida á planta benéfica, mas descurada.

O vigario teve até medo de que as trevas que o rodeavão e que logo presentio lhe damnificassem o proprio espirito, já por si inerte.

Nas primeiras missas que celebrou procurou na linguagem a mais singela explicar o Evangelho, mas notou no seu auditorio, desacostumado ás praticas, certa surpresa que com pouco se tornou em desatenção. Ninguém sahio de seu lugar : todos tinham os olhos postos no pregador, mas não precisava ser observador fino para reconhecer que, se allí estavam corpos, as almas conservavão-se perfeitamente alheias ao que lhes era ensinado.

A palavra do vigario não echoava ; não ameaçava ; não suscitava remorsos ; não penetrava no intimo das consciencias como o ferro do cirurgião na carne viva do paciente ; não assoalhava misérias, escandalos e torpezas ; não profligava ; não mostrava o Creador como um Deos carrancudo e vingador ; por isso ninguém o ouvia para estremecer e arrepender-se...

Ah ! se fôra um capuchinho italiano que em linguagem virulenta e estropeada estivesse fallando !... Todos ficarião aterrados, cabisbaixos, possuidos de suas palavras e pensos á sua boca cheia de ameaças!

Mas tambem esse andaria a par das intrigas do povoado, saberia de todos os mexericos para, armado do poder da bisbilhotice, rasgar, como se diz vulgarmente, o capote aos delinquentes ou pelo menos zurzir os



peccadores com allusões tão directas a uma determinada pessoa, que equi valeria á sua exposição em pelourinho.

Para isso não servia de certo o padre Monte. Além da natural altivez de sentimento que o arredava de intrometer-se no jogo calumnioso de aldêa, não poderia nunca, do alto do pulpito, individualisar faltas, para assim grangear a attenção dos que o ouvião e dominar o seu rebanho por meio do terror.

Tambem as suas praticas não erão seguidas senão por consideração á cathegoria official de quem as fazia.

Esta certeza tinha elle.

D'ahi um desanimo immenso e, alguns domingos depois da sua chegada, a cessação completa de explicação do Evangelho no meio da missa. Para desengargo de consciencia elle a fazia antes de começar a celebrar, e notava que só algumas velhas devotas é que o vinhão ouvir, acocoradas em cantos e com ar de estúpida contemplação. O resto dos freguezes calculára pouco mais ou menos o momento em que entrava a missa para então ir ter á igreja.

— Fôra preciso, dizia o padre Monte para desculpar-se aos seus proprios olhos, fazer milagres, tocar-se esta gente insensivel pelo sobrenatural e, traspassando a dura epiderme, penetrar com o auxilio do influxo divino até os seus corações.

Não; não era a força thaumaturgica que faltava ao desacorçoado sacerdote; era a força de vontade, essa alavanca inquebrantavel que produz milagres espantosos.

Entretanto os mezes não passando e nada perturbava nem podia perturbar a monotonia da vida que se vivia na villa das Aboboras.

O vigario cada vez mais se desapegara das suas ovelhas que, respeitando-o sinceramente, nunca o procuravão comtudo, nem mostravão ter grande necessidade de sua presença.

— O nosso padre é um santo homem, dizião na villa, mas é um exquísito.

Já dissemos que a igreja domina a povoação e campos vastos em torno.

Quantas vezes ficava o padre Monte olhando vagamente para aquellas extensões, e sem presentir, era sorprendido pela escuridão! Havia dias em que, á tarde, estudava as gradações de cores que, estendendo-se pela campina alongada, se esbatião umas nas outras até se fundirem todas na luz crepuscular.

E sempre a mesma cousa!

Quando a atmosphera estava nublada pela fumaça das queimadas, então subia de ponto a tristeza do painel. Não havia mais aquelles matizes: o ar incinetrado uniformava todos os aspectos, até que de repente cahia a noite.

Com a alma retrahida por um pezar inexplicavel voltava o vigario para a modesta vivenda e á luz de uma vela de sebo lia o seu breviário.

Fóra os grilos chiavão estridulos, e os sapos com um coachar sonóro formavão monotona orchestra.

— Estou preenchendo tempo, dizia o padre; a virtude não é a atonia. A virtude é a resistencia ao mal



que solicita. Aqui nada me instiga, e não sei desempenhar o meu dever. Sou bom sem merecimento e inutilmente.

A's vezes uma idéa fixa o atormentava. Se a igreja permittisse ao padre o casamento, não teria elle uma familia regular, em cujo seio se cultivasse o respeito á religião e que serviria de norma para as outras menos bem dotadas de intelligencia e sentimento?

Mas onde estaria então o sacrificio de vida? Justamente naquelles logares, em que o isolamento faz medrar com tanta força o egoismo, maior seria o abandono dos interesses de todos em prol da commo-didade da familia. Elle não seria mais do que um funcionario publico que teria um subsidio mensal para cumprir um determinado exercicio.

Haveria talvez no sertão mais uma familia feliz, mas o padre desapareceria. O pastor teria que obedecer á imposição da natureza, olhando mais para umas ovelhas do que para todo o resto do rebanho.

Muito não fazia elle, mas pelo menos essa mesma agitação, esse desgosto intimo servião-lhe de castigo moral pelo pouco que conseguia,

Se isso, com effeito, podia desculpar as falhas de caracter do padre Monte, muito livre de culpa andava elle.

O deserto como que lhe pesava nos hombros, e, sem molestia physica, podia-se o considerar grave-mente doente.

Uma nostalgia *sui generis* o ralava noite e dia.

Os livros que tinha—um Horacio e um Virgilio trun-

cados— os sabia de cór e salteado e nos sermões do padre Antonio Vieira, alguns volumes desirminados, contára até as letras de cada lauda, o que anotára cuidadosamente no alto das paginas.

Um dia—já fazia anno e meio que chegára ao Rio Verde—teve a velleidade de tratar da sua remoção para outra parochia.

Esta intenção o animou por algumas horas, mas logo depois veio a reacção.

Para que ?

Não havia elle já quasi revestido aquella couraça de torpôr que impedira o choque da duvida, obstára á invasão talvez da descrença ? Não havia conseguido o arrefecimento daquella ebullição da espirito, que tanto o assustára outr'ora ?

Em lugar de pedir transferencia, escreveu para Goyaz, remettendo a relação de uns livros que o seu correspondente deveria mandar comprar no Rio de Janeiro.

Nunca lh'os enviarão ; entretanto esperar por elles tornou-se para o bom do vigario uma causa de distracção.

Cada carta que recebia—e raras erão as cartas—parecia dever-lhe trazer a noticia da proxima chegada de sua encomenda, mas se é difficil levar livros á Goyaz, quanto mais á villa das Dôres do Rio Verde !

O acaso proporecionou-lhe, o mais inopinadamente possivel, a satisfação de seu innocente desejo.

Um tropeiro, vindo de Cuyabá, foi procura-lo.

— Senhor vigario, disse-lhe o homem tirando a



cados— os sabia de cór e salteado e nos sermões do padre Antonio Vieira, alguns volumes desirminados, contára até as letras de cada lauda, o que annotára cuidadosamente no alto das paginas.

Um dia—já fazia anno e meio que chegára ao Rio Verde—teve a velleidade de tratar da sua remoção para outra parochia.

Esta intenção o animou por algumas horas, mas logo depois veio a reacção.

Para que ?

Não havia elle já quasi revestido aquella couraça de torpôr que impedira o choque da duvida, obstára á invasão talvez da descrença ? Não havia conseguido o arrefecimento daquella ebullição de espirito, que tanto o assustára outr'ora ?

Em lugar de pedir transferencia, escreveu para Goyaz, remettendo a relação de uns livros que o seu correspondente deveria mandar comprar no Rio de Janeiro.

Nunca lh'os enviarão ; entretanto esperar por elles tornou-se para o bom do vigario uma causa de distracção.

Cada carta que recebia—e raras erão as cartas—parecia dever-lhe trazer a noticia da proxima chegada de sua encommenda, mas se é difficil levar livros á Goyaz, quanto mais á villa das Dôres do Rio Verde !

O acaso proporcionou-lhe, o mais inopinadamente possivel, a satisfação de seu innocente desejo.

Um tropeiro, vindo de Cuyabá, foi procura-lo.

— Senhor vigario, disse-lhe o homem tirando a

meio o chapéo e coçando a gaforina, saberá Vossa Senhoria que tenho na minha carga uns dous pacótes que deviam ter ficado na mão de um sujeito de Cayabá. Não achei na cidade o cujo e não tendo onde deixa-los, vim os trazendo até acá. Mas o trem peza, e fiz tenção de pincha-los na beiradinha da estrada, se alguém não quizer ficar com elles...

— Mas, filho, retorquiu o padre, que fim levou o senhor que devia receber essa carga ?

— Uns me contaram que voltou para a côrte do Rio de Janeiro, nhor-sim, outros que morreu.

— E o que contem as taes caixas ?

— Parece que são livros da gente ler... eu cá não sei com segurança.

O vigario corou de emoção e com alguma pressa disse :

— Pois bem, pois bem, traga... eu os guardarei...

E depois, como que fazendo um esforço penoso :

— Mas não será melhor que você faça a entrega a quem enviou a encommenda ?

— Nhôr-não. Em Sant'Anna do Paranahyba recebi a carga que vinha de Uberaba trazida por um tropeiro ; assim ninguém poderá acertar d'onde sahio da primeira vez.

— Então, concluiu o padre com um suspiro de allivio, eu accommodarei aquelles caixotes e escreverei para Goyaz, assim que se annuncie no *Correio Official* o que acontece.

— Isto fica a seu cuidado.

A tarde o tropeiro trouxe dous fardosinhos que



faziam a carga de um animal. Por cima delles estava escripto a palavra livros, com endereço a um senhor Estulano da Silva, em Cuyabá

— Será bom, avisou o homem ao depôr os caixotes no chão, que Vossa Senhoria mande abrir este *trem*. O cupim pôde ter dado nelle: dizem que é muito *caravel* do papel escrevinhado na machina. Eu não entendo disso.

O padre Monte julgou dever pagar o importe do carreto. Praticando assim, suppunha mais desculpaveis os projectos que intimamente affagava.

Quantas horas do dia ficou o nosso vigario irresoluto a contemplar aquelles dous volumes mysteriosos, ninguém poderia pensar. Abri-los ou não, tal era o problema que se agitava em sua mente, ponto controverso discutido no fôro da consciencia com mais minucia e argumentos pró e contra, do que qualquer questão theologica nas luctas da escolástica.

Um dia, pela manhã, estava elle parado diante dos caixotes enigmaticos com o queixo apoiado em uma das mãos, quando viu de dentro de um delles sair... um cupim!

Nunca nos fastos mais remotos da entomologia um tèrmes causou tanto abalo.

O padre Monte contemplou aquelle insecto com indignação que pouco e pouco foi se transmudando em quasi gratidão. Na verdade a sua presença era o argumento Achilles, uma razão irrespondivel para quanto antes levantar os sellos que guardavam o deposito e salvá-lo de perda infallivel.

No momento do vigário dar a primeira martellada para despregar o tampo do caixote, um pensamento sombrio turvou-lhe as vistas. E se os cupins houvessem já tudo devorado!

Em fim saltaram os prégos e patenteou-se aos olhos maravilhados do padre uma boa porção de livros, uns grossos, outros finos, uns encadernados, outros em brochura.

Sem querer ainda ver os titulos, foi os tirando amorosamente e, com verdadeiros affagos, levando-os para cima de uma mesa, onde os collocou verticalmente.

Estavão intactos do bicho. Aquelle cupim viêra, sem duvida alguma, proceder a um simples reconhecimento e providencialmente servira para acabar com as dolorosas vacillações do vigário.

Foi só á tarde, depois de ter jantado com mais appetite do que nunca, que o padre Monte passou revista ás obras. Havia dous volumes grossos: D. Quixote de la Mancha, em francez; os Tres Mosqueteiros de Alexandre Dumas em portuguez; varios folhetos, uma historia das Missões na India e China, e Os Novissimos do homem de S. Francisco de Salles.

Apezar de alguma difficuldade em comprehender a principio correntemente o francez, naquella mesma noite ficou encetada a obra prima de Cervantes.

O padre Monte nunca havia lido romances; por isso semelhante livro lhe pareceu extraordinario. Aquelles episodios multiplos e tão variados quão curiosos, aquelle estylo simples mas valente, aquelles typos de D. Quixote e de Sancho, tão ridiculos na apparencia mas



tão philosophicos e profundos na essencia, tudo o encantava, tudo o sorprehendia, o enlevava de um modo desconhecido.

Se lhe houvessem dado a lampada de Aladino, nunca mais bellos thesouros lhe terião deslumbrado as vistas.

E a alegria franca que elle sentia, as gargalhadas sonoras que echoavão no seu quarto, deshabituaado de semelhantes expansões !

O padre Monte, no sertão do Rio Verde, justificava o conceito de Philippe IV.

Bemdito o grande Cervantes, immortal para sempre! Pela magia de sua penna, quantos ainda poderão sorrir, quantos por momentos esquecêrão as preocupações e os desgostos que os assaltavão !

O vigario leu pausadamente o precioso livro, letra por letra, para assim dizer. Fez como o gastronomo que beberrica um saboroso liquor e na lentidão com que o sorve, maior aroma e vigor n'elle descobre.

D. Quixote consumiu muitos mezes : era o companheiro inseparavel durante os passeios; o consolador daquellas afflicções d'outr'ora quando por acaso querião voltar ; o balsamo para a tristeza e consciencia da solidão.

Depois do cavalleiro da Mancha, veio a vez do temido Mosqueteiro.

Esse livro, o padre Monte leu n'um apice, arrastado pela imaginação cambiante de Dumas e devorou paginas com tanta precipitação que era ás vezes obrigado a tornar a lê-las para seguir o fio da embrulhada epopéa.

Um acontecimento imprevisto veio interromper aquellas leituras.

O vigario cahiu gravemente doente.

Uma tarde sahira a passeio pelos arredores da villa. Voltou com a cabeça em fogo e, durante a noite inteira ardeu em febre intensa. Esmagado no leito por um quebrantamento geral e abrazado em sede, não teve nem sequer forças para se arrastar a buscar a bilha d'agua, de modo que supportou o tormento feroz de Tântalo, até que pela manhã, penetrando o seu sacristão no quarto, ponde humedecer os labios seccos e grétados.

Esse sacristão era um negro velho, meio apapetado e tão nullo que o seu auxilio de nada valia para o enfermo.

O padre Monte ficou entre a vida e a morte alguns dias.

Apezar de visitado por todos es moradores da villa, pode se dizer que estava em abandono. A' noite quando não delirava, tinha uma obsessão atroz.

Parecia-lhe que a morte, sentada á cabeceira do leito, contemplava-o cara a cara: e um silencio lugubre reinava por toda a parte, ao passo que a véla de cebo consumida até a base bruxoleava com luz esverdeada no azinhavrado castiçal de cobre em que era fincada.

N'essas occasiões o vigario sentia frio no coração.

De que modo iria elle comparecer perante o Eterno Julgador? Que acto de sua vida apresentaria para contrapôr a todas as suas vacillações, a todas as falhas de animo, ás duvidas que até sobre questões de principios hayião tumultuado em seu espirito?



Oh! como lhe fôra grato poder crer no aniquillamento completo! Então a sua vida inutil e mal preenchida, se apagaria como a d'esses animaculos ephemericos, que nascem e morrem sem se saber para o que.

Mas não!

A morte se lhe afigurava como um genio alado, de gesto severo e figura sombria, que só esperava pelo desprendimento da alma para voar adiante d'ella e guial-a pelos espaços do infinito.

Ao longe, muito ao longe, quem sabe onde, via-se um clarão, cuja luz apesar da distancia incommensuravel, não podia ser fitada.

Alli ficava o throno do Senhor e no ether illimitado, indefinido, échoava uma musica suave, mas que abalava a coragem a mais indomita e quebrava-lhe toda a força.

— Que clarão é aquelle? perguntava o vigario á morte.

O silencio é que respondia.

— D'onde partem essas melodias estranhas? indagava elle ainda.

E sempre o silencio.

Voavão, comtudo, sem cessar, á direita e á esquerda, acima, abaixo, por todos os lados, almas e mais almas que subião, subião, umas rapidas e velozes, como anciosas de chegarem e desferindo faiscas de luz, outras pesada e penosamente, deixando após si um sulco escuro, quasi negro.

No fim de muitos dias, o vigario das Dôres como que acordou de um sonno profundo.

Estava salvo !

Uma devota attribuio as melhores a uma mésinha que ella compuzéra comervas do campo e diariamente fazia quasi á força o doente tomar, mas é de crêr que a natureza, só e unicamente, podia chamar a si a gloria d'aquella resurreição.

Em todo o caso começou uma longa convalescença, durante a qual o padre Monte—quem o disséra!—sentio o prazer ineffavel de voltar á vida.

Esse prazer é predicado da alma, cujas aspirações são sempre para elevar-se. Assim, pois, quando vai-se despenhando o corpo pelo abysmo do aniquilamento e arrastrando-a comsigo, á ella deve de certo ser doce parar de repente e subir tudo quanto acabára de rolar, bem que aggravada do peso do seu envoltorio terrestre.

O dia em que o vigario, com as pernas ainda fracas e as mãos tremulas, poudedizer missa, elle experimentou uma uncção nova, indizível e como sempre desejára ter sentido.

N'essa disposição foi que começou a lêr as Missões da China e India e os Novissimos do homem de S. Francisco de Salles, livros, cuja leitura fôra adiada para depois de esgotados os romances.

Oh ! como elle se retemperou n'aquella singela exposição de sacrificios immensos, modestos, perdidos no meio das selvas e montanhas de paizes desconhecidos ! Alli sim, alli havia fé ! Erão phalanges de pregadores que deixavão todas as regalias de cidadãos, de homens, davão de mão a toda a possibilidade de gozo,



de commodidade, de riquezas e glórias mundanas e uns depois dos outros trabalhavão na obra do Senhor, cheios de ardor e esperanças no resultado que todos os esforços reunidos havião de produzir a final!...

O padre Monte foi se penetrando de uma idéa.

Já que era frôxo e incapaz em bem dirigir o espirito de populações indifferentes, já que não podia avivar n'ellas a fé que havião recebido dos antepassados, e ensinar-lhes a verdadeira doutrina de Christo libertada de todas as superstições e quasi gentillismos com que no sertão a cercão a ignorancia e as tradições oraes, ao menos devia procurar a gente indigena, os filhos das selvas e fallando-lhes em Deus Salvador, abrir os seus corações ao influxo da religião.

Faria como o professor de primeiras letras. Bastaria a massa bruta. A outros mais valentes na palavra, mais felizes, mais inspirados, mais energicos e bem dotados, competia reanimar o fogo sagrado que as cinzas frias da indifferença havião quasi abafado.

Elle, iria acender esse fogo, sendo a um tempo util á sua consciencia e á patria.

Reanimado, já outro, escreveu o padre Monte para Goyaz pedindo ser encarregado de uma missão entre os indios bravios da provincia.

A resposta foi prompta, e a villa soube que em breve partiria o seu vigario com destino ás margens do Tocantins a cathequizar os selvaticos e indomaveis Canoeiros.

Alguns sentirão devéras a retirada d'aquelle paro-

cho, severo em seus costumes, sério e affavel, mas, força é confessar, em geral houve indifferentismo.

Não se podia ao certo mostrar o menor aggravo que o padre Monte fizera, mas umas velhas lembraram que elle nunca fôra muito amigo de procissões, que consentira o enterro de um cigano no cemiterio, não quizera permittir na casa de um caróla umas festas religiosas e reprehendera severamente o sacristão por haver vendido uns bentinhos de seu louvor.

No dia da partida, pois, quando o padre Monte se despediu de seus freguezes, houve uma só pessoa sinceramente sensibilizada : era elle.

Um mez depois entrava na cidade de Goyaz e, fazendo entrega dos livros a um conhecido seu a quem recommendou procurar dar-lhes direcção para o dono, guardou só consigo As Missões e os Fins Derradeiros do homem. Mas antes calculára mais ou menos o preço que poderiam ter custado e poz no correio uma carta endereçada ao Sr. Estulano da Silva, levando dentro umas notas do Thesouro.

∴

O padre Monte seguiu para o Norte no tempo secco, o melhor para viajar e chegou com saude ao Vão do Paraná: depois, sem acompanhamento algum, frechou com resolução para as mattas que os Canoeiros costumam atravessar.

Até o presente, e, já lá vão uns bons pares de annos, não ha noticia do fim que levou : entretanto não se deve desesperar ver ainda voltar o intrepido



missionario, trazendo para o gremio da civilização tribus inteiras de indios que sem a sua dedicação e coragem vagarião pelas mattas como fêras indomadas, fugindo do contacto d'aquelles que hoje são os seus compatriotas, são filhos da mesma terra, são, como elles, brasileiros.

FIM DO VIGARIO DAS DÓRES